

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE FEDERAL**  
**Faculdade de Enfermagem**  
**Programa de Pós-Graduação em Enfermagem**

**Dissertação**



**CONSUMO DE *CANNABIS* NA REGIÃO DA FRONTEIRA ENTRE BRASIL E  
URUGUAI: olhar sistêmico e temporal a partir da Teoria Bioecológica do  
Desenvolvimento Humano**

Diogo Henrique Tavares

Pelotas, 2018

Diogo Henrique Tavares

**CONSUMO DE CANNABIS NA REGIÃO DA FRONTEIRA ENTRE BRASIL E  
URUGUAI: um olhar sistêmico e temporal através da Teoria Bioecológica  
do Desenvolvimento Humano**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas (Área de Concentração: práticas sociais em enfermagem e saúde. Linha de Pesquisa: saúde mental e coletiva, processo de trabalho, gestão e educação em enfermagem e saúde). Como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Vanda Maria da Rosa Jardim

Coorientadora: Prof<sup>a</sup>.Dr<sup>a</sup>. Beatriz Franchini

Pelotas, 2018

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas  
Catalogação na Publicação

T231c Tavares, Diogo Henrique

Consumo de cannabis na região da fronteira entre Brasil e Uruguai : olhar sistêmico e temporal a partir da teoria bioecológica do desenvolvimento humano / Diogo Henrique Tavares ; Vanda Maria da Rosa Jardim, orientadora ; Beatriz Franchini, coorientadora. — Pelotas, 2018.

225 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Faculdade de Enfermagem, Universidade Federal de Pelotas, 2018.

1. Cannabis. 2. Brasil. 3. Consumo. 4. Uruguai. 5. Fronteira. I. Jardim, Vanda Maria da Rosa, orient. II. Franchini, Beatriz, coorient. III. Título.

CDD : 610.73

Elaborada por Maria Inez Figueiredo Figas Machado CRB: 10/1612

Diogo Henrique Tavares

**CONSUMO DE CANNABIS NA REGIÃO DA FRONTEIRA ENTRE BRASIL E URUGUAI: olhar sistêmico e temporal a partir da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial, para a obtenção do grau de Mestre em Ciências da Saúde, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Faculdade de Enfermagem, Universidade Federal de Pelotas.

Data de defesa: 28 de fevereiro de 2018

Banca examinadora:

.....  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Vanda Maria da Rosa Jardim (Orientadora)  
Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

.....  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Beatriz Franchini (Co-orientadora)  
Doutora em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

.....  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Juliana Graciela Vestena Zillmer (Titular)  
Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

.....  
Prof. Dr. Marcelo Rossal Núñez (Titular)  
Doutor em Antropologia pela Universidad de la República/Uruguay (UDELAR)

.....  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Eda Schwartz (Suplente)  
Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

.....  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Michele Mandagará de Oliveira (Suplente)  
Doutora em Enfermagem e Saúde Pública pela Universidade de São Paulo

## **Agradecimentos**

Agradeço a minha mãe querida (in memorian), **Godiva Tavares**, que dedicou a sua a vida a minha. Obrigado pelo exemplo de amor, humanidade e pelos ensinamentos em vida. Estará para sempre em meus pensamentos!

A minha tia, madrinha, amiga e companheira, **Maria Helena Tavares**, que sempre esteve ao meu lado.

Aos meus afilhados **Rafael Duarte**, **Mateus Duarte** e **Antônia Soares**, que me motivam e dão força para seguir em frente.

Ao Enfermeiro **Heitor Biondi**, por caminhar ao meu lado nesta trajetória, pelo companheirismo. Por poder contar com a amizade nas mais diversas situações, pelas palavras de motivação, pelo incentivo.

Aos **meus amigos**, pela alegria de tê-los como, e por estarem sempre ao meu lado, dando força, apoiando nas decisões e pelos momentos de descontração em situações difíceis.

A amiga **Juana Larrosa** pelo companheirismo no trabalho de campo deste estudo.

Aos **colegas do mestrado**, que foram de suma importância no processo de aprendizagem e pela amizade construída nestes dois anos. As amizades verdadeiras permanecerão para o restante da vida.

Aos professores do PPG/Enfermagem, pelos conhecimentos transmitidos, e por fazerem parte do processo “ser Mestre”.

A orientadora e coorientadora, Professora **Vanda Maria da Rosa Jardim** e Professora **Beatriz Franchini**, por me incentivarem neste processo e acreditarem nas minhas potencialidades.

Aos **participantes da pesquisa** que possibilitaram que a mesma acontecesse.

A **CAPES**, por ter financiado a construção desse estudo e o meu desenvolvimento científico.

A **SENAD**, Ministério da Justiça, pelo financiamento da pesquisa maior.

Gratidão!

*Pai, afasta de mim esse cálice  
De vinho tinto de sangue  
Como beber dessa bebida amarga  
Tragar a dor, engolir a labuta  
Mesmo calada a boca, resta o peito  
Silêncio na cidade não se escuta  
De que me vale ser filho da santa  
Melhor seria ser filho da outra  
Outra realidade menos morta  
Tanta mentira, tanta força bruta  
Pai, afasta de mim esse cálice  
De vinho tinto de sangue  
Como é difícil acordar calado  
Se na calada da noite eu me dano  
Quero lançar um grito desumano  
Que é uma maneira de ser escutado  
Esse silêncio todo me atordoa  
Atordoados eu permaneço atento  
Na arquibancada pra a qualquer momento  
Ver emergir o monstro da lagoa  
Pai, afasta de mim esse cálice  
De vinho tinto de sangue  
De muito gorda a porca já não anda  
De muito usada a faca já não corta  
Como é difícil, pai, abrir a porta  
Essa palavra presa na garganta  
Esse pileque homérico no mundo  
De que adianta ter boa vontade  
Mesmo calado o peito, resta a cuca  
Dos bêbados do centro da cidade  
Pai, afasta de mim esse cálice  
De vinho tinto de sangue  
Talvez o mundo não seja pequeno  
Nem seja a vida um fato consumado  
Quero inventar o meu próprio pecado  
Quero morrer do meu próprio veneno  
Quero perder de vez tua cabeça  
Minha cabeça perder teu juízo  
Quero cheirar fumaça de óleo diesel  
Me embriagar até que alguém me esqueça  
Cálice – Chico Buarque*

## Resumo

TAVARES, Diogo Henrique. **CONSUMO DE CANNABIS NA REGIÃO FRONTEIRA ENTRE BRASIL E URUGUAI: olhar sistêmico e temporal, partir da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano**. 225 páginas. Dissertação de Mestrado. Mestrado em Ciências. Pós-Graduação em Enfermagem. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

Estudo desenvolvido por meio do recorte da pesquisa “Identificação de Indicadores para o monitoramento e avaliação dos impactos da nova política uruguaia de regulação do mercado de *Cannabis* sobre a saúde pública e o consumo de drogas na zona de fronteira entre Brasil e Uruguai”. Foi utilizado o banco de dados qualitativo de um dos municípios da macro pesquisa. Este estudo, de abordagem qualitativa, exploratória e descritiva, buscou compreender as inter-relações e influências da fronteira Brasil e Uruguai sobre o consumo de *Cannabis* a partir de uma perspectiva bioecológica. Foram entrevistados 14 usuários de *Cannabis* residentes em uma cidade da fronteira Brasil/Uruguai. Os dados foram coletados por meio da técnica bola de neve, por entrevista semiestruturada, em outubro de 2016 e abril de 2017, analisados através da Análise de Conteúdo, e explorados com o auxílio da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano. O estudo resultou em quatro artigos científicos: o primeiro intitulado “Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano: faces para a pesquisa sobre o consumo de *Cannabis* na fronteira”; o segundo, “Influências do microsistema e mesossistema bioecológicos no consumo de *Cannabis* em uma cidade da fronteira entre Brasil e Uruguai”; o terceiro, “Exossistema e Macrossistema bioecológicos da fronteira entre o Brasil e Uruguai e suas Inter-relações com o consumo de *Cannabis*” e o quarto “Regulamentação do consumo de *Cannabis* no Uruguai: influências sobre a fronteira com o Brasil considerando o aspecto temporal”. Os achados deste estudo permitiu compreender o consumo de *Cannabis* de residentes na fronteira brasileira, bem como, refletir acerca das nuances que envolvem esta prática em um espaço de políticas antagônicas. Todavia, estudos que dialoguem novas alternativas a proibição de drogas, pautados nos direitos humanos e cuidados em saúde, podem servir para reflexão da atual política sobre drogas brasileira.

**Palavras chaves:** Pesquisa qualitativa, modelo sistêmico, *Cannabis*, consumo, drogas ilícitas, fronteira, Brasil, Uruguai

## Abstract

**TAVARES, Diogo Henrique.** CONSUMPTION OF CANNABIS USERS IN THE REGION OF THE BORDER BETWEEN BRAZIL AND URUGUAY: a systemic and temporal view of the Bioecological Theory of Human Development. 225 pages. Dissertation project. Master of Science. Graduate in Nursing. Federal University of Pelotas

This study was carried out by means of the research "Identification of Indicators for the monitoring and evaluation of the impacts of the new Uruguayan policy of regulating the Cannabis market on public health and drug consumption in the border zone between Brazil and Uruguay". It was used the qualitative database of one of the municipalities of macro research. This qualitative, exploratory and descriptive study aimed to understand the interrelationships and influences of the Brazil and Uruguay border on Cannabis consumption from a bioecological perspective. We interviewed 14 Cannabis users living in a city on the Brazil / Uruguay border. The data were collected through the snowball technique, by semi-structured interview, in October 2016 and April 2017, analyzed through Content Analysis, and explored with the aid of the Bioecological Theory of Human Development. The study resulted in four scientific articles: the first entitled "Bioecological Theory of Human Development: Faces for Research on Cannabis Consumption on the Frontier"; the second, "Influences of the bioecological microsystem and mesosystem on the consumption of Cannabis in a city of the border between Brazil and Uruguay"; the third, "Bioecological Exosystem and Macrosystem of the border between Brazil and Uruguay and their Interrelationships with the consumption of Cannabis" and the fourth "Regulation of the consumption of Cannabis in Uruguay: influences on the border with Brazil considering the temporal aspect" . The findings of this study allowed us to understand the consumption of Cannabis by residents of the Brazilian border, as well as to reflect on the nuances that involve practice in a space of antagonistic policies. However, studies that discuss new alternatives to drug prohibition, based on human rights and health care, can serve as a reflection of the current Brazilian drugs policy

**Keywords:** Qualitative research, systemic model, *Cannabis*, consumption, illicit drugs, frontier, Brazil, Uruguay



## SUMÁRIO DA DISSERTAÇÃO

1	Projeto de Pesquisa.....	09
2	Relatório de campo.....	95
3	Principais resultados do Estudo.....	141
3.1	Artigo 1: Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano: faces para a pesquisa sobre o consumo de <i>Cannabis</i> na fronteira.....	142
3.2	Artigo 2: Influências do microssistema e mesossistema bioecológicos no consumo de <i>Cannabis</i> na fronteira entre Brasil e Uruguai.....	160
3.3	Artigo 3: O exossistema e o macrossistema bioecológico e suas inter-relações no consumo de <i>Cannabis</i> .....	183
3.4	Artigo 4: As transformações de acordo com o macrotempo na fronteira brasileira após a regulação de <i>Cannabis</i> no Uruguai.....	206

## **1 PROJETO DE PESQUISA**

## Sumário

1	INTRODUÇÃO.....	15
2	OBJETIVOS.....	21
3	MODELO TEÓRICO: Perspectiva Bioecológica.....	22
4	REVISÃO DE LITERATURA.....	29
4.1	A HISTÓRIA DO USO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS.....	31
4.1.2	Aspectos históricos do uso de maconha.....	33
4.1.3	Decreto Lei nº 891 do Governo Vargas e suas influências na construção da imagem social do usuário de Substância Psicoativa.....	35
4.1.4	Contextualizando o uso da <i>Cannabis</i> .....	38
4.2	ASPECTOS FARMACOLÓGICOS E BIOLÓGICOS DA PLANTA <i>CANNABIS SATIVA</i> .....	39
4.2.1	Benefícios terapêuticos.....	40
4.3	USO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS NA SOCIEDADE ATUAL.....	41
4.3.1	Prevalência do consumo de substâncias psicoativas.....	41
4.3.2	Uso de SPA por adolescentes.....	42
4.3.3	O sexo feminino e o consumo de substâncias.....	43
4.3.4	Comportamento de risco e rede de apoio social como prevenção ao consumo abusivo de SPA.....	44
4.4	ESTIGMA E CONSUMO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS.....	45
4.4.1	Mídia e a contribuição para o fortalecimento do estigma dos usuários de SPA.....	47
4.5	CLASSIFICAÇÕES DE PADRÕES DE USO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS.....	50
4.6	O CONSUMO.....	55
4.7	A FRONTEIRA.....	56
4.7.1	A fronteira na perspectiva de identidade territorial.....	58
4.8	CONTEXTO HISTÓRICO DA POLÍTICA DE DROGAS NA AMÉRICA LATINA.....	58

4.8.1	Política de drogas no Brasil.....	59
4.8.2	Contexto da política de regulação da <i>Cannabis</i> no Uruguai.....	61
4.8.3	Regulação de <i>Cannabis</i> no Uruguai, Lei 19.172/13.....	64
5	METODOLOGIA.....	65
5.1	CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	65
5.2	LOCAL DO ESTUDO.....	66
5.3	COLETA DE DADOS.....	67
5.4	PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	70
5.5	ANÁLISE DE DADOS.....	71
5.6	ASPECTOS ÉTICOS.....	72
6	Cronograma.....	75
7	Orçamento.....	76
	Referências Bibliográficas.....	77
	Anexos.....	84

## LISTA DE QUADROS

Tabela 1 - Classificação do uso de álcool, de acordo com a OMS.	51
Tabela 2 - Classificação do uso de álcool, de acordo com a NIAAAA.	53
Tabela 3: Classificação do uso de SPA, de acordo com a CEBRID.	54
Tabela 4: Classificação do uso de SPA, de acordo com a O'Conner.	55
Tabela 5 - Classificação do uso de álcool, de acordo com a OMID.	55

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPS	Centro de Atenção Psicossocial
CAPS/AD	Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas
CEBRID	Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas
CNES	Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde
CONAD	Conselho Nacional de Políticas sobre Drogas
COFEN <sup>1</sup>	Conselho Federal de Entorpecentes
COFEN <sup>2</sup>	Conselho Federal de Enfermagem
IPEA	Instituto de Pesquisa e Estatística
NIAAAA	Instituto Nacional de Abuso de Álcool e Alcoolismo
OMID	Observatório Mineiro de Informações sobre Drogas
OMS	Organização Mundial de Saúde
PNAD	Política Nacional sobre Drogas
SAMU	Serviço de Atendimento Móvel de Urgência
SISNAD	Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas
SENAD	Secretaria Nacional sobre Drogas
SUS	Sistema Único de Saúde
SPA	Substância Psicoativa
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UBS	Unidade Básica de Saúde
UFPEL	Universidade Federal de Pelotas
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
USP	Universidade de São Paulo

## 1 Introdução

A história da humanidade revela-se atrelada ao consumo de substâncias psicoativas que datam de períodos anteriores a era de Cristo (ARAUJO, 2012). O consumo dessas substâncias teve papel significativo ao longo dos milênios nas diferentes sociedades, permitindo às pessoas das civilizações antigas a mudarem o estado de consciência para realizarem seus ritos religiosos e conectar-se com Deuses. Ao longo dos séculos o consumo passou a ser atrelado com a produtividade no trabalho e bem-estar (ADIALA, 1986).

Todavia, já nos séculos XX e XXI, devido a influências ideológicas, econômicas, políticas, instaurou-se em muitos países, dentre eles o Brasil, o modelo proibicionista do consumo e comercialização de diversas substâncias psicoativas, como a *Cannabis Sativa*, criminalizando, deste então, seu consumo (ADIALA, 1986).

No Brasil, a proibição foi sustentada por contextos de preconceito com a população negra, e embasada no discurso moralizador e biomédico. Inicialmente, acreditava-se que, ao decretar “guerra às drogas”, poder-se-ia acabar com o mal social, com comportamentos considerados “fora dos padrões” e prevenir a loucura (CARLINI, 2006). Porém, os motivos para decretar a proibição demonstraram-se equivocados, e o modelo político “guerra às drogas” não obteve o sucesso desejado (RODRIGUES, 2008).

De acordo com Passos e Souza (2011), a “guerra às drogas”, que objetivou reprimir a produtividade, comercialização e uso das substâncias ilícitas, como a *Cannabis*, fez com que se desenvolvesse uma organização comercial ilícita, geralmente instalada nas favelas e periferias das cidades. Estes locais tornaram-se espaços de disputa de mercado ilegal por grupos rivais de traficantes, caracterizados como ambientes de extrema violência, devido o embate com a polícia, originando uma verdadeira guerra civil.

O modelo proibicionista caracteriza-se pela inexistência do diálogo com a sociedade acerca de temática, inviabilizando a construção de um modo mais saudável de conviver em uma coletividade consumidora de substâncias psicoativas ilegais (BURGIERMAN, 2012). Este modelo influenciou no modo como ocorre o consumo de *Cannabis*, uma vez que atribuiu a esta prática um caráter de ilegalidade, como uma ação criminalizada (BRASIL, 2006) e

estigmatizada (LUNARDON, 2015). Não somente, o modelo proibicionista serviu como ferramenta de exclusão e de controle social das populações mais pobres (LUNARDON, 2015), desconsiderando as variações culturais e sociológicas que estão atreladas ao consumo (VELHO, 1980).

Porém, com a ineficiência do modelo proibicionista, distintos países passaram a propor outras formas de abordar este contexto, apresentando ao mundo alternativas para os modelos de políticas sobre drogas. Nesta perspectiva, o Uruguai regulamentou por meio da Lei 19.172, de 2013, o mercado de *Cannabis* para todo país, resguardando os direitos das pessoas de consumirem a planta, mediante o cultivo, compra, criação de clubes canábicos. Tal proposta busca atenuar os malefícios do tráfico de “drogas<sup>1</sup>” aos consumidores, como o consumo de substratos desconhecidos mesclados com a planta e a não exposição a espaços de violência (URUGUAY, 2013).

O Brasil, que faz fronteira seca e úmida com este país, possui leis diferentes do Uruguai no que tange o consumo de substâncias psicoativas, dentre elas *Cannabis*. Mesmo com avanços significativos em relação à temática “drogas”, instituídos por meio da Lei 10.126, de 2002, que afirma que o Estado deve prover assistência e promoção de saúde para pessoas que usam substâncias psicoativas (BRASIL, 2013), este País ainda mantém o modelo proibicionista.

Tal perspectiva influencia na forma como ocorre o consumo de *Cannabis*, de modo a segregar os consumidores desta substância, dos demais membros da sociedade, fazendo com que as pessoas que optaram por realizar o consumo se exponham à ambientes de vulnerabilidade social e violência para acessar ao tráfico de drogas e proceder a compra. Não somente, a *Cannabis* ofertada pelo tráfico no Brasil é caracterizada pela presença de adulterações referentes a adição de substâncias desconhecidas e potencialmente danosas (RODRIGUES, 2008).

---

<sup>1</sup> A palavra drogas é exibida entre aspas, devido a errônea utilização da mesma para discutir questões referente as pessoas que consomem substâncias ilícitas, exclusivamente. O conceito de “droga” é amplo, vem do campo das ciências farmacológicas e contempla todas as substâncias psicoativas ou não, ilícitas e legais, que ao serem ingeridas, podem modificar o funcionamento do corpo e a fisiologia dos órgãos de seres vivos (FIORE, 2012).



Além disto, ainda existem os riscos associados à criminalização do consumo, que expõe os consumidores a uma potencial aplicação severa ou violenta de abordagem e punições pelos serviços de segurança pública (BRASIL, 2006). O somatório destes aspectos torna o consumo inseguro tanto para questões físicas como fisiológicas, colocando em risco a saúde da pessoa que usa *Cannabis* (RODRIGUES, 2008).

No Brasil, o que se discute na atualidade está atrelado a Lei 11.343, de 2006, que faz referência à criminalização da pessoa que optou por realizar o uso de quaisquer substância psicoativa, inclusive a *Cannabis*. Outro aspecto importante a respeito da Lei mencionada refere-se aos critérios de quantidade que não foram estabelecidos para diferenciar o usuário de traficante, ficando sobre a responsabilidade do agente fiscalizador, interpretar estes (BRASIL, 2006), o que pode influenciar negativamente na forma como se processa o consumo de *Cannabis* entre as pessoas usuárias (MACRAE; SIMÕES, 2000).

O ambiente que compreende a fronteira entre Brasil e Uruguai tem revelado contrapontos políticos e divergências em relação ao modo de enfrentar a problemática das “drogas”. Além de dar sentido à linha que limita leis, política e território, a fronteira sofre influência das questões socioculturais das populações que ali vivem (PUCCI, 2010), sendo um espaço em que as pessoas de ambos os países interagem em seu cotidiano, interseccionando seus aspectos socioculturais e obtendo uma identidade particular do povo da fronteira (FERRARI, 2014).

A fronteira vai além do término e do início de um território (CHELLOTI, 2010), ela tem o papel político de limitar onde termina e começa determinado país, como também o de limitar juridicamente o indivíduo, tanto natural, como estrangeiro. Todavia, neste ambiente as populações de ambos os países, Brasil e Uruguai, se fundem socialmente e culturalmente (FERRARI, 2013), fazendo com que o coletivo daquele espaço não seja pertencente nem do Uruguai, tão pouco do Brasil e, sim, a fronteira.

Diante desta particularidade, que é perpassada pelas dissonâncias e similaridades entre Brasil e Uruguai, o consumo de *Cannabis* torne-se um fenômeno complexo e multifacetado, influenciado por estes contextos singulares, levando a construção de conjuntos de práticas variadas e distintos

padrões de consumo, característicos das variações culturais e sociais, como revela Velho (1998). O estudo de fenômenos com esta abrangência exige o emprego de modelos teóricos que permitam visualizar as relações destes com os aspectos que envolvam o ambiente, o contexto e a sociedade, de modo processual, contínuo, dinâmico e na perspectiva das pessoas que os vivenciam, sendo a utilização referências sistêmicas, escolhas eficazes para obter tal compreensão.

A Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (BRONFENBRENNER, 2005), enquanto referencial sistêmico, compreende que os fenômenos que circunscrevem o ser estão relacionados a quatro elementos: pessoa, processo, contexto e tempo. A pessoa refere-se às características do indivíduo em desenvolvimento, suas convicções, nível de atividade, temperamento, suas metas e motivações (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998), além de outras características que podem influenciar na maneira pela qual os outros lidam com a pessoa em desenvolvimento (MARTINS; SZYMANSKI, 2004). O processo refere-se às ligações e relações entre os diferentes níveis e é constituído pelos papéis e atividades diárias da pessoa em desenvolvimento (BRONFENBRENNER, 2005).

Já o contexto é referente ao ambiente ecológico<sup>2</sup> em que o indivíduo está inserido e onde se desenrolam os processos. Os vários ambientes apresentados encontram-se um dentro do outro por relações de influência, e são denominados microssistema, mesossistema, exossistema e macrosistemas. O último elemento determinante do desenvolvimento é o tempo, enquanto sentido histórico, marcado por mudanças, continuidades e descontinuidades, nas condições de microtempo, mesotempo e macrotempo.

De acordo com Bronfenbrenner (2011), todo o fenômeno é influenciado por estes quatro elementos inter-relacionados. O desenvolvimento humano se refere à mudança duradoura na forma pela qual a pessoa percebe e lida com o seu ambiente. Este é um processo por meio do qual a pessoa adquire uma concepção ampliada, diferenciada e válida do meio ambiente ecológico, e é condicionado a estas múltiplas influências que os indivíduos sofrem ao longo

---

<sup>2</sup> Compreende-se enquanto “ambiente ecológico” o espaço com os seus diversos contextos que podem influenciar o desenvolvimento humano (BRONFENBRENNER, 2005).

de sua vida, as quais, da mesma forma que os influenciam, são influenciados por eles (BRONFENBRENNER, 1996).

O autor considera que há uma relação de bidirecionalidade entre a pessoa e o ambiente em que atua e concebe este ambiente ecológico com uma série de estruturas encaixadas, em que cada peça contém ou está contida noutra (BRONFENBRENNER, 1996).

Considerando que a região de fronteira entre Brasil e Uruguai é marcada pela intersecção entre povos com características socioculturais distintas, que se fundem no cotidiano fronteiriço; e, que os países supracitados possuem leis antagônicas acerca do uso de *Cannabis*, tem-se na região a fronteira a criação de um ambiente ecológico singular no que refere-se ao consumo de *Cannabis*, marcado por particularidades das pessoas, dos processos, do contexto e do tempo, o que justifica o uso de Abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano.

Este ambiente ecológico em que, de um lado territorial o cidadão uruguaio ao consumir a *Cannabis* tem esta prática regulamentada e, do outro lado, o cidadão brasileiro ao realizar a mesma ação se submete a obscuridade da ilegalidade e é criminalizado, leva ao desenvolvimento de um contexto repleto de possibilidades. Cabe destacar que o consumo desenvolve-se permeado pelo conjunto de processos socioculturais ocorridos nos sistemas, possuindo esta ação um significado simbólico, determinado pelos consumidores e grupos sociais ao qual pertencem (CANCLINI, 2006).

Neste sentido, o consumo de SPA leva a construção de um modo social de articulação, atitudes e linguagens, marcando e as identidades de indivíduos e grupos frente aos demais. Esse conjunto de representações pode ser entendido como um universo próprio, onde se vivencia uma pluralidade de relações que extrapolam o universo próximo ao usuário, composto pela família ou vizinhança, na medida em que redes de produção, abastecimento e uso passam a compor este ambiente relacional complexo, interligando e fundido contextos de legalidade aos de transgressão (VELHO, 1980).

Na literatura existem estudos que abordam o consumo de *Cannabis* em distintos contextos (ABDALLA, 2014; BIANCHINI et al, 2013; BRITO, 1999; CARLINI, 2007; CARNEIRO, 2006; CARVALHO, 2016; CUSTÓDIO, 2009;

EVNGELISTA, 2013; FERRAZ, 2009; FONSECA, 2010; HARTMANN, 2013; SOUZA, 2013; FREITAS, 2013; LANARDON, 2015; MACRAE, SIMÕES, 2000; MARIZ, 2005; PASSOS, SOUZA, 2011; QUEIROZ, 2015; RONZANI, FURTADO, 2010; SAAD, 2013; SANCHEZ, VAN, NAPPO, 2002; SILVA et al, 2013; SILVEIRA et al, 2011; STRAUCH, 2009; SOUZA, 2013; ZANCHIN, 2013; ZILBERMAN, 2013), porém não se encontram pesquisas nacionais e internacionais que explorem a temática em contextos da fronteira do Brasil com o Uruguai.

Diante desta lacuna do conhecimento, a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (BRONFENBRENNER, 2005), pode contribuir para que se conheçam as influências e inter-relações do contexto da fronteira, sobre o consumo de *Cannabis* nesta região, visto que esta prática está em constante transformação ao longo do tempo bioecológico, e é tensionada pelas diversas esferas de contextos (micro, meso, exo e macrossistema) e particularidades dos indivíduos e dos processos estabelecidos por estes.

Considera-se que pesquisas sobre o consumo de *Cannabis* na região da fronteira entre Brasil e Uruguai pode servir de reflexão aos profissionais de saúde acerca das práticas do combate ao uso de drogas e de reabilitação dos usuários e, também, como subsídio para a elaboração e implementação de estratégias e medidas que possam auxiliar, de forma eficaz, na redução das influências negativas trazidas pelas disparidades legais existentes nesta fronteira no que tange o cuidado destas pessoas.

Diante do exposto, este estudo possui como questão norteadora: Quais as inter-relações e influências da fronteira Brasil e Uruguai sobre o consumo da *Cannabis*?

## 2 OBJETIVO

- Compreender as inter-relações e influências da fronteira Brasil e Uruguai sobre o consumo de *Cannabis* a partir de uma perspectiva bioecológica.

### 2.1 Objetivos específicos

- Conhecer as influências do microssistema e mesossistema bioecológicos sobre consumo de *Cannabis* na região fronteira entre o Brasil e Uruguai.
- Conhecer as inter-relações do exossistema e macrossistema com o consumo de *Cannabis* na região fronteira entre o Brasil e Uruguai.
- Analisar a relação das práticas de consumo da regulamentação de *Cannabis* no Uruguai sobre a região da fronteira com o Brasil.

### **3 MODELO TEÓRICO: Perspectiva Bioecológica**

Urie Bronfenbrenner nasceu em Moscou, em 29 de abril de 1917, ano marcado pela queda do Império e vitória da Revolução Russa, e em 25 de setembro de 2005 veio a falecer vítima de complicações de diabetes. Bronfenbrenner era descendente de judeus, o pai era médico e cientista com qualificação profissional na área de Neuropatologia e grau de doutor em Zoologia, e a mãe apreciadora das artes e literatura (YUNES; JULIANO, 2010).

Em virtude da crise política na Rússia, a família de Bronfenbrenner imigrou para os Estados Unidos em 1923, quando Urie tinha apenas seis anos. A família fixou residência no norte do estado de New York, numa pequena vila chamada Letchwortch. Seu pai conseguiu um emprego como médico em uma instituição para tratamento de pessoas portadoras de sofrimento psíquico ou necessidades especiais. A instituição, que funcionava como uma comunidade rural era mantida pelo estado e atendia pessoas cujas idades variavam de três a oitenta anos. Situada em um local vasto em terras agrícolas, as pessoas passavam a maior parte do tempo fora das enfermarias, em salas de aula ou trabalhando na fazenda e nas oficinas (YUNES; JULIANO, 2010).

Em 1938, graduou-se duplamente pela Universidade de Cornell em Psicologia e Música. Em 1940, com seus interesses voltados para a Psicologia do Desenvolvimento, Bronfenbrenner recebeu o grau de Mestre pela Universidade de Harvard e, em 1942, o grau de Doutor pela Universidade de Michigan (YUNES; JULIANO, 2010).

Devido às limitações financeiras, Bronfenbrenner começou a trabalhar ainda durante o mestrado, como assistente na Clínica Psicoeducacional da Universidade de Havard e, durante o doutorado, trabalhou como psicólogo da Escola-Laboratório da Universidade de Michigan, aproximando-se mais da pesquisa. Em 1946, foi contratado como professor assistente na Universidade de Michigan e, em 1948, como professor pela Universidade de Cornel, dedicando-se à docência e à pesquisa (YUNES; JULIANO, 2010).

Bronfenbrenner aprendeu importantes lições como pesquisador a partir da pesquisa transcultural, no processo de formação, realizadas na Europa, Rússia, Israel, China, dentre outros países. Para estas pesquisas, este despendeu grande dedicação e pôde conhecer o aspecto plural e social-

histórico das questões humanas. Despertou para o potencial que os seres humanos têm para criar ecologias sociais nos ambientes em que vivem e se desenvolvem, o que possibilita o advento de ecologias ainda não experimentadas (BRONFENBRENNER, 1996).

Assim sendo, a construção teórica de Bronfenbrenner é sustentada filosoficamente no contextualismo, assumindo uma perspectiva dialética em que o desenvolvimento humano acontece de modo contextual (culturalmente, realidade do indivíduo e coletivo, historicamente e politicamente), sendo o conhecimento uma importante ferramenta para o constructo social e influenciado por todos estes aspectos citados (TUDGE, 2008).

Os estudos de Bronfenbrenner possuíam o intuito de contribuir para a ciência da psicologia social, sendo suas maiores referências de leitura, Vygostki e Lewin (Johnson, 2008). O primeiro estudou o desenvolvimento humano na perspectiva da relação bidirecional do sujeito com o seu contexto social, revelando a ciência que não há possibilidades de compreender o desenvolvimento de um sujeito isolado de seu contexto social e suas redes de relações. Assim, Vygostki criou a teoria “sócio-histórica” (VYGOTSKI, 1978). O segundo, estudou e criou a “teoria do campo”, que objetivava compreender as situações psicológicas que se sucedem no interior de um ambiente, no qual estão contemplados episódios históricos, atuais e futuros da sociedade, e que são cruciais para transformar ou manter determinado comportamento individual (GOLD; LEWIN 1992).

Bronfenbrenner (1996) ressalta em seu trabalho a importância que as políticas públicas possuem sobre a sociedade, em especial no bem-estar e no desenvolvimento dos seres humanos. Nesta perspectiva, durante muitos anos este tentou modificar, desenvolver e implementar políticas, que pudessem influenciar a vida das crianças, de suas famílias e da sociedade, acreditando que as políticas públicas sociais devem ser pautadas nos conhecimentos científicos (YUNES; JULIANO, 2010).

Para que haja melhor compreensão dos aspectos que influenciam o consumo de *Cannabis* na fronteira, optou-se por utilizar a Abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano proposta por Urie Bronfenbrenner, a

qual será apresentada através dos conceitos pessoa, processos, contextos (microssistema, mesossistema, e macrossistema), e o tempo.

De acordo com Bronfenbrenner (2011), todo o fenômeno é influenciado por estes quatro elementos interrelacionados. O desenvolvimento humano condicionado a estas múltiplas influências que os indivíduos sofrem ao longo de sua vida, as quais, da mesma forma que os influenciam, são influenciados por eles. O autor considera que há uma relação de bidirecionalidade entre a pessoa e o ambiente em que atua e concebe este ambiente ecológico com uma série de estruturas encaixadas, em que cada peça contém ou está contida noutra.

Conforme o autor, o desenvolvimento se refere à mudança duradoura na forma pela qual a pessoa percebe e lida com o seu ambiente, ou seja, é um processo por meio do qual a pessoa em desenvolvimento adquire uma concepção ampliada, diferenciada e válida do meio ambiente ecológico<sup>3</sup>, se tornando mais motivada e capaz de se envolver em atividades que revelam suas propriedades, sustentam ou reestruturam o ambiente em níveis de complexidade semelhante (BRONFENBRENNER, 1996).

No que se refere aos quatro aspectos relevantes e inter-relacionados (pessoa, processo, contexto e tempo - PPCT), Bronfenbrenner e Morris (1998), apresentam esses conceitos nos quais serão apresentados com suas definições de acordo com a literatura e a aproximação com o objeto a ser estudado por esta pesquisa.

### **Pessoa (eu ecológico)**

Considerando-se as características do ser humano em desenvolvimento, suas convicções, nível de atividade, temperamento, suas metas e motivações (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998), além do gênero e cor da pele que podem influenciar na maneira pela qual outros lidam com a pessoa em desenvolvimento (MARTINS; SZYMANSKI, 2004). Assim, estes aspectos têm considerável impacto na forma pela qual os contextos são experienciados pela pessoa, tanto quanto os tipos de contextos nos quais o ser humano está

---

<sup>3</sup> Compreende-se enquanto “ambiente ecológico” o espaço com os seus diversos contextos que podem influenciar o desenvolvimento humano (BRONFENBRENNER, 1996).



inserido, sendo que, nenhuma característica da pessoa pode existir ou exercer influência sobre o desenvolvimento isoladamente, pois há uma interrelação entre estes (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998).

**As disposições** são os mecanismos que sustentam e movimentam os processos proximais, relações que o ser humano desempenha em seus diferentes contextos. Copetti e Krebs (2004), podendo ser disposições com propensões geradoras ou disruptivas de desenvolvimento. As **disruptivas** seriam caracterizadas pela impulsividade, dificuldades em adiar gratificações e controlar emoções, entre outros atributos que impossibilitam a manutenção de atividades que exigem complexidade e mutualidade interativa. Por outro lado, as **geradoras** são marcadas pela curiosidade, pelas possibilidades de adiar satisfação e manter firmeza para alcançar objetivos.

**Recursos Bioecológicos**, referem-se às características da pessoa. Estes recursos podem ser ativos, como: destreza, habilidades, experiências e conhecimentos para que os processos proximais sejam efetivos em determinada fase do desenvolvimento, ou passivos, como: dificuldades físicas, limitações geneticamente determinadas, doenças crônicas, etc (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998).

**Demanda** são qualidades das pessoas que podem despertar no “outro”, sentimentos diversos, de bem-estar e afeto genuíno, ou, ao contrário, expressões afetivas de rejeição e mal-estar presencial. Estas incentivam ou desencorajam reações do contexto social que podem nutrir ou romper a construção e manutenção dos processos proximais (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998).

### **Processo**

Relaciona-se à maneira como o ser humano ou a família significa suas experiências e interpreta o ambiente ao longo do seu ciclo vital (BRONFENBRENNER; CECI, 1994; BRONFENBRENNER; EVANS, 2000).

**Os processos proximais** são entendidos como a particular interação entre a pessoa e ambiente que operam ao longo do tempo, compreendendo os primeiros mecanismos que produzem o desenvolvimento humano. Estes processos proximais envolvem uma transferência de energia entre o ser

humano em desenvolvimento e as pessoas, objetos e símbolos no ambiente imediato. Essa transferência pode ocorrer em qualquer direção, ou seja, da pessoa em desenvolvimento para as características do ambiente e vice-versa, ou ainda, em ambas as direções, separadamente ou simultaneamente. Para que os processos proximais existam é necessário que a pessoa esteja inserida em uma atividade e a interação nesta atividade deve acontecer de forma efetiva, regular e reciprocamente. A atividade deve ainda ser progressivamente mais complexa e influenciada por outros contextos, e os objetos e símbolos presentes no ambiente imediato devem estimular a atenção, a exploração, a manipulação e a imaginação da pessoa em desenvolvimento (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998).

A Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano considera que quanto maior for o impacto dos processos proximais no desenvolvimento das pessoas, menor a chance das pessoas que crescem em ambientes desordenados de serem influenciadas negativamente pelo mesmo. Desta forma, os processos proximais tornam-se propulsores do desenvolvimento saudável. Todavia, se os processos proximais não existirem, forem frágeis ou acontecerem de modo problemático, pode ocorrer alguma desorganização no desenvolvimento, como por exemplo, problemas emocionais, dependência psicológica e rupturas sociais (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998).

### **Contexto**

Referente ao ambiente ecológico em que a pessoa está inserida e onde se desenrolam os processos proximais. Os vários ambientes apresentados encontram-se contemplados, um no outro, por relações de influência e são denominados microssistema, mesossistema, exossistema e macrossistema.

O **microssistema**, compreende o ambiente imediato da pessoa ou local onde o indivíduo pode estabelecer interações imediatas. É onde os processos acontecem para produzir e sustentar o desenvolvimento. Compõe este sistema a família, primeiramente e posterior, a exemplo dos amigos que estão extremamente próximos dentre outros que convivem em uma base bastante regular de tempo. (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998).

Para Bronfenbrenner e Morris (1998), atribui-se igual importância às conexões entre as pessoas presentes no ambiente, à natureza desses vínculos e à sua influência direta e indireta em relação à pessoa em desenvolvimento. O microsistema se constitui ainda como um padrão de atividades, papéis e relações interpessoais que são experienciados pela pessoa em desenvolvimento em um determinado ambiente com características físicas e materiais específicas.

O **mesossistema** refere-se ao conjunto de microsistemas de determinada pessoa ou família composta pela interação dos diversos ambientes nos quais ela transita, ou seja, às inter-relações entre dois ou mais ambientes nos quais uma pessoa participa ativamente, podendo ser formado ou ampliado sempre que ela passe a fazer parte de novos ambientes. Para que exista mesossistema, é necessário que haja, pelo menos, uma interconexão de dois microsistemas/redes sociais. Isso é possível quando a pessoa em desenvolvimento faz parte ativamente de dois ambientes diferentes, o que vem a caracterizar, então, uma participação multiambiental.

O **exossistema** compreende as relações e os processos que ocorrem entre dois ou mais contextos, onde a pessoa e famílias em desenvolvimento não são participantes ativos, mas os eventos que ocorrem neste sistema influenciam indiretamente os processos dentro do local que a pessoa em desenvolvimento vive (BRONFENBRENNER; MORRIS,1998).

O **Macrossistema** envolve os outros ambientes, representando um conjunto dos processos do micro, meso e exossistema, formando uma rede de interconexões que se diferenciam de uma cultura e subcultura ao longo do ciclo vital (BRONFENBRENNER; MORRIS,1998).

O **cronossistema**, para Bronfenbrenner e Morris (1998), envolve a mudança ou a consistência ao longo do tempo, não só no que diz respeito às características da pessoa, mas também, do ambiente no qual está inserida. Tais mudanças se referem àquelas que ocorrem ao longo da vida, como as modificações na organização familiar, de emprego, moradia, questões éticas e habilidades adquiridas em cada dia vivido.

## **Tempo**

Está relacionado com às influências e as heranças culturais existentes nas famílias, revelando as raízes históricas existentes da sociedade, as descendências étnicas e a realização de determinado hábito cultural. Organiza cronologicamente as rotinas, os eventos, futuro. Ou seja, pode ser entendido como o desenvolvimento no sentido histórico ou, em outras palavras, como ocorrem as mudanças nos eventos no decorrer dos tempos, devido às pressões sofridas pela pessoa em desenvolvimento (MARTINS; SZYMANSKI, 2004).

Para Bronfenbrenner e Morris (1998), eventos históricos podem alterar o curso de desenvolvimento humano, em qualquer direção, não só para indivíduos, mas para segmentos grandes da população. A passagem de tempo em termos históricos tem efeitos profundos em todas as sociedades. Pequenos ou grandes episódios da vida familiar, por exemplo, podem ter significativa influência no desenvolvimento das pessoas da família num dado momento de suas vidas. Segundo a teoria, o tempo possui três níveis: **microtempo**, **mesotempo** e **macrotempo** (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998).

**O microtempo** refere-se à continuidade versus descontinuidade, dentro de episódios contínuos do processo proximal (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998).

**O mesotempo** é a periodicidade destes episódios ao longo de intervalos maiores de tempo. Também inclui as mudanças de expectativas, no âmbito da sociedade, em uma geração e através dela, ao longo da vida (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998).

**O macrotempo** focaliza as expectativas e eventos mutáveis na sociedade, tanto dentro, quanto através das gerações, uma vez que elas afetam e são afetadas por processos e resultados do desenvolvimento humano, ao longo das fases do ciclo vital (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998).

#### 4 REVISÃO DE LITERATURA

Para realização desta revisão, optou-se, inicialmente, pela busca de estudos em formato de artigos, nos bancos de dados: Scientific Electronic Library Online (SCIELO), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Google Acadêmico, Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (CAPES) e PubMed. Nesta busca, almejava-se encontrar estudos similares, com a temática proposta por esta dissertação.

Devido a limitação dos descritores em ciências da saúde (DECS) na área estudada, optou-se por utilizar-se conjuntamente descritores e palavras chaves. Estes descritores e palavras chaves, foram agrupados e bolleados de modo sistemático conforme descrito abaixo.

Houveram dois momentos para alcançar os objetivos propostos: o primeiro foi relacionado à esquematização de três blocos de palavras com sinônimos e descritores controlados que atendessem a necessidades de interesse. E no segundo momento, foi realizado o cruzamento de palavras e descritores pertencentes aos diferentes blocos. No primeiro bloco, tinha-se o descritor “*Cannabis*”, e os sinônimos: “maconha”, “haxixe”, que foram cruzados utilizando-se o bolleano AND com os demais blocos apresentados na tabela abaixo:

Quadro 1:

<b>Bloco 1</b>	<b>Bloco 2</b>	<b>Bloco 3</b>
Maconha	<b>Comportamento ritualístico</b>	Antropologia
<b>Haxixe</b>	Consumo	Sociologia
Marijuana	Uso	Cultura
<b><i>Cannabis</i></b>	Modo de uso	Política
	Ato de fumar maconha	Economia
	Influência	

\*\*Em negrito, os descritores controlados.

Ao realizar esta busca, verificou-se que os bancos de dados usados publicam poucos estudos com uma perspectiva social, sendo que os resultados obtidos nesta busca foram pesquisas voltadas para as questões biomédicas.

Diante do exposto, fez-se necessário buscar outras estratégias para ampliar a arcabouço científico que compõe esta revisão de literatura. Assim sendo, foi utilizado o banco de teses e dissertações da CAPES, com o objetivo de conhecer outros trabalhos acerca do tema que utilizassem uma perspectiva social e similar a esta dissertação. Para a realização desta busca, utilizaram-se os mesmos descritores trazidos na fase da busca de artigos. Todavia, também não houve sucesso ao utilizar esta estratégia.

Assim sendo, fez necessário ampliar a busca, onde buscou-se conhecer os estudos que estariam acontecendo sobre o tema “drogas” no Brasil, através do banco de dados da CAPES, de teses e dissertações. Neste ensejo, buscava-se o conhecimento das pesquisas sobre “drogas” como também o desvelamento dos referenciais teóricos usados para compreender o fenômeno em uma perspectiva social, pelos distintos autores.

Como metodologia de busca dos estudos, foi utilizada as palavras “drogas” e “substâncias psicoativas”, que resultou em um total de 2032 estudos. Destes, manualmente foi realizado o processo filtragem, através da leitura do título e resumo. Deste processo, restaram 208 trabalhos de teses e dissertações, das quais foram selecionadas para esta revisão o total de 64.

Os estudos encontrados foram desenvolvidos em diferentes áreas do conhecimento, sendo estas: psicologia social, assistencial social, pedagogia, enfermagem, medicina, história, sociologia, filosofia e direito. Os temas mais abordados estavam relacionados com prevalência do uso de drogas em universitários e escolares, redução de danos, fatores de risco e proteção do uso de drogas, diferenças de gênero em relação ao consumo, contextos de uso, o papel da mídia, construção da legislação sobre drogas, estigma e preconceito, e história do uso de maconha.

Destes 64, foram analisados na íntegra, 58 estudos. Alguns trabalhos mantinham um discurso que corroborava com a prática moralista e proibicionista das pessoas que usam SPA's, não refletiam acerca da compreensão do fenômeno ou alternativas a política vigente no Brasil. Conseqüentemente foram excluídos desta fase da dissertação. Assim foram utilizados para esta revisão, cerca de 30 estudos, sendo que em alguns, se fez necessário buscar a fonte original a respeito de determinada temática.

Foi escrito um capítulo, que descrevia os dispositivos de saúde no Brasil para atender a população usuária de “drogas”: Unidade Básica de Saúde, Redução de Danos, Comunidades terapêuticas. Porém, ao compreender que dificilmente as pessoas usuárias de *Cannabis*, estão inseridas nos serviços de saúde, pois não desenvolvem problemas como tolerância e abstinência, este texto foi retirado da dissertação.

Desta forma, os resultados obtidos na revisão serão apresentados: 1 - História do uso de substâncias psicoativas, o contexto da primeira lei proibicionista no Brasil; 2 - Aspectos farmacológicos e biológicos da *Cannabis*, como também seus benefícios terapêuticos; 3 - Consumo de substâncias psicoativas na sociedade atual, na população de adolescentes e de mulheres; 4 - Estigma e consumo de SPA's, na perspectiva da mídia; 5 - Classificação do uso de substâncias psicoativas e os estágios motivacionais para a mudança de comportamento; 6 - Conceito de fronteira, como também os aspectos que envolvem a identidade do povo fronteiriço; e por fim, 7 - Política de drogas na América Latina, do Brasil e do Uruguai.

#### 4.1 HISTÓRIA DO USO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS

Os nômades, na pré-história, buscavam pelos territórios que peregrinavam plantas e carnes, em virtude de suas necessidades alimentares. Em um momento desta busca, comeram uma planta que além de saciar a fome, os deixavam sob efeito de relaxamento e sob efeito alucinógeno. Segundo a literatura, este evento ocorreu por volta de 8.000 anos Antes de Cristo (A.C) (ESCOHOTADO, 2000).

Deste momento em diante, as plantas com o poder de modificar o estado de consciência passaram a fazer parte da vida daquelas pessoas. Com o passar do tempo, elas passam a ser primordiais para a realização dos rituais religiosos e, em muitos casos, tornaram-se sagradas, pois por meio delas, os homens conseguiam ter contato com as entidades espirituais. Com essa descoberta surge o xamanismo. Os praticantes eram curandeiros que possuíam os conhecimentos a respeito das plantas, que mais tarde foram denominadas de “drogas”. Os curandeiros, por meio de seus rituais e saberes,

auxiliavam as pessoas adoecidas a ter contato com os Deuses (ESCOHOTADO, 2000).

Anteriormente a era cristã, o uso das substâncias psicoativas fazia parte da vida dos gregos. Tanto que, ao passo que se desenvolvia o conhecimento das ciências exatas, também se estudou as plantas que modificavam o estado de consciência. Com esses estudos das plantas, descobriram que o uso de determinadas espécies poderia ocasionar tolerância, fazendo com que a pessoa, para alcançar os efeitos desejados, precisasse aumentar a dose gradativamente (ARAUJO, 2012).

Nesta conjuntura, na Grécia, deu-se o princípio dos estudos na área da farmácia. Foi com Hipócrates, em meados de 466 A.C. que foram iniciadas as explicações dos efeitos das plantas que os xamãs usavam. Inicialmente houve um choque cultural, pois havia uma configuração espiritual e de magia na mentalidade social a respeito das plantas que, por meio dos estudos de Hipócrates, o pai da medicina, passaram a ter elucidação científica (ARAUJO, 2012).

Com o avanço do conhecimento científico a respeito das plantas, o cristianismo criou culturalmente o rompimento das atividades dos xamãs (CARLINI, 2005). De acordo com o Araujo (2012), havia a necessidade da Igreja Católica, enquanto entidade religiosa, se colocar no continente europeu.

Os alquimistas, no século XII, pesquisavam as plantas e não eram demonizados pela Igreja. Já as “bruxas”, mulheres que detinham do conhecimento empírico a respeito das plantas medicinais, eram perseguidas pela Igreja. Os alquimistas, devido ao prestígio social da época, avançaram significativamente com os estudos das plantas, originando essências terapêuticas como o ópio para o tratamento de analgesia, dando o nome inicial para a medicação de “morfium”, a contemporânea morfina (ARAUJO, 2012).

A partir desta nova perspectiva, passou-se a estudar outras plantas, como a coca, por exemplo. Os europeus chegaram à América do Sul e perceberam que os nativos da Bolívia mastigavam a folha da coca <sup>4</sup>realizando

---

<sup>4</sup> A folha da coca é a forma natural da cocaína processada na atualidade. Os nativos da Bolívia, consideravam a planta santificada. Estes mascavam a folha para sentir bem-estar e euforia (ARAUJO, 2012).



suas atividades do dia-a-dia, concluindo que eles trabalhavam melhor sob o efeito da planta. Com isso, os estudiosos da época passam a isolar o princípio ativo da coca para mais tarde originar medicamentos para dor (FERREIRA, MARTINI, 2001).

#### 4.1.2 Aspectos históricos do uso de maconha

A *Cannabis*, possui atributos medicinais conhecidos pela sociedade desde a pré-história. Inicialmente, a planta era utilizada na Índia e na China, anterior ao cristianismo, sendo também utilizada para os rituais religiosos budistas (ZIMER, MORGAN, 2012). Praticamente toda a planta era utilizada para diferentes fins, não somente para rituais religiosos e funções medicinais como, por exemplo: o caule, era utilizado para a fabricação de cordas e tecidos para roupas; a polpa, era utilizada para a criação de papel; as sementes, usadas como alimento; e por fim, as folhas serviam como medicamentos para algumas patologias, como problemas respiratórios e também eram utilizadas para modificação do estado de consciência (ARAUJO, 2012). Algumas passagens históricas demonstram que por volta de 2000 anos A.C, na China, a *Cannabis Sativa*, era uma das cinco plantas santificadas pela sociedade chinesa da época (ESCOHOTADO, 2000).

A *Cannabis Sativa*, na China, também era utilizada para efeitos analgésicos para alívio de dores na cabeça, reumatismo, doenças neurológicas, do trato gastrointestinal e urinário (ARAUJO, 2012). Na Grécia e Roma, as pessoas diluíam a planta no vinho, em eventos considerados reservados, como também queimavam a *Cannabis* em espaços pequenos e com pouca ventilação para inalar a fumaça e ficar sobre efeitos desta, espaços estes considerados saunas da época (ESCOHOTADO, 2000).

De acordo com Saad (2013), a *Cannabis*, chegou no Brasil através dos rituais dos escravos e era denominada na época colonial como “fumo de angola”. Para Carlini (2006), neste período, as fibras da planta eram utilizadas para a confecção das cordas que os portugueses faziam uso em suas embarcações. Como também, eram utilizadas para fins terapêuticas de patologias respiratórias (asma, bronquite, tuberculose), fins sedativos e analgésicos, doenças reumáticas, dores de cabeça, epilepsia, doenças do trato

gastrointestinal (diarréia), sonífero para quem havia dificuldades em dormir. Foi utilizada também para o tratamento de cólera e tétano, por vias aéreas (cigarro da planta) (ZIMER, MORGAN, 2012).

Para além dos efeitos terapêuticos, a *Cannabis* tinha importância econômica e fazia parte do dia-a-dia das pessoas no Brasil colônia. Como haviam muitas dificuldades relacionadas à luz das casas, devido a ausência de energia elétrica, se extraía o óleo da semente da planta e, através da queima deste, se iluminavam as ruas (SOUZA, 2013).

Como já mencionado, a *Cannabis* fazia parte dos ritos religiosos dos escravos. Geralmente era utilizada juntamente com a cachaça. Acredita-se que os escravos, quando sob o efeito destas duas substâncias psicoativas, passavam medo aos membros da Família Real Portuguesa, que atribuíam o comportamento “desagradável” ao efeito da *Cannabis*, já que a família consumia álcool. Como a população escrava era significativamente maior do que a população branca, os portugueses passam a sentirem-se ameaçados com isso, passa-se a proibir o uso da *Cannabis* nas festas, espaço que se utilizava a planta (SAAD, 2011).

No ano de 1830 a *Cannabis* passa a ser reprimida na área urbana da cidade. As pessoas que fossem pegas utilizando ou comercializando a planta poderia sofrer uma penalização, que na época era a multa paga em dinheiro. Mesmo com esses procedimentos de repressão, era extremamente difícil fazer tal controle (CARNEIRO, 2006).

Em 1930, consumir *Cannabis* no Brasil passa a ser crime, baseando-se em um discurso biomédico e moralizador, arraigado por preconceitos em relação aos pobres e negros, população que mais consumia na época. Existia um discurso de ódio às pessoas que utilizam *Cannabis* na época, referindo que as mesmas, quando sob efeito, tornavam-se promíscuas. O discurso nos Estados Unidos para a proibição da *Cannabis* estava atrelado a crise econômica de 1929, pois o governo considerava que os imigrantes mexicanos, quando sob efeito da *Cannabis*, produziam mais que os norte americanos, com isso os empresários acabam por contratar quem mais dava lucro as empresas, resultando em um empobrecimento e desemprego da população dos Estados Unidos da América (CARLINI, 2006).

Nesta conjuntura, inicia-se o processo de proibição do uso de Substâncias Psicoativas nos Estados Unidos da América. Tal perspectiva possuía tamanha força política e social que até pesquisas da área da saúde eram manipuladas, trabalhos universitários referiam a planta como “vício de negro”, dando sentido a onda de preconceito racial no país. Além disso, os trabalhos universitários com informações manipuladas referiam que a pessoa quando utilizava a substância, obtinha um comportamento violento e, como consequência, evoluía para patologias psiquiátricas, chegando ao processo final de loucura (CARLINI, 2006).

No Brasil a mídia impressa divulgava que a população consumidora de *Cannabis* era “negra”, demonstrando-se preconceituosa, referindo também que os efeitos da planta eram atrelados ao ópio, denominando como “ópio dos pobres”. No discurso biomédico da época, estava impresso que era uma substância que ameaçava o país. Neste sentido, toda a pessoa que era negra e ou pobre era intitulada como “maconheira”, mesmo que não fizesse o uso da substância. O simples fato de se encaixar nestas condições sociais e raciais, tornava passível que o cidadão pudesse ser abordado pela polícia a prestar esclarecimentos (ADIALA, 1986).

No ano de 1938, em um contexto de imposição norte americana, o presidente Getúlio Vargas assinou o Decreto 891, primeira lei brasileira que criminaliza e fiscaliza o uso de Substâncias Psicoativas, institucionalizando formalmente a guerra as drogas no Brasil (SOUZA, 2012).

#### 4.1.3 Decreto Lei nº 891 do Governo Vargas e suas influências na construção da imagem social do usuário de Substância Psicoativa

No Brasil, nos anos que antecederam a lei que viria a vigorar a proibição das substâncias, o movimento que prevalecia era o higienista de exclusão social. Neste, os principais pensadores eram profissionais da saúde, principalmente médicos, que juntamente com o poder executivo e comercial, colocavam para a sociedade da época, a necessidade de um novo ambiente urbano. Assim, as alternativas políticas da época estavam centralizadas em claras divisões econômicas, sociais e racistas (ADIALA, 1986).

Além do pensamento higienista, a paradigma da medicalização da sociedade tem seu advento nesta época. Um médico chamado Rodrigues Dória, que além de deputado era professor da Faculdade de Medicina da Bahia, foi quem atribuiu e popularizou no Brasil a idéia de que os usuários de maconha eram criminosos e ou doentes, em meados dos anos de 1915 (SOUZA, 2012).

No ano de 1915, o Médico Dória, explanou a sua tese em uma conferência nos Estados Unidos, chamada “os fumadores de maconha: efeitos, males e vícios”, e que, após, se tornou o trabalho de referência para a proibição de maconha no território brasileiro. Médico Dória, dizia que o ato de usar a erva se chamava “toxicomania”, um vício danoso, que fazia mal a saúde, referindo que a utilização da erva poderia resultar em loucura através de seus efeitos. Além disso, Dória, relatava que os usuários de maconha ficavam agressivos, cometiam atos violentos e criminosos quando sob efeito da “droga” e, que o resultado final de usar esta SPA seria o óbito. Para ele, lugares como o norte e o nordeste brasileiro, a frequência destes efeitos nas populações, como pobres, camponeses, pescadores, era demasiada. Neste contexto, o paradigma biomédico da época foi o embasamento para a política proibicionista que perdura atualmente, onde algumas SPA foram proibidas, enquanto outras tiveram incentivos de produção (KARAM, 2013).

No ano de 1938, o Presidente da República, Getúlio Vargas, recebeu em seu gabinete um documento redigido por Oswaldo Aranha (Ministro das Relações Exteriores). Neste, havia em anexo o esboço do projeto que viria a ser lei de controle e repressão, logo adiante. Nesta conjuntura social e política, surge a Decreto Lei 891, chamada na época de “lei da fiscalização de entorpecentes”, conhecida como a primeira tentativa de controlar e reprimir o uso de SPA no território brasileiro. Na lei eram listadas as 19 SPA de proibição, dentre elas a maconha (FONSECA, 1980).

O período entre 1930 a 1940 ficou marcado pelo intenso controle das classes elitizadas sobre os mais pobres. Com isso, a política ficou centralizada nas transformações econômicas e culturais. Estas, eram voltadas para a população de massa, moralizando a população do certo e errado e, impondo

padronizações culturais. Distinguiam-se as pessoas que tinham condutas corretas e as desviantes de comportamento (FONSECA, 1980).

Em 1940 houveram mudanças no decreto Lei 891, passando a vigorar que os indivíduos que traziam risco, insegurança e perigo a sociedade, deveriam ser privados de liberdade, através de internação compulsória em manicômios e outros dispositivos de repressão. Os indivíduos considerados perigosos para o convívio social, na sociedade da época, eram aqueles sobre efeito de álcool e outras “drogas” (SOUZA, 2012).

Com a aprovação do projeto da Lei 891, as pessoas que consumiam SPA, estavam sujeitas ao confinamento e a internação em manicômios. Nesta perspectiva, quem ousasse consumir em espaços públicos e que fosse pego pela polícia, passava a ser “doente”, e a forma “terapêutica” como os médicos lidavam com essa situação, era enclausurar essas pessoas em espaços de colônias, juntamente com psicopatas (CARLINI, 2006).

Mediante esta Lei, as classes de elite daquela época, utilizavam deste artifício como ferramenta de exclusão social. Um grande exemplo deste fato seriam as pessoas que eram tachadas como “maconheiras”, que geralmente eram cidadãos moradores do norte, ou nordeste brasileiro. De acordo com Souza (2012), acreditava-se que, na época, os canoeiros, pescadores, negros, religiosos do candomblé e trabalhadores, eram os principais responsáveis por “disseminar” o vício. A classe baixa da sociedade brasileira, para governo vigente, era considerada a principal consumidora de maconha, e os pobres eram enquadrados no perfil de “maconheiro” da época.

Nesta conjuntura, desenvolve-se uma ideia pré-concebida das pessoas usuárias de *Cannabis*, pautadas neste discurso moralizador. Em meados dos anos de 1950, havia diagnóstico de transtorno mental para quem utilizava maconha, atribuindo adjetivos a essas pessoas como: “vagabunda”, “de rua”, sendo necessário retirar esse indivíduo do convívio comum, pois se tinha a ideia de que o mesmo causava mal e perigo a sociedade (CARLINI, 2006).

Na ditadura, por volta de 1964, já havia sido superada as questões culturais e preconceituosas de que somente a população negra utilizava a *Cannabis*, pois quem mais consumia a planta era a população universitária, pessoas de classe média/alta e jovens. Em um contexto de indagações e

conflitos políticos, que ocasionou influências no setor cultural do país, o sentimento da época era de revolução, e discussões no âmbito dos direitos humanos, artístico, liberdade, educação e sexualidade (CARNEIRO, 2006).

Em 70, com o estouro do movimento *hippie*, a maconha passa a ser a substância psicoativa ilícita mais consumida no Brasil. Já nos anos 80, o uso da planta é feito, predominantemente, para diversão, e passa despercebido pelas pessoas não usuárias, insinuando uma aceitação social ou acomodação diante do fato. Todavia, destaca-se que o consumo impulsivo e o uso na adolescência sempre foram criminalizados pela sociedade (CARNEIRO, 2006).

#### 4.1.4 Contextualizando o uso da *Cannabis*

A maconha, assim como o haxixe, são substratos da planta *Cannabis* do sexo feminino que possuem o delta-9-tetra-hidrocarnabidiol. O cultivo da planta *Cannabis* Sativa, depende de condições ambientais e climáticas para o seu desenvolvimento (BRASIL, 2013). O diferencial entre maconha e haxixe, está na extração do princípio ativo. Na primeira se utiliza toda a planta para a comercialização; já na segunda, é retirada apenas a resina (ROSENTHAL, 2011).

De modo geral, as sensações obtidas pelas pessoas que usam a planta de modo fumado, de acordo com a literatura, são: relaxamento, efeitos ansiolíticos, sensação de prazer e relaxamento; em contrapartida, algumas pessoas sentem euforia em princípio e após sonolência. Alguns casos, demonstrados pela literatura, revelam sensibilidade sensorial, diminuição da noção do passar do tempo, como também, desconstrução de imagens e sons. No período final do efeito da *Cannabis*, o efeito de apetite acontece de forma demasiada, estágio de “larica”, como é denominado pelas pessoas que consomem (BRASIL, 2013).

Os sintomas negativos do uso, podem ser atrelados a angústia, ansiedade, paranoias, escleras avermelhadas, xerostomia e taquicardia (BRASIL, 2013). Embora a literatura demonstre este arsenal de efeitos, Zinberg (1984), revela que as sensações das pessoas estão atreladas com as particularidades de cada sujeito, e suas condições psíquicas, assim sendo não há efeitos padronizados para todos que consomem.

Em relação ao modo de uso da *Cannabis*, tem destaque o ato de fumar, seguido pelo modo deglutido, quando se mistura aos ingredientes culinários para comê-la. De modo inalado o THC rapidamente alcança a corrente sanguínea e o efeito é rapidamente obtido, tendo a duração de 2 a 3 horas. Já de modo deglutido, para que ocorra a absorção do THC pelo organismo, demora em torno de 30 minutos e o efeito é mais duradouro, podendo ser de 24 horas (ZIMER, MORGAM, 2010).

De acordo com o Araujo (2012), não há notificações de hospitalização devido a eventos de overdose de pacientes, revelando que os cuidados em relação aos efeitos da *Cannabis*, devem ser relacionados a ação em dirigir automóvel, pois a substância psicoativa ocasiona alteração na sensibilidade sensorial, quando sob efeito, pode facilitar acidentes de trânsito (ARAUJO, 2012).

Calcula-se que, das pessoas que usam pela primeira vez, 10% ficam dependentes em algum momento da vida. Das pessoas que cronificam o uso, a literatura revela que precocemente as mesmas rompem com a atividade, sendo que, das substâncias psicoativas que se discute na atualidade, lícitas e ilícitas, a *Cannabis* é a que menos causa tolerância no indivíduo. Não somente, pessoas que possuem algum problema com o uso, quando decidem parar, conseguem realizar o rompimento mais facilmente do que outras substâncias como, por exemplo, o tabaco. Na abstinência, a pessoa usuária de *Cannabis* inicialmente tem sintomas de irritação, inapetência e ansiedade que, após 2 – 3 dias, passam a ser ausentes no cotidiano do indivíduo e, em uma semana, os sintomas desaparecem por completo na maioria dos casos (ZIMER, MORGAM, 2010).

#### 4.2 ASPECTOS FARMACOLÓGICOS E BIOLÓGICOS DA PLANTA *CANNABIS SATIVA*

Para fins terapêuticos, uma das primeiras experiências na utilização foi na China. Os chineses apontaram algumas potencialidades farmacêuticas da *Cannabis Sativa*, em torno de 2000 anos atrás. Há 300 anos atrás, os Assírios consideravam a maconha como a principal medicação das suas farmácias (HONÓRIO; SILVA, 2006).

Atualmente, com estudos científicos, se constatou que, biologicamente, a planta faz parte da família *Moraceae*, em alguns locais do mundo é denominada como “cânhamo da Índia”, que se desenvolve em diversos locais do mundo, mas principalmente em locais com o clima quente, em regiões tropicais. A planta tem a apresentação feminina e masculina, podendo ser lembrada pelos nomes de Marijuana, Haxixe, Charas, Bhang e Sensemilla (HONÓRIO; SILVA, 2006).

“Haxixe e Charas são os nomes dados à resina extraída das flores de plantas fêmeas, que apresenta a maior porcentagem de compostos psicoativos (de 10 a 20%). Os termos Ganja e Sinsemilla são utilizados para definir o material seco encontrado no topo das plantas fêmeas, contendo cerca de 5 a 8% de compostos psicoativos. Bhang e marijuana são preparações com menor conteúdo (2 a 5%) de substâncias psicoativas extraídas do restante da planta.”(HONÓRIO; SILVA, 2006, p.319)

Outra importante característica são os locais de centralização de THC da *Cannabis Sativa*, por exemplo, as flores, as folhas secas, os talos em pequena proporção, contém dentre 1% a 5% de princípio ativo. O haxixe, que é desenvolvido pelas glândulas das vilosidades, dentre 5% a 10%, extraído através da prensagem do local. O fluido que é resultado da extração do haxixe, detém de 50% ou mais de THC (MOREL et al, 1998).

#### 4.2.1 Benefícios terapêuticos

Para Honório e Silva (2006), o THC extraído da planta tem efeitos em diversos órgãos, inclusive no sistema imunológico, mas que a sua principal ação acontece no SNC atuando através de efeitos, analgésicos, controle de espasmos para pessoas que sofrem com esclerose múltipla, diminuição da pressão ocular para portadores de glaucoma, dilatador de brônquios para aumentar o suporte de ventilação para portadores de insuficiência congestiva brônquica e outras doenças que prejudicam a troca gasosa, controle de sintomas para pessoas com fortes crises convulsivas, entre outros.

Algumas medicações extraídas da planta já estão no mercado de alguns países, como por exemplo: o Dronabinol, utilizado nos EUA há mais ou menos 32 anos, que ajuda a estimular apetite, no qual é utilizado para pacientes com diagnóstico de SIDA e também tem efeitos antieméticos, usado para



tratamento de câncer. Nabilona, com os mesmos efeitos terapêuticos da medicação já citada, utilizado no Reino Unido apenas para tratamento oncológico, quando os antieméticos comuns não possuem eficácia terapêutica, sendo que estas medicações só são encontradas na farmácia hospitalar (HONÓRIO; SILVA, 2006).

O Canabidiol, usado para rigidez muscular e dor neuropática em pessoas com diagnóstico de esclerose múltipla, que também tem efeito analgésico para pacientes em cuidado paliativo para câncer. E o Rimonabant, usado para tratamento de obesidade, auxiliando na diminuição de apetite (HONÓRIO; SILVA, 2006).

### 4.3 USO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS NA SOCIEDADE ATUAL

#### 4.3.1 Prevalência do consumo de substâncias psicoativas

Os estudos encontrados na literatura acadêmica apresentam, majoritariamente, aspectos relacionados ao perfil de pessoas que consomem substâncias psicoativas lícitas e ilícitas, como também, a definição das mais utilizadas por determinadas populações. Foi constatado durante a revisão de literatura, que as populações mais estudadas são: estudantes do ensino médio, universitários e profissionais de saúde.

A pesquisa epidemiológica realizada pelo PPG em Enfermagem da UFMG objetivou conhecer a prevalência do uso de substâncias psicoativas por enfermeiros em um hospital de grande porte de Minas Gerais. Constatou que dos profissionais entrevistados, 48,6% usavam álcool, 16,2% cigarro, 14,3% tranqüilizantes, 10,5% anfetaminas, 6,7% opiáceos, e em menor proporção, 5,7% *Cannabis*, seguido de 2,9% de inalantes. Sendo que, dos entrevistados, 89,5%, foram pessoas do gênero feminino. Das bebidas alcoólicas de preferência, 27,6% choop, 15,2% licor ou vinho e 1% dos entrevistados preferem consumir destilados (FERRAZ, 2010).

Dos fatores de proteção e risco, Ferraz (2010) constatou que o ambiente hospitalar, por proporcionar muitas vezes tensões e estresse, poderia ser um fator de risco a justificar o alto índice de consumo de álcool, como também de tabaco. Dentre as medicações mais consumidas pelos profissionais (opiáceos,

anfetaminas e tranqüilizantes), a autora atribuiu à significância estatística ao perfil feminino da categoria, relacionando com cotidiano de jornada dupla ou tripla de trabalho e ainda, os cuidados com a casa (FERRAZ, 2010).

No estudo de Mariz (2005), como também no de Abdala (2014), os resultados em relação consumo de substâncias psicoativas na universidade, não destoou dos estudos realizados por Ferraz (2010). Mariz (2005) e Abdalla (2014), por meio de sua pesquisa, demonstraram preocupação com a substância psicoativa lícita, o álcool, no qual 96,5% dos universitários relataram que já realizaram o uso desta substância, em algum momento de sua vida e, 71% referiu ter realizado o consumo no último mês. A *Cannabis* foi mencionada como consumida por 33,5% dos universitários, seguido de inalantes e anticolinérgicos.

A autora revela que a população universitária é a que mais consome substâncias psicoativas, nenhuma outra população se equivale. Ainda revela que existem peculiaridades que tangenciam o consumo neste espaço: a transição que a pessoa faz da escola de nível médio para a universidade, demonstrando-se um momento de fragilidade do sujeito e muita oferta de álcool; a saída da casa dos pais, momento em que não há um controle presencial; possibilidade de experienciar novas histórias, conhecer outros grupos sociais (ABDALA, 2014).

#### 4.3.2 Uso de SPA por adolescentes

A pesquisa realizada por Freitas (2013), com a população de estudantes do ensino médio, em consenso com as já citadas, ressalta os resultados para o consumo de álcool. Destes, 81,4% dos estudantes de ensino médio referiram ter usado álcool na vida, 22,5% tabaco, 11,3% inalantes, 8,5% *Cannabis*, 6% tranqüilizantes, 3% cocaína, 1,8% ecstasy, 1,2% LSD, 0,5% crack, anticolinérgicos 0,5%, heroína 0,5%, 0,4% sedativos. Para Freitas (2013), a adolescência é uma fase da vida humana, vulnerável para o consumo de “drogas”, pois é a transição entre a infância e a vida adulta. É caracterizada pela busca da identidade do indivíduo, autonomia, como também, é o momento em que a sexualidade se aflora, e acontece alterações nas relações de amizades e afetivas. O autor ainda revela que esta fase, em muitos casos,

pode gerar crises, conflitos, ambivalências, conflitos familiares, podendo vir a ser um risco social para o consumo. Outras características importantes a serem levantadas para o início do consumo de álcool nesta fase da vida humana, esta relacionada ao consumo precoce, em que muitas vezes, é estimulado pela própria família, ou então pela curiosidade dos jovens ao experimentar.

O estudo realizado por Custódio (2009), que se deteve em levantar informações sobre meninas adolescentes e o álcool, indicou que essa relação iniciou-se no próprio espaço de moradia, acompanhadas dos pais e amigos dos pais. Dentre as bebidas de preferência, as meninas entrevistadas referiram consumir “Ice”, uma bebida a base de vodka com diversos sabores. Os locais de consumo eram festas, para conseguirem socializar com outras pessoas. As entrevistadas ainda referiram que consideram o álcool como “droga”, mas não relataram o medo de ficar dependente da substância.

Das motivações para consumir a álcool, foram listadas a necessidade de desinibição, perda de timidez, para conseguirem namorar, entre outros. Na pesquisa de Silva et al (2013), que tinha como objetivo assinalar o início e o padrão de consumo de substâncias psicoativas em adolescentes atendidos em um CAPS AD, também identificou que o início do consumo de álcool acontece precocemente, pelos contextos já mencionados.

Uma pesquisa realizada por Brito (1999), com a população adolescente de rua em Porto Alegre, demonstrou que muitos são consumidores de SPA, porém desejam diminuir o consumo destas. Além disto, as motivações para o consumo de “drogas” foram relacionados ao prazer, conforto pela tristeza que é sentida, e para se sentirem alertas aos perigos da rua.

#### 4.3.3 O sexo feminino e o consumo de substâncias

Verificou-se nos estudos apresentados anteriormente, que tinham o intuito de caracterizar o perfil dos usuários substâncias psicoativas, significativo aumento da população feminina abarcadas no contexto de SPA. No que tange as SPA mais consumida pelas mulheres, as pesquisas demonstram que são os medicamentos (CARLINI et al, 2008; ZILBERMANN, 2003). As explicações para esse aumento no consumo estão relacionadas ao papel social da mulher,

e o aumento das jornadas de trabalho, devido às baixas remunerações trabalhistas, intercaladas com os afazeres domésticos (SOUZA, 2013).

As motivações para iniciar o consumo, podem ser situações estressoras, problemas afetivos e familiares, falta de oportunidade no trabalho, tristeza, sintomas depressivos, ansiedade, padrões sociais de beleza impostos, entre outros (FERTIG, 2013). Para esta autora, além dessas situações que podem desencadear o uso problemático, as mulheres sofrem mais as consequências negativas do consumo de drogas através do estigma social, que acarretam no diagnóstico precoce pelos serviços de saúde. Assim a fragilidade do sexo feminino, constando que a mulher enquanto usuária desta substância, está suscetível a qualquer tipo de violência, devido às situações a que muitas delas são submetidas, como, por exemplo a prostituição, ao líder do tráfico e abandono por parte da família.

De acordo com Bianchini et al (2013), os pretextos pelos quais as mulheres acabam se envolvendo com a criminalidade, logo, são privadas de liberdade, tem relação com o crime de tráfico de “drogas”. Existem aquelas que estão envolvidas afetivamente com o líder do tráfico e aquelas que utilizam esta prática como meio para sobreviver e ajudar a família. Geralmente nestes casos são pessoas economicamente vulneráveis, negras e que residem nas periferias das zonas urbanas das cidades.

Geralmente elas acabam sendo “fichadas” e/ou presas, realizando as atividades no tráfico de “drogas”: consumindo; sendo “mulas/avião” (pessoas que fazem o transporte da substância); “vapor”, (a pessoa que realiza a negociação da venda); e a que está juntamente com o traficante “cúmplice/assistente” (SOUZA, 2013).

#### 4.3.4 Comportamento de risco e rede de apoio social como prevenção ao consumo abusivo de SPA.

No estudo de Evangelista (2013), os comportamentos de risco da população universitária, nos quais destacam-se: dirigir sob efeito de álcool, pegar carona com motorista alcoolizado, o envolvimento prévio com acidentes de carro sem prejuízos pessoais, e intimidação dos pais por dirigir embriagado,

foram mencionados como motivos de preocupação para a saúde e segurança pública.

Da população universitária entrevistada por Evangelista (2013), mais do que 50% dos sujeitos, já realizou o uso de substâncias psicoativas lícitas ao menos uma vez na vida. Mas, os dados referentes ao apoio social (socialização, relações afetivas, conhecimento a respeito da substância...), foram mensurados e os resultados foram em igual proporção aos do consumo. Tal aspecto revela que, apesar do índice de consumo demonstrado, esteja preocupante, a população estudada possui uma rede de apoio social.

Portanto, quando as relações afetivas, a socialização (rede de apoio) estão compactuadas com o indivíduo, a probabilidade de consumir uma substância de modo incontrolável é menor, pois este, possui outras formas de gozar a vida. Porém, aquelas pessoas que possuem uma rede de apoio social enfraquecida, estão mais suscetíveis a realizar o uso de alguma substância de forma com frequência/problemática (EVANGELISTA, 2013).

#### 4.4 ESTIGMA E CONSUMO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS

Goffman (1978), um dos autores de referência acerca das discussões sobre o estigma, revelou que esse conceito adveio através de fatos históricos. Este autor explica que na Grécia as pessoas que realizam algum tipo de crime, eram marcadas com facas aquecidas. Esse comportamento social da época buscava distinguir socialmente as pessoas que cometiam crimes das que não cometiam, dando origem ao estigma. As pessoas que recebiam essa marca eram desmoralizadas socialmente, pois esta atribuía um aspecto negativo considerado como “não padrão”.

Nesta perspectiva tomou forma o entendimento de classificação social das pessoas, uma vez que o estigmatizado passava a não interagir com esses grupos de comportamento aceitável, bem como recebiam desprezo de grupos tidos como normais (GOFFMAN, 1978).

O estigma foi caracterizado como anulação de outros indivíduos, devido as diferenças interpessoais, crenças e cultura, na qual diversas situações estão envolvidas. Link e Phelan (1999) revelam que uma delas é a rotulação. A rotulação refere-se a definição de um ser humano por uma característica única.

Passa a ser rotulado a pessoa que possui um comportamento entendido como anormal ou quando o indivíduo não segue uma “lei” social. O exemplo disso são os comportamentos de usuários de drogas, onde o fato de consumirem alguma substância é considerado desviante do comportamento social correto.

Outro conceito discutido por Palm (2006) é a atribuição de causalidade, que se refere ao ato de analisar o comportamento de uma pessoa, em um dado espaço de tempo, construindo, precipitadamente, suas concepções sobre o comportamento observado. A atribuição moral é o juízo do “ser correto” acerca do ser “não correto”, no que concerne a concepção de caráter, sendo assim, o ser estigmatizado é o culpado dos problemas que têm, seja de saúde, social, econômico, entre outros (PALM, 2006).

Já o estereótipo refere-se ao pensamento adquirido de forma subjetiva acerca de um grupo e de seus comportamentos padrões. Esse grupo define o estigmatizado através das características particulares, como: psicológica, moral, formas de vestir-se (HIPPEL, 1996).

O preconceito configura-se em uma ação de violência verbal ou física, motivado pelas concepções de não identificação com determinada a pessoa e/ou grupo, no qual o grupo estigmatizante possui seus credos do que seria correto (CORRIGAN, 2005). A distância social ocorre quando o grupo estigmatizante, baseado nas suas crenças culturais de como se vestir, de se portar na sociedade, sente-se amedrontado, ameaçado, pelo grupo estigmatizado (BLASCOVICH, 2003). Já a discriminação é a manifestação dos preconceitos, sendo a forma como os estigmatizadores tratam os grupos discriminados: com desigualdade, injustiça (CORRIGAN, 2005).

Portanto, esses conceitos ajudam a compreender o embate entre grupos que estigmatizam e os estigmatizados. O grupo que atende aos padrões sociais acabam, mesmo que subjetivamente, inferiorizando a existência daqueles grupos que já estão em uma situação de vulnerabilidade. Como consequência, surge o sofrimento psíquico, tristeza, ódio, baixa-estima, auto-inferiorização. Assim, os sujeitos acabam adotando condutas, através do modo como os estigmatizadores os enxergam, pois influencia diretamente a vivência dessas pessoas, seja na escola, no trabalho, ou no cotidiano comum, pois as

pessoas estigmatizadas se alienam de um mundo nas quais não se sentem acolhidas (CORRIGAN, 2005).

O estigma relacionado ao uso de substâncias psicoativas ilegais se solidifica quando as pessoas projetam rótulos e imagens negativas a determinados tipos de comportamentos (RONZANI; FURTADO, 2010). Silveira et al (2011) justificam que este comportamento social de estigmatizar o coletivo minoritário da sociedade, possui um contexto histórico e, conforme o transcorrer deste contexto, a estigmatização social vai sendo moldada de acordo com as sociedades, as crenças e os conhecimentos adquiridos no dia-a-dia. Precisa ser levado em consideração a relação entre o estigmatizado e o estigmatizador, que é o modo no qual resultará o novo modelo social e suas formas de estigmatizar a minorias.

Ronzani e Furtado (2010), refletem acerca da importância de se pesquisar sobre o estigma atribuído aos usuários de substâncias ilícitas, justificando que os impactos destas relações são tão grandes, que afetam as políticas sociais no âmbito da saúde. Este aspecto é potencializado quanto se pensa no cuidado dos usuários em território, no contexto familiar, onde muitos profissionais da saúde não conseguem perceber a importância deste dispositivo adotando, ainda hoje, práticas conservadoras que não resolvem os problemas com o uso e muitas vezes acentuam mais, quando propõem terapêuticas que são impostas aos usuários e estes não estão motivados a realizar.

Silveira et al (2011) apontam que, este estigma prejudica as políticas de saúde e é fortemente prejudicial ao usuário necessitado de cuidados e atenção, o que pode levar o sujeito a adquirir outras complicações de saúde, chegando ao fundo do poço, devido tanto sofrimento psíquico.

#### 4.4.1 Mídia e a contribuição para o fortalecimento do estigma dos usuários de SPA

Os achados referentes aos estudos relacionados com a mídia revelam que tanto a mídia digital e impressa, não contribuem para a discussão real do problema social relacionado às “drogas”, antagonicamente, favorece para

estigmatizar ainda mais as pessoas que realizam o consumo (HARTMANN, 2013).

No estudo de Hartmann (2013), foi observado que a mídia além de prejudicar as pessoas que optaram por realizar o consumo, prejudica a coletividade de uma nação, através da visão que se instaura sobre aqueles que são intitulados como “drogados”, seres incapazes, sem a menor condição de ter uma vida digna. De acordo com este mesmo autor, os prejuízos são incalculáveis, pois o cidadão acaba sendo direcionado de maneira inflexível, dura, e que não considera as particularidades das pessoas e seus contextos. Além disso, traz como consequência um discurso social que não promove saúde e nem a vida dessas pessoas, apontando que tal perspectiva tende a ter desfechos negativos.

A ideologia empregada no discurso midiático fomenta as idéias proibicionistas e de repressão como as ações necessárias no que tange o cuidado ao usuário. Tal ação contrasta com o papel ideal que a mídia deveria executar, que seria de auxiliar nas questões sociais que permeiam a temática, e divulgar informações educativas que alcançasse a grande massa da população. Os autores ainda referem que não há possibilidade de mudança no pensamento social enquanto forem perpetuados e fortalecidos os preconceitos, relações desiguais, e a exclusão social (HARTMANN, 2013; QUEIROZ, 2015).

Na pesquisa realizada por Zanchin (2013), que objetivava analisar as pesquisas com a temática de drogas na academia, observou que o discurso está construído de forma hegemônica, sem discordâncias entre variadas pesquisas. Em suma, o autor percebeu que as pesquisas buscavam descrever as características dos usuários de “drogas”, que de acordo com o levantamento, são diferentes para determinados segmentos de substâncias psicoativas. Por exemplo, as pessoas que realizam uso de cigarro tem um perfil, de álcool, outro e das “ilícitas” diferentemente dos primeiros citados.

Este mesmo estudo aponta que as pessoas que fazem a utilização de “drogas” ilícitas, geralmente são descritas com situação desfavorável sócioeconomicamente, sem religião, desempregadas, níveis escolares baixos, com famílias fragmentadas. Não somente, pessoas que ao realizarem o consumo, se expõem a riscos sexuais, com comportamento violento, e com



problemas com a justiça (ZANCHIN, 2013). Assim, com este estudo, observou que existem determinados discursos predominantes em relação ao consumo de substâncias psicoativas, principalmente na área da saúde coletiva, refletindo a necessidade de ampliação do debate para contribuir na resolução dos problemas sociais vigentes.

No estudo de Queiroz (2015), a mídia é referenciada enquanto um órgão imprudente ao lidar com temáticas relacionadas ao *Crack*, quando demonstra o falso surto de uso de *Crack* entre os escolares. Para Zanchin (2013), essas condutas são utilizadas para mascarar os contextos socioeconômicos da incapacidade do Estado de promover bem estar social, tornando mais fácil atribuir o problema a substância e ao usuário. Assim, torna-se difícil utilizar esses mecanismos para promover prevenção e promoção da saúde (ZANCHIN, 2013).

Queiroz (2015), ao realizar um levantamento das fontes das matérias acerca do uso de *Crack*, que foram utilizadas pela mídia, constatou que 39,45% foram reportagens originadas por políticos, 20,18% por profissionais da área jurídica, e em menor proporção 16,51%, depoimentos de pessoas que realizam o uso de *Crack*. Destas reportagens, 42,20% abordavam as implicações do uso de *Crack*; 15,60% estavam relacionadas com o tráfico de “drogas”; 15,60% o embate do usuário com a polícia e 11,93% associavam o uso ao comportamento do furto. Sobre as relações com as consequências físicas, 76,15% das reportagens faziam relação com a dependência do *Crack*.

As alternativas propostas para lidar com o problema do consumo revela que em 62,39% das matérias jornalísticas, este deve ser feito por meio do tratamento para dependência química, e em 39,45% por meio da repressão. Tais apontamentos revelam a ignorância dos meios midiáticos acerca das pesquisas realizadas no Brasil e no mundo sobre o tema (QUEIROZ, 2015).

Não somente, a mídia fomenta outros aspectos já arraigados na cultura ocidental, como o fato das “drogas” lícitas como o álcool e o tabaco, serem mais aceitáveis do que as demais substâncias ilícitas. O álcool, por exemplo, está presente em espaços de socialização, como festas, comemorações e encontros, incentivado pelos veículos midiáticos e de fácil comercialização para

todas as idades, afinal é “natural” uma criança ou adolescente comprar cerveja para os pais. Devido a fatores como estes, se tem a ideia de que o primeiro contato com substâncias psicoativas de caráter “maléfico” é tido através da *Cannabis*, pois devido o cotidiano criado culturalmente com o álcool, este, não é percebido como “droga”. Sabe-se que o uso precoce de substâncias psicoativas é considerado fator de risco para o uso problemático na vida adulta (ESTRAUCH et al, 2009).

#### 4.5 CLASSIFICAÇÕES DE PADRÕES DE USO DE SPA’S

Os padrões de uso de SPA’s são elaborados pelas ciências da saúde e nos contextos nos quais os usuários fazem parte. O objetivo destes padrões está focalizado na forma como a população pode enxergar o consumo, como também pode ser utilizado para nortear a avaliação do consumo das pessoas que usam SPA’s, por profissionais de saúde. Apesar de ser restritiva devido às classificações, é necessário olhar para toda a situação na qual envolve o indivíduo, como também os possíveis efeitos nocivos advindos do uso (WHO, 2017).

Os estudiosos de diversas organizações do mundo criaram algumas classificações para definir os padrões de consumo da população usuária de SPA’s. Neste sentido, algumas classificações serão citadas abaixo.

Na classificação da OMS, de consumo de álcool, temos:

Quadro 1: Classificação do padrão do uso de álcool, de acordo com a OMS (2017):

<b>Padrão de consumo</b>	<b>Conceito</b>	<b>Recomendações/ Observações</b>
Beber moderadamente	Beber moderadamente implica na imprecisão para a quantificação. Mas genericamente é o padrão que se opõe ao beber intensamente. No sentido de ingerir quantidades de álcool moderadas e que não cause problemas ao indivíduo.	Para a OMS, se a pessoa ingere álcool, quantidades mínimas que seja, está se expondo a riscos de saúde. Informa que não há doses seguras para o indivíduo. Especialmente se o indivíduo ingere álcool: - Mais de duas doses ao dia e ou; - Ingere álcool pelo menos 5 dias da semana (qualquer quantidade).
Beber socialmente	Para a OMS, dificilmente se consegue dar precisão a este conceito. Mas afirma que este padrão se distingue de beber problemáticamente. Mas geralmente é utilizado para	

	contemplar a cultura social de determinado lugar: festas, encontro de amigos, família. Mas esse conceito não significa beber moderadamente, são relações com álcool que se diferem.	
Beber intensamente	Beber intensamente é quando a ingestão extrapola uma quantidade diária (exemplo: 3 doses ao dia), ou o volume ingerido de álcool por vez de ingestão (5 doses cada vez que o indivíduo bebe).	
Beber problemáticamente	Ingestão de álcool relacionada a problemas: individuais, coletivos, de saúde ou sociais.	A pessoa que se enquadra nesta classificação, provavelmente obteve problemas de saúde, ou na relações sociais, através da ingestão de álcool.
Consumo compulsivo periódico	Padrão de ingestão que corresponde um longo período de uso de álcool.	Neste padrão, o termo “porre” é contemplado. As pessoas, na maioria das vezes, intercalam esses períodos com os de abstinência.
Beber de forma pesada	60 gramas ou mais (5 – 6 ou mais doses) de álcool puro em uma única ocasião, em pelo menos uma vez no mês.	Nestes casos, problemas como intoxicação, lesões em órgãos alvos, e violência podem ocorrer.

\*Compreendido enquanto dose: 330ml de *Choop*, 100 ml de vinho, 30 ml de destilado.

De acordo com o Instituto Nacional de Abuso de Álcool e Alcoolismo, dos Estados Unidos da América, algumas considerações como diferenças fisiológicas, anatômicas e endócrinas do homem e da mulher no consumo, são consideradas (NIAAAA, 2017).

Quadro 2: Classificação do uso de álcool, de acordo com a NIAAAA.

<b>Padrão de consumo</b>	<b>Conceito</b>	<b>Recomendações/ Observações</b>
Consumo moderado	Homens: até quatro doses no dia e quatorze por semana. Mulheres: até três doses no dia e sete por semana.	Mesmo sendo considerado consumo moderado, podem-se obter problemas de saúde em caso de rapidez na ingestão do álcool, como também podem-se obter problemas devido patologias prévias do indivíduo.
Pesado episódico	Consumo pesado episódico significa beber em um pequeno espaço de tempo, entre 2 horas, por exemplo, altas doses de álcool:	

	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Homens: em média cinco doses;</li> <li>- Mulheres: em média quatro doses.</li> </ul>	
Consumo pesado	<p>Neste padrão de consumo, pesado está contemplado em ingerir álcool mais do que a dose diária:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Homens: até quatro doses no dia e quatorze por semana.</li> <li>- Mulheres: até três doses no dia e sete por semana.</li> </ul>	

\*Compreendido enquanto dose: 355ml de *Chooop*, 150 ml de vinho, 45 ml de destilado.

De acordo com a OMS (2017), o problema relacionado ao uso e abuso de SPA's, não pode ser caracterizado somente pela frequência e a quantidade de doses. Não somente os critérios de volume de ingestão e frequência são importantes para a avaliação do padrão do uso, como também, sinais e sintomas: desejo ou vontade compulsiva para usar SPA's; dificuldades de controlar o consumo; abstinência fisiológica; sujeito com tolerância a determinadas quantidades e que precisa ingerir doses maiores para obter efeitos desejados; quando o uso não tem relação com alguma ocasião especial, ocorre qualquer lugar, e/ou horário; quando não encontra outras formas de sentir prazer; quando opta por realizar o mesmo estilo de vida, mesmo sabendo dos agravos a saúde; quando o profissional constata que após um período de abstinência, o indivíduo volta a consumir o padrão anterior a abstinência.

Lembrando que além da avaliação do padrão de consumo, o indivíduo só poderá ser constatado como "dependente", caso o padrão seja relacionado com pelo menos três dos sintomas acima citados, no último ano de vida (WHO, 2017).

No Brasil, o Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID), também classificou o padrão o consumo das SPA's. Nesta classificação, a frequência é mais utilizada para definir os tipos de usuários, como também, outras nomenclaturas aparecem.

Quadro 3: Classificação do uso de SPA's, de acordo com a CEBRID.

<b>Padrão de consumo</b>	<b>Conceito</b>
Uso na vida	Pelo menos uma vez na vida
Uso no ano	Consumo no último ano

Recente ou no mês	Pelo menos uma vez no último mês
Freqüente	Consumo de SPA's seis ou mais vezes no último mês
Consumo de risco	Possibilidade de dano a saúde, tanto física ou psíquica, mas que ainda não alcançou a situação patológica do consumo.
Prejudicial	Já houve ou está causando danos a saúde.

Para CEBRID (2017), além do padrão de uso, são classificados os tipos de usuários de SPA's, sendo eles: Usuário Leve: que realizou o consumo no último mês, mas que a freqüência foi menor que uma vez por semana; Usuário Moderado: que realizou o consumo todas as semanas do último mês, mas não em todos os dias; e o Usuário Pesado: que consumiu SPA's todos os dias do último mês.

A classificação de O'Connor (2009) considera outros critérios de avaliação do consumo, que serão mencionados na tabela abaixo:

Quadro 4: Classificação do uso de SPA's, de acordo com O'Connor:

<b>Padrão</b>	<b>Conceito</b>
Uso moderado e não problemático	O uso das SPA's colocou o indivíduo ao risco baixo de adquirir algum problema de saúde relacionado a utilização da substância.
Consumo de risco	Neste conceito, o coeficiente de consumo moderado foi excedido.
Consumo prejudicial	Quando há no indivíduo evidências de que o consumo causou agravos físicos e/ou psíquicos.
Uso abusivo	Neste caso, é quando ocorre um comprometimento clínico da pessoa. E pode ser questões relacionadas ao sofrimento psíquico, por exemplo, dificuldades de realizar as tarefas do trabalho, da escola ou na residência, com a família

Para o OMID (2017), outros conceitos são incorporados para contribuir na classificação. Assim esse dispositivo, se diferenciando dos demais citados, acrescentou os conceitos de padrões de consumo dos usuários de SPA's:

Quadro 5: Classificação do uso de SPA's de acordo com a OMID.

<b>Padrão de consumo</b>	<b>Conceito</b>
Uso experimental	Raros eventos de uso de SPA, infreqüentes e não persistentes.
Uso recreativo	Contempla em sua maioria, SPA ilícitas. Geralmente ocorrem em eventos sociais, ou individuais para relaxamento. Neste caso não houve dependência química e situações/ problemas relacionados a agravos de saúde.
Uso controlado	Consumo regular. No qual não ocorre compulsão e não atrapalha a vida funcional do indivíduo.

Uso social	É compreendido para pessoas que consomem apenas em eventos sociais, que precisam da companhia de outras pessoas
Uso nocivo	Quando há possibilidade de dano físico e/ou mental.
Uso abusivo	Considera os danos a sociedade, considera os fatores de tolerância e abstinência

#### 4.5.1 Avaliação dos estágios motivacionais para mudança do comportamento de Prochaska e Di Clemente

Prochaska e Di Clemente (1985) revela a problemática que um indivíduo enfrenta para aderir um tratamento, trazendo reflexões do sofrimento psíquico das pessoas que usam substâncias e a dificuldade de se enxergar como uma pessoa com poder de transformar aquela realidade. A autora ainda relata que a mudança de comportamento, é um processo no qual a pessoa que está em sofrimento precisa se adequar. Assim, a modificação das ações deve estar em consonância com o pensamento e, somente quando pensamento estiver motivado, se inicia o processo de mudança e se busca um novo modo de viver (PROCHASKA; DI CLEMENTE, 1985).

A partir disso, foi construído o modelo teórico que exemplifica os estágios de mudanças. Esses estágios servem para acompanhar o processo dos indivíduos em sofrimento psíquico: Na **pré-contemplação**, a pessoa responsabiliza outras por seus problemas, não está consciente da problemática, neste estágio o profissional precisa ajudar na compreensão do que se passa. Na **contemplação**, o indivíduo toma consciência das suas dificuldades em relação ao consumo de SPA's, mas não consegue enfrentar as dificuldades e continua o uso. A **determinação**, tem-se a vontade de modificar o estilo de vida e comportamento, assim o profissional precisa estar atento para planejar e compactuar com a pessoa. Logo, a **ação**, que a pessoa procura realizar o planejamento para a mudança. **Manutenção**, a pessoa transformou o seu estilo de vida, fica abstinente. E a **recaída**, que faz parte do processo de mudanças, assim, a pessoa pode recair para os estágios já mencionados muitas vezes, até alcançar a manutenção em um longo período de tempo (PROCHASKA E DI CLEMENTE, 1985).

#### 4.6 O CONSUMO

O conceito de consumo é amplamente estudado pela áreas das ciências sociais e geográficas. Essas áreas da ciência, buscam com este, compreender as formações de estabelecimentos nos espaços geográficos, a escolha por determinado itinerário que o consumidor elabora para ir ao encontro da mercadoria, o uso propriamente dito de acordo com as abordagens nas comunidades, considerando as concepções culturais do lugar, do consumo e do consumidor. O consumo, é um conceito transdisciplinar pois abarca diversas áreas de estudo, mas muito utilizado para explicar os fenômenos geográficos, humanos e culturais (CACHINHO, 1999).

Este conceito pode ser compreendido a partir de uma abordagem sistêmica e dinâmica, na qual considera-se um grupo complexo interligado entre o consumidor, comerciante, como também as mercadorias vendidas, os locais onde se fixam os estabelecimentos e as relações que se constituem sobre esses agentes pertencentes aos sistemas que envolvem o consumo. Nas variadas formas de trabalhar o conceito, busca-se encontrar explicações sobre as práticas sociais individuais e coletivas por meio das relações e dos subsídios econômicos que envolvem o consumo (CACHINHO, 2006).

Por outro lado, a ciência centraliza o olhar na pessoa, considerando os seus aspectos subjetivos e características biopsicossociais. A pessoa, em sua complexidade, deve ser compreendida sob uma lógica racional em fusão com as suas emoções, com os seus sentimentos, afetos e desafetos, e outras características que movem as relações humanas. Neste sentido, o consumo além de ser considerado da esfera biopsicossocial, pode ser atrelado ao significado simbólico atribuído a um determinado objeto, pois de acordo com essa relação simbólica, haverá a motivação para realizar o itinerário e efetuação do consumo (CAXINHO, 2010).

Nesta perspectiva, considera-se o ser complexo, as características emocionais e afetivas da pessoa, suas relações representativas socialmente, as relações do objeto e com o lugar em que se pratica o consumo. Além disso, busca-se compreender os vínculos emocionais que unificam as pessoas aos locais de comércio (CAXINHO, 2006).

Nas investigação do consumo na perspectiva dos grupos sociais, analisa-se as questões culturais de determinada comunidade, como valores e identidades. Nesta lógica, se investiga as singularidades das práticas sociais e as representações das comunidades sobre os locais, o que os tornam diferentes um dos outros, pois muitas vezes os locais expressam características das populações, de forma simbólica. Em suma, no consumo, a pessoa desenvolve relação afetiva com determinado objeto e o espaço social ganha vida, possuindo uma explicação de sua existência, dando sentido e sensação de pertencimento ao lugar (CAXINHO, 2006).

Com essas concepções, torna-se possível compreender porque as pessoas têm relações vigorosas com a prática de consumir e quais aspectos que estão sendo contemplados na relação entre pessoa e consumo, além disso, pode facilitar a compreensão do conhecimento a respeito da identidade e as relações que a pessoa estabelece com a sociedade (CAXINHO, 2010).

#### 4.7 A FRONTEIRA

Ao longo do desenvolvimento humano através dos séculos e das novas necessidades que emergiram ao longo da história da humanidade, houveram também transformações na compreensão do conceito fronteira. O nome fronteira nasceu por volta do ano de 1400, em um contexto histórico de expansão territorial da Espanha e de Portugal e muitas disputas por terras. Com isso, era necessário assegurar determinado espaço “conquistado”, dando ênfase a sustentação do exército militar, como também, era necessário erguer fortes, que controlavam a segurança de invasores, com limitação de terras (PUCCI, 2010).

Em outros contextos, povos nômades adotavam métodos diferentes em suas delimitações territoriais. Para que determinado grupo se fixasse em um território se fazia necessário demarcar a terra através da plantação, composta predominantemente de alimentos que garantiam a sobrevivência naquele local. Porém, algumas terras eram sadias para o plantio, e outras não. Em virtude disso, em algumas situações se permutava, na busca de espaços que tinham boas condições climáticas, estrutura do solo, relevo adequado e hidrografia. Esses coletivos, que permutavam pela busca de terras adequadas para



determinado plantio, defendiam as terras dos possíveis invasores, em um período passageiro, assim denominava-se a “fronteira flexível” (FERRARI, 2014).

Na Grécia, a fronteira passa a ter o teor científico para estudo, adotando métodos matemáticos de linhas, delineamentos, como também, adentrando-se das questões sociais e políticas para sustentar esses delineamentos em contextos marcados por questões religiosas (FERRARI, 2014). No renascimento, período marcado por significativo avanço do conhecimento das ciências exatas, compreendia-se a fronteira por meio das questões de política e organização do espaço geográfico, atrelando a concepção de território (PUCCI, 2010).

Com desenvolvimento da ciência cartográfica se pode traçar os limites entre Portugal e Espanha em solo brasileiro e delinear o Tratado de Tordesilhas, sendo este tratado a primeira experiência em realizar limite territorial e representação cartográfica na América do Sul (PUCCI, 2010). Além das questões políticas e modos de fixação, como o plantio, outros aspectos também compuseram a construção histórica das fronteiras e precisam ser lembradas, como aquelas que se instalam devido às barreiras naturais, como rios e relevos abruptos, e aquelas definidas pelas barreiras linguísticas (PUCCI, 2010).

Hoje as fronteiras possuem um valor simbólico, com relevante importância política, sendo assim, o conceito de fronteira sofre fortes intervenções, devido os contextos mundiais e locais. Os estudos atuais revelam que a fronteira, perpassa a idéia de limite territorial entre duas ou mais nações, destacando que há uma diferença significativa entre limite e fronteira: o limite é desenvolvido por situações contextuais e históricas da política, advindas das relações entre nações limitadas territorialmente; já a fronteira, envolve a população entre os países vizinhos, onde as culturas destes se fundem e acabam adotando uma identidade própria destas características. A fronteira é dominada pelas pessoas que a habitam, pois são essas que vivenciam este espaço (MACHADO, 2000).

Os estudos neste território são de suma importância, pois é um espaço geográfico que possui uma organização social e cultural extremamente

particular. É necessário superar as concepções de fronteira e limite, e conceber que os diferentes povos que ali habitam convivem diariamente, concretizando sua identidade cultural, que é própria devido a essa relação no cotidiano (PUCCI, 2010).

#### 4.7.1 A fronteira na perspectiva de identidade territorial

É notório que os grupos de determinada federação/região se diferenciam entre si. Brasileiros, quando em contato com povos de outra nação, saberão definir a característica de determinado povo. A fronteira é considerada um espaço para se desbravar diversas situações, pois é onde há o encontro das nações, com etnias, leis, serviços, culturas diferentes, e essa diferença torna este espaço como característico para uma identidade territorial específica, diferenciada de outros locais distantes daquele encontro (CHELOTTI, 2010).

Contudo, se faz necessário a compreensão deste espaço, devido sua especificidade e pluralidade. Tendo autores de outras áreas do conhecimento científico e que colaboram para esse entendimento, utiliza-se o conhecimento geográfico, no qual retrata a “identidade” como algo que pode ser incorporado, tanto no indivíduo, na sua importância de pessoa, como na relação deste com a sua coletividade (CHELOTTI, 2010).

Várias áreas da ciência discutem esse conceito e o vêem de modos diferenciados, porém o consenso de que, essa identidade territorial aqui discutida, é atribuída a uma construção da sociedade. Estas consideram os processos históricos dos grupos sociais, que ao conviverem elaboram significados e criam suas identidades territoriais, através de uma subjetividade coletiva e de diversos fatores, sendo eles: cultura, ideologia, religião, relações/grupos sociais, e pertencimento territorial (ALMEIDA, 2005).

## 4.8 CONTEXTO HISTÓRICO DA POLÍTICA DE DROGAS NA AMÉRICA LATINA

As políticas sobre drogas em toda a América do Sul sofrem grande influência das políticas norte americanas sobre a temática. Este fato teve início a partir de 1920, em um contexto de crise econômica e forte imigração da população da África para os Estados Unidos. Devido à segregação com a

população imigrante, o governo norte americano passa a incriminar o comportamento dos negros, como o consumo de *Cannabis* que fazia parte do ritual religioso, interpretado pela política da época, como causador de euforia e hostilidade da população negra. Assim, se instaurou o medo na população como um todo, incentivado pelo governo, resultando no processo de punição sob o comércio e consumo de SPA: inicialmente o álcool, logo, *Cannabis*, cocaína e heroína (CARVALHO, 2011).

Não havia embasamento científico em relação aos malefícios da SPA para se instaurar a política proibicionista e sim o preconceito e o desejo de tornar a proibição enquanto ferramenta para o controle das populações pobres e negras dos Estados Unidos (FRAGA, 2007). Por volta de 1939, a guerra as drogas passa a ser um dos objetivos governamentais dos Estados Unidos para se colocar no cenário mundial da época enquanto país potência, originando serviços militares e países que eram produtores de drogas (FRAGA, 2007).

Em 1990, os Estados Unidos aprova recursos para que se tivesse forças armadas na América Latina, política pautada pelo poder de produção bélica e baseadas nas repressões. Assim, impôs-se fortemente nos países da América Latina a guerra as drogas, primeiras possibilidades de incriminação das pessoas que usavam drogas, como resultado, infringindo os direitos humanos em relação ao direito de escolha e tomada decisões em relação a vida (FRAGA, 2007).

A guerra as drogas na América do Sul, abalou países como Bolívia e Colômbia, nações que produziam cocaína. A Bolívia, até os dias de hoje, resiste a essa política, pois a planta “coca” faz parte dos rituais religiosos daquela nação. O Brasil também sofreu fortes influencias militares dos norte americanos, pois além de fazer fronteira com os países já citados, também possui muitos consumidores de cocaína (ARAUJO, 2012).

#### 4.8.1 Política de drogas no Brasil

A 20ª Assembléia das Nações, onde foram discutidos e traçados os objetivos para com a diminuição da disponibilidade das “drogas” no mundo e no Brasil, originou várias transformações organizacionais e políticas no Brasil, como, por exemplo, o Conselho Federal de Entorpecentes (COFEN), passou a

ser o Conselho Federal Sobre Drogas (CONAD), como também, foi criada a Secretaria Nacional Anti Drogas (SENAD). No ano de 2002, através do decreto 3.345, foi criada a primeira política sobre drogas no país (PNAD), na qual, após discussões internacionais referente à temática, de modo amplo, com variadas áreas do conhecimento científico, a denominação de “anti drogas” é deixada para trás e se assume a sociedade enquanto consumidora das mesmas, aceitando, de certa forma, a realidade posta no cenário brasileiro. Tal perspectiva resultou em proposições para o enfrentamento as problemáticas que envolvessem as drogas, atribuindo a política prevenção, tratamento, recuperação, reinserção das pessoas que usam determinada “droga”, diminuição da oferta e incentivo para realização de pesquisas (BRASIL, 2013).

A Lei 11.343, do ano de 2006, criou a Sistema Nacional de Políticas sobre Drogas (SISNAD), avançou no tange as política de drogas brasileira, pois através desta, se caracteriza as diferenças entre traficante e usuários de “drogas”, como também, caracteriza que, mesmo na lógica proibicionista, as pessoas com problemas relacionados a consumo de determinada SPA não precisam de privação de liberdade e sim de cuidados em saúde. Todavia, tais especificações possuem fragilidades, pois não são explicitadas as quantidades para determinar o tráfico ou o consumo, deixando tal interpretação em aberto (BRASIL, 2013).

No ano de 2011, nasce o programa “*Crack é possível vencer*”, buscando o envolvimento de todos os setores da sociedade e articulação da rede intersetorial para atender a demanda social que está posta no Brasil. Este programa tem como objetivo prevenir, possibilitar cuidados, inclusão das pessoas que realizam o uso de Crack e/ou outras substâncias psicoativas legais ou ilegais. Como também, busca parcerias com várias instituições do Estado: justiça, saúde, desenvolvimento social e combate a fome, educação, secretaria de direitos humanos e a presidência da república (BRASIL, 2013).

SISNAD objetiva a realização da reinserção social, como também, diminuir os riscos para o consumo de Crack, de modo a oferecer conhecimento, discussão social sobre a temática, para que os cidadãos possam se impoderar do conhecimento e prevenir o consumo. Além disso, o SISNAD objetiva reprimir o comércio de “drogas” (BRASIL, 2013)

Já o CANAD, objetiva discutir, acompanhar, participar nas reformulações das políticas que envolvem essa temática, que são criadas pela SENAD, como também, tornar palpável a diminuição da oferta das substâncias, acompanhar e fiscalizar os incentivos de capital do fundo nacional de “drogas”, e também acompanhar os programas e articular a rede intersetorial com a SISNAD (BRASIL, 2013).

A SENAD, objetiva articular e recomendar questões a política de “drogas”, podendo atualizar a PNAD, como também, pode criar estratégias para que se concretize os planos propostas pela política nacional sobre “drogas”, como também, busca de parcerias internacionais (BRASIL, 2013). Neste sentido, a pesquisa macro na fronteira entre o Brasil e o Uruguai, que dará a origem a esta dissertação, foi financiada por esta instituição, com o intuito de subsidiar novas reflexões para a política brasileira.

#### 4.8.2 Contexto da política de regulação da *Cannabis* no Uruguai

No início o século XX, o comércio de *Cannabis*, cocaína e outras substâncias eram legais no país. Até meados dos anos 1900 no Uruguai, a *Cannabis* era amassada e diluída com o álcool, comercializava-se a resina para o efeito de sedação/ indução do sono, como também, era utilizada para efeitos analgésicos. O ópio, a cocaína e a *Cannabis*, eram consumidas para fins de diversão (URUGUAY, 2013).

Porém, com as primeiras conferências de controle das substâncias psicoativas pelo mundo, Shangai, 1909; Haia, 1914 e Genebra, 1925, outros movimentos, sob influência internacional, foram surgindo no país. Em 1934 e 1937 houveram as primeiras leis de proibição no mundo. Essas que não resultaram no extermínio da circulação das substâncias, apenas tornaram o consumo escuso e ilegal (CASTRO, 2015).

Na década de 1920, assim como muitos países mundo afora, o Uruguai estava trabalhando com a perspectiva higienista, onde se obteve muitos retrocessos no campo da saúde mental, em que pessoas que usavam álcool e outras drogas eram excluídas, sendo postas em asilos. Ao mesmo tempo, essa década, foi contextualizada por avanços significativos no país, no campo do direito trabalhista, educação e saúde. A repressão no que tange o uso de

SPA's foi vigorosa, por razão do Estado uruguaio buscar melhores condições de vigilância em saúde (CASTRO, 2015)

Em 1922, com o princípio do controle policial, deu-se início as normatizações de algumas substâncias, que demonstrou a sociedade duas leis que regulamentavam a fabricação e o comércio de *Cannabis*, ópio e cocaína. O intuito era ser o primeiro país do mundo a regulamentar as drogas, servindo de exemplo mundial. Com isso, introduziu-se as campanhas de prevenção através do amedrontamento a respeito do uso das substâncias psicoativas, salientando os malefícios destas substâncias. Apesar disso, houve controle pesado e o consumo passou a ser tratado com repressão (URUGUAY, 2013).

Para os Estados Unidos, em 1971, o principal problema mundial, seria o abuso do uso de substâncias psicoativas ilícitas, e por isso seria necessário combatê-la. O governo norte americano, dispunha de muita energia para que o narcotráfico não chegasse nas esferas americanas e para isso, foi preciso dispor de acordos internacionais, para que se controlasse o comércio a nível mundial. Neste sentido, o Uruguai acaba adentrando a esse contexto de proibição (CASTRO 2015).

No ano de 1987, os parlamentares criaram um coletivo para estudos a respeito da temática, com o objetivo de apontar os impactos do consumo de "drogas". Tal fato ocorreu em virtude dos profissionais do judiciário e da área da saúde apontarem para problemas da lei vigente e sua execução. Os psiquiatras se colocavam contrários a reclusão e das terapêuticas vigentes (URUGUAY, 2013).

Então, que no ano 1988, aconteceu a alteração das políticas neste sentido, na qual foi aprovada a Lei 17.016, que não penalizava o consumo particular. No ano de 2001, o presidente uruguaio da época, propôs aos países vizinhos à legalização do tráfico de "drogas" ilícitas, no qual o ministro da justiça, partilhando da mesma ideia, defendia que a *Cannabis* deveria ter comércio controlado pelo Estado. Esta lógica pautava-se em pesquisas que demonstravam que os principais problemas relacionadas à proibição da cadeia comercial da *Cannabis* recaía sobre a pessoa que consumia (URUGUAY, 2013).

Já em 2010, nasce a comissão de drogas a qual elabora, no mesmo ano, um documento que hesitava respeito às pessoas que consomem SPA. Como objetivo da comissão, se tinha o esforço em alcançar a eficácia, eficiência e integralidade e o controle pelo Estado, em relação ao enfrentamento das problemáticas que envolvem as “drogas” (URUGUAY, 2013).

Neste documento salientava-se também, situações que prejudicavam as pessoas no modelo proibicionista, como: exposição a contextos de violência, a exemplo do mercado ilegal que favorece tais práticas; utilização de substâncias de composição duvidosa, pois não havia um controle de qualidade e fiscalização do Estado, expondo as pessoas a riscos de saúde. Além disso, o Estado uruguaio teve a percepção de que o modelo de proibição resultou em um aumento do consumo de “drogas”, agravando os problemas de saúde, principalmente na camada mais empobrecida da população, e aumentando os lucros dos traficantes (URUGUAY, 2013).

No ano de 2012, o Estado Uruguaio publica a Lei 19.172, que regulamenta o consumo de *Cannabis* no país, e impulsionada por discussões realizadas pelo mundo todo (GUARIM, 2014). Alguns países como Holanda, já haviam proposto alternativas para o modelo proibicionista, regulamentando para fins medicinais ou o consumo individual. Em um discurso alternativo que hesita por direitos humanos, liberdade, acesso a informação, buscando prevenção do uso, cuidado, e diminuição do encarceramento por consumo de “drogas” (GUARIM, 2014).

Considera-se que a denominada “guerra as drogas”, afasta o debate responsável a respeito dos problemas que envolvem a problemática “drogas”, como também reforça a violência, insegurança pública, e exclui principalmente as pessoas pobres e negras da sociedade, retirando os direitos de escolha e liberdade individual. Assim, o Uruguai consegue caminhar para essa responsabilização, enfrentamento dessas questões sociais, ao passo que regula a *Cannabis*, retira o foco da substância e compreende o cuidado as pessoas, objetivando diminuir a violência ocasionada pelo tráfico, protegendo as pessoas que usam dos riscos e malefícios do tráfico como violência,

proteção à saúde, pois, a produção da substância pode ser realizada pelo próprio consumidor.

#### 4.8.3 Regulação de *Cannabis* no Uruguai, Lei 19.172/13.

De acordo com Uruguay (2013) o legislativo do país aprovou a lei 19.172/13 que regulamenta o comércio de *Cannabis* nas condições de distribuição, porte, consumo recreativo, médico e para fins científicos. Com a nova lei, o Estado uruguaio controla todas as atividades contempladas no comércio da planta: importação, exportação, plantio, colheita, produção, armazenamento, venda, etc.

O IRCCA, Instituto de Controle e Regulação de *Cannabis*, fica incumbido de controlar o consumo para fins recreativos, tendo a responsabilidade de realizar o cadastro dos consumidores, cultivadores, e conseqüentemente, o controle das pessoas cadastradas que consomem e cultivam. Além disso, o IRCCA tem a função de autorizar e averiguar as licenças de empresas, farmácias e clubes cannabicos (URUGUAY, 2013).

Assim, os cidadãos uruguaio, quando cadastrados ao IRCCA, possuem o direito de cultivar em domicílio até seis pés da planta psicoativa. Os clubes cannabicos, são permissões que o poder executivo pode conceder aos grupos de pessoas, permitindo plantar e colher a planta. Estes podem obter no mínimo quinze e no máximo quarenta e cinco pessoas associadas, que terão a permissão de plantar no máximo noventa e nove pés de *Cannabis*. Para a venda em farmácias, o estado concederá a licença as empresas privadas que farão a produção da substância a ser vendida nos estabelecimentos. A planta vendida para os usuários, não poderá ultrapassar o limite de 40 gramas mensais. Todos os compradores precisam estar cadastrados e serem maiores de 18 anos. Não o bastante, o consumo em espaços comuns e espaços privados, devem seguir as regras impostas pela lei antitabaco do país (URUGUAY, 2013).



## 5 MÉTODO

### 5.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Esta dissertação é um recorte do banco qualitativo de uma macro pesquisa<sup>5</sup>. A pesquisa qualitativa nasceu pelas ciências antropológicas e sociais, onde havia a necessidade de olhar para a particularidade da vida das pessoas, buscando interpretá-la, rompendo com ideias positivistas que buscavam somente enumerar, agrupar. Trata-se, portanto, de um tipo de investigação específica, em que pode se caracterizar traços comuns, com o intuito de interpretar a realidade (TRIVIÑOS, 2009).

Segundo Minayo (2006), a abordagem qualitativa possui o intuito de interpretar as relações, as crenças, as opiniões, como também as formas de compreender as vivências humanas, as interpretações que os sujeitos conseguem obter de si mesmo e do mundo, seus sentimentos e pensamentos. Com isso, a pesquisa qualitativa, ajuda a compreender a realidade dos processos sociais por outros ângulos e contribui no sentido de elaborar novos sentidos para realização do estudo, propiciando a criação de conceitos durante a investigação.

Este recorte, foi realizado na especificidade do tipo exploratório descritivo. Os estudos exploratórios visam compreender o problema da perspectiva dos sujeitos que o vivenciam, ou seja, parte de sua vida diária, sua satisfação, desapontamentos, surpresas e outras emoções, sentimentos e desejos, possibilitando observar os agentes no seu cotidiano (PIOVESAN; TEMPORINI, 1995).

Já a pesquisa descritiva permite a descrição do objeto investigado possibilitando que este se torne conhecido, e busca a resolução de problemas

---

<sup>5</sup>Projeto de Pesquisa intitulado “Monitoramento e avaliação dos efeitos da nova política uruguaia de regulação do mercado de *Cannabis* sobre a saúde pública e as práticas de consumo de drogas na zona de fronteira entre Brasil e Uruguai”, financiado pelo Ministério da Justiça que tinha por objetivo Monitorar e avaliar os efeitos da nova política uruguaia de regulação do mercado de *Cannabis* sobre o aspecto da saúde pública e das práticas de consumo de drogas na zona de fronteira entre Brasil e Uruguai. Este estudo aconteceu no ano de 2016, e teve como entrevistados: gestores, profissionais de saúde e usuários de *Cannabis*, em todos os municípios que se localizam na faixa de fronteira entre o Brasil e o Uruguai. Sendo desenvolvido pela Faculdade de Enfermagem da UFPel. O autor desta dissertação participou de todas as fases do estudo, aspecto que fez com que o motivasse a refletir os dados do município de Jaguarão/RS, pois conheceu previamente os conteúdos coletados. Este recorte foi autorizado pela responsável pelo projeto de pesquisa, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Beatriz Franchini (Anexo A).

para melhorar as práticas, por meio da análise e descrição objetiva, utilizando-se de instrumentos para a padronização de técnicas e validação de conteúdo. Nela não há interferência do pesquisador, pois busca somente perceber, com o necessário cuidado, a forma e a frequência com que o fenômeno acontece (TRIVIÑOS, 2009).

## 5.2 LOCAL DO ESTUDO

O recorte da macro pesquisa<sup>6</sup> para esta dissertação se deteve nos dados qualitativos sobre o consumo de substâncias psicoativas da cidade de Jaguarão/RS. O motivo por determinado recorte estava relacionado com o conteúdo das entrevistas, uma vez que, os participantes não se sentiam reprimidos para discutir as questões referentes ao consumo de *Cannabis*, como aconteceu na maioria dos demais municípios e, por essa razão, esses dados foram melhor avaliados para serem explorados.

A cidade de Jaguarão está localizada no extremo sul do Rio Grande do Sul, próximo a cidade do Rio Branco, do Uruguai. A origem do nome possui diversas perspectivas, uma delas é devido a um rio que tem em seu percurso, a fronteira que divide a cidade do Rio Branco do Uruguai com a cidade de Jaguarão do Brasil. Esse rio possui sua nascente na cidade de Bagé/BR, e desemboca na lagoa mirim, território pertencente à República Oriental do Uruguai (PREFEITURA DE JAGUARÃO, 2016).

Algumas outras hipóteses remetem que o nome, “Jaguarão”, surgiu da língua “tupi”, em português significa “onça”. Um felino que vivia na América do Sul e era bastante comum de ser encontrado no momento da colonização espanhola e portuguesa, no território que hoje se encontra no município (PREFEITURA DE JAGUARÃO, 2016).

Outra explicação é a lenda do “Jaguaru”. No imaginário da população indígena, este era um animal muito feroz, que detinha de uma estrutura corpórea de lobo e as patas e garras de tigre. Esse animal lendário, fazia escavações nas bases das coxilhas, onde os índios trabalhavam, resultando no desmoronamento das terras e assim arrastando os corpos dos trabalhadores

---

<sup>6</sup> O macro projeto de pesquisa foi realizado em todas as cidades da fronteira entre o Brasil e o Uruguai: Chuí, Santa Vitória do Palmar, Jaguarão, Aceguá, Bagé, Santana do Livramento, Quaraí, Barra do Quaraí e Uruguaiana.

ao rio. Com isso, a lenda diz que, esses animais arrancavam apenas os pulmões das vítimas, o restante dos órgãos ficava no rio. Dizem que essa lenda ainda vigora no imaginário da população “Jaguarense” (PREFEITURA DE JAGUARÃO, 2016).

Por ser uma fronteira úmida com a cidade de Rio Branco, no Uruguai, a relação e transição de pessoas uruguaias e brasileiras nessas cidades se processam por meio da “Ponte Internacional Barão de Mauá”. Essa região fronteiriça possui grande fluxo de turistas brasileiros que aquecem a economia uruguaia, devido o comércio dos *Freeshoop’s*, na cidade do Rio Branco. Jaguarão tem a economia alimentada pela pecuária, plantação de arroz e um comércio de múltiplas características (IBGE, 2016).

De acordo com censo de 2010 (IBGE, 2010), o município de Jaguarão tem a população estimada em 27.931 habitantes, com o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,707, classificado enquanto padrão alto de longevidade, saúde, educação e renda. Dentre eles, 16,9% são idosos, 62,5% são adultos ou faixa etária economicamente ativa, e 20,6% crianças e adolescentes.

No que tange aos serviços de saúde, o município contém em sua rede, de acordo com o CNES (2016): três UBS’s, um CAPS, denominado de “Renascer”, uma unidade móvel terrestre, Hospital Santa Casa de Caridade, PACS I, serviço de policlínica, e SAMU.

### 5.3 COLETA DE DADOS

A equipe que coletou os dados da macropesquisa, passou por um processo seletivo e logo, foi capacitada para realizar a coleta de dados. O autor desta dissertação participou destas etapas.

Após as etapas anteriores, a equipe selecionada e capacitada, se reuniu para elencar as questões primordiais para roteiro de entrevista qualitativa (ANEXO B), e a organização da logística de campo.

Após esses diálogos, deu-se o início da coleta de dados qualitativa. A equipe de coleta de dados qualitativos possuía três mestrandos em enfermagem, dois doutorandos em enfermagem, dois graduandos em enfermagem, e a coordenadora da pesquisa.

A coleta de dados qualitativa aconteceu no mês de outubro de 2016. A equipe se deslocava até a fronteira nos domingos, para iniciar os trabalhos nas segundas-feiras, pela manhã, e retornavam para Pelotas/RS nas sextas-feiras, assim que fossem encerradas as atividades propostas. A equipe de trabalho foi dividida em duas, para poder dinamizar o trabalho. A coordenadora do macro projeto se fez presente em todas as cidades.

As duas equipes de coleta de dados da etapa qualitativa, após se instalarem nas cidades da fronteira, procuravam os serviços de redução de danos para iniciar as entrevistas. Em caso da ausência desse serviço em determinado município, as equipes se deslocavam para os CAPS's/CAPS-AD's. Nestes serviços os profissionais indicavam uma pessoa que fizesse o uso de substâncias psicoativas, legais e/ou ilegais e que, dentre as utilizadas, uma delas fosse a *Cannabis*. Após a busca ativa da mesma, iniciava-se a apresentação da pesquisa para essa pessoa e realizava-se o convite para participar da mesma, informando a importância desse estudo, os aspectos éticos e que a entrevista seria gravada. Nos casos de aceitação, após a assinatura do TCLE (ANEXO C), iniciava-se a entrevista semiestruturada.

Ao término da entrevista, era solicitado ao participante a indicação de outro usuário de *Cannabis* para participar do estudo; e assim, sucessivamente. Essa técnica utilizada para coleta é denominada de método “bola de neve”. Caso não houvesse a indicação de outro usuário pelo entrevistado, a equipe de coleta de dados retornava ao serviço de saúde para buscar a indicação de outro possível participante. Ao término da coleta de dados de cada município, as gravações foram salvas em meios digitais e transcritas, estando sob a responsabilidade da coordenadora do macro projeto de pesquisa, onde permanecerão por um período de cinco anos para que seja assegurada a validade do estudo e garantido a confidencialidade dos dados.

O método denominado bola de neve, descrita por Goodman (1961) é uma forma de amostra não probabilística<sup>7</sup> utilizada em pesquisas sociais, onde os participantes iniciais (informante-chave) de um estudo indicam novos

---

<sup>7</sup> A Amostra Não Probabilista é obtida a partir do estabelecimento de algum critério de inclusão e nem todos os elementos da população alvo têm a mesma oportunidade de serem selecionados para participar da Amostra. Este procedimento torna os resultados passíveis de não generalização (BICKMAN; ROG, 1997).

participantes que, por sua vez, indicam novos participantes e assim sucessivamente, até que seja alcançado o objetivo proposto (ou a saturação dos dados). Portanto, a Bola de Neve é uma técnica de amostragem que utiliza cadeias de referência, uma espécie de rede (ALBUQUERQUE, 2009).

Destaca-se que o uso da técnica Bola de Neve pode assegurar maior heterogeneidade entre as cadeias investigadas, pois torna-se possível atingir pessoas pertencentes a diversos grupos, que vivem em regiões diferentes da cidade, e que não estabeleçam contatos de amizade ou parentesco, mas que atendam aos critérios de seleção de interesse dos pesquisadores. A técnica permite, ainda, a possibilidade de integrar à amostra, perfis diferentes de sujeitos, econômica e socialmente, bem como das atividades por eles praticadas (SANCHEZ; NAPPO, 2002).

A coleta de dados qualitativa, no qual este estudo se deteve, foi realizada por meio de entrevista semiestruturada, com questões norteadoras que abordavam os temas como, aspectos culturais, econômicos, pessoais para o uso de SPA, como também influência da legalização de *Cannabis* no Uruguai na fronteira brasileira, etc.

A entrevista como técnica de coleta de dados permite investigar a profundidade do material verbal, uma vez que a fala é relativamente espontânea e a subjetividade presente. É utilizada pela riqueza de conseguir revelar valores de representações, emoções, afetividade e afloração do inconsciente do sujeito quando se deseja a exploração profunda das informações (BARDIN, 2011).

A entrevista semiestruturada contou com duas partes, a primeira com questões fechadas contendo os dados dos participantes, para uma breve caracterização destes, e a segunda parte com questões abertas, proporcionando assim que os participantes pudessem manifestar seus pontos de vista, sentimentos e percepções no que tange o consumo de *Cannabis*. Conteúdos diferentes, revelados pelos entrevistados, eram explorados da mesma maneira do que os temas propostos no roteiro de entrevista.

Na cidade de Jaguarão/RS, inicialmente foi realizado o contato com o serviço de saúde mental. Logo, realizou-se o contato com o usuário indicado e, na concordância de sua participação, a entrevista foi agendada com este

participante e realizada em local estabelecido pelo mesmo, sendo algumas realizadas no CAPS de Jaguarão, em espaço do próprio serviço cedido pela equipe e outras entrevistas aconteceram no território, em sua maioria nos domicílios ou em local de trabalho dos participantes, sendo estes ambientes de comum acordo entre este e o membro da equipe da coleta de dados.

Ao término da entrevista foi solicitado a este participante a indicação de outros usuários, para que fosse dada continuidade na coleta de dados. De tal modo, a garantir a fidedignidade das falas, as entrevistas foram registradas por gravações em MP3, mediante a autorização dos participantes.

A seleção dos usuários partiu pela indicação de usuários de múltiplas drogas residentes do município de Jaguarão que eram atendidos no CAPS.

#### 5.3.1 Coleta no banco de dados da macropesquisa

Para acessar os dados referente ao recorte desse estudo, foi feito o pedido para a coordenadora do projeto. Ao autorizar, a mesma informou o local, o computador que estava contido o banco de dados, logo, o autor dessa dissertação salvou as cópias das entrevistas, referente a cidade de Jaguarão, em pen drive e transcreveu os dados novamente para então dar seguimento aos processos posteriores da pesquisa.

#### 5.4 PARTICIPANTES DA PESQUISA

Este estudo foi desenvolvido por meio da utilização das entrevistas do macro projeto de pesquisa que foram realizadas com os participantes que residem na cidade de Jaguarão/RS.

Foram inclusos no macro projeto de pesquisa, usuários de substâncias psicoativas e que, dentre as utilizadas, estivesse inclusa a *Cannabis*, de nacionalidade brasileira, pessoas de ambos os sexos, com idade igual ou superior a 18 anos e que, após os devidos esclarecimentos acerca da mesma, aceitaram participar, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (ANEXO C).

Foram excluídos do macro projeto de pesquisa, usuários que não possuíam nacionalidade brasileira ou dupla nacionalidade; menores de 18

anos, e que após os devidos esclarecimentos acerca da pesquisa, não aceitaram participar da mesma.

Utilizou-se como critério de encerramento da coleta o aparecimento de dados homogêneos de forma repetitiva, ou seja, quando houve saturação de dados. Após o início da saturação dos dados, buscou-se a participação de mais três usuários, para confirmar os achados e validar a saturação. A saturação dos dados é, conforme literatura, atingida quando os novos entrevistados passam a repetir os conteúdos já obtidos em entrevistas anteriores, sem acrescentar novas informações relevantes à pesquisa (WHA, 1994).

#### 5.4.1 Participantes da cidade recorte

No município de Jaguarão/RS, foram entrevistados 14 pessoas que usavam Cannabis, doze do sexo masculino e duas do sexo feminino. Suas idades variaram de 18 à 57 anos, com predomínio de pessoas jovens. Em relação à escolaridade, um participante possuía o ensino fundamental incompleto, um possuía o ensino médio incompleto, dois possuíam o ensino médio completo, cinco com o ensino superior incompleto e quatro com o ensino superior completo. Das ocupações, quatro exerciam a função de estudante exclusivamente, nove estavam no mercado de trabalho e um era aposentado. Sobre o estado civil, dois referiram serem casados, um viúvo, um divorciado e os demais solteiros.

#### 5.5 ANÁLISE DOS DADOS

Os dados foram analisados por meio da Análise de Conteúdo descrita por Bardin (2011), que consiste em uma técnica de análise que trabalha com a palavra, permitindo, de forma prática e objetiva, produzir inferências do conteúdo da comunicação de um texto. Na Análise de Conteúdo o texto é um meio de expressão do sujeito e, a partir deste, são categorizadas as unidades de registro, palavras ou frases, que se repetem e inferem uma expressão que as representem (BARDIN, 2011).

A Análise de Conteúdo costuma ser feita por meio do método de dedução frequencial ou análise por categorias temáticas, a partir da construção de categorias que emergem dos temas presentes no texto. Para classificar os

elementos em categorias é preciso identificar o que eles têm em comum, permitindo seu agrupamento (BARDIN, 2011).

Tal técnica compõe-se de três grandes etapas: pré-análise; exploração do material; e tratamento dos resultados e interpretação. Na primeira etapa foi realizada a leitura flutuante e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação, observando as regras da representatividade, homogeneidade e exaustividade. Na segunda etapa, os dados foram codificados a partir das unidades de registro, onde foi verificada a frequência destes elementos, observando sua pertinência e exclusividade. Na última etapa, os dados foram categorizados, ou seja, os elementos foram classificados, segundo suas semelhanças e suas diferenciações, com posterior reagrupamento de modo semântico, a partir dos temas e características comuns (BARDIN, 2011).

Esta análise foi realizada à luz do referencial teórico deste estudo e baseada em autores que discutem a temática em questão, incorporando o significado e a intencionalidade aos atos, às relações, às estruturas e aos elementos que circundam os rituais de consumo de *Cannabis*.

## 5.6 ASPECTOS ÉTICOS

Para sua eticidade, o macro projeto de pesquisa, à qual o presente estudo está vinculado, respeitou os aspectos éticos descritos na Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde, que trata das diretrizes e normas para pesquisas envolvendo seres humanos (BRASIL, 2012). Também foram levados em consideração os princípios éticos contidos no Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem de 2007, Resolução COFEN nº 311/2007, capítulo III (do ensino, da pesquisa e da produção técnico-científica) no que diz respeito às responsabilidades e deveres, artigos 89, 90 e 91, e às proibições, artigos 94 e 98 (CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM, 2007).

O macro projeto de pesquisa foi submetido à Plataforma Brasil, sendo avaliado pelo Comissão de Ética do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), recebendo aprovação por meio do parecer nº 13/2015 (ANEXO D) e Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas, por meio do protocolo 1.757.934/2016 (ANEXO E), sendo



após iniciada a coleta de dados. Todos os participantes receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), no qual constam os objetivos do estudo, a garantia do anonimato, do livre acesso aos dados e aos resultados da pesquisa e da liberdade de desistir em qualquer momento. Os participantes assinaram o TCLE, que foi impresso em duas vias, ficando uma com o mesmo e outra com o pesquisador.

Na coleta de dados do macro projeto de pesquisa não foram incluídos nenhum tipo de procedimento invasivo, coleta de material biológico ou experimento. Também não apresentou riscos físicos aos participantes, mas poderia ocasionar desconforto durante a coleta de dados. Neste caso, a coleta seria interrompida e o participante seria indagado quanto à continuação do processo de investigação, dando prosseguimento em outro momento ou sendo cancelado. Havendo necessidade, seria indicado um psicólogo da Secretaria Municipal de Saúde, contudo este procedimento não se fez necessário.

Como benefícios aos participantes, a pesquisa apresenta a reflexão sobre as suas experiências e a descrição destas para fins de construção teórica a fim de subsidiar o conhecimento e possível transformação das práticas existentes.

Todas as entrevistas foram gravadas com autorização dos entrevistados e estão armazenadas em um banco de dados com a coordenadora da macro pesquisa por um período de cinco anos após o encerramento do estudo, após este período, os registros em papel serão incinerados e os arquivos digitais serão excluídos do computador, conforme deliberado pela Resolução 466/2012 (BRASIL, 2012).

Para a realização do recorte do banco de dados, também foram respeitados os aspectos éticos descritos na Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2012), bem como os princípios éticos contidos no Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem de 2007, Resolução COFEN nº 311/2007 (CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM, 2007).

Com o intuito de preservar a identidade dos participantes, eles foram identificados pela letra “U”, referente ao termo Usuário, seguida de um número; ex: U1, U2.

Os dados descritos e discutidos nessa dissertação serão devolvidos aos participantes do estudo, por meio da articulação com os participantes e retorno a cidade e a disponibilização do resultados em artigos científicos.

## 6 CRONOGRAMA DE ATIVIDADES

ANO	2016										2017						2018		
MES	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev
Definição do objetivo e delimitação da pesquisa	X	X																	
Revisão de literatura	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X				
Elaboração do projeto	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X									
Qualificação do projeto											X								
Construção do relatório final											X	X	X	X	X	X	X	X	X
Sustentação da dissertação																			X
Divulgação dos resultados																			X

## 7 ORÇAMENTO

Os recursos utilizados neste estudo serão de responsabilidade do mestrando.

<b>Material</b>	<b>Valor Unitário</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Valor total</b>
Folha A4 500 folhas	R\$ 15,00	02	R\$ 30,00
Cartucho de tinta para impressora Canon IP1300	R\$ 60,00	02	R\$ 120,00
CD-ROW	R\$ 1,50	10	R\$ 15,00
Canetas	R\$ 1,50	02	R\$ 3,00
Fotocópias	R\$ 0,10	800	R\$ 80,00
Encadernação	R\$ 3,00	12	R\$ 36,00
Envelope	R\$ 0,60	10	R\$ 6,00
		<b>TOTAL</b>	<b>R\$ 290,00</b>

## Referências bibliográficas

ABDALLA, M. B. Uso de substâncias psicoativas entre estudantes universitários e avaliação de gravidade de problemas através do instrumento DUSI-R. 2014. 81f. **Dissertação (Mestrado)**. Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2014.

ADIALA, J.C. O problema da maconha no Brasil-Ensaio sobre racismo e drogas. **Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, série Estudos**, Rio de Janeiro, n. 52, out. 1986.

ALBUQUERQUE, E.M. Avaliação da técnica de amostragem “Respondent-driven Sampling” na estimação de prevalências de Doenças Transmissíveis em populações organizadas em redes complexas. **(Dissertação de Mestrado)**. Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca–ENSP; Rio de Janeiro: Ministério da Saúde – Fiocruz, 2009.

ALMEIDA, M.G. Fronteira, território e territorialidades. **IV Simpósio Nacional sobre Espaço e cultura**. NEPEC, UERJ. Out, 2005.

ARAÚJO, T. **Almanaque das drogas**. São Paulo: Leya, 2012.

BARDIN, L. Organização e análise. In: **Análise de conteúdo**. São Paulo: edições 70, 2011.

BIANCHINI et al. Mulheres, tráfico de drogas e sua maior vulnerabilidade: série mulher e crime. **Estudos de Psicologia**, 2013.

BURGIERMAN, D. R. **O Fim da Guerra**: a maconha e a criação de um novo sistema para lidar com as drogas. São Paulo: Leya, 2011.

BRASIL. Lei nº 11.343 Art. 28, 23 de agosto de 2006.

\_\_\_\_\_. Lei nº 14.592, 19 de outubro de 2011.

\_\_\_\_\_. Lei nº 10.126, 06 de abril de 2001.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. Brasília, 2012.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. **A Política do Ministério da Saúde para atenção integral a usuários de álcool e outras drogas**. Brasília, 2013.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. **Prevenção do uso de drogas, capacitação para conselheiros e lideranças comunitárias**. Brasília: SENAD, 2013.

BLASCOVICH, J. Stigma, Threat and Social Interactions. The Social Psychology of Stigma. New York. **The Guilford Press**, 2003, p 307 – 333.

BRITO, R. C. Uso de drogas entre meninos e meninas em situação de rua: subsídios para uma intervenção COMUNITÁRIA (**Dissertação de Mestrado**). Pós – Graduação em Psicologia do Desenvolvimento. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1999.

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

BRONFENBRENNER, U. **Bioecologia do desenvolvimento humano: tornando os seres humanos mais humanos**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

BRONFENBRENNER, U., CECI, S.J. Ecological models of human development. **International Encyclopedia of Education**, v.3, 2.ed, p.1643-1647, Elsevier Sciences: Oxford, England, 1994.

BRONFENBRENNER, U., EVANS, G.W. Developmental science in the 21st century: emerging questions, theoretical models, research designs and empirical findings. **Blackwell Publishers Ltda**, 108 Cowley Road, Oxford OX4JF, UK and 350 Main Street, Malden, MA02148, USA, 2000.

BRONFENBRENNER, U., MORRIS, P.A. The ecology of developmental processes. In: DAMON, W., LERNER, R.M. **Handbook of child psychology: theoretical models of human development**. 5a ed., v.1, New York: Wiley, 1998.

BROWN A. R. Estrutura e Função na sociedade primitiva. Petrópolis: Vozes, 1973.

CARLINI, E.A. A história da maconha no Brasil. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**. Rio de Janeiro, v. 55, p. 314-317, 2006.

CARLINI, E.A. II levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil: estudo envolvendo as 108 maiores cidades do país - 2005. São Paulo: **Páginas & Letras**, vol. 01, p. 472, 2007.

CARNEIRO, H.S. A erva dos escravos. **Revista Nossa História**. São Paulo: Ed. Vera Cruz, ano. 3, n.33, p.22-35, 2006.

CARVALHO, J.C. A América Latina e a criminalização das drogas entre 1960-1970: prenúncios de outra guerra por outra América. **NEIP**, 2011. Disponível em: <http://neip.info/texto/a-america-latina-e-a-criminalizacao-das-drogas-entre-1960-1970-prenuncios-de-outra-guerra-por-outra-america/>. acesso: 12 de agosto, 2016.

CEBRID. Padrão de uso de Substâncias Psicoativas. Disponível em: [http://www2.unifesp.br/dpsicobio/cebrid/quest\\_drogas/classific\\_uso.htm](http://www2.unifesp.br/dpsicobio/cebrid/quest_drogas/classific_uso.htm). Acesso em: 3 de maio de 2017.

COPETTI, F., KREBS, R. J. As propriedades da pessoa na perspectiva do paradigma bioecológico; In: KOLLER, S. H. (org). **Ecologia do Desenvolvimento Humano: Pesquisa e Intervenção no Brasil**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, p. 67-91.

CORRIGAN, P. W. Mental illness stigma: concepts, consequences and initiatives to reduce. **European Psychiatry**, v. 20, p. 529 – 539, 2005.

CUSTÓDIO, D.K.S. Álcool e sociabilidade: a farra das adolescentes. 2009. 143 f. Dissertação (**Mestrado em Psicologia**). Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2009.

CHELOTTI, M.C. Reterritorialização e identidade territorial. **Rev. Sociedade & Natureza**, v.22(1), p.165-180, abr.2010.

CNES. **Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde**. Relatório por município. Jaguarão/RS. 2016. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/riograndedosul/jaguarao.pdf>

DI CLEMENTE, C. C. & PROCHASKA, J. O. Processes and stages of change of change: Coping and competence in: smoking behavior change. Em S. Shiffman & T. A. Wills (Orgs.), **Coping and substance abuse** (pp. 319-342). New York: Academic Press, 1985.

EVANGELISTA, V. M. A. Levantamento sobre uso de álcool, tabaco e outras drogas, redes de apoio e apoio social entre universitários. 2013. 98 f. Dissertação (**Mestrado em Psicologia**). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2013.

FERRARI, M. As noções de fronteira em geografia. **Rev Perspectiva Geográfica**. V.9, n.10. 2014.

FERRAZ, S. M. Estudo da prevalência de uso de substâncias psicoativas por enfermeiros. Belo Horizonte, 2009. (**Dissertação de Mestrado**) Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2009.

FONSECA, C. J. B. Conhecendo a redução de danos enquanto uma proposta ética. **Psicologia & Saberes**, 2012, 1(1), pp. 11-36.

FRAGA, P.C.P. A geopolítica das drogas na América Latina. **Rev Faculdade de Serviço Social**, UERJ. Rio de Janeiro. 2007.

FREITAS, E. A. M Consumo de bebidas alcoólicas e outras substâncias psicoativas entre estudantes do ensino médio de Uberlândia-MG, 2013. (**Tese de Doutorado**). Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto. USP, 2013.

GOFFMAN, E. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro. Zahar, 1978.

GOLD, M. LEWIN, M. Introduction: The Heritage of Kurt Lewin. **Journal of Social Issues**, 48 (2), 3-13. 1992

GOODMAN, L.A. Snowball sampling. **The Annals of Mathematical Statistics**. v. 32, 1961. p. 148-170.

GUARIM, N.G.A. Guerra dos extremos: mapeando o debate público digital brasileiro sobre a legalização da maconha no Uruguai. **VIII Encontro da ANDHEP: Políticas Públicas para a Segurança Pública e Direitos Humanos**. USP. São Paulo. Abr, 2014.

HARTMANN, M. R. Representações sociais e ideológicas: o usuário de drogas segundo o Correio do Povo e Zero Hora (**Dissertação de Mestrado**). Pós – Graduação em Psicologia Social e Institucional. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2013.

HIPPEL, W. V. Stereotypes. **Annual Review of Psychology**. V. 47 p 235 – 240, 1996.

HONÓRIO, K.M.; SILVA, A.B.F. Aspectos terapêuticos de compostos da planta Cannabis Sativa. **Química nova**, v.29, n.22, p. 318 - 325, 2006.

IBGE. Estimativa populacional da cidade de Jaguarão/RS. Disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/deftohtm.exe?ibge/cnv/poprs.def>. Acesso em: 8 de agosto de 2016.

IBGE. Municípios do Brasil. JAGUARÃO/RS. 2016. Disponível em: <http://ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?lang=&codmun=430543&search=rio-grande-do-sul|chui|infograficos:-dados-gerais-do-municipio>. Acesso: 12 Julho de 2016.

JOHNSON, E. S. Ecological Systems and Complexity Theory: Toward an Alternative Model of Accountability. In: **Education, Complicity**, 5 (1), 1-10, 2008.

LANARDON. J. A. “Ei, polícia, maconha é uma delícia!” o proibicionismo das drogas como uma política de criminalização social. (**Dissertação de mestrado**). Programa de Pós Graduação em Ciência Política. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2015.

LEACH, Edmund R. Ritualization in man in relation to conceptual and social development. In: **Philosophical Transactions of de Royal Society of London**. Series B, n. 772, v. 251, 1966. p. 403 – 408.

LINK, B. G. PHELAN, J.C. Labeling and Stigma: In Publishers, A. P. **Handbook of Sociology of Mental Health**, p.481 – 494. New York, 1999.

MACHADO, L.O. Limites e Fronteiras: da Alta Diplomacia aos Circuitos da Ilegalidade. **Território**, n 8, Jan-Jun. LAGET/UFERJ, 2000.



MACRAE, E.; SIMÕES, J.A. **Rodas de fumo entre camadas médias urbanas**. ADUFBA, 2000.

MARIZ, S. R. O consumo de substâncias psicoativas por estudantes do ensino médio, em São Luís - ma (Brasil). **Informa. Maranhão**. v.17, nº 5/6, 2005.

MARTINS, E; SZYMANSKI, H. A abordagem ecológica de Urie Bronfenbrenner em estudos com famílias. **Estud. pesqui. psicol.** Rio de Janeiro , v. 4, n. 1, jun, 2004.

MINAYO, M.C.S. Os desafios do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. Ed. 9. **Revista aprimorada**. São Paulo. 2006.

MOREL, A. et al. Cuidados ao Toxicodependente. Lisboa: **Climepsi**.1998

NIAAAA. Padrão de uso de álcool. Disponível em: <https://www.niaaa.nih.gov/search/site/STANDARD%20FOR%20USE%20OF%20ALCOHOL>. Acesso em: 3 de maio de 2017.

O'Connor EDD. Longitudinal Assessment of Quality of Life in Acute Psychiatric Inpatients: Reability and Validity. **The Journal of Nervous and Mental Disease**; 185 Suppl 3: 166-75, 1997.

OMID. Padrão de uso de Substâncias Psicoativas. Disponível em: <http://www.omid.mg.gov.br/index.php/padroes-de-uso>. Acesso em: 3 de maio de 2017.

PALM. J. Moral concerns – Treatment Staff and user perspectives on alcohol and drug problems. **University of Stockholm**, 2006.

PASSOS, E. H; SOUZA, T. P. “Redução de danos e saúde pública: construções alternativas à política global de “guerra às drogas””. **Psicologia & Sociedade**; 23 (1): 154-162, 2011.

PUCCI, A. S. O Estatuto da fronteira Brasil-Uruguaí. **Tese Doutorado**. Instituto Rio Branco. Brasília. 2010.

PREFEITURA. História de Jaguarão. Disponível em: [http://www.jaguarao.rs.gov.br/?page\\_id=364](http://www.jaguarao.rs.gov.br/?page_id=364). Acesso em: agosto de 2016.

QUEIROZ, Larissa de Abreu. Análise das informações sobre a droga crack: O que divulgam os meios de comunicação? 125f. Dissertação (**Mestrado em Saúde Coletiva**), Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

Resolução 311/07 do Conselho Federal de Enfermagem

Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde

RODRIGUES, T. Tráfico, guerra e proibição. In: LABATE, et al (org). **Drogas e cultura: novas perspectivas**. Bahia, p. 91-104. 2008.

RONZANI, T.M; FURTADO, E.F. Estigma social sobre o uso de álcool. **J Bras Psiquiatr**. v. 59, n.4, p. 326-332, 2010.

SAAD, L.G. O discurso da Medicina na proibição da maconha: preocupações acerca da composição racial na formação de uma República exemplar. **XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo. Jul, 2011.**

SAAD, L.G. “Fumo de Negro”: a criminalização da maconha no Brasil (c. 1890-1932). **(Dissertação de Mestrado)**. UFBA. Bahia. 2013.

SANCHEZ, Z.; VAN, M.; NAPPO, S. A. Sequência de drogas consumidas por usuários de crack e fatores interferentes. **Revista Saúde Pública**, 36(4), p.420-430, 2002.

SILVA et al. Iniciação e consumo de substâncias psicoativas entre adolescentes e adultos jovens de Centro de Atenção Psicossocial Antidrogas/CAPS-AD. **Ciência & Saúde Coletiva**, 19(3):737-745, 2013.

SILVEIRA, P.S et al. Revisão sistemática da literatura sobre estigma social e alcoolismo. **Estudos de Psicologia**. v.16, n.2, p. 131-138, 2011.

SOUZA, M. R. R. Repercussões do envolvimento com drogas para a saúde de mulheres atendidas em um CAPS AD de Salvador-BA **(Dissertação de mestrado)**. Escola de Enfermagem, Universidade Federal da Bahia. 123f. Salvador, 2013.

ESCOHOTADO. **A História de las drogas**. Madrid. Alianza editorial. 2000.

STRAUCH, E. S. et al. Uso de álcool por adolescentes: estudo de base populacional. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 43, n. 4. 2009.

SOUZA, M.R.R. Repercussões do envolvimento com drogas para a saúde de mulheres atendidas em um CAPSad de Salvador-BA **(Dissertação de mestrado)**. Escola de Enfermagem, Universidade Federal da Bahia. 123f. Salvador, 2013.

TUDGE, J. A teoria de Urie Bronfenbrenner: uma teoria contextualista? Em Moreira, L. V. C. y Carvalho, A. M. A. (Eds.), **Família e educação: Olhares da psicologia** p. 209–231. São Paulo: Paulinas. 2008.

TRIVIÑOS, A. **A introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. 18. Ed, São Paulo: Atlas, 2009.

URUGUAY. Presidencia de La República. Junta Nacional de drogas. **Cien años de Políticas Sobre Drogas**. Vídeo Institucional. 2013.

VELHO, G. "Uma perspectiva antropológica do uso de drogas". *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, v. 29, n. 6, 1980.

VELHO, G. Dimensão cultural e política do mundo das drogas. In: *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

VYGOTSKY, L. S. *Mind in Society: The development of higher psychological processes*. Cambridge, MA: Harvard University Press. 1978.

WORLD HEALTH ASSOCIATION. Divisão de Saúde Mental. **Pesquisa Qualitativa para programas de saúde**. Genebra: WHA, 1994.

WHO. Padrão do uso de álcool. Disponível em: [http://www.who.int/topics/alcohol\\_drinking/en/](http://www.who.int/topics/alcohol_drinking/en/). Acesso em 3 de maio de 2017.

YUNES, M.A.M.; JULIANO, M.C. A Bioecologia do Desenvolvimento Humano e suas Interfaces com Educação Ambiental. **Cadernos de Educação - FaE/PPGE/UFPel**. Pelotas [37]: 347 - 379, set/dez 2010.

ZANCHIN, J. T. Discursos científicos sobre o fenômeno de drogas: uma análise das publicações de saúde coletiva brasileira (**Dissertação de Mestrado**) 154 f. Pós - Graduação em Saúde Coletiva. Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

ZILBERMAN, M. Uso de drogas entre mulheres. In: Baptista M, Cruz MS, Matias R, organizadores. **Drogas e pós-modernidade: prazer, sofrimento e tabu**. Rio de Janeiro (RJ): EDUERJ; 2003. p.175-85

ZIMMER, L.; MORGAN. Maconha: Mitos e Fatos, uma revisão das provas científicas. Rio de Janeiro, **Psicotrópicus**, 2010.

ZINBERG, N. D. *Set and Setting: the basis for controlled intoxicant use*. **New Haven**, Yale University Press, 1984.

## **ANEXOS**

## **Anexo A**

Anexo A



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS  
FACULDADE DE ENFERMAGEM**

**Identificação de Indicadores para o monitoramento e avaliação dos impactos da nova política uruguaia de regulação do mercado de *Cannabis* sobre a saúde pública e o consumo de drogas na zona de fronteira entre Brasil e Uruguai**

**Pelotas, 11 de maio de 2017.**

**Ofício nº 07/2017**

Ao cumprimentar-lhes cordialmente venho por meio deste informar que, como Coordenadora da Pesquisa *Cannabis* Fronteira, autorizo Diogo Henrique Tavares a utilizar o banco de dados desta pesquisa para construir sua Dissertação de Mestrado do Programa de Pós Graduação da Faculdade de Enfermagem – UFPel.

Sendo o que havia, desde já agradeço.

A handwritten signature in blue ink, appearing to read 'Beatriz Franchini', is written over a horizontal line.

Beatriz Franchini

## **Anexo B**

**Anexo B**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**  
**FACULDADE DE ENFERMAGEM**

**ROTEIRO DE ENTREVISTA**

**I- Dados para caracterização do sujeito**

- Codinome escolhido:
- Sexo do participante: ( ) Feminino ( ) Masculino
- Idade:
- Estado civil:
- Trabalha? ( ) Sim ( ) Não
- Se sim, qual ocupação? \_\_\_\_\_
- Grau escolar? \_\_\_\_\_

**II- ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURA:**

1. Qual foi a primeira droga que usou na vida? Fale sobre.
2. Há quanto tempo você faz uso de maconha?
3. Como você começou?
4. De que forma você costuma usar (fumado ou ingerido)?
5. Faz uso de outras substâncias?
6. O que sente quando consome a maconha? Quais? Você associa ao uso de maconha?
7. O uso de outras substâncias interfere na sua vida? Como?
8. A sua família ou pessoas do convívio sabem que você faz uso de maconha?
9. Houve alguma mudança em sua vida após a utilização da substância?
10. Como faz para conseguir a substância? Descreva como.
11. Quais os benefícios e malefícios do uso?
12. Como faz para conseguir a substância?
13. Você já sentiu medo ou passou por alguma situação difícil para conseguir a droga?
14. Você já foi preso ou se envolveu com alguma situação que pudesse o levar a cadeia?
15. Você já foi ameaçado por traficante?
16. Costuma fazer uso sozinho (a) ou em grupo? Onde?
17. Com qual frequência consome?



- 18. Qual a quantidade que usa?**
- 19. Costuma fazer o uso sozinho ou em grupo? Com quem usa? Onde?**
- 20. Seu ritual de consumo sofre interferência quando consome maconha sozinho ou em grupo? De que forma?**
- 21. Relaciona-se com pessoas do Uruguai que consumam maconha?**
- 22. Percebeu se houve alguma mudança a partir da nova Lei do Uruguai?**

## **Anexo C**

**Anexo C**  
**MINISTÉRIO DA JUSTIÇA**  
**SECRETARIA NACIONAL DE POLITICAS SOBRE DROGAS**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**  
**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE**

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa intitulada “**Identificação de indicadores para o monitoramento e avaliação dos impactos da nova política uruguaia de regulação do mercado de *Cannabis* sobre a saúde pública e as práticas de consumo de drogas na zona de fronteira entre Brasil e Uruguai**” realizada pela Universidade Federal de Pelotas e foi aprovada pela Comissão de Ética do IPEA Ofício 013/2015.

O objetivo desta pesquisa é identificar e gerar indicadores de monitoramento da nova política sobre o uso de *Cannabis* (maconha) na região da fronteira do Rio Grande do Sul/Brasil com Uruguai.

Gostaríamos de convidá-lo a participar desta pesquisa, relatando sua experiência e emitindo sua opinião a respeito das questões solicitadas por meio de entrevista gravada, a qual consiste em um roteiro de perguntas, permitindo livre expressão a respeito do tema. Caso você aceite participar do estudo seu nome será mantido em anonimato e as informações obtidas com esta entrevista serão somente divulgadas em meios científicos.

A sua participação neste estudo é voluntária, você não receberá nada por isso. Sua identidade será preservada e você tem a liberdade de se recusar a participar do estudo, ou desistir a qualquer momento.

O estudo não acarretará riscos físicos, não será realizado nenhum procedimento doloroso ou coleta de material biológico, ou experimento com seres humanos, no entanto a entrevista poderá acarretar desconfortos de ordem moral ou psicológica e as perguntas poderão ser ou não respondidas na sua totalidade, podendo haver desistência da participação em qualquer momento e se, você quiser, poderá ser encaminhado a um psicólogo da Rede de Saúde.

Os benefícios aos envolvidos no estudo serão as informações e troca de conhecimentos entre os participantes e os pesquisadores para o acompanhamento e reflexão sobre os impactos da Nova Política Uruguai sobre o Brasil.

Eu \_\_\_\_\_ li o texto acima e compreendi a natureza e o objetivo do estudo para qual fui convidado a participar. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação no estudo a qualquer

momento sem justificar minha decisão. Estou ciente que a minha identidade permanecerá confidencial durante todas as etapas do estudo. Sendo que os resultados serão transcritos e analisados com responsabilidade e honestidade e usados exclusivamente para fins científicos.

Eu concordo voluntariamente em participar do estudo.

Local e data: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Assinatura do entrevistado

Pesquisador Responsável: Beatriz Franchini

Contato: (53) 81240446

Universidade Federal de Pelotas (53) 39211527

## Anexo D

## Anexo D

**ipea** Instituto de Pesquisa  
Econômica Aplicada

IPEA Brasília  
SBS Quadra 1 – Bloco J Ed. BNDES – Térreo  
70076-900 – Brasília – DF  
Tel.: (61) 3315 5000 Fax.: (61) 3321-1587

Ofício nº 13/Comissão de Ética

Brasília, 31 de agosto de 2015.


Ao Sr. Diretor de Desenvolvimento Institucional do IPEA  
ALEXANDRE DOS SANTOS CUNHA  
SBS Ed. BNDES 5º andar  
70076-900 -Brasília - DF

Assunto: Encaminha parecer sobre a pesquisa IPEA/UFPel/SENAD

Sr. Diretor,

Encaminho a Vossa Senhoria cópia do Parecer desta Comissão de Ética sobre a pesquisa "Identificação de indicadores para o monitoramento e avaliação dos impactos da nova política uruguaia de regulação do mercado de *Cannabis* sobre a saúde pública e as práticas de consumo de drogas na zona de fronteira entre Brasil e Uruguai", conforme solicitação feita a esta Comissão.

Atenciosamente,

  
Maurício Mota Saboya Pinheiro  
Presidente da Comissão de Ética do Ipea

## **2 Relatório de Campo**

## **Relatório de campo**

O relatório de campo está organizado de tal modo: apresentação do estudo maior, coleta de dados qualitativos do mesmo, motivação para realizar o recorte do município de Jaguarão, coleta no banco de dados referente as entrevistas de Jaguarão, organização e análise dos dados captados no banco de dados.

Este estudo faz parte de uma pesquisa intitulada “*Identificação de indicadores para o monitoramento e avaliação dos impactos da nova política uruguaia de regulação do mercado de Cannabis sobre a saúde pública e as práticas de consumo de drogas na zona de fronteira entre Brasil e Uruguai*”, que foi financiada pelo Ministério da Justiça, via SENAD, sob coordenação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Beatriz Franchini da Faculdade de Enfermagem da UFPel.

Este, tinha por objetivo monitorar e avaliar os efeitos da nova política uruguaia de regulação do mercado de *Cannabis*, através da Lei 19.172/13, sobre o aspecto da saúde pública e das práticas de consumo de drogas na zona de fronteira entre Brasil e Uruguai. O estudo contava com uma abordagem qualitativa e quantitativa e foi realizado em todos os municípios da fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai e três municípios de referência em serviços públicos: Chuí, Santa Vitória do Palmar (município referência para o Chuí), Jaguarão, Aceguá, Bagé (Município referência para Aceguá), Sant’Anna do Livramento, Quaraí, Barra do Quaraí e Uruguaiana (referência para Barra do Quaraí). Os participantes da pesquisa foram pessoas usuárias de SPA e profissionais de saúde.

Para esta dissertação optou-se pelo recorte qualitativo, uma vez que o autor deste estudo fez parte dos processos que tangem essa abordagem de estudo, desde a formulação, organização, construção da entrevista semi-estruturada até, descrição, análise e formulação do relatório final.

## **Coleta de dados qualitativos da macro pesquisa**

A coleta de dados qualitativos aconteceu no período do mês de outubro de 2016, na qual foram entrevistados profissionais de saúde e da assistência social e consumidores de *Cannabis* em todos os municípios do Rio Grande do



Sul que fazem fronteira com o Uruguai ou que são referências para estes em serviços públicos. O processo de coleta de dados e publicação dos dados ficou sob a responsabilidade da Faculdade de Enfermagem da UFPel.

Em Santana do Livramento foram entrevistados 19 profissionais e 16 usuários; em Quaraí 19 profissionais e 10 usuários; no Chuí 10 profissionais e 17 usuários; em Santa Vitória do Palmar 19 profissionais e 12 usuários; em Jaguarão 24 profissionais e 14 usuários; Aceguá 9 profissionais e 0 usuários; em Bagé 19 profissionais e 14 usuários; Barra do Quaraí 13 profissionais e 3 usuários e Uruguaina, 15 profissionais e 12 usuários. A amostra total do estudo qualitativo, contou com 93 entrevistas de usuários e 147 profissionais,

A coleta de dados ocorreu de modo tranquilo, sem imprevistos, na maioria dos campos. Para a entrevista com os profissionais de saúde, houve duas perdas. Infere-se que o motivo estava atrelado a sensação que o profissional tinha de estar sendo avaliado em suas atividades. Neste sentido, buscavam retirar-se do serviço ou referiam que não tinham tempo para se dedicar a entrevista. Todavia, houveram aqueles profissionais que em virtude da presença da “universidade”, aproveitavam a ocasião para conversar a respeito do cuidado as pessoas que sofrem com dependência química e articular futuras ações, como capacitações e educação continuada.

No que tange a coleta de dados entre pessoas que consomem *Cannabis*, de maneira geral não houve problemas. Para acessar essas pessoas, foi utilizado o método denominado “bola de neve”, no qual os entrevistadores, para realização da primeira entrevista, buscavam informações com os profissionais de saúde. Uma vez realizada a entrevista com o consumidor indicado pelo profissional, o consumidor entrevistado indicava outro, e assim, sucessivamente. Dava-se como coleta de dados finalizada quando havia saturação dos dados.

Devido ao método de coleta, em alguns municípios, os primeiros consumidores entrevistados eram pessoas oriundas dos serviços de saúde, que estavam realizando tratamento de saúde para dependência química de álcool e/ou crack nos CAPS ou buscavam atendimento para outras morbidades em Unidade Básica de Saúde. Quando a coleta de dados iniciava nos serviços de saúde, se entrevistava o consumidor nestes ambientes e, após as

indicações dos mesmos, se explorava o território fora do serviço. Assim, espaços privados, públicos, e serviços de saúde foram utilizados para realização da coleta de dados.

Em alguns municípios, os consumidores, em uma primeira abordagem pela equipe de entrevistadores, sentiam-se desconfiados, preocupados, pois tal prática no Brasil é considerada ilegal e, devido a isso, precisavam tomar alguns cuidados para não se comprometerem com a lei antidrogas brasileira.

Então, os entrevistadores precisavam trabalhar suas estratégias de convencimento, dialogando com o mesmos sobre a objetivo daquela atividade que estava sendo proposta e sensibilizando sobre a importância da participação dessa pesquisa de nível nacional. Foi referido pelos entrevistadores, que a participação dos usuários de SPA's ilícitas poderia culminar na reflexão da atual política sobre drogas brasileira. Foi necessário esclarecer que não éramos policiais camuflados ou agentes de ações de investigação da polícia federal para buscar informações sobre tráfico de drogas.

Como a maioria entrevistas foram realizadas em cenas de uso, espaços públicos, havia um certo temor por parte dos entrevistadores em relação a presença ocasional da polícia e que mal-entendidos acontecessem, pois, nestes casos os participantes poderiam subentender que os entrevistadores haviam se articulado com os agentes de segurança pública previamente. Mas, raríssimos foram os casos em que houve o aparecimento da polícia, deve ter acontecido uma vez ou outra e não houveram problemas.

Os entrevistadores tinham a preocupação em deixar os participantes o mais confortável possível, pois as falas foram gravadas e envolviam práticas consideradas ilegais, possível de encarceramento. Então, se o participante estivesse sentado no chão, no banco da praça, buscava-se se ficar o mais próximo possível, buscando passar segurança e tranquilidade para o mesmo.

Ocorreram duas perdas de entrevistas neste processo de coleta, uma vez que a estratégia de convencimento e sensibilização não foram eficazes. Pessoas que já estiveram envolvidas com questões judiciais, ficaram extremamente desconfortáveis e desconfiadas em participar. Houve um diálogo sobre as questões levantadas pela pesquisa, porém não foi permitido a

gravação e não houve interesse em assinar o TCLE, logo, não foram contabilizadas no estudo.

Em alguns municípios, percebeu-se que os participantes aceitaram participar da pesquisa, porém, aparentemente demonstravam sentimento de medo. Então, municípios como Quaraí, Barra do Quaraí, Uruguaiana, os dados das entrevistas não foram tão ricos em detalhes como os demais municípios.

Após a coleta de dados, as transcrições foram realizadas imediatamente, logo, a análise das informações obtidas na fronteira brasileira, onde foi gerado o relatório final de pesquisa.

### **Coleta no banco de dados da macropesquisa**

Para a coleta de dados desta dissertação, fez-se o contato com a coordenadora responsável pela macro pesquisa, no qual foi feito o pedido de permissão para explorar o material referente a cidade de Jaguarão. Logo, com a autorização, sob o ofício anexado, buscou-se o material no local onde estão armazenados os dados da pesquisa. E após, seguiu-se o processo de escuta, transcrição e análise dos dados de Jaguarão/RS.

### **Escolha do campo para este estudo**

Neste sentido, como o autor desta dissertação participou enquanto entrevistador da maioria dos campos em que se realizou a coleta de dados, alguns municípios foram considerados de maior interesse para serem explorados, devido a riqueza dos detalhes relatados pelos participantes, reflexões sobre o tema e a motivação dos mesmos em estar participando do estudo. Jaguarão, a cidade escolhida para esta dissertação, os participantes do estudo não demonstravam medo em revelar, contar suas experiências relacionadas ao consumo de substâncias psicoativas, como também, refletiam, tinham posicionamentos definidos em relação a política de drogas do Brasil. Neste sentido, considerou-se o campo mais rico em detalhes a ser explorado.

Diferente dos demais campos, a coleta de dados do município de Jaguarão ocorreu em dois momentos, em outubro de 2016 e abril de 2017. O autor desta dissertação obtinha o contato do último participante e este revelou que outras pessoas de suas redes sociais demonstraram interesse em

participar da pesquisa. Uma vez demonstrado esse interesse, o autor deslocou-se para o município para entrevistar e dar seguimento ao método bola de neve.

A amostra obtida nesta cidade, se mostrou homogeneia, devido ao método de coleta empregado. Neste sentido, os resultados demonstraram certo “perfil” de consumidores de *Cannabis* entrevistados, pessoas com características socioculturais e econômicas similares. A maioria dos participantes eram pessoas economicamente ativas, trabalhadores, estudantes do ensino superior ou já graduados, com idades variadas (de 18 à 57 anos). Olhar para esta caracterização dos sujeitos permitiu superar preconceitos instaurados socialmente, de que, somente pessoas socioeconomicamente desfavorecidas possuem a necessidade de modificar o estado de consciência e consumir SPA ilícitas.

### Organização e análise dos dados para este estudo

Posterior a realização do relatório da macropesquisa, o autor deste trabalho realizou uma revisão de literatura e qualificou o projeto de dissertação que tinha por objetivo discutir os aspectos referente ao consumo de *Cannabis*, com o recorte do município de Jaguarão.

Após a qualificação, se acessou todas as entrevistas em áudio MP3. Destas foram selecionadas as que correspondiam as entrevistas do Município de Jaguarão. Estas foram escutadas e transcritas novamente pelo autor desta dissertação, sem o uso de software, de forma literal afim de garantir a fidedignidade na análise de dados.

Para a realização da análise dos dados, foram seguidos os passos sugeridos por Bardin (2011): leitura flutuante da entrevista na integra, pré-análise, análise, codificação (a partir da entrevista), categorização e interpretação. Os códigos foram gerados a partir da leitura das entrevistas. E após, foi realizada a análise sob a luz do referencial teórico sistêmico, descrito por Bronfenbrenner (1996). Podendo ser visualizado a seguir:

Usuários	Categorização	Microssistema	Mesosistema	Exossistema	Macrossistema
1	- Homem - 20 anos - negro - 3 grau incompleto	[...] Muitos amigos já usavam há algum tempo, sabia o que era mas nunca tinha usado. [...] (Com o conhecimento histórico sobre a erva passa a consumir?) ok	[...] Comecei com os amigos da escola, que estudavam comigo, mas isso foi num período de formação, a gente tava saindo do ensino médio e um amigo meu passou na faculdade. O mais	[...] O governo trata dessas questões como problema de segurança pública e não como problema de saúde, não trata bem, e a consequência disso é	[...] Depende muito da espécie, de onde é, depende de vários fatores. Na fronteira a gente tem duas coisas, ou a maconha é muito ruim, aquela que sai do Paraguai e atravessa o

		<p>[...]Se eu to na casa dos meus pais, eu não uso com frequência, apenas de vez enquando. Mas não em casa, pois em casa eu tenho problemas com isso. Prefiro não causar esses problemas. Até certo ponto, a minha família até que compreende, pois eles sabem. Nunca precisei falar, mas eu tenho certeza que eles sabem [...]. Meus pais são muito certinhos, pro meu pai o que ta na lei, ta lei, e é isso. Não busca compreender o porque daquilo. Com meus pais é complicado, na verdade eu não gosto nem de entrar no assunto em casa porque é um problema.</p> <p>(regula mais o uso quando está na casa dos pais, para evitar conflitos - tem dificuldade de dialogar com a família sobre a cannabis)</p> <p>A maconha unifica as pessoas, é um grupo social muito abrangente. Às vezes a gente nem imagina quem usa maconha. Chega um senhorzinho e ele fuma maconha e você fica: "puh, esse senhorzinho fuma?". Então o uso coletivo é muito comum, pra além de tudo a maconha, por mais que tenha toda aquela idéia medicinal que eu compreendo e acredito muito... Mas existe esse comportamento social, se o meu amigo não tem eu vou salvar ele. E quando você salva ele você bota um beck. E se esse beck for bom unifica mais ainda [...] (o consumo da cannabis influencia no desenvolvimento, de novos microsistemas e consolidação daqueles já existentes)</p>	<p>interessante é que esse amigo, dentro de uma ideia de probabilidade, não entraria na faculdade porque a zona que ele morava e que eu morava também era complicada (situação social). A zona que a gente morava, provavelmente somente nós fazemos universidade pública. Então, a minha recordação da primeira que tive contato com maconha foi essa, que foi desse amigo que poucas chances tinha de entrar na universidade, e entrou. Inclusive já trabalhou no crime e afins. Ele estava entrando na universidade e o contexto de vida dele tava mudando completamente, mas ele estava fazendo o uso da maconha corriqueiramente.</p> <p>[...](amigos de escola enquanto influencia para o início do uso)</p> <p>[...] Dependendo do grupo de amigos, talvez, essa regularidade aumente um pouco, pois muitas vezes a gente não tem, mas um amigo temMICRO. No grupo de amigos da universidade, a gente acaba utilizando mais [...]</p> <p>[...] Na universidade não tanto, os servidores, é um ambiente em que a gente ta acostumado a ver pessoas diferentes, então acho que as pessoas dali já estão acostumadas. Mas serviço de saúde, depende muito do atendente, depende de vários fatores, mas a gente às vezes sente diferença [...](na universidade não sente diferença no modo como é tratado, pois acredita que a universidade é mais aberta para lidar com as diferenças)</p> <p>[...] Mas serviço de saúde, depende muito do atendente, depende de vários fatores, mas a gente às vezes sente diferença [...] Eu acredito que comportamento comigo seja diferente devido a minha estética, pois ela remete a maconha, é como se alguém visse a foto maconha quando me vêPESSOA [...]</p> <p>[...] Essa cidade não interfere tanto [sobre o uso] pois eu passo mais</p>	<p>que tudo acontece de forma escondida. E o escondido não é melhor do que a gente sabe de onde veio. Aqui no Brasil, a gente não sabe da onde vem, a gente entra, compra, sai e vai embora, acabou [...]</p> <p>[...] A lei brasileira influencia muito. Tem duas frentes que as pessoas costumam tomar, ou é a idéia de "eu faço escondido, para não dar "ruim" para mim", ou é uma idéia de avanço e luta frente a isso, daí fuma na rua. E se o PM parar, vai falar um trecho da lei e você vai estar a frente de uma batalha contra esse sistema. Eu faço parte daqueles que prefere usar em casa, por "n" fatores: sou de periferia, sei lá. Então, caso eu for pego fumando aqui na frente eu vou levar um "esporro", vão me bater e eu vou ficar na ruim, vão colocar outras drogas, vão dizer que eu tava traficando, daí eu to ferrado [...] (faz de modo escuso devido a lei proibicionista)</p> <p>[...] A biqueira é a pior forma, pois vende uma maconha muito processada, passou por muitos lugares, possivelmente vem mofada. Na região que a gente ta, pior ainda, pois pra sair de lá de cima e chegar até aqui embaixo... Essa é a que eu menos gosto, pois a gente fortalece coisas que a gente não gostaria. Mas no país que eu tô, é o acesso que eu tenho [...] (lei proibicionista influencia na forma de aquisição e o uso da substância de ruim qualidade)</p> <p>[...] Parece que às vezes a maconha aqui é algo que você não pode falar. Se você tiver em um local que não pode falar, e você fala o nome as pessoas ficam olhando como se você tivesse falado no nome proibido. E às vezes a gente consegue falar tranquilamente de maconha na rua. Aquela parada de aceitação social</p>	<p>Brasil inteiro até chegar aqui, às vezes vem mofada, maconha muito ruim mesmo. E às vezes a gente tem acesso aos plantados do uruguai, daí é muito melhor porque aquele que a gente compra, sei lá, numa "biqueira", como se chama popularmente, muitas vezes outras coisas prensadas juntas, sabe? E eu sei que aquela maconha não faz bem, sabe? Só que, dentro deste sistema e afins é onde a gente tem acesso dentro do Brasil [...]</p> <p>(a fronteira proporciona produtos bons e ruins para os usuários: Uruguai planta pura e no brasil processada)</p> <p>[...]JO que a gente consegue, às vezes do uruguai, é uma maconha plantada, a gente olha pra ela e sabe que é real, que não passou por um processo enorme até chegar na minha mão. É uma coisa que foi plantada ali e veio, muito melhor [...] (Com a legalização no Uruguai, brasileiros tem acesso as plantas de melhor qualidade no Uruguai)</p> <p>[...] Na fronteira, eu vou ao uruguai, mas o uruguai também não pode vender para pessoas de outros países. Então as pessoas que vendem para a gente, são consideradas traficantes lá. Então a lei do uruguai não é tão aberta quanto a gente pensa que é. Eu consigo no uruguai ou em boca, piqueira, aqui no Brasil [...] (tem clareza do sistema uruguio, sabe que está na ilegalidade ao comprar de lá, mas faz isso devido a qualidade da planta)</p> <p>[...] Os uruguaios são ótimas pessoas por "n" fatores. A minha relação com eles é muito interessante por mais que eles não fumem a maconha, eles aceitam as pessoas de maneira muito interessante. É como se fosse da mesma maneira como a minha mãe aceita uma amiga dela que fuma cigarro. Se você conhecer um uruguio e ficar amigo dele, e você fumar maconha e ele não, isso não importa. Eles enxergam aquilo de outra maneira. A menos os muito conservadores, é um grupo pequeno</p>
--	--	---	--	--	--

			<p>tempo com as pessoas que estão no meu círculo, eu moro em república, com mais 8 pessoas que fumam, então não influencia tanto. Talvez eu fume mais aqui do que em outros lugares [...](por estar com pessoas que fumam, coloca que possivelmente usa mais nesse espaço por estar entre usuários)</p> <p>[...] Talvez o que influencia é que eu faço mais em casa, casa de amigos, dificilmente na rua, devido vários fatores: talvez se você fuma na rua, passa o seu vizinho, que te cumprimenta todos os dias, passa e vê isso, e para de cumprimentar porque tu fuma maconha. Isso não faz sentido nenhum, sabe? Mas acontece, por isso eu evito! [...] (faz o uso em casa para não se expor com os vizinhos)</p> <p>[...]Os órgãos públicos tem preconceito para com a maconha. Coisas do tipo, quando você chega no hospital e precisa de um exame sei lá, o cara pergunta se você utiliza maconha. Para fazer um cadastro do SUS, já me perguntaram, "real"! Porque não me perguntaram se eu utilizava álcool? [...](como foi tratado em serviço de saúde)</p> <p>[...] Eu conheço pessoas que fumam na rua, a maior parte delas são pessoas, fisicamente mais aceitas socialmente. Tipo, a sociedade é muito conservadora, tradicional e racista. Imagina, um cara loiro, branco, vai fumar na rua e rale-se, e não ta nem aí para ninguém, pois, possivelmente ninguém vai parar ele, porque ele tem uma vestimenta diferente e fisicamente ele tem características. E se pararem, vão parar com gentileza. PESSOA. A polícia se utiliza de gentileza com esses esteriótipos. A polícia influencia nisso, como falei, tenho esteriótipo de maconheiro, que usa dread, e se eu tiver fumando na rua eu vou tomar um esporro, vão me bater e me levar preso. Então eu utilizo a maconha na minha casa, no meu quarto tranquilo, de boas, se</p>	<p>mesmo. E isso é muito legal! [...] MESOSSISTEMA? (refere que no brasil parece que às vezes você não pode dialogar sobre a maconha, mas na fronteira essa temática é mais aberta para o diálogo)</p> <p>[...] o que tem que melhorar nesse momento, é fazer uma... Não digo uma propaganda, sabe aquilo que fizeram com o cigarro? Que colocaram um desenho atrás da carteira de cigarro de uma pessoa com doença e fizeram com a camisinha o contrário, uma propaganda diferente, dizendo: "usem camisinha"... Nem falar para usar, nem falar para não usar, sacas? Nem demonizar, nem endeusar, mas ser somente mais uma coisa que tem dentro da sociedade e que não muda o caráter, a personalidade das pessoas. E que esse uso seja, algo comum, como demonstrado em outros lugares. O álcool por exemplo, causa muito mais prejuízos que a maconha. Mas o governo parece que faz questão de dizer que a maconha traz mais problemas que o álcool. Dizem que as crianças morrem por causa da maconha. Mas porque as crianças morrem por causa da maconha? Porque ela é uma droga criminalizada. Quem criminalizou a maconha? O governo. Então isso tudo é um processo. Eu faço história, então a gente compreende esses processos de outra maneira. O que é hoje, é um reflexo do que foi antes, do que se mudou antes e do que se fez antes. [...] (posição crítica a respeito de como deveria ser a lei, como deveria ser enfrentado a problemática).</p>	<p>dentro do Uruguai [...] (estar na fronteira possibilita que se conheça a cultura de outra população)</p>
--	--	--	--	---	---

			<p>riscos [...] (polícia influencia no consumo)</p> <p>[...] Na região que eu moro é considerado uma região difícil, mas existem piores. E eu já fui nessas piores também, e senti muito medo: alguma coisa que você falar, alguma coisa que você disser, você pode ser um p2 (policial disfarçado), você pode ser alguém que tá filmando, você pode ser qualquer coisa, pois isso é proibido aqui e eles sabem disso. Essas pessoas tomam os seus cuidados! Eu senti medo, porque elas tinham que tomar cuidado, talvez se elas não tivessem que ter cuidado, através de uma venda livre, eu não sentiria medo. Então, um movimento brusco, uma pergunta a mais que eu fiz, eles podem considerar que eu sou um policial disfarçado, podem considerar um monte de coisas e dar uma ruim para mim [...] (a política proibicionista cria o tráfico, e por ser ilegal, as pessoas sentem medo de irem buscar a substância)</p> <p>[...] Eu sei que antes da aula não posso usar, não é nem que eu não preste tanta atenção, dentro da sala de aula eu me sinto mal por conta deste sistema social, então as pessoas que são da minha sala ficando olhando, pois dá para perceber fisicamente que você fumou. Então eu não gosto de fumar antes da aula, porque eu sei que possivelmente pode ocasionar outros problemas. [...] (prefere não utilizar antes das aulas para não se expor com os colegas de classe "preconceituosos", pois a pessoa quando utiliza fica com a fisionomia aparente de que tenha usado)</p> <p>Tudo isso que a gente vive parece tão complexo e dificultoso, que às vezes pode ser o meio de você ter o tempo para você mesmo. Tipo: não fazer nada, mas o "não" fazer nada, fazendo alguma coisa mental. A universidade deixa a gente assim também, a gente fica muito a "milhão": trabalho, trabalho, seminário, prova... E a gente, às</p>		
--	--	--	--	--	--

			vezes, a gente precisa parar um pouco, e ficar tranqüilo com a gente mesmo. Tipo ter um momento para relaxar! [...] (a universidade cobra demais e influencia no uso para relaxar desses momentos estressores)		
2	-Homem -branco - 21 anos - universitário	<p>[...] Às vezes a gente é amigo de alguém que é extremamente religiosa e conservadora e tem familiares extremamente conservadores. E devido a isso, nossa relação muda, é claro! [...]TEMPO(A relação com pessoas conservadoras, muda quando se começa a utilizar a cannabis)</p> <p>[...]Teve uma influencia a partir do momento que a cannabis era estritamente criminalizada, principalmente para os povos periféricos, principalmente para a periferia, pras pessoas que estão na universidade e são de periferia. Para as pessoas que usam a cannabis isso tem uma interreferência direta com a relação com os próximos, seus pares, da família, dos amigos em volta... Claro que muitos não usam, e claro que a gente não escolhe a construção social. [...]</p> <p>(compreender melhor)</p> <p>[...] A gente começa a usar cannabis e tal, e as pessoas que fazem parte das nossas relações, tem que estar abertas para isso.Você começa a usar, você sabe que você vai perder alguém. Alguém da sua família vai parar de falar contigo, mas você tem que se comunicar com ela do mesmo jeito</p> <p>[...]TEMPO(Quando se decide fazer o uso, já se sabe que vai romper com laços afetivos com alguém que se gosta, devido o preconceito, mas revela que é importante tentar traçar um diálogo com as pessoas)</p> <p>[...] Esse diálogo com a família é bem complexo! Pois a minha família vem de cultura religiosa, logo, esse diálogo se torna restrito. Então tipo, a gente ainda precisa trabalhar esse diálogo muito. Não é simplesmente eu chegar e falar: "eu uso maconha"[...](coloca a importância de dialogar</p>	<p>Eu comecei a usar maconha depois que eu conheci o pessoal Universidade... Quando eu fazia cursinho e uma menina do movimento estudantil me comunicou que iria fumar e daí comecei a fumar junto com ela [...] (começou a usar sobre influencia do grupo da universidade)</p> <p>[...] Mas eu posso te dizer aqui na cidade, quando eu vou no mercado, eu sou tratado assim quando eu estou chapado. Quando eu vou apresentar um trabalho, por exemplo e eu to chapado, eu sou visto dessa forma, tipo "ah, chegou o maconheiro para apresentar o trabalho", ou seja, a gente é criminalizado há todo momento. E quando a chega na faculdade, que a gente vai mexer no computador da unipampa, as pessoas da biblioteca, ou os professores que estão lá eles te analisam: "ah, chegou o drogado, vai mexer no computador e vai tentar estudar". Eu sinto isso dentro da universidade, no mercado, no rio - esse espaço cultural que a galera ta dançando e fumando. Claro que as pessoas passam de carro aqui, ô! Aposto que estão falando, "nossa, que cambada de maconheiro". Eu me sinto um pouco incomodado, mas ralesse [...].PESSOA (se sente rejeitado quando está sob efeito da cannabis, na universidade, nos espaços públicos, no mercado)</p> <p>[...] Todo espaço ele é educativo e cultural, se a gente está falando em marcha da maconha tem um significado: é educativo.(participa de espaços de luta com o intuito de interferir nos demais sistemas e fazer a sociedade pensar)</p> <p>[...] essa galera que ta vindo para a UNIPAMPA, acaba contribuindo no sentido do próprio fumar e</p>	<p>[...] Tem várias bocadas em que o sustenta da família advém da venda da maconha. Constroem, reformam suas casas, tem uma condição de vida melhor, devido a esse comércio. Que é mais ou menos a realidade da bocada que eu costume comprar aqui no Brasil, por exemplo, que eu consigo comprar e ao mesmo tempo ajudar a pessoa que vende para mim, se fortalecer para melhor qualidade de vida. [...].MESOSSISTEMA? (com a ilegalidade, famílias se colocam nessa situação para ter o seu sustento e o usuário considera que consegue ajudar essas famílias)</p> <p>[...] Tem várias bocadas em que o sustenta da família advém da venda da maconha. Constroem, reformam suas casas, tem uma condição de vida melhor, devido a esse comércio. Que é mais ou menos a realidade da bocada que eu costume comprar aqui no Brasil, por exemplo, que eu consigo comprar e ao mesmo tempo ajudar a pessoa que vende para mim, se fortalecer para melhor qualidade de vida [...]</p>	<p>[...] Existe por ter fronteira com o uruguai, mas ao mesmo tempo há uma repressão. Pois mesmo legalizado sempre vai haver a repressão das pessoas que não curtem, as pessoas vão dizer: "ah, isso é errado!", apesar de ser fronteira. Eu me sinto muito bem, por exemplo, quando eu to aqui no rio, nesse espaço cultural principalmente, ou pode ser lá no lado uruguio espaços não culturais, por exemplo, chegar lá, tem espaços com árvores, com concreto indo até o rio, e ficar vendo o pôr do sol, ficar ali fumando, tranqüilo e depois eu volto. Essa cidade, nesse sentido, influencia muito, principalmente na perspectiva da fronteira, na perspectiva de que o rio traz essa questão, né? Do natural! [...] (o macro influencia pelo fato das características urbanas e naturais e a legalização do Uruguai)</p> <p>[...]Na perspectiva de que a gente está numa cidade que faz com que a gente discuta essas questões da legalização, e a gente vê que de certa forma a gente debate mais sobre a legalização da maconha para o Brasil, o debate aqui é legalizado [...]</p> <p>(estar perto de um país que regularizou o consumo influencia sobre as discussões acerca do uso legalizado)</p> <p>[...] A maconha eu consigo, geralmente, nas bocadas aqui no Brasil e no Uruguai, que a gente atravessa a fronteira[...] (por ser fronteira você tem dois mercados para a compra, que se subentende-se que o tráfico de drogas não acabou)</p> <p>[...] É que assim, por a gente estar na fronteira, eu gosto de socializar, gosto de ter contato, gosto que de estar com outras pessoas e trocar idéias. Então nas festas que eu já fui no uruguai, a gente passa a conhecer mais eles. Eu</p>



		<p>sobre com seus pares, porém não consegue dialogar com a família devido o conservadorismo)</p> <p>[...] Minha mãe desconfia! Meu pai não sabe. Mãe é esperta, né? [...]</p> <p>[...] eu sou LGBT, a partir do momento em que eu me considero enquanto LGBT, minha mãe sabe das minhas relações com pessoas fora e dentro da universidade, e justamente por isso ela sabe que eu faço algumas coisas que vão no sentido daquilo que eu acredito, que eu tenho enquanto consciência do que é certo. Ela é mais flexível com algumas questões. Meu pai já não, ele tem a concepção do usar "drogas" é ruim, enquanto o debate deveria ser "a gente usa várias coisas que são drogas também" e a gente critica a cannabis, que é de origem africana, indígena. Um dos povos mais antigos que utilizavam enquanto medicina. Então eu acho que esse diálogo tem que avançar dentro da comunidade, pois se a gente não avançar no diálogo, não vamos avançar na legalização da cannabis [...](coloca mais uma vez a importância do diálogo mas não consegue dialogar com a família)</p> <p>[...] Da minha mãe não, ela é mais flexível. Mas do meu pai já houve, pois ele diz: "você não pode usar drogas", ligando os argumentos a questões religiosas. O fundamentalismo religiosa também está ligado na questão de: "ó! Você não pode usar drogas". Fundamentalismo religioso que eu falo é a igreja católica, as igrejas evangélicas, né? Tem essa questão muito forte de que você não pode usar a droga, né? Sendo que você utiliza outras drogas muito mais prejudiciais ao corpo humano[...] (se depois do uso teve interferência nas relações familiares)</p> <p>[...] Com a minha mãe essa relação ficou tranquila, ela é flexível, dela falar: "você sabe o que você quer da sua vida, eu não devo interferir nisso, tanto é</p>	<p>espaços de vivências e da galera chegando, que traz as suas vivências de outras cidades. Daí acontece espaços de discussões! Alguém propõem, "olha vamos debater isso!". [...](o fato da cidade ter uma universidade e receber pessoas de fora, também favorece muito para as discussões acerca da temática)</p> <p>[...] Onde eu compro é um lugar perigoso. Ultimamente anda acontecendo muitos assaltos a casas lá. Mas eu particularmente tenho mais medo da polícia, do que dos meninos que roubam e dos moradores [...](Refere que ultimamente a cidade anda perigosa, e que o lugar onde compra também é perigoso, mas que apesar disso, sente mais medo da abordagem policial)</p> <p>[...]Eu moro com uma menina que também é usuária. há mais ou menos um mês, a polícia civil já chegou invadindo a casa dos amigos que moram na frente, procurando um traficante. Depois a gente ficou matutando, eu percebi que na verdade eles invadiram para saber se a galera da faculdade usava ou traficava. Daí eles entraram na casa da frente, da nossa, foram super racistas com o menino que mora na frente. Então essa foi uma situação que deu muito medo, pois eles chegaram invadindo com o pé na porta, com uma arma apontada, dizendo "vai, levanta". Isso é uma perspectiva muito cruel do que é a criminalização da própria maconha. OU seja, o fato dos estudantes estarem utilizando, é um crime. Achar que o fato da gente utilizar uma erva, tá ligado? Que pode ser utilizada pela medicina, que pode ser usada para socializar, é utilizada como forma de criminalizar os estudantes que usam. A gente chegou a ir lá na polícia civil para reclamar e eles não fizeram nada, inclusive detonaram duas portas. Só não arrombaram a nossa, porque a minha amiga que mora comigo, colocou a cara na janela e conversou com eles. [...](Invasão policial)</p>		<p>sou LGBT, passei a conhecer as "trans", travestis, o pessoal LGBT de fora, em virtude dos eventos, passa a ter essa troca de idéias. Essas pessoas que conheci são também usuárias. É uma galera muito legal, que tem um discurso e debate interessante. Isso não é motivo para a gente falar nossa "que drogada idiota", não! Ela tá usando e está muito bem com isso, ela tá fazendo reflexões, fazendo rap, sei lá, art, performance, tá dançando. Mais essas perspectivas dessas relações com o Uruguai [...](Por ser fronteira, é possibilitado interagir com as pessoas que são do UY, e com isso se percebe que, mesmo as pessoas utilizando, elas continuam fazendo suas atividades)</p> <p>Há uma relação aqui, pois é uma fronteira, para quem é daqui, ou para quem é de fora e vem morar aqui a perspectiva é uma só: você já tem o contato logo cedo na juventude, de falar: "ah eu não uso, mas eu conheço pessoas que estão nos espaços que utilizam", geralmente o pessoal mais jovem. Ou também o pessoal mais velho, que pelo fato do uruguai ter legalizado eu consigo ter acesso ao diálogo e ver pessoas de outras idades fumando também. Por exemplo a menina que mora comigo, ela é mais velha, mora já faz tempo aqui e ela fuma. Na minha vivência aqui, eu vejo que tem uma galera mais velha que utiliza a cannabis, daí eu fico pensando assim: "se essa galera utiliza, quer dizer que na fronteira, há um espaço maior de diálogo". As pessoas tendo essa relação mais forte com o uruguai, facilita a flexibilização do uso. Pois tem muitas pessoas jovens que usam, as trans da cidade utilizam, as trans do uruguai quando fazem eventos em aqui ou do outro lado da fronteira, utilizam, né? Essas relações, entre essas pessoas dos dois países faz com que a gente se una por uma mesma causa [...]( a fronteira possibilita o diálogo, maior interação de usuários e isso facilita na articularção dos movimentos sociais)</p>
--	--	---	--	--	---

		que ela, quando em família, troca de assunto quando o tema é polêmico: sexualidade, cannabis... Quando você viu que a pessoa é flexível, essa relação passa a melhorar e você dialoga mais [...] (refere a importância do diálogo mas não consegue dialogar)	[...] já teve reclamação de vizinhos, devido o cheiro da maconha [...] E a polícia ia invadir a nossa casa [...] (cheiro da cannabis, pode trazer ações indesejáveis da polícia)		
3	- 18 anos - Branco - Universitário	[...] Dos que sabem da minha família, não interfere em nada, porque eu já conversei com eles bastante, já houve um processo de compreensão, tá ligado? Não que eles aceitam, eles não gostam, os meus pais no caso, porém eles não tem problema por eu usar assim... São decisões minhas e respeitam! [...] (A uma relação de respeito entre pais e filho, mesmo sobre decisões que consideram ruins)	[...] Daí é aquele negócio, não tem muitos eventos culturais, tu não tem muitas coisas para fazer. Tu vai para a balada top ou se não tu acaba suprindo essas questões com a maconha, por exemplo [...] (Falta de dispositivos de lazer, interfere no uso de maconha)  [...] E questões de ética assim, locais que passam crianças eu evito pelo menos. Mas não tem muitos problemas assim. Mais é essa questão de ética, não ultrapassar a barreira do outro. Em praça é tranquilo! [...] (procuram não usar próximos a crianças)  [...]Ultimamente tem sido tranquilo, mas é aquele negócio, tu tem que sempre cuidar a viatura [...] Em praça é tranquilo[...] (em praça considera um espaço para realizar o uso, mas refere que precisa tomar cuidado com a p.m)  Depende da reação da polícia. E depende do que eu tenho comigo. De repente se eu tenho alguma coisa a mais... Se eu tiver fumando um baseado, em não fico muito preocupado assim, sabe? Mas se eu tenho mais coisa, eu tenho que amocar bem amocado (esconder) ou jogar fora. É complicado, tu tem que estar sempre preocupado, qualquer coisa tu pode ser preso por estar com maconha no bolso ( como se comporta quando está em espaço público utilizando a cannabis no Brasil)	[...] eu fumo prensado normalmente. Se fosse fácil ter acesso a flor, eu teria mais recurso [...] (devido a proibição, a opção de produto que o tráfico coloca no mercado para o usuário é o prensado)  [...] Claro, ir na boca! Sei lá, insegurança! Como nada é regularizado, manda quem tá lá. Eu só sou o consumidor! E como não tem regularização, é eles que fazem, ou seja, tu nunca sabe o que pode acontecer. Tipo, já aconteceu de uma criança estar me atendendo! Já fui em lugar em que tinha criança que aparentava ter uns 9 anos assim, tipo trabalhando pro pai que tinha saído, era uma casa. Sei lá né meu? O bagulho é meio trach! [...] (a proibição faz com que os espaços de venda sejam perigosos e passível de qualquer situação)	[...] Agora, faz um tempo que eu não tenho pegado, mas normalmente eu pegava no uruguaí, em boca. [...] (Para consumir fazia a travessia da fronteira)  [...] Percebi na qualidade do uso. Tem épocas que tem maconha pura, maconha boa, barão solto, sem estar prensado. Geralmente vem em safras. Depois que legalizou começou a aparecer mais, porque tem um pessoal que planta em casa e com menos peso na consciência eu acho e começou a aparecer mais. Mas eu vejo também que tem muito cara que está plantado para si e tá sendo preso por tráfico (no uruguaí). Tem toda uma burocracia! [...] (refere que com o uruguaí legalizando, possibilitou o acesso a substância de melhor qualidade, pura. Porém refere que muitos uruguaios estão sendo presos por plantarem – acredito que seja devido o não cadastramento ao ircaa)  [...] Uma questão crucial é o perigo, né cara? Até porque a polícia do outro lado é outra. Eles são de boa mas se eles sabem que tu és brasileiro eles te pegam ou se eles vão com a tua cara, eles deixam tu ir embora. Tenho casos de amigos meus que foram buscar maconha no uruguaí e tomaram um atrack e tiveram que implorar para eles deixarem eles irem embora. E tipo, eles tinha 10 gramas no bolso. Depende do policial, mas fica aquele receio, né? Porque a polícia do uruguaí é outra, é outra política.[...](o medo de atravessar a fronteira e ser abordado pela polícia uruguaia)
4	Mulher	[...] Alcool, né? Eu tinha	[...] A polícia,	[...] tem muita gente	[...] Você fuma maconha

	<p>23 anos Estudante</p>	<p>9 anos. Foi através de amigos, tive influencias dentro de casa, né? Meu pai bebia cerveja e tals aí eu já vivia na rua, amigos meus faziam festinhas, daí vinha um "pau nas coxas", cerveja, vodka, foi assim... E parei de beber, quando eu tinha 15 anos e voltei só depois, com 18 anos [...] (influencia da familia para que ocorra o primeiro contato com SPA)</p> <p>[...] Antes eu até negava, achava que era coisa do demônio e tals. Não coisa do demônio, mas achava que isso poderia desencadear outras paradas. Tipo a mãe fala, né? Daí tu acaba fazendo as mesmas coisas, falando as mesmas coisas que eu ouvi. Daí eu achava que eu ia me perder, que eu ia ver gnomos, essas coisas assim, né? Mas não é nada disso! [...] (a familia na adolescência demoniza a planta e consequentemente gera curiosidade no indivíduo)</p> <p>[...] Meu pai fuma maconha também, né? Então ele sempre conscientizou do que era a maconha de verdade, tanto que eu nunca usei com ninguém estranho. Eu tinha 16 anos, quando eu comecei a fumar, tinha um namorado e tals que pedia para eu arrumar, como meu pai sempre foi muito liberal com o uso da cannabis, especificamente... Eu cheguei um dia nele e disse "eu quero fumar", "eu vou fumar". Eu comecei na verdade fumando na rua, fumei uma semana, daí o meu pai descobriu, pois ele é maconheiro, um maconheiro conhece outro. Daí eu cheguei em casa um dia assim, depois de ter usado e chapada, né? Com sono e tals, daí ele sacou na hora e falou que não queria que eu fumasse na rua, que não tinha me criado para isso. Só que aí, minha mãe não gosta da cannabis, daí eu tinha que fumar na rua quando eu fosse para a casa da minha mãe, e dentro de casa, na casa do meu pai. Entendeu? Então tinha toda uma coisa, por causa das</p>	<p>principalmente, tanto back que eu já levei na minha vida, vocês não tem noção! Humilhação verbal, assim ó! Eles já me seguiram, me chamando de maconheira, já me chamaram de cheiradora, já quase fui presa por desacato. Eu era careca na época, os caras me pararam eu e os meus irmãos, meu irmão não fumava, eu fumo, minha irmã fuma até hoje, e o que acontece? Eles pararam a gente, começaram a xingar a gente, me chamaram de maconheira, de sapatão, e ó que eu não sou lésbica, isso é o que é pior, se eu pelo menos gostasse, né? Beleza! (risada) Me chamou de cheiradora, quando ele falou isso para mim, cara, se tem a coisa que eu mais odeio na vida, é cocaína, de verdade! Meu pai usava. Meu pai é o meu exemplo de tudo o que eu tenho e o que eu não tenho que fazer na vida, então eu já sofri com outras drogas na minha vida, mesmo sem eu usar, entendeu? E cocaína é uma delas. Quando o policial falou isso para mim eu disse: "o que? Vem cá? Você me conhece? Você não sabe da minha vida para falar isso para mim". Ele falou também que eu só dava vergonha para a minha família, nisso eu já me impus e ele já colocou a mão na ama e virou para frente, como leão, para mostrar que tem o poder. Eu fiquei "ahhhh", e a minha irmã falou "para que não sei o que". Daí eu fiquei mais quieta, pois na época a minha irmã tinha 17 anos, entendeu? Se eu fosse presa com ela, ia dar a maior incomodação na minha vida. Daí eu fiquei quieta, olhando para a cara dele, e ele falando, e ele começou a perguntar se eu trabalhava, e aí que comecei a descascar de uma loja. Na época eu morava sozinha, pagava aluguel, e o cara me chama de maconheira, eu sou mesmo, mas tudo tem um tom de falar, né? Me chamando de cheiradora? Dizendo que eu não sabia dar valor a minha vida, que eu tinha tudo de mão beijada. O cara não me conhece, para falar uma</p>	<p>nova que fuma, tem menino de 13 anos fumando, 10 anos fumando aqui, eu já vi, é pesado! E acaba que eles começam a fumar um tal de mesclado. Gente! Eu to todo o dia em uma boca. O que eu vejo lá dentro de gente saindo de lá, criança, cara! (indignação) para fumar, às vezes nem querem saber da maconha, ou nunca fumaram. Só fumam essa p... da pedra. É horrível, velho! Dá dó! (proibição – tráfico – descontrole do estado sobre o comércio – venda para quem quer que seja)</p> <p>[...] O jeito que eu tenho que usar ela por conta da lei é o que mais me influencia, mais me incomoda. É eu ter que me esconder por conta de uma porcaria de uma planta. É uma vergonha você ter que pagar por uma planta, e pagar caro. Sendo que você pode plantar ela em casa. Isso sim modifica o meu uso e não a quantidade que uso [...] (por conta da proibição, precisa fazer o uso de modo escuso)</p> <p>[...] uma amiga minha foi presa já, por causa de semente de maconha. Ela ficou 4 horas dentro da cela. E eu tentando tirar ela e não conseguia. E eles dizendo que ela tinha muita cannabis, daí eu dizia "ta de deboche com a minha cara". Que muita cannabis se ela tinha semente, porque se ela tivesse cannabis ela já tinha fumado tudo. Eu falei isso para a mãe dela. Eu tinha certeza, e falei "eles estão mentindo". Ela tava com o esmurrugador, em cima tem um mocozinho, né? Para você esconder a ponta, daí tinha a semente que a gente via se estava boa para a gente tentar plantar. Ela foi presa por causa disso, cara! Foi quando eu me revoltei! [...] (nunca foi presa, mas uma amiga usuária já, p.m mente sobre a quantidade de substâncias</p>	<p>melhor, eu acho. Tem esse negócio da fronteira, do que é proibido do que não é proibido e tem essa coisa da distância, por mais que seja uma distância muito assim, longa, a preguiça rola, né? As bocadas, é tudo lá dentro. Aqui eu tenho acesso de algumas melhores, por algum tempo, que é o tempo que dura a colheita da cannabis. Chega setembro você não fuma combojo como você fuma aqui. Aqui, por causa da fronteira, eu fumo o natural mesmo, sem ser aquele prensado feio. Aquilo ali é uma vergonha, gente! Aquilo tinha que ser proibido mesmo, entendeu? Aqui, você vai ali e pega vinte conto da erva mesmo e lá para cima, a grama é uns 90 reais. Então que não tem dinheiro, não usa a da boa aqui no Brasil. Então o acesso da plantada aqui, é mais fácil, entendeu? Por mais que as pessoas daqui achem caro, eu não acho tanto. Só pelo fato dele vender avulso, cara, eu posso fumar um cinquinho... [...] (na fronteira está sujeita a encontrar substância na sua forma pura. E mesmo com um valor acima da média, a pessoa tem a oportunidade de comprar qualquer volume de acordo com as condições financeiras, pois como a substância é a folha triturada, a pessoa não precisa comprar o volume sólido do prensado)</p> <p>[...] Eu acho que aqui é mais tranqüilo também a questão do fumo, de eu chegar, sentar numa praça para fumar um beck. Claro, que você não tem que jogar na cara das pessoas que você está fumando maconha, né? Mas também eu não me sinto tão escondida. Em alguns lugares, você tem que parecer crackeiro, fumando maconha. Ficar escondida para fumar, é ridículo. Aqui não precisa! Se eu quiser fumar um baseado aqui onde a gente está eu vou fumar. Então eu acho que é mais fácil fumar aqui [...] ( como está na fronteira, parece que o debate acerca da temática é mais amplo, e as pessoas que moram na cidade brasileira, não enxergam o uso como</p>
--	------------------------------	---	---	---	---

		<p>crianças e tals! [...] (divergência na concepções do uso, que influenciava no lugar e segurança do usuário. O pai compreendia que era melhor a filha fazer o uso seguro, em casa. E com a mãe, para que as crianças não presenciassem o uso de cannabis, se precisava fazer o uso de modo inseguro, na rua, com risco de abordagem policial)</p> <p>[...] Meu pai me ensinou muita coisa sobre a maconha. Em geral é assim, eu sei os benefícios que ela pode trazer. Eu não vou falar as coisas ruins porque eu acho que não tem, de repente a única coisa é que eu posso ser presa por causa dela, o único problema da cannabis é esse.[...] (conheceu os benefícios e malefícios do uso da cannabis com o pai)</p> <p>[...] Hoje em dia, minha mãe é massaterapeuta, ela tem o preconceito dela, por ser criada onde foi criada, criada por quem foi criada, então ela tem o preconceito dela em cima da erva, e hoje em dia ela conversa normalmente sobre isso. Não chega a falar que "ah, minha filha é usuária", não chega a defender, mas ela conversa com a gente. Ela já entende o nosso lado e sabe que não é brincadeira. Ela sabe que a gente não vai deixar de fazer as nossas coisas ou virar traficante, pois é isso que as pessoas pensam, ou que a gente vai usar outras drogas e não é nãoTEMPO.(conseguiu através d diálogo desmistificar preconceitos da mãe)</p> <p>[...] Quando a minha mãe ficou sabendo ficou uma relação até melhor, pois era a coisa que eu mais escondia dela e sem ter o porque. Claro que para eu falar para ela eu tive que fazer várias coisas antes: mostrar documentário... Porque ela não ia entender se eu simplesmente chegasse: "mãe! Eu fumo maconha". Quando eu falei isso para ela, foi um back, mesmo eu já tendo os</p>	<p>coisa dessas. Daí pronto, pegou as minhas coisas, tava o chavador. Eles jogaram no chão e eu ainda perguntei: "vão ficar com isso para você?" e ele "não, eu não sou maconheiro igual a você" e eu disse "obrigada", peguei as minhas coisas e saí fora. Mas isso foi uma das, tem várias outras. Isso vai continuar sempre! [...] (relação conflituosa com a p.m)</p>	<p>apreendida para poder enquadrar a pessoa enquanto tráfico de drogas)</p> <p>[...] Já, mas foi por mal entendido. Por conta dos policiais que me pegaram com a maconha dele, entendeu? Já passei por muita coisa por causa disso. Eu moro na periferia, o que acontece? Eu tenho vários amigos dos vários tipos de jeito, eu tenho amigo careta e amigo que usa crack, entendeu? Comigo não tem essa de você ter um vício ou ter alguma coisa, então eu tenho amigo que mexe com coisa pesada, e não posso negar. E ele tinha umas 35 gramas e queria vender e tals. Daí eu peguei a maconha para vender para ele, né? E a polícia viu, tava fazendo uma revista nos meninos, me viu conversando com um deles, eles seguiram a gente e pararam a gente. Daí falaram um monte de coisa, perguntaram se a gente tinha alguma coisa, eu vou falar que tenho? Nada, né? Nego até a morte, até eles acharem. Daí não acharam nada comigo, nem essas 35 gramas dele, mas acharam 10 gramas com esse meu amigo que tava comigo. Nossa! Eles quase deixaram o menino pelado, pegaram a cannabis, voltaram para esse meu amigo e falaram que eu tinha caguetado ele, olha só o problema que ia dar na minha vida isso! Cara, daí fiquei sabendo que meu nome tava rolando lá na vila, imagina se vão na casa da minha mãe, atrás da minha mãe, esse negócio é sério, não pode chegar e falar, entendesse? Poderiam fazer alguma coisa comigo, podem achar que eu caguetei, X9, mas, X9 não tem essa, já vi vários morrerem por causa disso, por ter a boca grande. Eu não falo nada, entendesse? Daí eu fui na casa do cara, saí do trabalho do meu pai e fui direto lá, conversar com ele, daí ele ficou tranquilo,</p>	<p>um grande problema)</p> <p>[...] Aqui eu vejo muita gente mais velha usando, tipo gente com 60-70 anos usando maconha. Conheci pessoas de idade que fumam. Os caras vão no outro lado, vem aqui, pegar maconha, isso eu acho muito legal aqui. E parece que aqui é mais normal, se comparado com outros lugares. Aqui as pessoas aceitam mais a cannabis dentro de casa. [...] ( como se está perto da fronteira, parece que não é tão anormal usar a cannabis e isso faz com que pessoas da terceira idade "saíam dos armários")</p> <p>[...] Eu trabalho fazendo dread, né? Daí tem uns caras que consomem, que plantam também, né? Eles vão na minha casa, a gente ta fazendo dread e já fumo um. Daí os uruguaios levam a da boa, a de verdade. (revela que pq faz dread, acaba se relacionando com os uruguaios, que buscam por esse serviço prestado)</p> <p>[...] Eu acho que aqui tem um diálogo uruguai-brasil. Como lá é legalizado e aqui não, tem gente que discute sobre isso, entendeu? Ali (uruguai) é muito mais fácil de pegar, é como te falei antes, lá eles plantam. Eu tenho clientes de lá e às vezes eu nem compro, pois eu ganho. Eles dizem "eu trouxe uma florzinha para você", é lindo! Eu acho a coisa mais linda o buquê de uma cannabis! (risada) É linda as cores da cannabis! Eu já fumei maconha que eu jamais pensei que eu ia fumar na minha vida, tem umas espécies, maconha tem espécie, né? A "purfheise" que é a roxa, meu bem aquilo ali é maravilhoso, então, nossa, meu deus! O acesso deles é legal! Meu deus é uma maravilha, eles podem ter um pé em casa sem serem presos. São poucos pés que pode plantar e tals! Uma vez eu fui no uruguai e fui na farmácia, cara, e fui ver um tal de "erogrow" para comprar e a mulher é que sabia, eu andei a cidade inteira do uruguai e ninguém sabia o que era "erogrow", cheguei na farmácia, pensei "vou</p>
--	--	---	---	---	--

		<p>dreads, ela já jogava umas piadinhas achando que eu fazia. Mas quando ela teve a certeza, ela quis proibir, daí ela veio conversar comigo, eu tive que dizer que não era bem o que ela pensava, ela viu que o meu comportamento mudou também (das coisas que eu fazia com as coisas que eu faço agora). Daí melhorou 100%. Eu nunca escondi as coisas dela, mas essa era uma coisa, era um bloqueio, as vezes eu queria sair para fumar e ela ficava brigando comigo. Agora não, agora ela fala "fuma aqui na frente porque se a polícia vê você fumando, você vai ser presa em menina", ela fala isso para mim, tipo "fuma aqui que eles estão andando aqui na vila hoje" [...] (teve dificuldades de contar para a mãe que fazia o uso, mas a mesma conseguiu diferenciar a filha antes e após o uso. E viu os benefícios: diminuição da agressividade. Depois disso, a mãe passa a proteger a filha da polícia, solicitando que a mesma faça o uso em casa).</p> <p>[...] Eu tinha uma madrastra em uma época, que ela usou no período que ela tava fazendo tratamento para câncer, ela tinha câncer no útero, ela usou um tempo e tals, daí ela ficou bem, depois parou de usar, quando ela ficou bem. Meu pai que levava para ela a cannabis, para ela comer, eu vi, eu não fumava antes. Eu vi ela recusando a comida, e ela seca assim, sabe? Daí meu pai "vou te dar um remédio". Às vezes ele puxava a maconha e soprava para ela e ela puxava, e era instantâneo, dava um tempinho e ela já comia alguma coisa, descia alguma coisa e assim ela melhorou [...] (antes de começar a usar, viu o pai oferecendo para a madrastra que estava sem apetite devido o tratamento de câncer e que após o uso ela passou a comer)</p> <p>[...] Com os amigos você pode trocar uma idéia, altas coisas eu aprendi numa roda de baseado, cara. Coisa</p>		<p>assim, entendeu. Falei "tanto que a sua ta aqui comigo, você quer que eu te devolva? Eu te devolvo", ele falou que tava tudo certo, para eu ficar tranqüila. Na frente é uma coisa, mas por trás a gente sabe que pode dar alguma coisa, daí já quis me prevenir logo. Mas já me deu muito problema assim, mas acho que a pior foi essa. [...] (conduta dos policiais de tornar a relação de usuário e traficante conflituosa)</p>	<p>dar uma de doida, né? Ninguém me conhece mesmo", vou lá e pergunto, qualquer coisa eu saio para dar uma volta. Cheguei lá e perguntei: "sabe de La marijuana erogrow e tal (espanhol todo embromado)?" daí o cara disse "eu acho que tem aqui na esquina, você pode voltar e ir té a esquina" e tava ali, bem na esquina da farmácia. Foi o dia mais feliz da minha vida! A gente abriu a porta e parecia o céu assim, ó! Quando a gente entrou eu e a minha amiga, veio o cheiro da cannabis para fora assim, ó! Eu juro gente! Todo mundo da loja ficou nos olhando! Daí o cara falou, foi até dar uma para vocês experimentarem! Olha só, a gente entrou, trocou a maior idéia, fumou uma, olha que coisa maravilhosa, e ainda proibem isso, gente! (Risada) [...] (nouruguai a questão da cannabis tem outro viés, pessoas não usuárias sabem a respeito da substância, e onde encontrar os produtos relacionados – refere também que os vendedores de produtos relacionados a cannabis, são acolhedores)</p>
--	--	--	--	---	--

		<p>mais bonita! É igual o chimarrão, não fica gente tomando um mate em círculo? É lindo aquilo! Até a sequência do chimarrão! É a mesma coisa do baseado. O baseado também tem lei, tipo quem bolou que acende, gira para o mesmo lado, não pode ninguém furar a fila. Maconheiro tem ordem também, entendeu? Não é bagunçado não!(prefere fazer o uso com os amigos)</p> <p>[...] sempre tem um amigo que tem cannabis e vai na minha casa para me convidar "vamos fumar um?" e eu "vamos!". [...] (se a pessoa não tem, tem um amigo que convida para usar)</p>			
5	<p>- Homem - Branco - Ensino superior completo - Trabalha - 25 anos</p>	<p>[...] Eu fumava o cigarro mas não sabia tragar ele, daí um amigo meu, que hoje nem fuma mais falou "Bah meu, tu não sabe tragar?" e ele me ensinou a tragar o cigarro e achei muito massa. Daí ele me falou que fumava um baseado também, e eu "bah meu, isso não vicia? Não mata?", e ele "não". Daí o cara me desmistificou toda a parada, e aí eu fui criando curiosidade. Na verdade eu sempre tive curiosidade fumar, mas tinha muito medo, né meu? Sempre tive uma baita demonização em casa. (em casa, a família falava que usar as substâncias era ruim, mas revela que sempre teve curiosidade. Tendo a curiosidade, os amigos ajudaram a desmistificar algumas informações a respeito da cannabis, fazendo com o mesmo começasse a utilizar)</p> <p>Para começar, com a minha família, as primeiras vezes que eu estava usando com certa regularidade foi tratado como um problema. Meu pai é um cara mais conservador, no começo foi bem complicado, não teve aceitação. Eu tava no colégio ainda, indo até um pouco mal nas matérias e aí começaram a pegar muito no meu pé, e eu falei assim "ah eu vou passar de ano, vou me formar, fumando</p>	<p>[...] Quando eu morava em Porto Alegre, morava na frente de uma praça e me criei com os caras fumando, gostava do cheiro da maconha e tals, mas tinha medo dos caras: "Bah, maconheiro!". Mais por causa da demonização do sensocomum mesmo [...] (o mesossistema traz um contexto de utilização de cannabis, revela que no seu desenvolvimento humano o uso de cannabis sempre foi visto)</p> <p>[...]o cara que começa a fumar maconha aqui na cidade, passa por um estágio, geralmente tu não vai começar a fumar em casa, tu vai fumar na rua, vai fumar pelo centro, vai fumar na beira do rio, são lugares que tu é bem visado. Então tu já cresce com aquele estigma em torno de ti, mesmo com as pessoas que não te conhecem. Sabem que "aquele ali" é maconheiro e tal. PESSOA (inicialmente se começa o uso em espaços públicos, espaços que favorecem a visibilidade. Por ser uma cidade pequena, as pessoas se conhecem, e isso faz com que se desenvolva o estigma entorno do usuário)</p> <p>[...] Depois que eu fiz dread então, fiquei mais estigmatizado ainda. Mas eu já ouvi por tabela, comentários maldosos em relação ao</p>	<p>Tem que ter cuidado, pois corre o risco de toda aquela exposição com a polícia desnecessária, de tu acabar te envolvendo com a lei por causa de um cigarro de maconha, então prefiro fumar em casa, tranquilo. (devido a lei brasileira, a casa do usuário é o espaço mais seguro para se fazer o uso)</p>	<p>[...] a gente consegue estabelecer melhor as diferenças através das variedades de maconha, com a maconha legalizada no Uruguai, daí tu acaba sabendo melhor a procedência. Então tu sabe o que determinada maconha tu vai fumar vai te dar tal coisa, tu vai ficar mais para cima, ou tu vai fumar uma que tu vai ficar mais relaxado. Então tu consegue entender o que de diferente vai acontecer no teu corpo, tu não vai sentir a mesma coisa se tu fumar maconha de espécies diferentes. Então basicamente eu consigo identificar os efeitos e sentir os efeitos e sentir prazer com eles. (com a regularização do Uy, as pessoas na fronteira tem acesso a diferentes espécies da planta, que de acordo com a utilizada, pode se ter determinado efeito – mais agitado – mais relaxado...)</p> <p>[...] por ser fronteira acredito que a cidade influencia no meu uso, porque a questão da maconha no Uruguai é uma discussão que vem anteriormente eu vir morar na fronteira. Então o consumo de maconha no uruguai há 10 anos era proibido mas já era seminaturalizado, não era condenado, como é condenado no Brasil atualmente. Então talvez tu enxergando certa permissividade do outro lado, tu te sente mais motivado para fumar.</p>

		<p>maconha e não quero saber. É uma questão de aceitação, hoje eu fumo no meu quarto de boas, respeito o espaço dos meus pais, não vou fumar na frente deles mas, se eu tiver que fumar em casa, eu fumo. Foi uma coisa gradual. Tanto que eu consegui mostrar para eles, através do meu trabalho de pesquisa da faculdade, que a maconha pode ser levada a sério na minha vida. O argumento que eu uso é que meu irmão faz dinheiro com cerveja artesanal, porque eu não posso ganhar dinheiro com maconha? Porque eu não posso ser bem sucedido com maconha? Porque é um bagulho que me deixa feliz, não tem ninguém que vai me tirar isso, sabe? É tipo assim, tu não gosta de viver feliz? Então, se não ta me fazendo mal e ta me fazendo feliz, vamos seguir essa linha.(inicialmente a família tratou como um problema, ainda mais quando começou a ir mal na escola. Buscando aceitação, se esforçou para alcançar os objetivos traçados pelos pais, fazendo o que gostava que era o uso. O diálogo a respeito do tema, também ajudou na relação familiar, pois hoje a pessoa consegue fazer o uso em casa, seguro, respeitando a família)</p> <p>[...] Eu adquiero sempre por via de um amigo meu que vende, mas é tipo, o que os caras chamam de pequeno tráfico, não é aquele tráfico de boca de fumo, é aquele tráfico de apartamento. Mas ao mesmo tempo eu sei que aquele tijolo prensado veio, de alguma forma, passou por alguma organização criminosa. Então, quando é prensado é dessa maneira, com esse meu amigo que faz a função [...](para adquirir recorre aos amigos que conseguem o prensado. Tem consciência de toda a cadeia ilegal está envolvida o processamento da substância)</p> <p>[...] Na maioria das vezes eu uso sozinho. Uso em casa. Prefiro</p>	<p>consumo de maconha, pessoas que foram para frente do meu serviço e ficaram cuidando da minha vida, sabe? E uma vez a minha namorada ficou dentro do carro e eu desci, e as pessoas que estavam no carro do lado, fizeram comentários que ela não gostou. Então esse tipo de coisa rola. Em abordagem policial, nunca senti diferença [...] PESSOA(ter características físicas de "usuário de cannabis" faz com que o estigma aconteça até em espaços de trabalho)</p> <p>O PROERJ era um programa da brigada militar que os caras te faziam uma lavagem cerebral no colégio, comigo não colou, mas para muita gente cola, né? E ao meu ver, isso influencia de uma maneira até negativa no combate ao uso de drogas, porque tu acaba tendo uma esfera de curiosidade em torno da droga, cria vários mitos. Então de maneira geral, essas campanhas anti-drogas, na maneira que são feitas, mais estimula o consumo da droga, seja qualquer droga: maconha, cocaína, crack; do que propriamente inibir. (crítica a respeito dos modelos atuais de ação para prevenção do uso de drogas. Refere que acontece, inclusive, efeito rebote nos adolescentes, pois aguça mais a curiosidade)</p> <p>[...] o pessoal usa de qualquer jeito, independente da ação policial. Maconha, crack, cocaína tão aí, as pessoas vão usar sempre. Eu acho que o que pode influenciar, é assim ó, às vezes a polícia está mais em cima para algumas coisas, mas de maneira geral os caras não são muito rígidos. Se tu tiver fumando baseado na rua e eles passarem por ti, eles vão te atracar, mas o trabalho de investigação mesmo, com relação a polícia federal e civil, acaba colocando usuário e traficante numa mesma situação, sabe? Eu vejo um trabalho muito confuso, em relação as policias daqui, em relação ao trabalho no combate de drogas.</p>	<p>Porque na realidade o que acontece no uso das drogas de maneira geral? Tu segue exemplos, se tu ver exemplos de pessoas que estão prosperando na vida e usando drogas, tu não vai achar motivos para não ser como aquela pessoa, usando aquela droga. Então eu vejo isso em relação ao uruguai, se está rolando ali porque não, aqui [...] (Estar próximo de um lugar que permite o uso de cannabis, pode influenciar para que o uso aconteça)</p> <p>[...] Ainda assim, quando tu atravessa a fronteira para usar lá, tu fica com certo receio, pois tu vens de um país que é proibido, tu não sabe como tu vais ser tratado pelos policiais de lá. Aqui, como te falei, geralmente tu começa a fumar na rua, tu te colocando numa situação de exposição, às vezes parece que quando tu atravessa para o outro lado, parece que sai um peso da tua cabeça. Tu pode acender um baseado, andar tranqüilo, que ninguém vai... Quanto mais tu avança na fronteira, adentrando o uruguai, mais tranqüilidade tu vai sentindo, tu entendeu? Tu tenta te sentir naquela esfera legalizada, mas é difícil tu te desprender do proibido, de onde tu vens, tu não tens como tu te desenraizar tão facilmente. ( atravessa a fronteira para se sentir mais seguro em relação ao uso, mas que mesmo atravessando a fronteira, apesar de se despreocupar com a p.m um pouco, se sente pressionado, pois é acostumado a fazer o uso nas condições de proibição)</p> <p>[...] E quando é a flor, eu vou no Uruguai para pegar [...]</p> <p>[...] Melhorou a qualidade do fumo, mas ao mesmo tempo, o acesso não é tão fácil pois é caro. Então o regime de uso segue o mesmo, eu tenho acesso a uma planta melhor, mas o preço não me possibilita que eu possa estar acessando ela sempre. É o dobro do valor daqui do Brasil, se tu tiver sorte, se não é</p>
--	--	---	--	---

		<p>não me expor para fumar ou saio de carro para fumar [...]porque eu já sou tri estigmatizado por ter dread e ter me exposto durante a minha adolescência. É uma cidade tri pequena e eu trabalho no centro, trabalho com o público, e às vezes o cara tem que dar uma segurada, se controlar um pouquinho (prefere usar em casa pois se sente mais seguro)</p>	<p>(refere que mesmo com a ação policial não há influencia no seu uso, pois se usará independente disso. Revela que por estar usando maconha na rua, você pode ser abordado pela polícia. Revela também que tem dificuldades de compreender o trabalho da polícia na guerra as drogas)</p> <p>[...] A situação mais complicada foi quando um amigo meu, ele fazia parte da rede de tráfico porque a tia dele vendia, mas ele que conseguia para a tia dele vender. E um dia eu fui pegar com ele, e ele passou na minha casa e a gente saiu. Tipo, era só ele me largar a maconha, mas por algum motivo, eu entrei no carro com ele e a gente saiu. E uma quadra depois a gente foi abordado pela polícia. Era a inteligência da PM, era operação, e por sorte eu consegui jogar fora a maconha. Foi uma situação bem complicada [...]</p>		<p>até mais[...] (estar na fronteira permite acesso a melhor qualidade da planta cannabis)</p>
6	<p>- 57 anos - branco - 3º completo - trabalha</p>	<p>Ah dificilmente se fuma um baseado sozinho né, geralmente tem parceria [...] Ah porque a gente bate papo, né? A gente conversa [...] É, o cara na verdade nem pensa o porquê. O cara fala "vamo fumar?" e fuma um baseado. Nem pensa. (prefere usar com os amigos para conversar, trocar uma ideia)</p>		<p>[...] dá um baratinho, não é grandes coisas, não é que vai sair do ar, "ah sai do ar, tive um teto", isso ai não, uma porque acredito que haja algum tipo de mistura nas Cannabis que os caras, os traficantes vendem por ai, né? [...] ( em virtude da proibição, existe atribuição a cannabis vendida pelos traficantes e esse atributos modificam os efeitos desejados)</p> <p>[...] isso foi uma coisa que sempre teve que se esconder, mas depois de adulto fumava em casa, não ia sair por ai fumando um baseado [...] (em virtude da proibição, sempre precisou fazer de modo escuso)</p> <p>[...] Não, até porque eu sempre fui muito discreto, nunca fui escancarado. Até hoje eu acho que, o cara ta passando e os caras fazem questão de mostrar que tão fechando um baseado, para que isso? Não precisa, talvez acham natural a coisa, mas, né? Tão dando dica, o brasileiro mesmo</p>	<p>[...] essa fase do Uruguai, eu como brasileiro ir fumar no Uruguai, não posso, turista não pode fumar maconha no Uruguai, o único que pode fumar maconha no Uruguai é o cidadão uruguaio, pra nós, na verdade, vai continuar sendo trafico internacional. Passou lá para pegar um baseado ferrou já era [...] (tem clareza que o Uruguai regulamentou para que cidadãos uruguaio façam o uso, para o brasileiro ainda continua sendo proibido)</p> <p>O Uruguai nunca foi fornecedor, né? passa a ser agora. Na verdade o que a gente sabe, que tradicionalmente a maconha vem do Paraguai, na verdade nunca fui no Paraguai pegar maconha, né? o cara sempre pega por aí. (Revela que o grande fornecedor para o tráfico de drogas brasileiro é o Paraguai)</p> <p>Olha tchê, lá no Uruguai tu sabes que continua sendo ilegal, turista fumou está ferrado. E o melhor, quem for lá, melhor que não fume, porque já tem o bafômetro pra detectar a maconha, né?. Então a</p>



				<p>acha que está na boa porque os cara estão fumando e podem entrar numa encrenca [...] (Por ser proibido, acredita que todos os usuários deveriam fazer o uso de modo escuso, não se expondo, como vê atualmente)</p> <p>[...] na volta da faculdade tu vê os caras fumando normalmente, não fumam no interior da faculdade, isso ai nunca vi, mas na rua... deveria até a faculdade proporcionar um lugar para o pessoal não arriscar o pêlo, né? tomar um ataque aí, o cara é estudante, está fazendo tcc, toma um ataque ai da brigada, da polícia civil ou da federal, vai preso, acabou a vida do cara por um baseado, até o constrangimento, né? O cara sendo pego fumando um baseado tem que responder a um processo, uma transação penal na frente do juiz na frente do promotor, gastando dinheiro, tempo que estaria estudando tem que estar prestando serviço comunitário. Entendes? É um absurdo, gasta com advogado, porque tem que gastar, o advogado não vai lá de graça. E o governo gasta também, né? (O usuário no brasil, está sujeito a manchar a sua vida, pelo uso de um cigarro de cannabis)</p>	<p>ponte é um funil, né? É melhor não usar. [...] (o governo uruguaio, já possui instrumentos para detectar o uso de cannabis, então brasileiros que vão para lá usar, estão correndo determinados riscos de se colocar na ilegalidade também do outro lado da ponte)</p> <p>[...] o cidadão uruguaio pode cultivar, isso ai vai deixar de fomentar roubo, assassinato, as bocas de fumo vão praticamente acabar né, com exceção das que quiserem traficar para fora do país, mas dentro do país, ali, acho que é tranquilo. O Uruguai só tem a ganhar com isso. Mais uma vez o Uruguai saiu na frente, né? [...] Já o Brasil é um atraso, né? Não só em relação nas políticas de drogas, mas em todos, o Brasil é um atraso. (Paralelo entre as duas perspectivas)</p> <p>[...]Eu acho que está muito demorado isso no Uruguai, né? De ter a disposição do consumidor, né? Até porque eu acho que a identificação das pessoas, tem que fazer um cadastro pra ter direito a fazer a aquisição, eu acho, que isso daí que está inibindo um pouco o processo, mas é um processo válido. Eu acho que os países tem que caminhar pra isso aí? Vai sair muito mais barato que ficar construindo presídios, misturando gente boa que só saiu pra ir na bocada pegar um, com o marginal [...]</p> <p>[...] Acho que não tem nem produção. Com isso ai liberaram o uso, mas não tão vendendo, mas se tu não tem a planta em casa e não pertence a um clube? Aí tem q ir na bocada igual, né? [...] (Refere acima que existe um receio das pessoas em se cadastrar no ircaa, e que se vc não é cadastrado, vc continua utilizando o tráfico de drogas – crítica à política uruguaia)</p>
7	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Homem</li> <li>- 52 anos</li> <li>- Branco</li> <li>- Viúvo</li> <li>- Trabalha</li> <li>- Terceiro grau completo</li> <li>- dupla nacionalidade</li> </ul>			<p>[...] a maconha do Brasil vêm de todo o paraguai, tu vê que em um tijolinho desses, às vezes tu parte ele, e vem pedaços de tijolos,</p>	<p>[...] eu consigo a maconha no Uruguai. Porque acho que essa é uma das vantagens de liberar a maconha em um país é a questão da qualidade. Aqui no</p>

				<p>palitos e coisinhas, aí já estas vendo que vem mistura. Coisas que no Uruguai não vem, porque não fazem assim os camarão [...] (por não ter controle de qualidade no Brasil se mistura a maconha com atributos que nem pode ser consumido)</p> <p>No Brasil tu não pode por um cigarro na boca que tu cai preso com gente que foi presa por 1 kg, 10 kg ou 50kg. Tens que ter pelo menos um mínimo, porque cada um tem... a vida é um filtro, então eu acho que tem que ter direito de ter 3,4 ou 5 cigarros, então sim podem te dizer algo ou te enquadrar. E penso que o tabaco e o álcool fazem mais mal do que a maconha. E as drogas fazem mal porque são potencializadas com álcool, porque se fossem consumidas tranquilamente sozinhas, penso que não fariam nada, te fariam, mas muito pouco. (fala sobre o mínimo de volume de maconha diferenciar tráfico de usuário, como também faz uma crítica, a respeito do critérios de classificação nacional para tornar a maconha ilegal, já que o álcool e o tabaco fazem tanto mal quanto a maconha)</p>	<p>Brasil, a gente está consumindo uma maconha de má qualidade, uma coisa que é prensada. Diferente do Uruguai que se tem a oportunidade de consumir uma coisa que praticamente sai da planta [...] (traça um paralelo da proibição e regularização em relação a qualidade da planta)</p> <p>[...] Sei que o governo vai plantar e vai ter monitoramento, vai plantar e vai pôr à venda para cada cidadão uruguaio: 40 gr, não se sabe se vai ser em farmácia ou em outro local, ainda estão em dúvida. Agora uma casualidade, cheguei em Maldonado, vou na casa de uma amiga e ela me diz olha aqui ao lado abriram o primeiro clube de cannabis do Uruguai, tem clubes que tu plantas dentro do clube, tu consome dentro do clube, e te associas ao clube. Ou se não tens direito a dez plantas, acho que são 10 no teu pátio ou na tua casa e podes consumir da tua, da tua própria planta claro, assim isso por cima a grosso modo [...] (acompanhamento das transformações advindas da nova lei do Uruguai)</p> <p>[...] também que as sementes são todas diferentes, né? Tem muito material sobre isso no Uruguai, sobre a Cannabis. [...] Formas de como vou te explicar, a morruca que chamam, de formatos diferentes e de teor de thc diferentes [...] (com a regulamentação, foi possibilitado estudos aprofundados sobre os tipos de espécies da cannabis)</p> <p>[...] penso que não vai comprar uma semente de 300 dólares cada, me entendes um lote, penso que vai ser algo mais barato, acessível, não sei também como vai funcionar isso aí. E se tu aumenta o preço muda também um pouco a lógica da coisa, né? Porque a lógica é diminuir o tráfico, se vendem uma Cannabis cara as pessoas vão continuar traficando a barata... [...] (reflexão sobre colocar a venda de sementes com preços acessíveis, pois caso contrário, o tráfico não vai acabar)</p>
--	--	--	--	---	--

					<p>[...] tens possibilidade de plantar em teu pátio, qual é o mistério de plantar. Se não vais compra, consumes teus 40 que tas cadastrado com tua identidade e levas. [...] (problematiza que se for muito cara as sementes, a pessoa temo direito de consumir 40 gramas todo o mês, ou seja tem alternativas para não comprar do traficante)</p>
8	<p>- Homem - 52 anos - Médico - Branco - Casado</p>	<p>[...] Eu consigo a maconha aqui na cidade, através de uma pessoa de minha confiança, sempre o mesmo, um parente, que durante muitos anos foi só através dele [...] (um familiar que consegue a substância ilícita, não vai até o tráfico de drogas)</p> <p>[...] se eu vou me comparar com o pessoal que eu usava na adolescência, poucos se formaram, mas o que se formaram são engenheiros, médicos, psiquiatras. A gente mantém contato até hoje, todos estão muito bem [...]</p> <p>[...] Eu tenho dois com 27, um com 23, uma com 17 e uma agora com 8 semanas de gestação (na barriga da mãe). Na minha formação, eu sempre preferi que eles fumassem em casa, eles fumam, né? Eu acredito que a minha postura tenha favorecido eles a fumar, e um deles se questiona e quer parar, e eu dou a maior força para ele parar, quero mais que ele pare mesmo. Mas eu sempre procurei dizer para eles, e mostrei para eles o outro lado: que não era uma coisa adequada, que a gente tem idade ideal para não usar, mas depois cada um faz o que quer da sua vida. Um deles demorou muito, né? E agora ta usando mais. Mas durante muitos anos não usou, o de 27 anos. Não sei porque, que nos últimos 2 anos começou a usar mais seguido, não sei porque, está trabalhando bem. Uma questão de gosto, talvez, não sei te dizer. Mas eu sempre disse para eles, que se for para fumar que fume</p>	<p>[...] A maconha, eu relaciono ao ócio, pois às vezes eu me sinto um cara muito vagabundo, e aí eu paro para pensar: "perai cara, eu trabalho 24 horas por dia todos os dias, eu não paro nunca", então vagabundo eu sei que eu não sou, mas me sinto. Porque? Porque quando eu chego em casa de tardezinha e fumo um eu relaxo e me sinto no ócio, entendesse? Mas foi sempre esse o motivo pelo qual eu usei, Para chegar e sentir que terminou, agora eu posso relaxar, usar. Como eu quase nunca relaxo de verdade, eu acabo relaxando quando eu fumo [...] (devido a alta carga horária de trabalho, não tem um momento do dia em que sinta prazer, então a maconha é utilizada para substituir essa falta)</p>	<p>[...] Os prensados são os comuns, atualmente com a plantação caseira, a gente encontra coisas que não são prensadas. Mas a regra, sempre foi a maconha prensada, que é a maconha que vem de fora, do paraguai, né? Mas aqui em jaguarão eu nunca comprei, nunca fui a traficante, nunca fui a lugar nenhum [...]</p> <p>[...] Acho que ali é uma questão natural, tudo é uma questão de comportamento, não tem como regrar comportamento humano, não tem como policial comportamento humano. Querem proibir o uso de qualquer droga, proibir a prática do homossexualismo, querer proibir a prática da prostituição, são coisas impossíveis de acontecer e é uma demonstração de burrice, pois se cria problemas onde não existe, quando se reprimir o comportamento. Porque se tu reprimi, tu transforma em caso de polícia, aí são obrigados a prender, a julgar. Como se prendia gente por homossexualismo, na Inglaterra, até 1950, e periga ser ainda proibido em alguns lugares [...].Então, na minha opinião, é tudo uma questão de tempo para o ser humano começar a aceitar, porque essa é a tendência da civilização: convivência, cooperação. E para isso, a gente precisa aceitar que cada um é diferente, um do outro, os gostos são</p>	<p>[...] Teve uma época que não tinha maconha, tu conseguia uma porcaria no Uruguai e eu fiquei 1 mês e meio sem fumar, porque aquilo ali do uruguai eu me recusava a usar, um troço que nem tinha maconha, talvez só no nome [...] (na época que ainda não era legalizada a planta) (qualidade da substância)</p>

		em casa [...]		<p>diferentes. Assim como carne gorda faz mal e ninguém vai preso por comer, eu aceito que maconha faça mal, nunca vou fazer apologia a maconha, pode fazer bem para mim especificamente e bem para algumas pessoas, mas se alguém quiser usar recreativamente, cada um faz o que quiser da sua vida.</p> <p>(crítica à política brasileira – discutir direitos humano e autonomia do indivíduo em saber o que é melhor e pior para si)</p> <p>[...] Uma pena que a lei ainda não valha para nós, que não pode plantar ainda, é uma pena. O problema não é nem a maconha prensada, mas o risco da polícia, ter que se envolver com a polícia, sem ser bandido, isso é o pior de tudo em relação a maconha. Pois de repente tu te expõe a um evento policial, sem tu ser bandido [...]</p> <p>[...] as pessoas por motivo de mídia, principalmente, relacionam uso de maconha com violência. Como se a pessoa, ao fumar um baseado, se transformasse num bandido insarrecido, e as pessoas que não tem a informação verdadeira, realmente relacionam. E aí vem pessoas do meio médico dizendo "ah, a maconha não pode ser liberada, maconha dá esquizofrenia", isso é uma mentira, manipulação de informação, a maconha pode ocasionar crise psicótica, em pacientes que já tem pré-disposição a doença, nas outras pessoas a maconha não causa nenhum problema deste tipo. A única reação que acontece com maconha e que afasta as pessoas da maconha, é a reação paranoide, às vezes as pessoas param de fumar, pois se sentem mal fumando. Tem a reação e se afastam da substância, naturalmente [...]</p>	
--	--	---------------	--	--	--

				<p>[...] não vem querer relacionar maconha com o aumento de criminalidade... só existe uma maneira: através do tráfico, não existe outra maneira de relacionar a maconha com o aumento de criminalidade. E esse aumento vem da proibição e não do uso [...]</p> <p>[...] Eu acho que tem que haver a descriminalização do uso de qualquer droga, uso de droga nunca pode ser caso de polícia, de nenhuma droga. Como deverá ser feito para punir traficante, sinceramente eu não sei. Eu sou a favor da legalização do uso de tudo o que é droga, não tem outro jeito, é a mesma coisa que o aborto, eu sou contra o aborto, mas eu não vejo outra solução, a não ser descriminalizá-lo, mas eu sou contra. Eu não sou contra o uso da maconha, mas sou contra o uso do crack, da cocaína, até porque o uso da cocaína, já usei, na minha adolescência e depois também e sei que é uma porcaria, não serve para nada. E tem gente que gosta e gosta de usar todos os dias e eu respeito, porque cada um é cada um, eu não posso fazer nada. Agora, esse cara que gosta, e usa todos os dias, ele tem que ser preso por causa disso? Eu acho que não, eu acho que é da vida dele, quer usar? Usa! Se envolveu em acidente de trânsito e está sob efeito da droga? Paga pelo seu crime. Isso é um agravante, considera-se um agravante, simples! Agora, o cara bebe e mata no trânsito e não acontece nada. E o cara é solto, bebe e mata de novo e não acontece nada, como assim? Eu não entendo. Com droga relacionada a criminalidade, o álcool não tem comparação, juntou um monte de gente sob efeito do álcool: é briga. Colocou um monte de gente usando maconha: é paz e</p>
--	--	--	--	--

				<p>amor. É tão simples tu ver a diferença! Coloca um monte de gente bebendo vai ter briga, coloca um monte de maconheiro não vai ter briga. Porque na cadeia, eles deixam entrar maconha e não deixam entrar crack? Porque preso sem maconha incomoda, preso com maconha não incomoda, fica lá sentado no canto dele chapado e deu. Agora os caras ficam usando outras drogas, daí dá um monte de problema na cadeia [...] (crítica ao modelo proibicionista, classificação de drogas, e crimes advindos do efeito de álcool).</p>	
9	<p>-Mulher - Branca - 18 anos - Divorciada - Ensino médio - Secretaria de estúdio de tatuagem</p>	<p>[...] Minha mãe, por exemplo tem muito preconceito, uma vez ela achou um cigarro de maconha na frente de casa, daí ela me ligou desesperada. Ela não sabe, né? Mas se ela descobrisse, acho que me corria de dentro de casa, ou me internava [...]</p>	<p>[...] Eu ia para o colégio e conheci o "matar aula", daí eu comecei a matar aula para ir para pista de skate e ali eu acabei fumando [...]</p> <p>[...] Consigo a maconha com os traficantes mesmo, são as pessoas que vendem, no lado brasileiro.</p>		
10	<p>- Homem - Branco - 22 anos - Estudante - Ensino superior incompleto</p>	<p>[...] É, por meio dos amigos em si entendeu? Cada vez a gente vai achando, conforme a gente vai entrando nesse mundo a gente vai achando cada vez mais gente que consegue, a gente vai chegando mais perto da fonte né? E vai ficando um pouquinho mais barato e tudo mais, enfim. Mas foi assim, por amigo em si entendeu? E também bastante pela internet também [...] -Acho que alguns pegam do Uruguai, vários eu já vi já pegar que vinham do Uruguai direto pra fumar, quando eu tava por exemplo na beira lá do rio e tavala e eles chegavam la direto do Uruguai la sentar e fumar. [...]</p> <p>(consegue a substância através de amigos e acha que os amigos conseguem no uruguai)</p> <p>[...] não me sinto a vontade indo na boca entendeu?me mostrando demais entendeu? Não por seguro porque ir é de boa, as vezes, eu acho que até já fui uma vez com um amigo meu,</p>	<p>[...] Já fui abordado pela polícia umas duas vezes. A primeira vez eu tava na beira do rio com um amigo né, eu e ele tava fumando um beck e eu acho que era umas duas horas da manhã, a gente tava bem na beira lá, só tava a gente, ai quando vê a policia passa bem na rua, rente a beira, e dobra rápido e vem em direção a gente entendeu? Ai a gente pega, joga o beck pro chão longe assim e eles chegam e falam "coloca a mão na cabeça" ai a gente pegou e botou a mão na cabeça e ele começou a fazer um monte pergunta, "vocês tavam fumando?" não sei o que" e a gente "não" e ai eles perguntaram, ai eles acharam, começaram a procurar com a lanterinha e como a gente não tinha colocado fora na água eles acharam no chão entendeu? Ai falaram se isso era nosso e onde a gente tinha pego, ai perguntavam pro meu amigo se eu era a mão dele entendeu? Ai ele tinha falado que tinha pegado no Uruguai né? E ai eles pegaram o beck só e tipo abriram o beck e depois colocaram</p>	<p>[...] é bom a pessoa ta querendo fumar aquilo e ela sabe o que ta fumando entendeu?. Tu quer fumar maconha porque quer te deixar eufórico e tipo pensativo, tu tem maconha pra te deixar assim entendeu? Ai tu quer fumar uma pra ficar sonolento e dormir, tu vai fumar aquela pra ficar sonolento entendeu? Mas essa aqui tipo, mistura no meio um monte de coisa, um monte de coisa orgânica, tem uns cheiros muito estranhos, tipo, ta ligado, muito ruim. [ se a cannabis fosse legalizada, considera que poderia se ter variadas espécies e efeitos para se escolher, mas que como é proibido a qualidade das disponíveis são ruins]</p>	<p>[...] Porque aqui não tava com uma qualidade muito boa, latava vindo melhor. Não sei, acho que tava mais fácil o acesso por causa desse negocio da liberação, da regulamentação, não sei se é uma legalização ou regulamentação que foi La [...] (amigos pegam no uy pois a qualidade é melhor e o acesso é mais fácil)</p>

		<p>mas não cheguei a pedir entendeu, só fui com ele la de moto assim ai ele desceu e entrou e eu depois fui embora com ele mas nem entrei na boca. Lá no Uruguai foi.(os amigos conseguem a SPA)</p>	<p>fora, geralmente é o que eles fazem. Algumas pessoas falam que eles pegam pra fumar mas eu não creio que eles fazem isso, pegam mais pra sacanear mesmo, porque nem levam a gente. [...]tipo ficam ameaçando assim, os magrão até pareciam que tavam cheirado ate, porque tavam com os olho estalado, parecia que tinha usado alguma coisa, assim um baixinho assim que era mais, assim com uma carinha de louco assim, um baixinho, o outro tava de boa [...] PM</p> <p>[...] Outra vez eu tava sempre com uns amigos, também acho que era umas duas três horas da manha, era aniversário de um amigo, nós vinha pela 27, era aniversário de um amigo nosso, a gente tava indo pela 27 e eles achacaram a gente ali na esquina da helida, ali no largo ali, eram umas dez pessoa, ai eles falaram pra colocar todo mundo na parede, e tipo, várias pessoas ali que tinha beck, ai começou a voar beck pra tudo que é lado assim, ai eles começaram a achar os beck no chão e eu tinha ficado com uma marica na mão, que era de um amigo meu, eu tava viajando ali, nem joguei a marica fora, ai eles olharam ali, e eu fiquei com a marica na mão e a mão na parede, ai eles começaram a revistar, tinha até um amigo nosso que o magrão tinha uma richa, um envolvimento que teve com a mulher dele ta ligado? Do policial né? A mulher dele tinha um envolvimento com esse meu amigo e ai ele pegou e nem quis revistar ele ta ligado? Só dispensou ele ta ligado? Porque ele sabia, o nome dele já é conhecido aqui ta ligado? De uma familia rica e tudo mais, só dispensou ele, mandou ele embora, ai ficou revistando a gente ne? E queria que a gente falasse de quem era os beck entendeu, e ai ele pegou e me viu com a marica e "tá, esse aqui é um dos voluntários que vai levar a culpa" ele falou assim pra mim, ai ele pegou outro magrão que o beck tinha caído do lado pé dele, que jogaram o beck e foi na</p>		
--	--	--	---	--	--

			<p>parede e o beckficou do lado do pé dele, e ele disse outro voluntario pra ti pegar, que vai ir também. Ai chamaram uma, não me lembro, sei que chamaram um carro pra vir nos pegar ta ligado? Pra botar pressão em cima de gente pra gente falar quem é que tava com os beck entendeu? Ai a gente falou que não sabia de quem era porque tipo, tavavarias turmas ali, era aniversário de um amigo nosso mas era varias turmas, tinha umas três turmas ali, e tipo, eu não ia falar ta ligado? Por causa que eu não sou assim e eu não ia falar ta ligado? Eles iam me levar e eu não ia falar. Ai eu falei que não sabia e ai eles esperaram um tempo pra botar mais pressão em cima da gente, falaram que a gente ia ser preso e PA, e pelo outro ser menos eu que ia levar mais a culpa, botaram mais pressão em cima de mim, ai inventei, tipo, eu disse uma história la que era aniversário de um amigo, essa mesma história, que era aniversário do meu amigo tinha varias turmas diferente e eu não sabia de qual era o beck, de quem era o beck entendeu? E ai eles acreditaram assim e ai cancelaram parece esse carro que tava vindo nos buscar pra, e ai mandaram a gente embora, foi essas duas vez que achacaram a gente, me achacaram na real. (PM)</p> <p>(DIFERENTES ABORDAGENS PARA DIFERENTES CAMADAS SOCIAIS)</p> <p>[...] O problema é comprar de traficante e tu não saber o que vem dentro entendeu? Tu ta comprando por um objetivo e tu ta recebendo outro entendeu? Por isso que é o ruim (O PROBLEMA DO TRÁFICO DE DROGAS)</p> <p>[...] na faculdade, eu tava usando a maconha e tava me atrasando, tava me deixando lento, não tava conseguindo absorver como eu deveria absorver entendeu? (o uso prejudicando no desempenho na faculdade)</p>	
--	--	--	--	--



11	<p>- 24 años -Blanco -Soltero -Vendedor- -No termine secundaria -doble chapa</p>	<p>Pero en la cuestión social, por ejemplo socializasmas con tus amigos, pq hay gente que dice tipo, viste el mate, para socializar te sentas en rueda y tomas mate... Es mejor, la idea es fumar con mas gente nó, pero si estoy solo y aburrido, me fumo uno, hago cualquier cosa y me entretengo (prefere usar em grupo para socializar).</p>	<p>Por el tema... en Brasil, si vas a Brasil tenes que tener cuidado no, pero en uruguay no. [...] ( revela que precisa ter cuidado com a policia e no uruguainão)</p>	<p>[...] Ah si, adonde vas a comprar venden otras cosas no? Yo hace años que no voy mas a boca, de guri iba, ahora me traen. Pero si cuando iba, había otras gentes con substancias masagresivas. [...] (sobre o tráfico de drogas... Refere que nãoovaimais, trazem para ele)</p> <p>[...] Te incentiva si, pq pasa esto, vos vas y el día que no hay marihuana, te ofrecen otras cosas y terminas agarrando otras cosas, cuando sosguri y no tenes mucha cabeza terminas probando otras cosas. (revela que como o tráfico temoutrascoisas, você está sujeito a experimntar outrascoisas. Aindam, aisquando se é adolescente, mais joven)</p> <p>En Brasil te tratan como que sostadron, como que sos traficante, como que sos no se... [...] (como se percebe no brasil)</p>	<p>[...] No planta no, tenes que comprar. Te la traen. Compró en uruguay.</p> <p>[...] Se que se puede plantar hasta no secuantas ahí, se puede fumar, y se puede andar con hasta 40 gramos creo q es lo permitido. (conhecimento sobre a leiuruguaia)</p> <p>No se ve mucho cambio no, lo que se ve es que esta apareciendo mas cogoyo, se esta plantando mas y se esta fumando mas natural, no el prensado el que te venden porquería, hoy en dia hay mucho mas cantidad, hace menos mal [...] (Percebe que com a nova lei, a qualidade da maconhamelhorou)</p> <p>[...] por el tema este nocambio nada, brasileiros siguen viniendo a comprar em boca, pero no tienen acceso a la planta creo, me parece que no[...] (acredita que para brasileiros nãomudou nada a lei do uruguai, pois os mesmosnãopodem ter acesso a planta)</p> <p>[...] en Uruguay se encuentra, por un precio mas caro es un producto mas natural, te hace menos daño, vos a esa porquería tenes que fumarte uno entero, vos a un cogoyo le das dos pitadas y lo dejás. Tiene masthc no... [...]</p>
12	<p>-Homem -Branco -22 anos -Solteiro -e. médio -incompleto -Padéiro</p>	<p>[...] O início de todos é o álcool, comecei a beber com 15-16 anos por aí... Há um tempo atrás, com 13 anos, eu conheci a maconha, mas não tive contato com ela. Eu não era usuário. Só tinha conhecidos que usavam. Eram bem mais velhos do que eu. Da época do futebol. E os caras usavam cocaína, cola de sapateiro, alguns chás (de cogumelo, de fita). Aí fui usar a maconha com 18 anos, há 5 anos uso ela. Não foi em festa, amigos meus usavam, aí tive a curiosidade "vou experimentar", quero saber qual é a loucura que dizem da maconha [...] (mesmo o grupo de amigos fazendo o uso da substância, o usuário só experimentou quando decidiu que queria usar:</p>	<p>[...] Fumo no intervalo do serviço, pós meio dia, fumo meio beck, chego no serviço tranquilamente, com a cabeça "arejada", outra pessoa, renovado [...] (utiliza no intervalo do trabalho para relaxar e conseguir trabalhar o próximo turno mais tranquilo)</p> <p>Tenho um lugar para fumar, que é fora do serviço: saio do serviço, vou para casa almoçar rapidão, faço o que tem para fazer e vou para o meu "pico", que é na beira do rio. Chego lá, tenho entre 40-50 minutos, sento, coloco a minha garrafinha de água do meu lado, sento, cruza as minhas pernas, coloco os meus fones e acendo o meu beck. Ali o que eu faço? Cara, eu penso em tudo: nas minhas contas, nos meus problemas, como</p>	<p>[...] aqui na cidade, mais de 60% da população jovem consome maconha. Não tem quem não fume. Às vezes tu até te espanta, gente bem menor fumando, 15-16 anos [...]</p>	<p>[...] aqui no Uruguai, com a regulação de maconha, ficou mais fácil de conseguir maconha lá? Não, não ficou! [...] (conseguir a SPA no UY)</p> <p>[...] Eu sei que o Uruguai legalizou, que vão vender em farmácias para pessoas que realmente precisam, para curar insônia, depressão, falta de apetite e se as pessoas que não tem nenhum desses problemas, merecem ter acesso ao produto também? Pois eu não tenho nenhum problema que possa ser curado pela maconha (maconha é uma droga medicinal), mas se eu não tiver nenhum problema eu sou apto a usar ou não? Se eu vou no médico e ele diz, cara tu não tem nenhum problema, tu não precisa usar maconha. Mas se eu te dizer que se eu</p>

		<p>5 anos depois de ver os amigos utilizando a cannabis e outras drogas)</p> <p>[...] Para conseguir, vem de amigos, de amigos, de amigos... Eu não vou até o traficante [...]</p>	<p>eu vou resolver eles, entendeu? Saio dali limpo. A minha mente fica melhor, funciona melhor, trabalho melhor. PESSOA(usa no rio, provavelmente pela relação da natureza para relaxar, ali, naquele espaço, sob o efeito da cannabis, consegue refletir acerca dos problemas da vida)</p> <p>[...] Eu ia para uma festa, bebia, perdia o controle, eu chegava, entrava, ficava 1-2 horas e ia embora, ia embora de táxi, porque a bebia me destrua. Eu curti beber! Então quando eu bebia, eu bebia mesmo. Cara, eu não aproveitava nada, às vezes arranjava confusão, não me divertia. Daí eu comecei a fumar e diminui a bebida, diminui muito, não bebo em festa. Claro que eu tomo a minha cerveja, às vezes eu vou no centro, pego a minha cerveja e bebo. Mas em festas eu não bebo mais [...] Evito a bebida alcoólica, porque ela me muda. E a maconha bem pelo contrário</p> <p>[...]PESSOA(em espaços de socialização prefere usar cannabis a álcool, pois sob o efeito do álcool, não conseguia aproveitar a festa, entrava em conflito com as pessoas, passou então a diminuir o consumo de álcool e a usar mais cannabis em festa)</p> <p>[...] Era de madrugada, cidade deserta, saíram 20 pessoas de uma festa, 2 com garrafas de vinho na mão, e todo mundo com cigarro de maconha. A gente estava indo na beira do rio para fumar. Daí a viatura passou, viu aquele monte de gente andando junto, descendo para a beira do rio, era certo que eles pensaram "vão fumar, eles tem alguma coisa". Daí eles abordaram, fizeram o serviço deles normal. Não acharam nada com nós. Eles chegaram e tava tudo no chão: "não está comigo não é meu". Perdemos maconha, fazer o que? É ilegal no país, eles estavam fazendo o trabalho deles. Fizeram a abordagem normal, não acharam nada, começaram a perguntar "de quem é? De quem</p>	<p>usando ela, eu me sinto uma pessoa melhor, eu me sinto melhor, as pessoas nas quais eu convivo dizem que eu estou melhor depois que conheci a maconha. Tu acha que ela deve sair da minha vida ou não? Entendeu? Tem que pensar nisso também. O médico vai dizer que não precisa, mas é a opinião dele, é opinião profissional dele, mas agora, tem que ver qual é a minha opinião, como a minha cabeça funciona, e como eu me sinto relacionado a droga. [...] (reflexão sobre os conhecimentos que tem a respeito da regulação de cannabis do UY)</p> <p>[...] O que que eu percebi, que antes vamos supor, no lado brasileiro, da nossa idade, a gente ia para a cidade deles ali, curtir uma festa, por exemplo, não dava certo, porque eles falavam: tem brasileiro, vamos bater neles. Quando os uruguaios vinham para cá, acontecia a mesma coisa. Tinha uma rivalidade de um país com o outro. Depois que legalizaram a maconha, tem uma rodinha de castelhano, por exemplo, eu chego ali e falo: "alguém te seda?" Cara, tem 5 na roda, 4 vão puxar e vão ter seda. Eles já vão ver, "esse brasileiro fuma, é gente boal", ninguém vai querer confusão contigo, só por saberem que tu és um usuário também. Diminui muito essas "richas", diminui tudo, ficou um povo bem mais harmonioso aqui na fronteira, se respeitando mais [...] Eu já fui para lá e nunca aconteceu nada comigo, entendeu? Mas vários amigos foram, e os caras [uruguaios] estavam lá e disseram "são brasileiros, não queremos vocês aqui, vão embora" e se tivessem que te agredir, eles te agrediam para te mandar ir embora. Hoje em dia não, tu estás lá fumando, eles chegam, pedem isqueiro, nas festas, principalmente: "tem fogo?" "está aqui, ó!". Eles sabem que a gente vai lá para pegar "coisa" com eles, e às vezes eles vem para cá para conseguir as "coisas" com nós. Entendeu? Vira uma troca! Trocando, tu já conhece as pessoas,</p>
--	--	--	--	--

			<p>é? Tem maconha do lado do teu pé" e a gente disse, "não sei, eu só parei aqui, parei porque tu pediu para mim parar". Não tem como saber, se estava no chão. (Estratégias utilizadas para quando estão com maconha e são abordados pela polícia)</p>		<p>uma mão vai lavando a outra. (percebeu que depois da legalização do UY, a relação da população UY e BR que vive na fronteira de ambos os lados, se respeita mais) ( como também revela que conseguem trocar informações a respeito de como conseguir a substância, em ambos os países)</p> <p>[...] Isso deveria acontecer, tem que mudar, a planta cresce no meu quintal, cresce no lugar de qualquer um, num terreno baldio, não é um troço que é feito artificialmente pelo homem, é uma plantinha, deixa ela nascer, tu pode fazer várias coisas com ela, tu pode fazer um chá, se não quiseres fumar. Se tem problema de insônia, experimenta ela como chá, ta com falta de apetite, dá uns peguinhas, estás estressado, e queres bater boca com os pais, quer agredir alguém, sai na rua meu, vai em uma pracinha, veja se não tem criança por perto, acende o teu cigarro e fuma [...]Comparado a nossa com o uruguai, o uruguai parece que está evoluindo. Eles perceberam que não estavam conseguindo controlar. Então, pohl! Vamos evoluir. Com a maconha legalizada lá, eles vão ter um controle melhor, eles vão ter ganhos para o país deles. Porque o nosso não poderei pelo menos ver como eles estão trabalhando? A gente poderia analisar como está funcionando, esperar, e tentar implantar no nosso sistema. (como vê a nova lei do UY)</p> <p>[...] Se eu comprar lá, eu provavelmente vou fazer o uso lá, porque se tu trouxer para cá, é tráfico internacional de drogas, se te pegam em cima da ponte, tu já vai direto para um presídio. Se tu és usuário, tu não vai lá para comprar 1 kg de maconha, tu vai lá para comprar 2-3 cigarros, daí tu passa uma tarde lá para fumar os teus cigarros. Vai para a praia, fuma tranquilamente e volta para casa, curte a tua chapa e volta. Depois de fumar, tu passa na ponte e eles não vão poder te</p>
--	--	--	---	--	--

					tirar a tua chapa. É só não ter o cigarro. [...] ( como se organiza para comprar e utilizar a substância advinda do UY, sem se comprometer com as leis de ambos os países)
13	- 44 anos - Homem - Negro - Solteiro - Aposentado - 4 série	[...] Se tivesse alguém que me convidasse eu fumava em grupo, se tivesse sozinho eu fumava sozinho. Por exemplo, se eu tivesse passando e alguém dissesse "chega aí", eu chegava e fumava. Meus irmãos, todos fumam, só a guria que não, daí a gente se encontrava para fumar um baseado, daí cada um ia para a sua casa de novo [...]	[...] Eu já fiz tratamento de saúde pra parar de usar maconha, em um hospital daqui. Por um tempo consegui parar, depois regredi, voltei a usar. Comecei a fazer o meu tratamento em casa, pois achava que dava, mas o problema é que eu tenho um vício. [...] Agora sabe o que eu faço? Não saio mais de casa. Se eu tiver que sair saio com a minha esposa, com o meu filho, não saio mais sozinho. Se eu sei que ali tem um ponto, eu já faço a volta pelo outro lado, para não ter aquele desejo de chegar no lugar, ou pensar "ah! Só hoje", como eu fazia antes. Agora eu não quero mais! Inclusive esse cara chegou a me apontar uma arma e eu comecei a pensar que estava colocando a minha família em risco por causa disso, então chega! [...] (tratamento para o uso de maconha em hospital)  [...] Eu fui bem tratado pois era um médico assim, que acompanhou muito a minha família inteira. Daí eu não escondia dele nada. Daí eu dizia " ó doutor, eu estou com vontade de fumar!" e ele já me dava a dose de algum remédio eu ficava uns 45 dias para fazer a desintoxicação. Eu sempre fui bem tratado por ele e pela equipe: sem preconceito, como qualquer outra pessoa. [...] (revela como se sentiu nos serviços de saúde que fez tratamento de saúde, como também, revelou como foi o tratamento)	[...] Pra conseguir eu ia nas bocas aqui na cidade mesmo. [...]  [...] Eu acho que eles tinham que rever mais isso aí da maconha, eu sei que se eles legalizarem a maconha, vai aparecer outras drogas. A maconha só é droga porque é ilícita, não precisa pagar imposto, que a partir do momento que ela for legal vai se ter que pagar imposto, assim como o cigarro. E eu nunca vi ninguém com câncer de cérebro por causa da maconha, cigarro dá câncer, dá um monte de coisa e está liberado. Então eu acho que eles deveriam rever alguns pontos da política. EU sei que eu tenho filho, não sei como vai ser o amanhã, mas vai da cabeça de cada um, por exemplo, a minha não fuma não bebe, meu pai não fuma e não bebe, e eu fumo, bebo, então cada um sabe se quer ou não quer para si, que nem o cigarro [...] (reflexão sobre a lei brasileira)	[...] Eu sei que eu não vou lá, só sei isso. Eu acredito que se legaliza-se a maconha, iria se enfraquecer muito quem ganha dinheiro com isso. Então eu acho que o que o uruguai fez, na minha cabeça, é o correto. Enfraqueceu muita gente lá. É por aí o negócio! [...] (pensamento sobre a nova lei do Uruguai)
14		[...] A maconha eu comecei a usar porque onde eu morava, os meus amigos, usavam. Quase todos usavam. Mas o meu primeiro contato foi com a bebida. Na minha família todos bebiam socialmente. [...]	[...] Nunca tive problema com traficante e polícia. Eu tenho problema com a bebida, me trata aqui no caps. [...]	[...] A partir do momento que você sai de casa para ir atrás da maconha você já está passando por situação de medo, você entendeu? O problema é quando você volta da bocada com a maconha, ou quando você está saindo de lá. Você pode estar saindo de lá com qualquer	Não sei muito sobre o Uruguai. Sei que eles regulamentaram, mas não pode comprar lá.

				coisa, para eles, não tem diferença, tanto a maconha, como o crack, para eles é a mesma coisa, olha só que absurdo! [...] (nuances da lei brasileira o usuário e o medo que sente quando sai de casa para ir em busca da substância)	
--	--	--	--	--	--

Posterior a categorização a luz do referencial sistêmico, foi realizado uma descrição dos dados obtidos, afim de conceber uma prévia estrutural dos resultados de modo semântico, que seriam discutidos posteriormente nos artigos. Podendo ser visualizado a seguir:

### **Microsistema**

#### **Família**

O participante revela na fala que em períodos em que está na casa dos pais, diminui frequência do consumo de *Cannabis*, para evitar conflitos determinados conflitos no microsistema familiar. Revela também que no microsistema a uma relação entre pai e filho de desconfiança acerca do consumo da substância ilegal no Brasil. Que diálogos dessa natureza, são evitados no microsistema para evitar conflitos.

*[...]Se eu tô na casa dos meus pais, eu não uso com frequência, apenas de vez enquanto. Mas não em casa, pois em casa eu tenho problemas com isso. Prefiro não causar esses problemas [...] Meus pais são muito certinhos, pro meu pai o que tá na lei, tá lei, e é isso. Não busca compreender o porque daquilo. Com meus pais é complicado, na verdade **eu não gosto nem de entrar no assunto** em casa porque é um problema [...] U1*

A fala discorre sobre a relação inicial com a família, após os pais terem conhecimento sobre o consumo regular de *Cannabis* do filho, na qual, no início, foi um uma relação conflituosa. Mesmo assim, não houve influência alguma no consumo de *Cannabis* do participante, pois o mesmo continuou a realizar tal prática. Na escola, o diagnóstico situacional era desfavorável, no qual foi relacionado como o consumo de *Cannabis* pela família. Para melhorar a relação familiar, o participante se utilizou de técnicas de convencimento para galgar a aceitação e respeito dos pais: demonstrando que mesmo consumindo conseguiria alcançar os objetivos na escola. Como consequência de ter traçado essa estratégia, o participante revela que hoje pode consumir a substância em casa, respeitando o espaço dos pais.

*Meu pai é um cara mais conservador, no começo foi bem complicado, não teve aceitação. Eu tava no colégio ainda, indo até um pouco mal nas matérias e aí começaram a pegar muito no meu pé, e eu falei assim “ah eu vou*

*passar de ano, vou me formar, fumando maconha e não quero saber. Foi uma coisa gradual. Hoje eu fumo no meu quarto de boas, respeito o espaço dos meus pais, não vou fumar na frente deles mas, se eu tiver que fumar em casa, eu fumo. U5*

O participante da fala a seguir, revela que o fato de ser usuário de *Cannabis* poderia ter influenciado no consumo dos filhos. Que apesar de ser usuário e não concordar com determinada prática, considera que através do amadurecimento, as pessoas possuem livre arbítrio para realizarem suas decisões pessoais.

*[...] Eu tenho dois com 27, um com 23, uma com 17 e uma agora com 8 semanas de gestação (na barriga da mãe). Na minha formação, eu sempre preferi que eles fumassem em casa, eles fumam, né? Eu acredito que a minha postura tenha favorecido eles a fumar, e um deles se questiona e quer parar, e eu dou a maior força para ele parar, quero mais que ele pare mesmo. Mas eu sempre procurei dizer para eles, e mostrei para eles o outro lado: que não era uma coisa adequada, que a gente tem idade ideal para não usar, mas depois cada um faz o que quer da sua vida.*

#### **Família: Consumo medicinal da *Cannabis***

A participante expõe que, na adolescência, antes de experimentar a *Cannabis*, presenciou uma situação de doença na família em que a enferma não tinha apetite devido a um tratamento para câncer, e que neste processo, o familiar oferecia a *Cannabis* como modo medicinal para estimular a nutrição. Sugere-se que desse modo, houve um conflito interno da participante a respeito dos preconceitos impostos pela sociedade e como consequência, essa experiência poderia ter incentivado a curiosidade e a iniciação do consumo.

*[...] Eu tinha uma madraستا em uma época, que ela usou no período que ela tava fazendo tratamento para câncer, ela tinha câncer no útero, ela usou um tempo e tals, daí ela ficou bem, depois parou de usar, quando ela ficou bem. Meu pai que levava para ela a *Cannabis*, para ela comer, eu vi, eu não fumava antes. Eu vi ela recusando a comida, e ela seca assim, sabe? Daí meu pai “vou te dar um remédio”. Às vezes ele puxava a maconha e soprava para ela e ela puxava, e era instantâneo, dava um tempinho e ela já comia alguma coisa, descia alguma coisa e assim ela melhorou [...] U4*

#### **Microsistemas culturalmente tradicionais e o consumo de *Cannabis***

O participante revela a importância de dialogar sobre o seu consumo de *Cannabis* com a família, que pauta-se em uma ideologia religiosa no modo de viver, porém, alega a dificuldade de abordar a temática que envolve o consumo de maconha para o debate no núcleo familiar. Revela que os pais não tem

conhecimento do consumo, e que a relação entre mãe filho e pauta-se na desconfiança sobre tal prática.

*[...] Esse diálogo com a família é bem complexo! Pois a minha família vem de cultura religiosa, logo, esse diálogo se torna restrito. Então tipo, a gente ainda precisa trabalhar esse diálogo muito. Não é simplesmente eu chegar e falar: “eu uso maconha”[...] [...] Minha mãe desconfia! Meu pai não sabe. Mãe é esperta, né? [...] U2*

O Participante revela que a uma imposição por parte do pai para que o consumo de *Cannabis* não ocorra, com argumentos simplistas por parte do familiar e que a mãe, embora não saber de fato sobre o real consumo do filho, é uma pessoa mais flexível em relação a temática. Os argumentos do pai não tem eficácia no não consumo da planta, pois o participante continua realizando tal prática, mas de modo escuso da família.

*[...] Da minha mãe não, ela é mais flexível. Mas do meu pai já houve, pois ele diz: “você não pode usar drogas”, ligando os argumentos a questões religiosas. O fundamentalismo religiosa também está ligado na questão de: “ó! Você não pode usar drogas”. Fundamentalismo religioso que eu falo é a igreja católica, as igrejas evangélicas, né? Tem essa questão muito forte de que você não pode usar a droga, né? Sendo que você utiliza outras drogas muito mais prejudiciais ao corpo humano[...] U2*

O participante revela que apesar da mãe não saber a respeito do consumo de *Cannabis*, a relação entre ambos parece transcorrer através da compreensão e respeito em relação as escolhas do filho. O participante revela que quando isso passa a ocorrer, se consegue dialogar melhor a respeito dos temas polêmicos em família, como por exemplo o consumo de *Cannabis*.

*[...] Com a minha mãe essa relação ficou tranqüila, ela é flexível, dela falar: “você sabe o que você quer da sua vida, eu não devo interferir nisso, tanto é que ela, quando em família, troca de assunto quando o tema é polêmico: sexualidade, Cannabis... Quando você viu que a pessoa é flexível, essa relação passa a melhorar e você dialóga mais [...] U2*

Aparece também o esforço da família, com o intuito de prevenir o consumo, em utilizar um discurso tradicionalmente não eficaz e não educativo, que é aquele embasado nos malefícios a saúde. Não eficaz pois não trata a temática com veracidade a modo de educar os adolescentes e ainda aguça a curiosidade dos mesmos.

*[...] Antes eu até negava, achava que era coisa do demônio e tals. Não coisa do demônio, mas achava que isso poderia desencadear outras paradas. Tipo a mãe fala, né? Daí tu acaba fazendo as mesmas coisas, falando as mesmas coisas que eu ouvi. Daí eu achava que eu ia*

*me perder, que eu ia ver gnomos, essas coisas assim, né? Mas não é nada disso! [...] U4*

### **Núcleo familiar: respeito as escolhas do indivíduo.**

O participante, nessa fala, revela que embora nem todos os membros da família saibam a respeito do consumo de *Cannabis*, aqueles que possuem o conhecimento, respeitam a decisão da pessoa consumidora, e que isso não interfere nem nas relações de uso, como também no consumo em si.

*[...] Dos que sabem da minha família, não interfere em nada, porque eu já conversei com eles bastante, já houve um processo de compreensão, tá ligado? Não que eles aceitam, eles não gostam, os meus pais no caso, porém eles não tem problema por eu usar assim... São decisões minhas e respeitam! [...] U3*

### **Microsistema enquanto influência do consumo seguro e inseguro de *Cannabis***

O fato do microsistema ser composto por pessoas que consomem a *Cannabis*, parece fortalecer os aspectos de proteção nas relações familiares e proporcionar segurança a respeito do consumo seguro em relação aos efeitos da substância psicoativa e os locais próprios para o consumo, longe de determinadas violências em que os consumidores estão sujeitos e das possíveis conflitos com a lei de proibição.

*[...] Meu pai fuma maconha também, né? [...] Meu pai me ensinou muita coisa sobre a maconha. [...] Então ele sempre conscientizou do que era a maconha de verdade, tanto que eu nunca usei com ninguém estranho [...] Eu cheguei um dia nele e disse “eu quero fumar”, “eu vou fumar”. Eu comecei na verdade fumando na rua, fumei uma semana, daí o meu pai descobriu, pois ele é maconheiro, um maconheiro conhece outro. Daí eu cheguei em casa um dia assim, depois de ter usado e chapada, né? Com sono e tals, daí ele sacou na hora e falou que não queria que eu fumasse na rua, que não tinha me criado para isso [...] U4*

A participante revela também que, no microsistema, está sob duas perspectivas diferentes: com o pai a relação é de proteção e não exposição a violência quando está na residência do mesmo e necessita consumir a planta, pois, por consumir também a compreende e conhece todos as complicações que se está sujeito quando se realiza tal prática ilegal. Mas que quando está na residência da mãe, precisa utilizar em ambientes afastados, pois esta não concorda com determinada prática.

*[...] minha mãe não gosta da *Cannabis*, daí eu tinha que fumar na rua quando eu fosse para a casa da minha mãe, e dentro de casa, na casa do meu pai. Entendeu? Então tinha toda uma coisa, por causa das crianças e tals! [...]*



*Eu nunca escondi as coisas dela, mas essa era uma coisa, era um bloqueio, as vezes eu queria sair para fumar e ela ficava brigando comigo. U4*

### **Formação de novos microsistemas advindos do consumo de *Cannabis***

Apesar do contexto de ilegalidade, o participante revela que a o consumo de *Cannabis* facilita a formação de novos laços de amizade. Que o consumidores de *Cannabis* tem características sociais em comum e que essas consolidam amizades com outras pessoas consumidoras, com características diversas, como a consolidação de pessoas de diferentes de idade.

*[...] A maconha unifica as pessoas, é um grupo social muito abrangente. Às vezes a gente nem imagina quem usa maconha. Chega um senhorzinho e ele fuma maconha e você fica: “puh, esse senhorzinho fuma?”. Então o uso coletivo é muito comum, pra além de tudo a maconha, por mais que tenha toda aquela idéia medicinal que eu compreendo e acredito muito[...]* U1

### **Ambiente familiar: segurança para o consumo de *Cannabis***

Um dos dados revelados pelos participantes, é que o ambiente domiciliar é um dos locais mais seguros para a realizar o consumo, onde se está longe da violência resultante do tráfico de “drogas” e a minimização da possibilidade de uma abordagem policial.

*[...] Na maioria das vezes eu uso sozinho. Uso em casa. Prefiro não me expor para fumar ou saio de carro para fumar [...] porque eu já sou tri estigmatizado por ter dread [...]* U5

### **Grupo familiar e amigos que influenciam no consumo**

Em alguns casos, a interação entre amigos que já consomem *Cannabis* pode aguçar a curiosidade, daqueles que ainda não consumiram. O uso não é obrigatório, o indivíduo que está se relacionado com os demais que consomem, tem autonomia e vontades próprias. O que se discute aqui está relacionado a influência dos amigos sobre aflorar a curiosidade para a experimentação, visto que, na fala revela que, mesmo tendo contato com amigos que já consumiam a substância, havia a vontade do indivíduo de consumir a *Cannabis*, porém, devido o preconceito a respeito de tal prática, os amigos influenciaram no uso a partir da construção de outros saberes a respeito do que envolve o consumo de *Cannabis*.

*Eu fumava o cigarro mas não sabia tragar ele, daí um amigo meu, que hoje nem fuma mais falou “Bah meu, tu não sabe tragar?” e ele me ensinou a tragar o cigarro e achei muito massa. Daí ele me falou que fumava um baseado também, e eu “bah meu, isso não vicia? Não mata?”, e ele “não”. Daí o cara me desmistificou toda a*

*parada, e aí eu fui criando curiosidade. Na verdade eu sempre tive curiosidade fumar, mas tinha muito medo, né meu? Sempre tive uma baita demonização em casa. U5*

Os amigos revelam-se ser redes sociais que facilitam, compartilham o uso de *Cannabis*, através de convites.

*[...] sempre tem um amigo que tem Cannabis e vai na minha casa para me convidar “vamos fumar um?” e eu “vamos!”. [...] U4*

Na falas do U5, U8 e U10, fica elucidado que o amigos e parentes são importantes para que se adquira a substância e para se manter o consumo.

*[...] Eu adquiro sempre por via de um amigo meu que vende, o que os caras chamam de pequeno tráfico, não é aquele tráfico de boca de fumo, é aquele tráfico de apartamento. [...]*

*[...] Eu consigo a maconha aqui na cidade, através de uma pessoa de minha confiança, sempre o mesmo, um parente, que durante muitos anos foi só através dele [...]*

*[...] É, por meio dos amigos em si entendeu? Cada vez a gente vai achando, conforme a gente vai entrando nesse mundo a gente vai achando cada vez mais gente que consegue, a gente vai chegando mais perto da fonte né? E vai ficando um pouquinho mais barato e tudo mais, enfim. Mas foi assim, por amigo em si entendeu? E também bastante pela internet também [...] U10*

*[...] Para conseguir, vem de amigos, de amigos, de amigos... Eu não vou até o traficante [...] U12*

Os participantes expõe que na maioria das vezes o consumo de *Cannabis* acontece quando se é convidado por outros amigos e familiares, pois quando se está com outras pessoas, pode-se discutir, conversar acerca de algum assunto. Precisar estar acompanhado para consumir, parece ser uma alternativa eficaz para manter o controle do uso.

*[...] dificilmente se fuma um baseado sozinho né, geralmente tem parceria [...] Ah porque a gente bate papo, né? A gente conversa [...] É, o cara na verdade nem pensa o porquê. O cara fala “vamo fumar?” e fuma um baseado. Nem pensa. U6*

*[...] Pero en la cuestión social, por ejemplo socializasmas con tus amigos, pq hay gente que dice tipo, viste el mate, para socializar te sentas en rueda y tomas mate [...] Es mejor, la idea es fumar con mas gente nó, pero si estoy solo y aburrido, me fumo uno, hago cualquier cosa y me entretengo [...]*

*[...] Se tivesse alguém que me convidasse eu fumava em grupo, se tivesse sozinho eu fumava sozinho. Por exemplo, se eu tivesse passando e alguém dissesse “chega aí”, eu chegava e fumava. Meus irmãos, todos fumam, só a guria que não, daí a gente se encontrava*

*para fumar um baseado, daí cada um ia para a sua casa de novo [...]*

### **Grupo de amigos que não influenciam o uso**

A falas revelam que o participante mantinha, no seu microssistema, relação com pessoas que consumiam a *Cannabis*, porém que esse processo não o fez com que começasse o processo de consumo. Essa decisão foi adveio com o tempo, após ter conhecimento a respeito da planta e tomado a decisão de experimentar.

*[...] Muitos amigos já usavam há algum tempo, sabia o que era mas nunca tinha usado [...]* U1

*Há um tempo atrás, com 13 anos, eu conheci a maconha, mas não tive contato com ela. Eu não era usuário. Só tinha conhecidos que usavam. Eram bem mais velhos do que eu. Da época do futebol. E os caras usavam cocaína, cola de sapateiro, alguns chás (de cogumelo, de fita). Aí fui usar a maconha com 18 anos, há 5 anos uso ela. Não foi em festa, amigos meus usavam, aí tive a curiosidade “vou experimentar”, quero saber qual é a loucura que dizem da maconha [...]* U12

### **Mesossistema**

O consumo de *Cannabis* revela-se inter-relacionado com elementos do mesossistema. A vontade de experienciar os efeitos da *Cannabis* mostra-se aguçada por elementos pertencentes ao mesossistema, como a exposição à contextos onde é feito o uso e, até mesmo, as ações educativas de combate as SPA ilegais que acabam por despertar o desejo de usar. Para a concretização desta prática, o convívio regular com agentes do mesossistema que são usuários de *Cannabis*, tais como colegas de escola, faculdade e conhecidos, revelam-se como facilitadores para o acesso à SPA e início do consumo.

*[...] O PROERD [Programa Educacional de Resistência às Drogas] era um programa da brigada militar, em que os caras te faziam uma ‘lavagem cerebral’ no colégio. A meu ver, isso influencia de uma maneira negativa no combate ao uso de drogas, porque tu acaba tendo curiosidade em torno da droga, cria vários mitos. Então, de maneira geral, essas campanhas anti-drogas, na maneira que são feitas, estimulam mais o consumo da droga do que propriamente inibe. Foi por isso que eu tive vontade de usar [...]* U5

*[...] Eu ia para o colégio e daí eu comecei a ‘matar aula’ para ir para pista de skate e ali uns fumavam, e eu acabei fumando [...]* U9

*[...] Eu comecei a usar maconha depois que eu conheci o pessoal da Universidade. Uma menina me disse que iria fumar e daí comecei a fumar junto com ela [...]* U2

Algumas particularidades do mesossistema, enquanto conjuntos de microssistemas onde a pessoa se insere, revelam-se como influenciadoras da

manutenção do consumo de *Cannabis*. As falas dos participantes descrevem que, para conseguir lidar com algumas características da sociedade, como a cobrança existente no meio acadêmico e profissional, fazem uso da *Cannabis* com regularidade, como um modo de buscar relaxamento e melhor enfrentamento o cotidiano:

*[...] Tudo isso que a gente vive parece tão complexo e difícil, que, às vezes, o momento que você fuma pode ser o único tempo que você tem para você mesmo. [...] A universidade deixa a gente assim, muito acelerado, a 'milhão': trabalho, trabalho, seminário, prova... E a gente, às vezes, precisa parar um pouco, e ficar tranquilo com a gente mesmo, ter um momento para relaxar. U1*

*[...] Às vezes eu me sinto um cara muito vagabundo e aí eu paro para pensar: 'espera aí, eu trabalho 24 horas por dia, todos os dias, eu não paro nunca', então vagabundo eu sei que eu não sou, mas me sinto, porque quando eu chego em casa de tardezinha e fumo um, eu relaxo e me sinto no ócio. Mas esse foi sempre o motivo pelo qual eu usei, para chegar em casa e sentir que terminou, que agora eu posso relaxar, eu acabo relaxando somente quando eu fumo [...] U8*

*[...] Fumo no intervalo do serviço, pós meio dia, para poder chegar no serviço tranquilamente, com a cabeça 'arejada', outra pessoa, renovado [...] U12*

O mesossistema revela-se como influenciador da aquisição da *Cannabis* pois, para poder fazê-lo, o usuário necessita transitar em diferentes microssistemas que compõe o mesossistema, expondo-se a diferentes realidades e à ambientes de intensa vulnerabilidade social e de segurança pública. Além disso, a aquisição no mercado ilegal que existe no mesossistema traz a possibilidade de aquisição da SPA sem a qualidade desejada ou associada a outras substâncias de origem desconhecida.

*[...] Onde eu compro é um lugar perigoso. Ultimamente anda acontecendo muitos assaltos lá. Mas eu particularmente tenho mais medo da polícia, do que dos meninos que roubam e dos moradores [...] U2*

*[...] Na região que compro é considerada uma região difícil, mas existem piores. E eu já fui nessas piores e senti muito medo, é preciso tomar cuidado. Um movimento brusco, uma pergunta a mais que eu fizer, eles podem considerar que eu sou um policial disfarçado, podem considerar um monte de coisas, e dar 'uma ruim' para mim. Talvez se houvesse uma venda livre não fosse necessário ter cuidado, eu não sentiria medo [...]*

*[...] Eu compro de traficante brasileiro. O problema é comprar de traficante e tu não saber o que vem dentro. Tu ta comprando um objetivo e tu podes estar recebendo outro [...] U10*

Os locais onde se processam o consumo de *Cannabis* demonstram-se influenciados pelo mesossistema, onde afloram particularidades dos microsistemas que o compõe e que influenciam na escolha dos ambientes de consumo. Enquanto para alguns usuários o uso em locais privados, como a casa, demonstra-se mais seguro, outros apontam ambientes públicos, como praças, como mais propícios para fazê-lo. A desuniformidade de opiniões acerca do melhor local para fazer uso relaciona-se com o constructo de opiniões heterogêneas acerca do tema que existe dentro do mesossistema, o que leva os usuários a escolherem os locais de consumo de modo a não sofrerem as consequências do estigma social, para não serem inconvenientes com os demais elementos do mesossistema ou, ainda, para sentirem-se mais seguros socialmente.

*[...] Eu faço o uso mais em casa, casa de amigos, dificilmente na rua, devido vários fatores: talvez se você fuma na rua, passa o seu vizinho, que te cumprimenta todos os dias, e te vê usando e para de cumprimentar porque tu fuma maconha. Isso não faz sentido nenhum, mas acontece, por isso eu evito usar na rua [...] U1*

*[...] já teve reclamação de vizinhos, devido o cheiro da maconha [...] E a polícia ia invadir a nossa casa [...] U2*

*[...] Eu tenho esteriótipo de maconheiro, sou negro que uso 'dread', e se eu estiver fumando na rua, vão me bater e me levar preso. Então eu utilizo a maconha na minha casa, no meu quarto tranquilo, sem riscos [...] U1*

*[...] Locais que passam crianças eu evito fumar. Mas não que existam problemas com isso. É mais uma questão de ética de não ultrapassar a barreira do outro. Mas na praça é tranquilo [...] U3*

## **Exossistema**

Os participantes do estudo revelam que as principais inter-relações do exossistema no consumo de *Cannabis* originam-se da política proibicionista que existe no exossistema brasileiro, a qual os mesmos apontam como geradora de danos sociais. Devido a proibição, a indústria e o comércio dessas substâncias se organizam de modo escuso. Os vendedores, chamados socialmente de traficantes, possuem ciência de que realizam uma prática ilegal e, como uma forma de evitar a ascensão de agentes de segurança públicas do exossistema nos locais de tráfico, impõe suas regras nestes espaços não regularizados pelo Estado, de modo a “organizá-los”.

Essas regras estabelecidas aos consumidores geram apreensão nos usuários quando os mesmos adentram os espaços de compra das SPA e, quando as regras não respeitadas, geram desentendimentos entre vendedores

e consumidores. A fala de um participante acrescenta que, após se expor ao ambiente inseguro para realizar a compra, o mesmo permanece com o sentimento de insegurança que é trazido pelo receio da aplicação da lei brasileira pelos agentes de segurança pública, caso o mesmo seja pego com a SPA que adquiriu para consumir:

*[...] Ir na boca é inseguro. Como nada é regularizado, manda quem esta lá. Eu só sou o consumidor. Como não tem regularização, eles [vendedores] fazem as regras, ou seja, tu nunca sabes o que pode acontecer [...]U3*

*[...] A partir do momento que você sai de casa para ir atrás da maconha, você já está passando por situação de medo. O problema é quando você volta da 'bocada' com a maconha, ou quando você está saindo de lá. Você pode estar saindo de lá com qualquer coisa, para eles [polícia], não tem diferença, tanto a maconha, como o crack, para eles é a mesma coisa, olha só que absurdo.*

As regras estabelecidas pelo tráfico nestes ambientes ilegais de venda de SPA que compõe o exossistema causam desconforto aos consumidores de *Cannabis*, fazendo com que os mesmos entendam-nas como inapropriadas, especialmente quando estes vislumbram situações envolvendo crianças e adolescentes. Os participantes revelam que já visualizaram menores de idade trabalhando na entrega de SPA ou adentrando estes espaços para adquiri-las.

*Já aconteceu de uma criança estar me atendendo. Eu fui em lugar em que tinha uma criança que aparentava ter uns 9 anos de idade e estava trabalhando para o pai que tinha saído, era uma casa. O 'bagulho' é meio 'trach' [...] U3*

*[...] Eu estou todo o dia em uma boca e eu vejo crianças lá dentro, entrando e saindo para comprar. Às vezes nem querem saber da maconha, ou nunca fumaram maconha. Só fumam essa pedra [crack]. É horrível, dá dó! [...] U4*

O mesossistema brasileiro, que pauta sua política sobre drogas em ações de repressão da circulação e consumo das SPA, vislumbra, enquanto efeito desse modelo, uma indústria e comércio não controlados pelo Estado. Como consequência da inexistência do controle do que é vendido e de quais substâncias podem ser atribuídas ou associadas sem trazer riscos aos usuários, os vendedores adulteram a *Cannabis* atribuindo outros itens desconhecidos, originando um produto extremamente adulterado e, comercializam-na em más condições de conservação, alterando os efeitos trazidos pelo uso e originando malefícios ignotos aos indivíduos. Não somente,

aponta-se a preocupação de fomentar aspectos negativos do tráfico por terem que adquirir a SPA neste meio, porém veem-se impedidos pelas leis brasileiras de adquirir de modo não escuso.

*[...] Na 'biqueira' [local de tráfico] se compra a pior forma, pois é uma maconha muito processada, passou por muitos lugares, possivelmente vem mofada. Essa é a que eu menos gosto, pois a gente fortalece coisas que a gente não gostaria. Mas no país que eu estou é o acesso que eu tenho [...]* U1

*[...] dá um 'baratinho', não é 'grandes coisas', porque tem algum tipo de mistura nas Cannabis que os traficantes vendem por aí, não dá o mesmo efeito [...]* U6

*[...] a maconha do Brasil vêm do Paraguai. Em um tijolinho desses, quando tu parte ele, vem pedaços de tijolos, palitos e outras coisinhas, aí já estas vendo que vem mistura. Coisas que no Uruguai não tem [...]* U7

*[...] Quando a pessoa está querendo fumar maconha, ela sabe o que e porque está fumando. Se tu queres fumar maconha porque quer ficar eufórico, tu tens maconha pra te deixar assim. Se tu queres fumar uma pra ficar sonolento e dormir, tu vai fumar aquela pra ficar sonolento entendeu. Mas essa que é vendida aqui [no Brasil], mistura no meio um monte de coisas, um monte de coisa orgânica, tem uns cheiros muito estranhos, a qualidade é muito ruim [...]* U10

Como consequência da necessidade de ascender à ambientes de tráfico para aquisição da *Cannabis* no exossistema brasileiro, o consumidor se vê diante de um arsenal de outras SPA ilícitas, desde as mais leves, às mais pesadas, expondo-se ao risco de consumir SPA que inicialmente não planejava, em virtude da oferta das mesmas.

*[...] Adonde vas a comprar venden otras cosas. Yo hace años que no voy mas a boca, de guri iba, ahora me traen. Pero si cuando iba, había otras gentes con substancias mas agressivas. [...] Te incentiva si, pq pasa esto, vos vas y el día que no hay marihuana, te ofrecen otras cosas y terminas agarrando otras cosas, cuando sos guri y no tenes mucha cabeza terminas probando otras cosas [...]*  
U11

As leis proibicionistas que existem no exossistema brasileiro, não possibilitam distinguir de modo assertivo o usuário do traficando, permitindo ao agente de segurança pública enquadrar como crime, a posse de *Cannabis* em qualquer volume, sem a existência de critérios legais. Esta perspectiva deixa o

usuário sob tensão constante, temendo que sejam empregadas contra ele quaisquer tipos de sanções.

*No Brasil, tu não podes comprar um cigarro e por na boca que tu vais preso com gente que foi presa por 1 quilo, 10 quilos ou 50 quilos. Tens que ter pelo menos um mínimo que diferencie o que é consumo do que é tráfico [...] U7*

*O problema maior não é o risco de se envolver com a polícia, sem ser 'bandido', isso é o pior de tudo em relação a maconha. Pois de repente tu te expões a um evento policial, sem ter cometido um crime, sem ser bandido [...] U8*

*En Brasil te tratam como que sos ladron, como que sos traficante [...] U11*

Em virtude do consumo da *Cannabis* ser ilegal no exossistema brasileiro, os usuários optam por manter a prática escusa, no intuito de não sofrerem sanções por parte dos agentes de segurança pública e por entenderem que o consumo ainda não é tratado na perspectiva de saúde pública.

*[...] O governo trata dessas questões como problema de segurança pública e não como problema de saúde, e não trata da forma correta e a consequência disso é que tudo acontece de forma escondida. E o escondido não é melhor do que a gente saber da onde maconha veio. Aqui no Brasil, a gente não sabe da onde vem. A gente entra, compra, sai e vai embora, acabou [...] U1*

*[...] O jeito que eu tenho que usar ela por conta da lei é o que mais me influencia, mais me incomoda. Ter que me esconder por conta de uma planta, é uma vergonha. Ter que pagar por uma planta, e pagar caro, sendo que na verdade você poderia plantar ela em casa [...] U4*

*[...] Tem que ter cuidado, pois corre o risco de toda aquela exposição desnecessária com a polícia, de tu acabar te envolvendo com a lei por causa de um cigarro de maconha, então prefiro fumar escondido [...] U5*

Não obstante, o uso em locais públicos do exossistema é descrito como uma forma de enfrentamento às leis proibicionistas. Todavia, ao adotar esta prática, o usuário tem ciência dos riscos que corre em relação à repressão que pode sofrer por parte dos agentes de segurança pública do exossistema.

*Tem duas frentes que as pessoas que usam costumam tomar. Ou é a idéia de 'eu faço escondido, para não dar problema para mim', ou é uma idéia de avanço e luta frente a proibição, e daí fuma na rua. E se a polícia te parar, vai*



*falar um trecho da lei, e você vai estar a frente de uma batalha contra esse sistema. U1*

A fala de um usuário aponta que, a maneira como a mídia aborda o tema no exossistema, fomenta o estigma social em relação ao consumo de *Cannabis*, associando de modo inconsistente e desarticulado o uso desta SPA com o aumento da violência. Entretanto, este participante pondera que a violência que pode ser associada ao uso de SPA provém da existência do tráfico, secundário as leis proibicionistas.

*[...] as pessoas, em função mídia principalmente, relacionam uso de maconha com violência. Como se a pessoa, ao fumar um 'baseado', se transformasse num bandido ensandecido, e as pessoas que não têm a informação de verdade. [...] Só existe uma maneira de relacionar a maconha com o aumento de criminalidade: através do tráfico. Não existe outra maneira de relacionar a maconha com o aumento de criminalidade. E esse aumento vem da proibição e não do uso. U8*

### **Macrossistema**

O macrossistema é um ambiente bioecológico que compreende o Brasil e o Uruguai, dispondo de duas perspectivas distintas sobre as SPA, interseccionadas e tensionadas na fronteira entre os dois países, sendo de um lado a lei brasileira, que proíbe o comércio e o consumo e, do outro lado, a lei uruguaia, onde o comércio é regulamentado, desde a esfera produtiva até o uso propriamente dito.

Neste contexto de divergência nas políticas sobre drogas nos dois países que compõe o macrossistema em estudo, os consumidores veem-se diante da possibilidade de consumir *Cannabis* de duas principais procedências: a brasileira, de origem desconhecida e com qualidade duvidosa e que, por isso, possui maior potencial de oferecer riscos à saúde; e a uruguaia, mais natural, sem atributos desconhecidos e que oferece menos riscos à saúde. Todavia, estas SPA de procedências distintas, também possuem preços diferenciados, sendo o valor do produto Uruguai superior ao Brasileiro. Todavia, as falas revelam que o maior investimento é compensado pela qualidade do produto adquirido.

*[...]Na fronteira a gente tem duas opções: ou a maconha é muito ruim, aquela que sai do Paraguai e atravessa o Brasil inteiro até chegar aqui, e às vezes vem mofada, ou a maconha plantada no Uruguai, que às vezes a gente tem acesso, e daí é muito melhor. [...] a gente olha pra ela [maconha] e sabe que é real, que não passou por um processo enorme até chegar na minha mão. É uma coisa que foi plantada ali e veio. Já a que agente compra aqui [Brasil], numa 'boca' [tráfico], muitas vezes tem outras coisas prensadas junto e eu sei que aquela maconha não faz bem. Só que é onde a gente tem acesso dentro do Brasil [...] U1*

*[...] Você fuma uma maconha melhor, mas tem isso de pra gente ser proibido e tem essa coisa da distância. Aqui na fronteira eu tenho acesso de algumas melhores, por causa da fronteira eu fumo o natural mesmo, sem ser aquele prensado. [...] U4*

*[...] Melhorou a qualidade do fumo, mas ao mesmo tempo, o acesso não é tão fácil pois é caro. Eu tenho acesso a uma planta melhor, mas o preço não possibilita que eu acesse sempre. É o dobro do valor daqui do Brasil [...] U5*  
*Se esta plantando mas y se esta fumando mas natural, no el prensado el que te venden. Hoy en día hay mucho mas cantidad, hace menos mal [...] en Uruguay se encuentra, por un precio mas caro, mas es un producto mas natural [...] U11*

*[...] eu consigo a maconha no Uruguai. Acho que essa é uma das vantagens de liberar a maconha em um país é a questão da qualidade. Aqui no Brasil, a gente está consumindo uma maconha de má qualidade, uma coisa que é prensada. Diferente do Uruguai que se tem a oportunidade de consumir uma coisa que praticamente sai direto da planta [...] U7*

Para que os consumidores brasileiros façam a aquisição de *Cannabis* no macrossistema que compreende Brasil e Uruguai, os usuários acabam por transitar entre duas esferas de ilegalidade: a compra dos traficantes brasileiros ou a compra dos traficantes uruguaios. Este aspecto se processa destarte a comercialização de *Cannabis* uruguaio ser ilegal para estrangeiros. Tal fato revela que a regulamentação da *Cannabis* no Uruguai não facilitou o acesso aos usuários brasileiros e, que a SPA adquirida no lado uruguaio da fronteira também é oriunda dos ambientes de tráfico.

*[...] Na fronteira, eu vou ao Uruguai, mas o Uruguai também não pode vender para pessoas de outros países. Então as pessoas que vendem para a gente são consideradas traficantes lá. Então a lei do Uruguai não é tão aberta quanto a gente pensa que é. Eu consigo no Uruguai em boca, biqueira [ambientes de tráfico] [...] U1*  
*[...] A maconha eu consigo, geralmente, nas bocadas [ambientes de tráfico] no Uruguai, que a gente atravessa a fronteira [...] U2*  
*[...] No planto, tengo que comprar. Te la traen. Compro en Uruguay. U11*  
*[...] No Uruguai, com a regulação de maconha, não ficou mais fácil de conseguir maconha [...] U12*

Por ser consumo de *Cannabis* ilegal para brasileiros nos dois lados da fronteira que compõe o macrossistema, proceder a aquisição ou o uso no mesossistema uruguaio também traz ao consumidor riscos de sofrer sanções pelos agentes de segurança pública do país vizinho:

*[...] eu, como brasileiro, não posso ir fumar no Uruguai, turista não pode fumar maconha no Uruguai, o único que pode fumar maconha no Uruguai é o cidadão uruguaio. Para nós, na verdade, vai continuar sendo tráfico internacional. Passou lá para pegar um 'baseado' 'ferrou' [...] U6*  
*[...] Se eu comprar lá, eu provavelmente vou fazer o uso lá, porque se trouxer para cá, é tráfico internacional de drogas e se te pegam tu já vais direto para um presídio [...] U12*  
*[...] Uma questão crucial é o perigo, até porque a polícia do outro lado é outra. Eles são tranquilos, mas se eles sabem que tu és brasileiro, eles te pegam ou, se eles vão com a tua cara, eles deixam tu ir embora, depende do policial, mas fica aquele receio [...] U3*

### **Considerações finais**

Esta dissertação, permitiu compreender as influências e inter-relações da fronteira entre o Brasil e o Uruguai sobre o consumo de *Cannabis* na fronteira brasileira. A Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano foi fundamental para a compreensão das nuances que perpassam essa ação na fronteira, espaço com características sociais, econômicos, culturais e distintas políticas sobre drogas que fundem-se.

Assim, esta dissertação originou quatro artigos com os principais resultados do estudo recorte: “Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano: faces para a pesquisa sobre o consumo de *Cannabis* na fronteira”, “Influências do microsistema e mesossistema bioecológicos no consumo de *Cannabis* em uma cidade da fronteira entre Brasil e Uruguai”, “Exossistema e Macrossistema bioecológicos da fronteira entre o Brasil e Uruguai e suas Inter-relações com o consumo de *Cannabis*” e “Regulamentação do consumo de *Cannabis* no Uruguai: influências sobre o lado brasileiro da fronteira”. Ainda está se estudando as revistas a serem submetidos.

Os artigos apresentados a seguir na íntegra são estudos exploratórios e descritivos, que buscam compreender as influências e as inter-relações contextuais da fronteira entre o Brasil e Uruguai sobre o consumo de *Cannabis* e suas transformações no tempo. O referencial teórico sistêmico de Bronfenbrenner, foi importante para a realização da análise dos dados, pois contribuiu na organização e norteou a percepção para essa fase do estudo, como também a discussão. As categorias foram estabelecidas por meio dos elementos do referencial (contextos e tempo), e foram discutidas apoiando-se nas informações atuais disponíveis pela literatura, e na teoria ecológica de Bronfenbrenner para dar suporte e solidez a essa fase do estudo.

### **3 Principais resultados do estudo**

## **Artigo 1**

## Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano: faces para a pesquisa sobre o consumo de *Cannabis* na fronteira

### Resumo

**Objetivo:** Descrever os elementos do ambiente bioecológico inter-relacionando-os ao consumo de *Cannabis* em região da fronteira entre o Brasil e o Uruguai. **Método:** Estudo qualitativo, exploratório e descritivo. Participaram 14 usuários de *Cannabis* residentes em uma cidade da fronteira Brasil/Uruguai. Dados coletados por entrevista semiestruturada, em outubro de 2016 e abril de 2017, analisados através da Análise de Conteúdo, e explorados com o auxílio da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano. **Resultados:** O conceito de Pessoa, orientou a percepção sobre as características da personalidade do consumidor de *Cannabis* e suas motivações para iniciar e manter o uso; Processo, permitiu descrever as relações do consumidor de *Cannabis*: relações com outros consumidores, comerciantes ilegais e substância psicoativa. O contexto microssistema, se mostrou gerador do início e subsidiador da manutenção do uso de *Cannabis*. Mesossistema, ao passo que também é gerador do início e manutenção do consumo, impõe que o consumo seja feito de forma escusa. Exossistema, resulta na criminalização do consumidor e o expõe a ambientes de violência e vulnerabilidade. Macrossistema, beneficia o consumidor de modo a oportunizar acesso a *Cannabis in natura*. Tempo, após a regulamentação da *Cannabis* no Uruguai, houve maior debate sobre as leis brasileiras e aceitação social na fronteira brasileira. **Conclusão:** Este estudo oportunizou que se descrevesse os elementos do ambiente bioecológicos inter-relacionando-os ao consumo de *Cannabis* em região da fronteira entre o Brasil e o Uruguai.

### Introdução

O uso de substâncias que alteram o estado de consciência, como a *Cannabis*, é uma prática que perpassa toda a história da humanidade (JUNIOR, 2017). Na atualidade, o consumo de substâncias psicoativas, está fortemente relacionado a aspectos sociais, familiares, políticos e econômicos, que compõem contextos diversificados e singulares (ZEFERINO et al, 2015).

Conhecer profundamente os contextos que estão relacionados ao consumo de *Cannabis* bem como outras substâncias psicoativas torna-se um desafio à pesquisa

contemporânea, que acaba amparando-se em referenciais teóricos que permitam explorá-los em sua estrutura e dinamicidade. Nesta perspectiva, tem-se o modelo sistêmico da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano. Segundo este modelo, o estudo do contexto que abarca um determinado fenômeno exige o aprofundamento da compreensão de quatro elementos que se inter-relacionam de modo bidirecional: Pessoa, Processo, Contexto e Tempo (PPCT) (BRONFENBRENNER, 1998).

A Abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano é uma perspectiva contextualista e interacionista, centrada nas interações ocorridas entre a pessoa e o contexto em que ela está inserida, por meio de processos e ao longo do tempo. As inter-relações dinâmicas e temporais destes elementos determinam o desenvolvimento da pessoa e seus comportamentos (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998).

O consumo de *Cannabis*, enquanto comportamento inter-relacionado com a multiplicidade de elementos e interações que compõe o contexto da pessoa, é uma prática considerada ilegal em muitos países, dentre eles o Brasil (BRASIL, 2006). Já em outras nações, como Canadá, Holanda, Portugal, Uruguai, dentre outros, foram propostas novas formas de abordar social e politicamente o consumo desta substância, tornando-o descriminalizado e regulamentado (CGPD, 2014).

Esta heterogeneidade de abordagens políticas relacionadas ao consumo de *Cannabis* nos distintos países origina diferentes contextos relacionados ao seu uso. Todavia, nos territórios onde há a intersecção entre países com leis antagônicas sobre o consumo de *Cannabis*, como no caso da fronteira entre Brasil e Uruguai, as características do contexto relacionado ao uso tornam-se ainda mais singulares, particularizando o modo como as pessoas usuárias desta substância efetivam esta ação.

O ambiente fronteiriço é o território em que pessoas de ambos os países interagem em seu cotidiano, interseccionando e fundindo seus aspectos socioculturais, obtendo uma identidade particular do povo da fronteira e originando um contexto próprio (FERRARI, 2014). Neste sentido o modelo sistêmico demonstra-se eficaz para analisar os fatores que permeiam o consumo de *Cannabis* neste espaço de fronteira onde tencionam-se duas distintas políticas sobre drogas.

Tendo a Abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano como orientador do olhar direcionando ao consumo de *Cannabis* na fronteira entre Brasil e Uruguai, buscando revelar aspectos intrínsecos da Pessoa, Processo, Contexto e Tempo, tem-se a composição deste estudo. Nesta conjectura, este tem por objetivo descrever os



elementos do ambiente bioecológico inter-relacionando-os ao consumo de *Cannabis* em região da fronteira entre o Brasil e o Uruguai.

## MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa de qualitativa (CARDANO, 2017) que utilizada como referencial a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, de Urie Bronfenbrenner (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998).

O cenário do estudo constitui-se de um município brasileiro localizado na Fronteira úmida entre Brasil e Uruguai, com população estimada de 28.156 habitantes (IBGE, 2017). Os participantes foram 14 pessoas usuárias de *Cannabis*. Foram incluídas no estudo pessoas que realizavam o consumo de *Cannabis*, com nacionalidade brasileira ou de dupla nacionalidade que residissem na fronteira brasileira, e possuíssem 18 anos ou mais. Foram excluídas pessoas que não realizavam o consumo de *Cannabis*, que não possuíam nacionalidade brasileira, que não residissem na fronteira brasileira e, menores de 18 anos de idade.

Os dados foram coletados em outubro de 2016 e abril de 2017, por meio de entrevista semiestruturada, focalizando na caracterização dos participantes e na explanação dos aspectos que envolvem o consumo de *Cannabis* e os contextos da fronteira entre o Brasil e o Uruguai que influenciam o consumo, em conformidade com referencial adotado (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998). Estas ocorreram após a apresentação dos objetivos da pesquisa os participantes e o aceite dos mesmos em responder aos questionamentos, firmado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Para ter acesso aos participantes, utilizou-se uma abordagem não probabilística denominada “Bola de Neve” (GOODMAN, 1961). A escolha deste método deu-se devido às fragilidades sociais nas quais essas pessoas se encontram para realizar tal prática: de modo escuso, nos limites da ilegalidade das leis brasileiras. O informante-chave do estudo, primeiro participante, foi indicado pelo serviço de saúde mental do município estudado. Posterior a esse momento, o mesmo indicou o segundo participante que, após a sua entrevista, indicou o terceiro, dando seguimento a técnica de coleta de dados, bola de neve. Utilizou-se como critério de encerramento da pesquisa o aparecimento de dados homogêneos de forma repetitiva, ou seja, quando houve a saturação de dados (MYNAIO, 2017). Para garantir a fidedignidade das falas, as

entrevistas foram gravadas, mediante a autorização dos participantes e, posteriormente foram transcritas.

A análise de dados se deu por meio da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011), que se constitui das fases: pré-análise; exploração do material; tratamento dos resultados e interpretação. Estes foram interpretados com o amparo da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, de Urie Bronfenbrenner.

A pesquisa à qual este estudo está vinculado foi submetida à Comissão de Ética em Pesquisa do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), obtendo parecer positivo sob o número 013/2015 e ao Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas 1.757.934/2016, sendo respeitados todos os aspectos éticos descritos na Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

## **Resultados**

Participaram deste estudo 14 usuários de *Cannabis*, sendo 12 do sexo masculino e duas do sexo feminino. As idades variaram de 18 à 57 anos, com predomínio de pessoas jovens. Em relação à escolaridade, um participante possuía o ensino fundamental incompleto, um possuía o ensino médio incompleto, dois possuíam o ensino médio completo, cinco com o ensino superior incompleto e quatro com o ensino superior completo. Das ocupações, quatro exerciam a função de estudante exclusivamente, nove estavam no mercado de trabalho e um era aposentado. Sobre o estado civil, dois referiram serem casados, um viúvo, um divorciado e os demais solteiros.

O modelo teórico foi utilizado para analisar os dados das entrevistas, nas quais categorias temáticas relacionadas com o consumo neste território, surgiram para contemplar os quatro elementos do modelo sistêmico de modo interconectado: Pessoa, características da personalidade demonstram-se motivadoras para a realização do consumo de *Cannabis*, como ansiedade, agressividade, agitação, busca por bem estar, redução de danos para dependência química de substâncias legalizadas, a exemplo da dolantina. As disposições gerais da pessoa, possui relação com características emocionais/psíquicas, como a curiosidade, que levam o consumidor de *Cannabis* a obter o conhecimento sobre a diversidade dos aspectos que envolvem o consumo da substância psicoativa. Os recursos biológicos, como destreza, habilidades, experiências

e conhecimento adquirido, no consumidor de *Cannabis*, pode estar atrelado ao poder de escolha da pessoa para utilizar a substância e continuar o consumo; bem como as técnicas aprendidas para elaborar o cigarro e obter os melhores efeitos da substância (destreza); formas encontradas para manter o uso, sem precisar abdicar dos compromissos, como também não se expor a vulnerabilidade e violência para acessar a SPA ilegal. E a demanda, que sendo o sentimento positivo ou negativo que pode ser despertado no outro, está relacionado com estigma social, exclusão, preconceito, e por outro lado, fortalecimento de vínculo, afeto com os demais consumidores. O processo proximal da pessoa, que seria a troca de energia, suas relações de acordo com o consumo, está atrelada as interações com pessoas durante o deslocamento até o local de venda, com o traficante, interação com pessoas durante o deslocamento até o local de uso, com o grupo social que irá consumir, com o ambiente físico, e a depender das questões afetivas e emocionais, interação com a SPA ilegal.

Contexto, o microsistema, demonstrou-se influenciador do início e manutenção do consumo, bem como, motivador de conflitos e superação de preconceitos relacionados ao consumo de *Cannabis* no meio intrafamiliar. O mesossistema, demonstrou-se serviu de expositor das pessoas consumidoras ao consumo inseguro, abordagens policiais e riscos atrelados ao tráfico de drogas. No exossistema, a política brasileira demonstra-se enquanto desencadeador dos conflitos e comportamentos sociais ocasionadas no microsistema e mesossistema, uma vez que, legislativamente, não garante o bem estar das pessoas que optaram por realizar essa prática. No macrossistema, a fronteira demonstra-se como contexto de contradição, que ao passo que também expõe a pessoa aos riscos de envolvimento com a polícia, também beneficia a pessoa consumidora através do acesso a *Cannabis* de melhor qualidade, com menos prejuízos à saúde.

## **Discussão**

Nesta sessão, se relacionará o consumo de *Cannabis* com os elementos da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento, considerando os quatro elementos descritos por Bronfenbrenner (1996): Pessoa, Processo, Contexto e tempo.

O conceito de Pessoa, neste estudo, será mencionado para definir a pessoa que consome *Cannabis*. Neste sentido, considera-se as características de personalidade, suas motivações para efetuar o consumo, bem como, as singularidades que fazem com que

experiencie os contextos que estão atrelados ao consumo de *Cannabis*. Todas as características são particulares, sendo que, nenhuma pode existir ou exercer influência sobre o desenvolvimento isoladamente, pois há uma inter-relação entre o microsistema, mesossistema, exossistema e macrosistema que influenciam a pessoa consumidora de *Cannabis* e vice-versa (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998).

Neste sentido, a pessoa que consome essa substância psicoativa, vai se constituindo de elementos deste meio, e se relacionando com os aspectos que contemplam o consumo, influenciada e influenciando os contextos nos quais interage. Neste sentido, Bronfenbrenner e Morris (1998) apresentam três tipos de características que influenciam e moldam o curso do desenvolvimento humano: as disposições, os recursos biológicos e a demanda.

Para pessoa que consome *Cannabis* na região da fronteira entre o Brasil e o Uruguai, as disposições geradoras podem estar atreladas a necessidade de se obter o conhecimento sobre a diversidade dos aspectos que envolvem o consumo da substância psicoativa: informações da composição farmacológica da substância, local onde comprar *in natura*, efeitos positivos e negativos, a diferença de efeitos de acordo com o modo de uso (inalada, deglutida), curiosidade e busca de conhecimento para que consiga aproveitar a substância psicoativa da melhor forma e com os efeitos desejados. Por meio das disposições, a pessoa que consome a *Cannabis*, pode desenvolver formas de Reduzir Danos ao seu cotidiano para continuar mantendo o consumo de *Cannabis*, como: alternativa de proteção para o não enfrentamento dos malefícios do tráfico, formas de diminuir sua exposição a violência: embate entre traficante e policial, traficante e traficante; melhores horários de consumo para a manutenção da rotina (consumir a noite, antes de dormir, após cumprir os compromissos); ingestão de alimentos menos calóricos quando estiver na fase “larica”<sup>8</sup> do efeito, dentre outros.

As disposições disruptivas da pessoa é caracterizada pela impulsividade, dificuldades de controlar emoções e pode estar atrelada ao resultado de desorganização pessoal e incapacidade de realizar as atividades diárias (BRONFENBRENNER, 1996). Para a pessoa que consome *Cannabis*, este conceito está trelado ao descontrole do consumo, incapacidade momentânea em cumprir os compromissos e fragilização dos

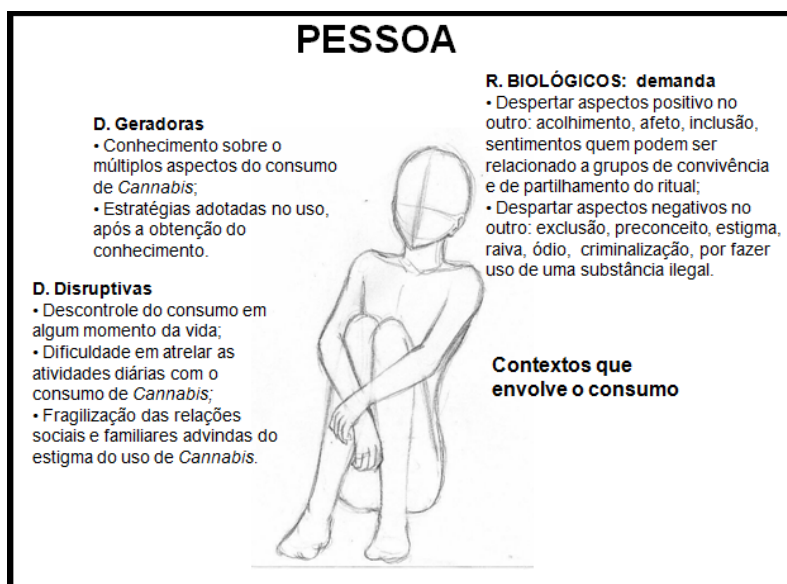
---

<sup>8</sup> Palavra utilizada pelos consumidores de *Cannabis*, para definir a vontade de comer demasiadamente, após algumas horas sob o efeito da substância psicoativa.

laços familiares e sociais. Bem como a dificuldade em realizar a Redução de Danos e controle relacionado ao uso.

Os recursos biológicos do consumidor de *Cannabis*, que Bronfenbrenner (1996) revela ser uma capacidade ativa, podendo ser destreza, conhecimento ou aspectos físicos do indivíduo, pode auxiliar na compreensão dos mecanismos desenvolvidos pela pessoa para manter as atividades diárias paralelas ao consumo. As pessoas consumidoras de *Cannabis* podem utilizar-se dos recursos biológicos para desempenhar a autonomia, para optar por começar a utilizar a substância psicoativa, manter essa prática, ou então, utilizar a partir de variados padrões de consumo (frequentemente, de modo recreativo e realizar pausas quando decidir). No que contempla a destreza, os recursos biológicos podem auxiliar a pessoa no processo desenvolvimento de técnicas para elaborar o cigarro artesanalmente (utilização de seda ou papéis, duas ou mais sedas para acomodar a substância no cigarro) e formas de melhor utilização da SPA para obter o efeito almejado (técnica de prensar: inalar e pausar a respiração ou apenas inalar e logo soltar a fumaça). Além disso, os recursos biológicos podem auxiliar a pessoa de modo a acessar a substância ilegal, sem precisar se expor a espaços de vulnerabilidade, local onde se encontram o comércio ilegal, e possível abordagem policial (pagamento de pessoas da confiança do usuário para realizar o traslado da *Cannabis*).

Figura 1: Características da pessoa usuária de *Cannabis*:



Esquema das características da pessoa, utilizando-se de figura disponível no site público do google.

Com a demanda, supõe-se que estas qualidades podem resultar em sentimentos positivos ou negativos no “outro”. Os sentimentos positivos podem estar atrelados a

inclusão, afeto, acolhimento, principalmente se a pessoa estiver inserida nos espaços em que se realiza o consumo de *Cannabis*. Entretanto, o fato de fazer o uso de uma substância psicoativa ilegal, pode vir a ser um fator de exclusão/rejeição social, preconceito, discriminação e criminalização, oriundos da construção histórica do estigma social em relação a essas pessoas.

Processo: hipoteticamente este conceito estaria compreendido por meio das relações da pessoa que usa *Cannabis* com a rede social mais próxima: a família, os amigos como também as relações com outras pessoas que consomem a *Cannabis*. Essas, podem ser sustentadas de modo positivo ou negativo, com vínculos fortes, enfraquecidos e/ou conflitantes, com os distintos membros com quem estabelece correlação.

O consumo de *Cannabis*, ao efetuar-se de modo duradouro, ou seja, acontecendo de forma contínua e prolongada ao longo da vida, significativo, regular, transpõe-se na efetivação de um processo proximal, influenciado e influenciador de múltiplos fatores (interação com pessoas durante o deslocamento até o local de venda; interação com o traficante; interação com pessoas durante o deslocamento até o local de uso; interação com o grupo social que irá consumir conjuntamente; interação com o ambiente físico; estado emocional do usuário; influências negativas e positivas de agentes externos, dentre outros). De acordo com Bronfenbrenner (1996), para haver processo proximal é necessário que essa interação ocorra de modo contínuo, permanente, que estabeleça um significado na vida da pessoa, ou seja, pessoas que utilizam a *Cannabis* de modo incontinuo, não desenvolveram processo proximais com o consumo de *Cannabis*.

Além disso, esta prática efetiva-se em um dado ambiente (região de fronteira entre Brasil e Uruguai) constituído física e emocionalmente de redes sociais, onde existe troca ininterrupta de energia entre pessoas de diferentes nações, objetos e símbolos, que acabam por constituir, transformar ou reafirmar o consumo de *Cannabis*. Estes aspectos particulares da fronteira, constroem um conjunto de características peculiares e culturais, distintas das encontradas em outras regiões não fronteiriças, como capitais e cidades localizadas no litoral.

No que concerne ao processo proximal, a pessoa, ainda, pode estabelecer relações com a substância psicoativa, devido seus contextos singulares e a busca por momentos felizes, longe das tensões, desassossegos do cotidiano. A *Cannabis*, enquanto carreadora de momentos de prazer, está abarcada nos processos de consumo, pois, além

de proporcionar mudança do estado de consciência e viabilizar a pessoa uma distinta perspectiva de compreender/experienciar sua existência, possibilita que aconteçam novas relações interpessoais entre aqueles que realizam o consumo, assim, se constituindo uma rede apoio e amizade entre pessoas usuárias.

A passagem da fase de adolescência para a juventude, o enfrentamento da vida com responsabilidades adultas, o desligamento familiar para encarar o mundo, podem ser alguns fatores (emergentes de processos proximais) significativos para a existência de elevada prevalência de consumo de SPA entre adolescentes e jovens em idade escolar ou universitária (FREITAS, 2013; FERRAZ, 2010). Este fato aponta para a importância do estabelecimento de processos proximais familiares saudáveis como fator protetivo para o consumo de SPA. Não somente, releva-se que, na ausência de processos proximais estabelecidos com membros familiares ou sociais de modo saudável, tem-se a possibilidade da efetivação de processos proximais da pessoa com a SPA, em um papel “substitutivo” que se estabelece por meio do consumo e do pertencimento a um grupo social.

Sugere-se que a composição farmacológica da *Cannabis*, as sensações de prazer e bem estar, atreladas ao uso e os benefícios terapêuticos (HONÓRIO E SILVA, 2006), podem ser motivadores para que aconteça o consumo, sustentando uma relação proximal entre a pessoa e a Substância Psicoativa. Outro viés pode estar atrelado com a possibilidade de formação de rede de socialização entre pessoas usuárias de *Cannabis* e do estabelecimento de processos proximais, que, para Evagelista (2013) perpassa uma possibilidade de prevenção do uso abusivo.

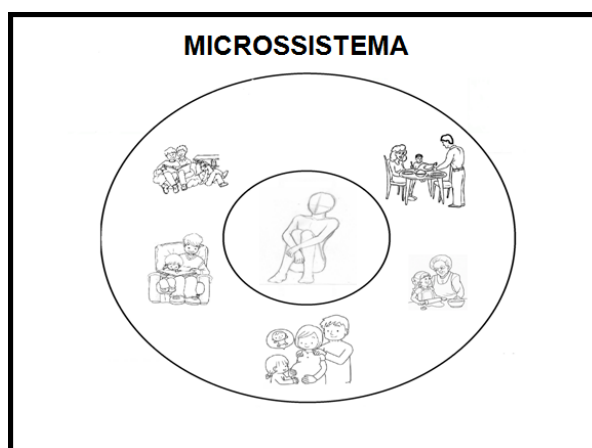
Contexto: locais onde ocorrem as trocas energéticas e as interações da pessoa com o ambiente e do ambiente com a pessoa de modo ambivalente. Esses locais ou ambientes, estão acoplados um no outro através das trocas energéticas advindas das relações, sendo denominados de microssistema, mesossistema, exossistema e macrossistema (Bronfenbrenner, 1996).

O microssistema é o ambiente imediato da pessoa que consome *Cannabis*. Neste desenvolvem-se processos proximais com família, primeiramente, e amigos. As relações com a família, podem ser conflituosas, sem diálogo aberto quando o consumo de *Cannabis* é considerado inapropriado, devido as questões legais envolvidas e os preconceitos, adquiridos com o tempo. Pode ser uma relação não transparente, em que o consumidor para evitar conflitos, realiza o consumo de modo obscuro, escondendo dos

familiares, ou transparente, onde a relação está consolidada pelo respeito das escolhas do próximo.

Neste contexto, as pessoas envolvidas nas relações, parecem ter papéis bem definidos, no qual possivelmente o pai, a mãe, tem a função de educar e subsidiar o desenvolvimento humano e o filho exercer a função de ser a pessoa a se desenvolver, estudar e alcançar os objetivos desejados socialmente pelos pais. Parece que neste contexto não há espaço para o filho assumir outros papéis, como o papel de consumidor de uma SPA ilícita ou diferentes dos que foram traçados pelos pais, devido a isto, falta de diálogo a respeito dos aspectos que tangenciam a temática, esconder-se para consumir, buscar outros contextos ambientais, em que pessoas o compreendam e o escutem, podem permear as relações intrafamiliar. Neste sentido, o filho passa a interagir menos no microsistema, por não poder assumir outros papéis e interage cada vez mais no mesossistema, contexto em que possivelmente será acolhido, por poder assumir diferentes funções como a de consumidor de *Cannabis*.

Figura 3: O microsistema da pessoa consumidora de *Cannabis*:



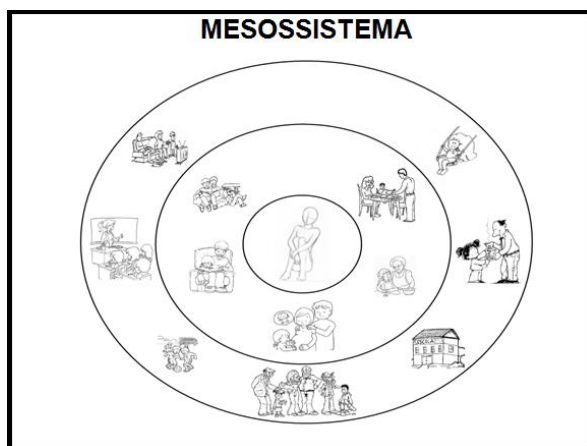
Esquema de microsistema criado pelo autor utilizando-se de figuras disponíveis no site público do google.

O mesossistema pode ser tanto os espaços em que a pessoa realiza as atividades relacionadas ao consumo: praças públicas, parques, locais de comércio desta substância, como também, serviços em que a pessoa possa utilizar cotidianamente. Assim, no mesossistema, estão incluídas algumas instituições públicas em que a pessoa se relaciona, como serviços de saúde próximos, UBS de referência da pessoa, o serviço de Redução de Danos, dispositivos de segurança pública, espaços de lazer, escola, universidade e trabalho. Não somente, compreende ainda os grupos dos quais a pessoa faz parte, formadas de acordo com a afinidade e particularidade em comum dos participantes. É neste contexto, que o indivíduo sente-se livre para poder assumir os



papéis que deseja e é acolhido por pessoas pertencentes a esse sistema. Na maioria dos casos, ser consumidor de uma SPA ilícita, como a *Cannabis* é motivo de conflitos intrafamiliares (microsistema), assim, como não há abertura para o diálogo, respeito relacionado a escolha de consumir tal SPA, no mesossistema, o indivíduo é acolhido por pessoas que realizam a mesma prática e passa a interagir de modo intenso nesse contexto.

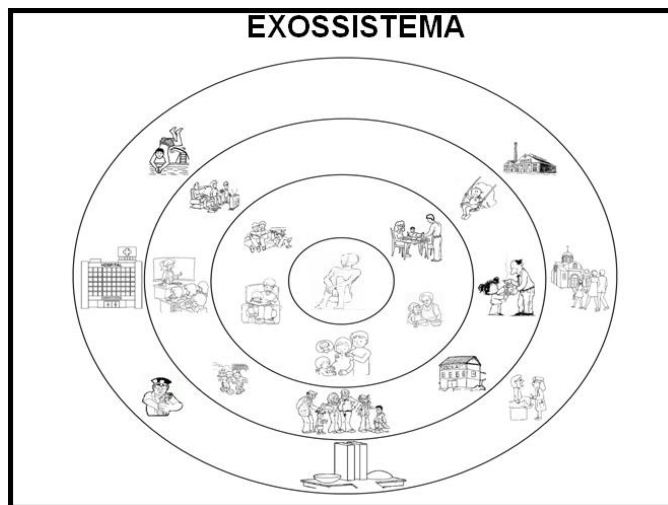
Figura 4: O mesossistema da pessoa consumidora de *Cannabis*:



Esquema de mesossistema criado pelo autor utilizando-se de figuras disponíveis no site público do google.

Entende-se que as questões relacionadas a legislação brasileira e suas influencias nas interações das pessoas e famílias entre si e com os demais contextos, estejam contempladas enquanto exossistema. Para o consumo de *Cannabis*, infere-se que as políticas sobre drogas no país, embasadas na repressão e criminalização do usuário, resultam em aspectos de organização do comércio ilegal e tenha efeitos negativos para o consumidor brasileiro (aditivos a *Cannabis* que são maléficos a saúde, exposição a violência do tráfico de drogas e possível encarceramento pelos agentes de segurança pública), bem como, tragam impactos nos processos das pessoas em contextos do microsistema e mesossistema. Pois, impossibilita novas formas de conceber a temática, dificulta o diálogo intrafamiliar e possibilita a criminaliza no mesossistema.

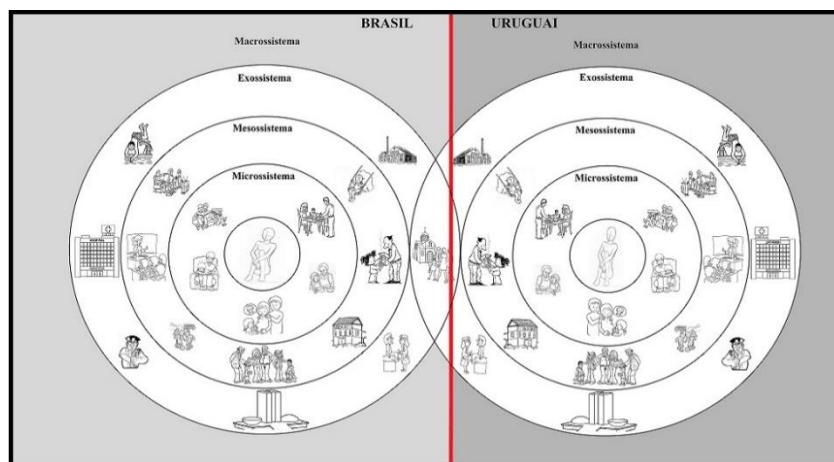
Figura 5: O exossistema da pessoa consumidora de *Cannabis*:



Esquema de exossistema criado pelo autor utilizando-se de figuras disponíveis no site público do google.

Supõe-se que o consumo de *Cannabis*, na perspectiva do macrosistema, sofre influência da fronteira, por razão da aproximação com o Uruguai, que possui um outro modelo de políticas sobre “drogas”. Neste contexto, a pessoa está sob duas perspectivas distintas, na quais de um lado o consumo é regulamentado e do outro, o consumo é proibido.

Figura 6: O macrosistema da pessoa consumidora de *Cannabis* que reside na fronteira:



Esquema de macrosistema criado pelo autor desta dissertação utilizando-se de figuras disponíveis no site público do google.

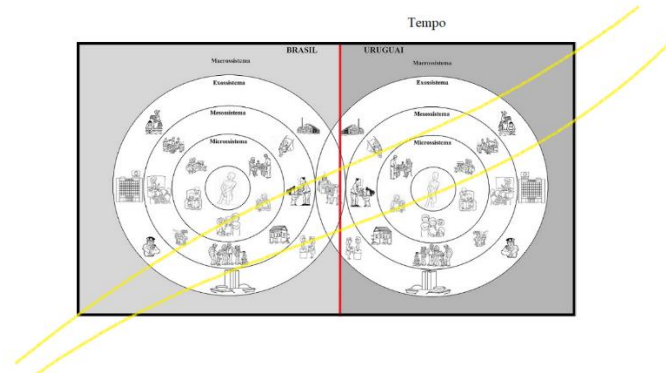
Tempo: neste conceito inclui-se todas as mudanças que ocorrem no tempo em pequeno, médio e longo prazo. Aspectos como opinião pública, inclusão ou exclusão social, leis, dentre outros, que são elementos mutáveis ao longo do tempo, porém, que interferem diretamente no consumo de *Cannabis*.

O microtempo, para o consumidor de *Cannabis* pode ser a rotina diária da pessoa que realiza o uso, desde os compromissos que precisam ser efetivados no dia-a-dia como também a rotina do próprio consumo de *Cannabis*. Fazem parte desta rotina também, os processos proximais, os vínculos afetivos ou disruptivos, os distintos grupos onde efetiva-se o consumo no cotidiano (grupo seletivo de amigos, grupo do contexto escolar ou de trabalho, relações sociais advindas do consumo).

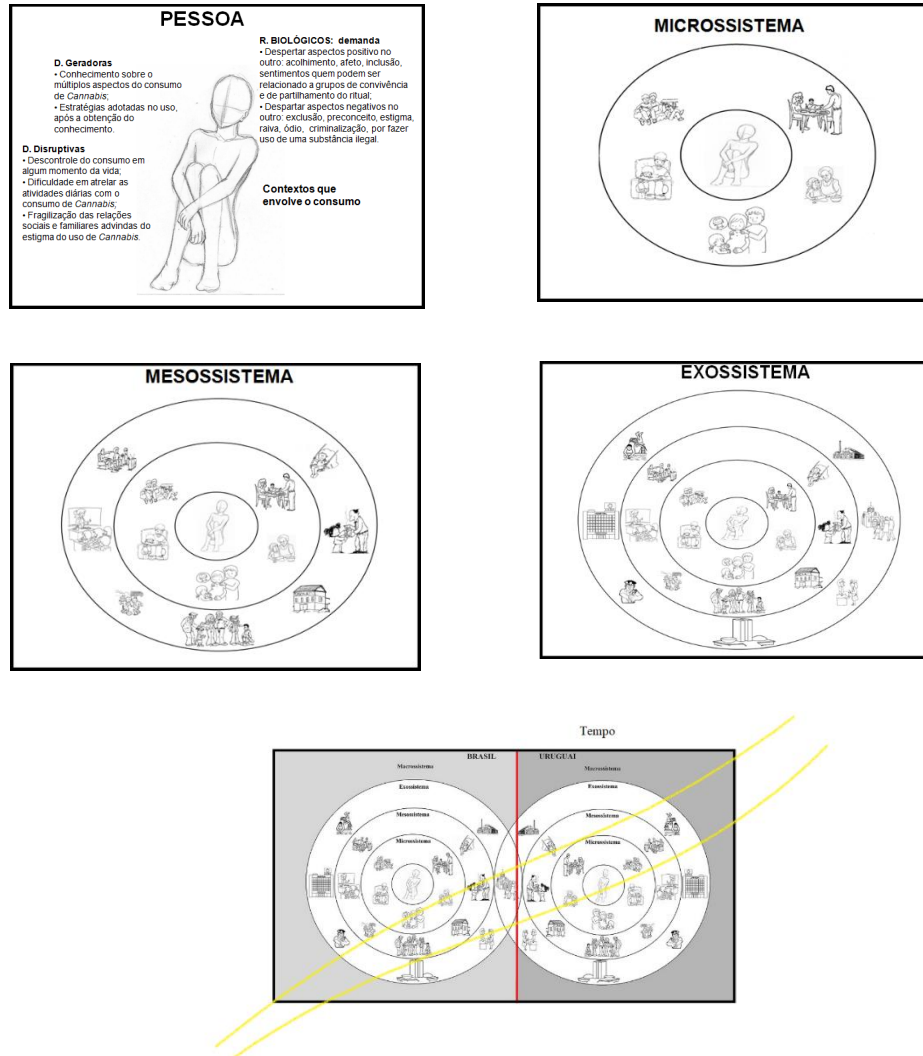
O mesotempo pode influenciar por meio das implementações políticas sobre drogas, novas formas de pensar a temática e mudanças decorrentes disso. Supõe-se com o elemento mesotempo, haverá um impacto significativo no consumo de *Cannabis* tanto para os consumidores uruguaios, como para os brasileiros, residentes na faixa de fronteira.

O consumo de *Cannabis*, está atrelado as transformações em larga escala de tempo (macrotempo) que têm relação ao modo de ver o uso *Cannabis* e os contextos tangenciados, que ainda na atualidade influenciam o consumo. Inicialmente uma planta utilizada há mais 2 milhões de anos pelos chineses, após, o fumo de angola como era conhecida, que fazia parte do ritual religioso dos escravos e, como desfecho final, a proibição devido a abolição da escravatura e falta de perspectiva dos brancos para controlar os negros livres, que contextualizam a proibição da *Cannabis* no Brasil, sob influencias de um espaço de contradições, a fronteira entre o Brasil e o Uruguai, que de um lado regula o comércio de tal substância e do outro, lado brasileiro, proibi.

Figura 7: Tempo e a transversalidade aos contextos da pessoa.



Construção do ambiente ecológico do consumidor de *Cannabis* na região da fronteira entre o Brasil e o Uruguai, de modo ilustrativo:



### Considerações finais

Este estudo permitiu descrever os elementos do ambiente bioecológicos inter-relacionando-os ao consumo de *Cannabis* em região da fronteira entre o Brasil e o Uruguai.

O estudo demonstrou que as características das pessoas são influenciadoras para iniciar e manter o consumo de *Cannabis*. Pessoas com estresse, ansiedade, agitação, consomem a SPA para manter o humor estabilizado e diminuir os conflitos resultantes das características pessoais, nas relações advindas do trabalho, da universidade e da família. Pessoas com dependência química de substâncias legais, utilizam a *Cannabis*

de modo a reduzir danos, nos momentos de fissura da substância que possui dependência.

Com o conceito de processo, pode-se perceber que as relações do consumidor de *Cannabis* se transforma após iniciar o consumo, este passa a interagir intensamente com outros consumidores, com ambientes em que realiza o consumo, como praças e parques, com o comerciante ilegal ou quando não quer se expor aos ambientes de tráfico, com amigos próximos e familiares de confiança, que vão até o tráfico de drogas para adquirirem a SPA.

De acordo como conceito de contexto, pode-se descrever que o microsistema, ambiente mais próximo do indivíduo, por estar carregado de estigmas relacionados ao consumo de *Cannabis*, as relações intrafamiliar são conflitantes, com ausência de diálogo e transparência. Quando a família compreende os aspectos que tangenciam o consumo e o porquê de determinada escolha da pessoa, as relações passam a ser pautadas no respeito e na proteção do consumidor.

Quando há conflito intrafamiliar, devido ao consumo de *Cannabis*, o consumidor passa a interagir com maior intensidade com os agentes do mesossistema: amigos da faculdade, outros consumidores, dentre outros. Além disso, é no mesossistema em que o indivíduo se expõe aos ambientes de vulnerabilidade social para acessar a SPA, e esta exposto ao risco de sofrer as sanções legais do país.

O exossistema, enquanto legislação brasileira, criminaliza a pessoa e desencadeia os conflitos no mesossistema e microsistema. Macrossistema, pautado nas contradições legais das políticas sobre drogas do Brasil e Uruguai, além de expor o indivíduo aos riscos de sofrer sanções da lei brasileira, oportuniza que esse tenha acesso a uma SPA de melhor qualidade, sem aditivos desconhecidos, e a outras subespécies de *Cannabis*.

O conceito de tempo, oportunizou descrever as transformações que aconteceram na fronteira brasileira, desde que o Uruguai regulamentou a SPA. Dentre as transformações ocorridas, foi descrito: maior diálogo sobre a temática de legalização para o Brasil, menor estigma e maior aceitação social da população com os consumidores de *Cannabis*.

Considera-se que o referencial teórico adotado para olhar o fenômeno, foi de grande relevância já que orientou a percepção para levantar diversas nuances que estavam inter-relacionadas de forma implícita. Cada conceito discutido por

Bronfenbrenner (1996), Pessoa, Processo, Contexto e Tempo (PPCT), possibilitou olhar para cada esfera do fenômeno estudado, e fazer as relações ambivalentes que estão contempladas no consumo de *Cannabis* em região da fronteira entre o Brasil e Uruguai.

#### Referências bibliográficas

- Zeferino MT, Hamilton H, Brands B, Wright MGM, Cumsille F, Akwatu K. Consumo de drogas entre estudantes universitários: família, espiritualidade e entretenimento moderando a influência dos pares. *Texto Contexto Enferm*, Florianópolis, 2015; 24 (Esp): 125-35.
- CARDANO, M. Manual de Pesquisa Qualitativa: a contribuição da teoria da argumentação. Petrópolis, RJ: Vozes; 2017.
- GOODMAN, LA. Snowball sampling. In: *Annals of Mathematical Statistics*. 32:148-70; 1961.
- BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: edição 70; 2013.
- MYNAIO, MCS. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. *Rev Pesq Quali*. São Paulo (SP); 2017 abril; 5(7):01-12.
- BRONFENBRENNER, U., MORRIS, P.A. The ecology of developmental processes. In: DAMON, W., LERNER, R.M. *Handbook of child psychology: theoretical models of human development*. 5a ed., v.1, New York: Wiley, 1998.
- FREITAS, E. A. M Consumo de bebidas alcoólicas e outras substâncias psicoativas entre estudantes do ensino médio de Uberlândia-MG, 2013. **(Tese de Doutorado)**. Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto. USP, 2013.
- FERRAZ, S. M. Estudo da prevalência de uso de substâncias psicoativas por enfermeiros. Belo Horizonte, 2009. **(Dissertação de Mestrado)** Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2009.
- EVANGELISTA, V. M. A. Levantamento sobre uso de álcool, tabaco e outras drogas, redes de apoio e apoio social entre universitários. 2013. 98 f. Dissertação **(Mestrado em Psicologia)**. – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2013.
- HONÓRIO, K.M.; SILVA, A.B.F. Aspectos terapêuticos de compostos da planta *Cannabis Sativa*. **Química nova**, v.29, n.22, p. 318 - 325, 2006.
- JUNIOR, RTS. Maconha na guerra às drogas: (in)constitucionalidade e (in)convencionalidade. *Revista Direito e Liberdade – RDL – ESMARN* – v. 19, n. 1, p. 227-261, jan./abr. 2017.
- BRASIL. **LEI Nº 11.343, DE 23 DE AGOSTO DE 2006**. Institui o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas - Sisnad; prescreve medidas para prevenção do uso indevido, atenção e reinserção social de usuários e dependentes de drogas; estabelece normas para repressão à produção não autorizada e ao tráfico ilícito de drogas; define crimes e dá outras providências. Brasília, DF, 23 ago. Comissão Global de Políticas Sobre Drogas. Sob controle: caminhos para políticas de drogas que funcionam. [Internet]. 2014. [cited 2017 feb 12]; Available from:

[https://www.globalcommissionondrugs.org/wp-content/uploads/2016/03/GCDP\\_2014\\_taking-control\\_PT.pdf](https://www.globalcommissionondrugs.org/wp-content/uploads/2016/03/GCDP_2014_taking-control_PT.pdf)

## Artigo 2



## **Influências do microsistema e mesossistema bioecológicos no consumo de *Cannabis* em uma cidade da fronteira entre Brasil e Uruguai**

Resumo

**Objetivo:** Conhecer as influências do microsistema e mesossistema bioecológicos no consumo de *Cannabis* em uma cidade da fronteira entre o Brasil e Uruguai. **Método:** Estudo qualitativo, exploratório e descritivo. Participaram 14 usuários de *Cannabis* residentes em uma cidade da fronteira Brasil/Uruguai. Dados coletados por entrevista semiestruturada, em janeiro de 2016 e abril de 2017, analisados através da Análise de Conteúdo, e explorados com o auxílio da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano. **Resultados:** O microsistema e o mesossistema revelaram-se influenciadores do início do uso de *Cannabis*, do aprendizado em relação a este, manutenção, aquisição e escolha dos locais de consumo. **Conclusão:** As influências do microsistema e mesossistema bioecológicos resultam da criminalização do uso de *Cannabis*, o que impede o diálogo maduro acerca do tema e leva ao contexto de obscuridade, exclusão social e violência.

### INTRODUÇÃO

Este estudo versa acerca dos elementos que compõe o microsistema e o mesossistema bioecológicos de usuários de *Cannabis* e que se mostram influenciadores das práticas de consumo desta substância psicoativa (SPA), na região da fronteira entre Brasil e Uruguai, apoiando-se na Abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano, proposta por Urie Bronfenbrenner (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998).

A abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano entende as interações ocorridas entre a pessoa e o contexto em que ela está inserida como determinantes de seu desenvolvimento, em uma dimensão temporal e dinâmica que orienta seus comportamentos. Nesta perspectiva contextualista e interacionista, os processos proximais revelam-se como principais mecanismos do desenvolvimento, sendo estes entendidos como formas particulares de interação com agentes, símbolos e objetos de modo duradouro, contínuo e sinérgico, ocorridos nos sistemas onde a pessoa insere-se diretamente, que são o microsistema e mesossistema, que acabam influenciando fortemente o processo de desenvolvimento (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998).

A *Cannabis*, que é uma das Substâncias Psicoativas (SPA) ilícitas mais usadas em todo mundo (JUNIOR, 2017), ao ser consumida, passa a compor o contexto do

usuário, enquanto objeto e símbolo, influenciando e sendo influenciada pelas relações e processos proximais do usuário/pessoa, especialmente em seu micro e mesossistema. O microsistema pode ser entendido como o contexto mais próximo do indivíduo, o ambiente em que este realiza as interações imediatas, como relações familiares e de amizades, bem como com símbolos e objetos, tais como a *Cannabis*. Já o mesossistema é o contexto que abrange a pluralidade de microsistemas distintos e que se relacionam através das redes sociais, em que a pessoa usuária de *Cannabis* participa e interage de modo ativo, podendo ser considerado os ambientes de lazer, locais de aquisição da *Cannabis*, ambientes acadêmicos, dentre outros (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998).

Na especificidade do micro e mesossistema de usuários de *Cannabis* nas cidades localizadas na fronteira entre Brasil e Uruguai, estas são permeadas por duas legislações antagônicas entre os dois países: de ilegalidade e criminalização no Brasil (BRASIL, 2006), e de regulamentação da produção e consumo, no Uruguai (URUGUAY, 2013).

Entendendo que as cidades localizadas no ambiente fronteiriço são espaços em que as pessoas de ambos os países interagem em seu cotidiano, interseccionando seus aspectos socioculturais e obtendo uma identidade particular do povo da fronteira (FERRARI, 2014), tem-se a criação de microsistema e mesossistema singulares e que podem influenciar no consumo de *Cannabis* de distintas formas. Neste cenário inexplorado e repleto de possibilidades, o consumo desenvolve-se permeado pelo conjunto de processos socioculturais destes sistemas, possuindo esta ação um valor simbólico, determinado por papéis exercidos pelos consumidores e grupos sociais ao qual pertencem (CANCLINI, 2006).

Diante do exposto, este estudo tem como objetivo conhecer as influências do microsistema e mesossistema bioecológicos no consumo de *Cannabis* em uma cidade da fronteira entre o Brasil e Uruguai.

## METODOLOGIA

Este estudo trata-se de um recorte da pesquisa intitulada “*Monitoramento e avaliação dos efeitos da nova política uruguaia de regulação do mercado de Cannabis sobre a saúde pública e as práticas de consumo de drogas na zona de fronteira entre Brasil e Uruguai*” (IPEA, 2017) executada em seis cidades do Rio Grande do Sul

alocadas na fronteira com o Uruguai, desenvolvida em parceria com a Secretaria Nacional sobre Drogas do Ministério da Justiça (SENAD).

Na especificidade deste recorte, de natureza qualitativa exploratório descritiva (CARDANO, 2017), serão utilizados os dados coletados em um único município, com população estimada de 28.156 habitantes (IBGE, 2017), e que faz fronteira úmida com o Uruguai.

Em relação aos participantes, foram incluídos: pessoas que realizavam o consumo de *Cannabis*, com nacionalidade brasileira ou de dupla nacionalidade, que residissem na fronteira brasileira e possuíssem 18 anos ou mais. Seguindo estes critérios, participaram deste estudo 14 usuários de *Cannabis*, sendo 12 do sexo masculino e duas do sexo feminino. As idades variaram de 18 à 57 anos, com predomínio de pessoas jovens. Em relação à escolaridade, um participante possuía o ensino fundamental incompleto, um possuía o ensino médio incompleto, dois possuíam o ensino médio completo, cinco com o ensino superior incompleto e quatro com o ensino superior completo. Das ocupações, quatro exerciam a função de estudante exclusivamente, nove estavam no mercado de trabalho e um era aposentado. Sobre o estado civil, dois referiram serem casados, um viúvo, um divorciado e os demais solteiros.

A realização da coleta de dados se deu por meio da inserção dos pesquisadores no campo em dois momentos, o primeiro em janeiro de 2016 e o segundo em agosto de 2017, e efetivou-se por meio de entrevista semiestruturada, focalizando na caracterização dos participantes e na explanação dos aspectos que envolvem o consumo de *Cannabis* e os contextos da fronteira entre o Brasil e o Uruguai que influenciam o consumo no micro e mesossistema, em conformidade com referencial adotado (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998). Estas ocorreram após a apresentação dos objetivos da pesquisa os participantes e o aceite dos mesmos em responder aos questionamentos, firmado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Para ter acesso aos participantes, utilizou-se uma abordagem não probabilística denominada “Bola de Neve” (GOODMAN, 1961). A escolha deste método deu-se devido às fragilidades sociais nas quais essas pessoas se encontram para realizar tal prática: de modo escuso, nos limites da ilegalidade das leis brasileiras. Na primeira inserção no campo de coleta, o informante-chave do estudo, foi indicado pelo serviço de saúde mental do município estudado. Posterior a esse momento, o mesmo indicou o

segundo participante que, após a sua entrevista, indicou o terceiro, dando seguimento ao método de coleta de dados Bola de Neve. Na segunda inserção no campo de coleta, realizou-se contato com o último participante da primeira etapa de coleta, e este indicou um novo participante para dar sequência ao método. Fez-se necessário duas inserções no campo em virtude da dificuldade de acesso aos participantes que realizam uma prática considerada ilegal no Brasil. Utilizou-se como critério de encerramento da pesquisa o aparecimento de dados homogêneos de forma repetitiva no conjunto de dados das duas inserções no campo, ou seja, quando houve a saturação de dados (MYNAIO, 2017). Para garantir a fidedignidade das falas, as entrevistas foram gravadas, mediante a autorização dos participantes e, posteriormente foram transcritas.

A análise de dados se deu por meio da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011), que se constitui das fases: pré-análise; exploração do material; tratamento dos resultados e interpretação. Estes foram interpretados com o amparo da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, de Urie Bronfenbrenner, na especificidade das influências do microsistema e mesossistema sobre o consumo de *Cannabis*.

A pesquisa à qual este estudo está vinculado foi submetida à Comissão de Ética em Pesquisa do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), obtendo parecer positivo sob o número 013/2015. Todos os aspectos éticos descritos na Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde foram respeitados. Para preservar a identidade dos participantes, estes foram identificados pela letra “U”, referente à palavra usuário, seguida do número de realização da entrevista: U1, U2, e assim sucessivamente.

## RESULTADOS

Distintos elementos do microsistema e mesossistema revelaram-se como influenciadores do consumo de *Cannabis* na cidade de fronteira entre Brasil e Uruguai, perpassando aspectos como o início do consumo, sua manutenção, os locais de aquisição e uso, dentre outros. Estes são apresentados em duas categorias que revelam as distintas influências de cada sistema estudado: O microsistema bioecológico e suas influências no consumo de *Cannabis*; e, O mesossistema bioecológico e suas influências no consumo de *Cannabis*.

### **O microsistema bioecológico e suas influências no consumo de *Cannabis***

Elementos pertencentes ao microsistema revelam-se como facilitadores do início do consumo de *Cannabis*, tendo destaque às relações com amigos próximos que

são usuários e com os quais são estabelecidos processos proximais. Os resultados demonstram que o desencadeamento do início do consumo de *Cannabis* ocorre na juventude e em virtude da vontade de experimentar a SPA, sendo o convívio com outros usuários apenas um facilitador para a concretização deste desejo, mas não o que suscita a vontade de fazê-lo. A fala de um participante demonstra que, mesmo diante de influências de agentes pertencentes ao microsistema que visam tolher o início do consumo de *Cannabis*, esta prática acaba se processando em virtude do desejo do usuário. Todavia, estas perpassam uma nova construção simbólica acerca da *Cannabis*, que permite que o desejo pela experimentação seja maior do que o medo de fazê-lo:

*Há um tempo atrás, com 13 anos, eu conheci a maconha, mas não usei. Só tinha amigos que usavam. [...] Eu fui usar a maconha com 18 anos. Meus amigos usavam, aí tive a curiosidade e experimentei [...] U12*

*[...] Na verdade eu sempre tive curiosidade de fumar maconha, mas tinha muito medo. [...] U5*

Após o início do consumo de *Cannabis*, as relações com agentes do microsistema com os quais são estabelecidos processos proximais, relavam-se importantes para o aprendizado em relação ao uso, tangenciados pela atribuição de novos valores simbólicos à *Cannabis*, que acabam, por fim, influenciando a forma como esta prática se concretiza:

*Eu fumava, mas não sabia tragar, daí um amigo meu me ensinou a tragar. [...] Este amigo desmistificou toda a 'parada' [...] U5*

*[...] Meu pai fuma maconha e me ensinou muita coisa sobre ela. [...] Ele sempre conscientizou do que era a maconha de verdade, tanto que eu nunca usei com ninguém estranho [...] U4*

A manutenção do consumo de *Cannabis* revela-se influenciada por agentes pertencentes ao microsistema. Para alguns usuários, o hábito se mantém em virtude do sugestionamento de outros consumidores do microsistema, porém, para outros, a prática se processa sem sofrer influências de terceiros, mas sim, por opção do usuário, apontando para a inclusão da *Cannabis* enquanto elemento que passa a compor o microsistema e o qual o usuário passa a estabelecer processos proximais:

*[...] sempre tem um amigo que tem Cannabis e vai na minha casa para me convidar 'vamos fumar um?' [...] U4*

*[...] Es mejor la idea es fumar con mas gente, pero si estoy solo y aburrido, me fumo uno [...]* U11

*[...] Se tiver alguém que me convidar, eu fumo em grupo, se tiver, eu fumo sozinho. Meus irmãos, todos fumam, daí a gente se encontra para fumar [...]*U13

Agentes pertencentes ao microsistema também exercem influência no modo como se dá a aquisição da *Cannabis*. As falas revelam a importância das redes de relações existentes para propiciar o acesso à SPA de modo conveniente ao consumidor, sem a exposição a ambientes de vulnerabilidade social. Apontam, também que, para a existência de um mercado de SPA próximo dos usuários, realizado pelos próprios membros do microsistema com os quais são estabelecidos processos proximais:

*[...] Eu consigo a maconha através de uma pessoa de minha confiança, sempre o mesmo, um parente, há muito tempo [...]* U8

*[...] Para conseguir, vem de amigos. Eu não vou até o traficante [...]* U12

*[...] Eu adquiro sempre por meio de um amigo que vende, o que os caras chamam de 'pequeno tráfico', não é aquele tráfico de 'boca de fumo', é aquele tráfico de apartamento [...]*U5

*[...] É, por meio dos amigos em si. Conforme a gente vai entrando nesse mundo, com o passar do tempo a gente vai achando cada vez mais gente que consegue [...]* U10

Os locais onde ocorre o consumo de *Cannabis* também sofre influência do microsistema e da visão acerca da temática pelos agentes que o compõe. Para alguns usuários, a aceitação do consumo pelos familiares permite que esta prática se processe dentro do próprio domicílio, porém em ambientes específicos. Já para o outros, a não aceitação os obriga a buscar outros locais para não utilizar no ambiente familiar:

*Meu pai é um cara mais conservador, no começo foi bem complicado, não teve aceitação [...]* foi uma coisa gradual. Hoje eu fumo no meu quarto, respeito o espaço dos meus pais. U5

*[...] Eu comecei fumando na rua, daí o meu pai descobriu e falou que não queria que eu fumasse na rua, somente em casa [...]* mas minha mãe não gosta da *Cannabis*, então eu tenho que fumar na rua quando estou na casa da minha mãe, e dentro de casa quando estou na casa do meu pai. [...] U4

*[...] Se eu tô na casa dos meus pais, eu não uso dentro de casa, pois em casa eu tenho problemas com isso. [...]* Meus pais são

*... muito 'certinhos'. Pro meu pai o que está na lei, está lei, e é isso[...]* U1

### **O mesossistema bioecológico e suas influências no consumo de *Cannabis***

O consumo de *Cannabis* revela-se inter-relacionado com elementos do mesossistema. A vontade de experienciar os efeitos da *Cannabis* mostra-se aguçada por elementos pertencentes ao mesossistema, como a exposição à contextos onde é feito o uso e, até mesmo, as ações educativas de combate as SPA ilegais que acabam por despertar o desejo de usar. Para a concretização desta prática, o convívio regular ou o estabelecimento de processos proximais com agentes do mesossistema que são usuários de *Cannabis*, tais como colegas de escola, faculdade e conhecidos, revelam-se como facilitadores para o acesso à SPA e início do consumo.

*[...] O PROERD [Programa Educacional de Resistência às Drogas] era um programa da brigada militar, em que os caras te faziam uma 'lavagem cerebral' no colégio. A meu ver, isso influencia de uma maneira negativa no combate ao uso de drogas, porque tu acaba tendo curiosidade em torno da droga, cria vários mitos. Então, de maneira geral, essas campanhas anti-drogas, na maneira que são feitas, estimulam mais o consumo da droga do que propriamente inibe. Foi por isso que eu tive vontade de usar [...]* U5

*[...] Eu ia para o colégio e daí eu comecei a 'matar aula' para ir para pista de skate e ali uns fumavam, e eu acabei fumando [...]* U9

*[...] Eu comecei a usar maconha depois que eu conheci o pessoal da Universidade. Uma menina me disse que iria fumar e daí comecei a fumar junto com ela [...]* U2

Algumas particularidades do mesossistema, enquanto conjuntos de microssistemas onde a pessoa se insere, revelam-se como influenciadoras da manutenção do consumo de *Cannabis*. As falas dos participantes descrevem que, para conseguir lidar com algumas características da sociedade, como a cobrança existente no meio acadêmico e profissional, fazem uso da *Cannabis* com regularidade, como um modo de buscar relaxamento e melhor enfrentamento o cotidiano:

*[...] Tudo isso que a gente vive parece tão complexo e difícil, que, às vezes, o momento que você fuma pode ser o único tempo que você tem para você mesmo. [...] A universidade deixa a gente assim, muito acelerado, a 'milhão': trabalho, trabalho, seminário, prova... E a gente, às vezes, precisa parar um pouco, e ficar tranquilo com a gente mesmo, ter um momento para relaxar. U1*

*[...] Às vezes eu me sinto um cara muito vagabundo e aí eu paro para pensar: 'espera aí, eu trabalho 24 horas por dia, todos os dias, eu não paro nunca', então vagabundo eu sei que eu não sou, mas me sinto, porque quando eu chego em casa de tardezinha e fumo um, eu relaxo e me sinto no ócio. Mas esse foi sempre o motivo pelo qual eu usei, para chegar em casa e sentir que terminou, que agora eu posso relaxar, eu acabo relaxando somente quando eu fumo [...] U8*

*[...] Fumo no intervalo do serviço, pós meio dia, para poder chegar no serviço tranquilamente, com a cabeça 'arejada', outra pessoa, renovado [...] U12*

O mesossistema revela-se como influenciador da aquisição da *Cannabis*, pois, para poder fazê-lo, o usuário necessita transitar em diferentes microssistemas que compõe o mesossistema, expondo-se a diferentes realidades e à ambientes de intensa vulnerabilidade social e de insegurança pública. Além disso, a aquisição no mercado ilegal que existe no mesossistema traz a possibilidade do acesso a uma SPA sem a qualidade desejada ou associada a outras substâncias de origem desconhecida.

*[...] Onde eu compro é um lugar perigoso. Ultimamente anda acontecendo muitos assaltos lá. Mas eu particularmente tenho mais medo da polícia, do que dos meninos que roubam e dos moradores [...] U2*

*[...] Na região que compro é considerada uma região difícil, mas existem piores. E eu já fui nessas piores e senti muito medo, é preciso tomar cuidado. Um movimento brusco, uma pergunta a mais que eu fizer, eles podem considerar que eu sou um policial disfarçado, podem considerar um monte de coisas, e dar 'uma ruim' para mim. Talvez se houvesse uma venda livre não fosse necessário ter cuidado, eu não sentiria medo [...] U1*

*[...] Eu compro de traficante brasileiro. O problema é comprar de traficante e tu não saber o que vem dentro. Tu tá comprando um objetivo e tu podes estar recebendo outro [...] U10*

Os locais onde se processam o consumo de *Cannabis* demonstram-se influenciados pelo mesossistema, onde afloram particularidades dos microssistemas que o compõe e que sugestionam a escolha dos ambientes de consumo. Enquanto para alguns usuários o uso em locais privados, como a casa, demonstra-se mais seguro, outros apontam ambientes públicos, como praças, como mais propícios para fazê-lo. A desuniformidade de opiniões acerca do melhor local para fazer uso relaciona-se com o constructo simbólico heterogêneo acerca do tema que existe dentro do mesossistema, o



que leva os usuários a escolherem os locais de consumo de modo a não sofrerem as consequências do estigma social, para não serem inconvenientes com os demais elementos do mesossistema ou, ainda, para sentirem-se mais seguros socialmente.

*[...] Eu faço o uso mais em casa, casa de amigos, dificilmente na rua, devido vários fatores: talvez se você fuma na rua, passa o seu vizinho, que te cumprimenta todos os dias, e te vê usando e para de cumprimentar porque tu fuma maconha. Isso não faz sentido nenhum, mas acontece, por isso eu evito usar na rua [...]*U1

*[...] já teve reclamação de vizinhos, devido o cheiro da maconha [...]* E a polícia ia invadir a nossa casa [...]

U2

*[...] Eu tenho esteriótipo de maconheiro, sou negro que uso 'dread', e se eu estiver fumando na rua, vão me bater e me levar preso. Então eu utilizo a maconha na minha casa, no meu quarto tranquilo, sem riscos [...]* U1

*[...] Locais que passam crianças eu evito fumar. Mas não que existam problemas com isso. É mais uma questão de ética de não ultrapassar a barreira do outro. Mas na praça é tranquilo [...]* U3

As distintas construções simbólicas existentes no mesossistema acerca do consumo de *Cannabis*, influenciadas pelas divergentes políticas públicas sobre o tema que existe na cidade de fronteira entre Brasil e Uruguai, coloca o usuário em uma situação de tensão constante. Esta se origina do receio de ações coercitivas desenvolvidas pela polícia no mesossistema, realizadas na aplicabilidade de lei proibicionista brasileira, como revela a fala:

*Há mais ou menos um mês a polícia civil chegou invadindo a casa dos amigos que moram na frente da minha casa. Invadiram para saber se a galera da faculdade usava ou traficava. Essa foi uma situação que deu muito medo, pois eles chegaram invadindo com o pé na porta, com uma arma apontada, dizendo 'vai, levanta'. Esta é uma perspectiva muito cruel do que é a criminalização da própria maconha. O fato dos estudantes estarem utilizando é um crime. A mesma erva que é utilizada pela medicina, que pode ser usada para socializar, é utilizada como uma forma de criminalizar os estudantes que usam. [...]* U2

## DISCUSSÃO

O microsistema e o mesossistema demonstraram-se influenciadores de distintos aspectos que compõe o consumo de *Cannabis*. No que se refere o a especificidade do

microssistema, entendido como o ambiente imediato do usuário, composto de elementos físicos e simbólicos (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998), visualiza-se influências significativas em relação ao início do consumo de *Cannabis*. Este aspecto se processa uma vez que as fases do desenvolvimento humano ocorrem neste ambiente (microssistema), constituindo-se de padrões de atividades, papéis e relações interpessoais que são experienciados pelo usuário (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998).

O pertencimento a um microssistema que propicia o despertar da curiosidade acerca do uso de *Cannabis*, bem como o acesso à SPA, demonstra-se propício para o início do uso. Isto se dá especialmente na juventude, enquanto fase do desenvolvimento onde a pessoa busca sanar suas curiosidade e sentir-se estimulado por situações desafiadoras (CARDOSO; MALBERGIER, 2014).

Enquanto membro de um microssistema, com o qual estabelece trocas sinérgicas constantes com os demais elementos deste, de modo íntimo, duradouro e fortemente influenciador para ambas as partes, entendido segundo o referencial adotado como processos proximais (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998), a pessoa tende a incorporar em suas práticas, comportamentos que se tornam comuns e são reconhecidos pela maioria do grupo. Este aspecto torna-se ainda mais verossímil na fase da juventude, uma vez pode haver dificuldade deste em expor suas idéias quando estão na contramão da maioria dos membros do microssistema (ELICKER et al, 2015).

Todavia, a existência de um comportamento comum à alguns membros do microssistema, como o uso de *Cannabis*, não necessariamente leva a reprodução e adoção desta prática pela pessoa, sendo ela dependente de um processo de singularização, como releva o resultado deste estudo. Este processo perpassa a (re)construção simbólica acerca do *Cannabis*, enquanto elemento que pode, ou não, passar a compor o microssistema do usuário, com o qual estabelecerá uma relação, e que também influenciará suas relações e processos proximais com os demais agentes deste sistema.

Estas construções simbólicas desenvolvidas e perpetuadas no microssistema também se revelam influenciadoras de determinados comportamentos. Os resultados do estudo apontam para a incorporação de um valor simbólico negativo ao uso de SPA, expressos nos processos educacionais existentes entre pais e filhos no microssistema, no intuito de evitar o uso da *Cannabis*.

A literatura revela que existe um medo eminente nos pais em relação o uso de SPA ilegais e que, dentre os comportamentos adotados por estes para evitar que seus filhos as usem, está o emprego de uma prática educacional pautada no medo, atribuindo um caráter simbólico negativo ao uso das mesmas, expressos em seus processos proximais, sendo esta ação comum entre pais que nunca fizeram uso ou tiveram contato com as mesmas. Nos casos em que a família já foi exposta a um histórico de abuso de alguma SPA, o modo de educar tende a ser pautado em sentimentos de ódio e receio, dentre outros (SILVA, 2015). Todavia, os resultados encontrados revelam que este método mostra-se ineficaz ao ser suplantado pela curiosidade da experimentação.

Infere-se que os elementos do microsistema possuem importância para a efetivação do processo de aprendizagem necessário à prática do consumo de modo seguro ao usuário, estando este aprendizado interseccionado a (re)construção simbólica acerca do que é a *Cannabis* e de todos os aspectos em estão abarcados no seu uso.

A literatura revela que, por ser uma prática ilegal, há, na construção simbólica da sociedade, variados preconceitos a respeito da temática. Embora esses aspectos possam incentivar a curiosidade das pessoas que nunca utilizaram, esta vem acompanhada de um sentimento de receio e medo, relacionados com a ilegalidade (POLICARPO, 2013) e com o significado simbólico deste elemento no microsistema ao qual o agente pertence. Assim sendo, agentes que compõe o microsistema, com os quais o usuário estabelece processos proximais e deposita sua confiança, como amigos e família, revelaram-se essenciais na aprendizagem das técnicas necessárias para o consumo efetivo. Estas incluem ensinamentos básicos, tais como tragar o cigarro, obter os efeitos almejados e, até mesmo, estabelecer os critérios para a escolha dos locais onde fazer o uso e das pessoas com quem efetivá-lo (POLICARPO, 2013), levando ao desenvolvimento de regras e controles relacionados ao uso no microsistema.

A manutenção do consumo também se demonstrou associada a elementos do microsistema, estando esta prática integrada a um processo de socialização. Há, no desenvolvimento deste processo, a criação de um ciclo: o convite ao ato de fumar antevê um momento de socialização e a socialização antevê o convite para o ato de fumar. Para algumas literaturas que abordam o uso de diversas SPA lícitas e ilícitas, as relações de amizade existentes no microsistema com pessoas consumidoras de “drogas” pode ser um fator de risco para manutenção do consumo, ou para torná-lo abusivo, pois se acredita que os amigos próximos acionem a pessoa consumidora em

variados momentos para que o uso ocorra (SILVA; GUIMARÃES; SALLES, 2014; ZEFERINO et al, 2015).

Todavia, infere-se que a associação entre socialização e o uso de *Cannabis* pode ser um fator protetivo e desencadeador de um consumo controlado, uma vez os agentes que fazem uso conjuntamente com a pessoa podem não estar disponíveis para compartilhar o consumo quando esta deseja fazê-lo, por possuírem outras atividades, diminuindo a frequência em que a prática se processa.

Não obstante, encontram-se resultados que apontam para a manutenção do uso de modo desacompanhado. Este aspecto parece revelar a magnitude do valor simbólico que a *Cannabis* possui para o usuário enquanto elemento que compõe seu microsistema, atribuindo a ela a capacidade de dirimir ou atenuar aspectos negativos do cotidiano. O uso sem a companhia de outros agentes também pode estar relacionado ao desejo de evitar envolver-se com pessoas que utilizem distintas SPA as quais a pessoa não quer ser exposta, ou, para manter-se abstinente de outras “drogas”, como revela a literatura (JORGE et al, 2013). Esta forma de consumo ainda possui como consequência a discrição, evitando chamar atenção dos agentes de segurança pública quando a prática ocorre em ambientes públicos.

Evidenciou-se o microsistema como influente na aquisição da *Cannabis*, revelando que agentes que pertencem a este se tornam os fornecedores da SPA. Adquirir de pessoas próximas e em ambientes resguardados permite ao usuário a manutenção desta prática com maior segurança e comodidade. Como afirma a literatura, isto se dá, pois, ao utilizar uma SPA ilegal a pessoa pode se expor as questões jurídicas do país e correr o risco de sofrer as sanções legais e adentrar o sistema carcerário. Não somente, pode ficar exposto a violência enquanto no exercício da aquisição da *Cannabis*, que é marcada pela ascensão à zonas de periferia e de vulnerabilidade social onde se encontram as “bocas de fumo”, espaços caracterizados pela ocorrência de confrontos entre a polícia e traficante e/ou conflitos por disputas de mercado entre traficantes (JURUBEBA et al, 2016).

No intuito de evitar tal exposição e ter garantido o fornecimento da SPA, os consumidores (re)constróem suas redes de relações no microsistema, bem como, estabelecem novas redes sociais adentrando a intersecção entre microsistemas (que compõe o mesossistema), na qual vínculos são reafirmados para se obter as informações a respeito do modo facilitado para adquirir a substância desejada, sem precisar se

envolver diretamente com o tráfico de drogas em “bocas de fumo” e correr os riscos relacionados (FRAGA; SILVA, 2017).

A existência de um mercado de SPA que adentra a intimidade dos microssistemas, descrito nos resultados como “tráfico de apartamento” enquadra-se criminalmente de modo igualitário ao tráfico de “bocas de fumo”. De acordo com a Lei brasileira nº 11.343/06 (BRASIL, 2006), a comercialização de SPA ilegais configura crime de tráfico de drogas, independentemente do volume apreendido. A imprecisão desta lei em relação ao volume de SPA que configura tráfico ou consumo, deixa a encargo dos agentes de segurança pública e do juiz a interpretação da mesma para proceder a aplicabilidade da pena, podendo levar ao errôneo tratamento igualitário entre usuários e traficantes.

O valor simbólico atribuído ao consumo de *Cannabis* pelos agentes que compõem o microssistema, fator que leva-os a considerar esta prática aceitável ou inaceitável revelou-se influenciador da escolha do local onde se processa o uso da SPA. As situações em que o consumo é aceitável pelos agentes do microssistema levam o usuário a optar por realizar o uso em casa. Esta conjuntura possui fator protetivo, evitando a exposição do usuário perante a sociedade e aos ambientes de consumo externo, onde podem haver abordagens dos agentes de segurança pública.

A aceitação desta prática por alguns elementos do microssistema pode estar associada à incorporação destes de novos valores simbólicos atribuídos à *Cannabis*, popularizados por meio de movimentos sociais como a “marcha da maconha”, que buscam a desconstrução da imagem negativa atribuída à SPA e o questionamento das leis proibicionistas que são seletivas e pouco baseadas em aspectos científicos (BENTES, 2015). Não somente, pode estar associado a proximidade geográfica com o Uruguai, enquanto país que regulamentou o consumo de *Cannabis*, trazendo uma nova perspectiva de abordar a temática, que acaba influenciado toda a região de fronteira, adentrando os microssistemas que a compõe.

Quando o consumo de *Cannabis* não é aceito pelos demais agentes do microssistema, o usuário vê-se obrigado a buscar outros ambientes para fazê-lo. O não aceite desta prática pode estar associado ao valor simbólico negativo atribuído ao consumo de *Cannabis*, como uma faceta que perpetua o estigma social, prejudicando os processos proximais e as relações estabelecidas na intersecção com outros microssistemas (mesossistema), como também descrito pela literatura (FERREIRA;

ENGSTROM, 2017). Isto se dá, pois o uso de uma SPA traz consigo o caráter de marginalidade, simbolizando um perigo aos demais agentes que convivem com o usuário, que entendem que esta pessoa deve ficar afastada, devido suas características pessoais e de comportamento (TOLEDO; GÓNGORA; BASTOS, 2017).

Na especificidade do mesossistema, enquanto sistema formado pelos microsistemas onde a pessoa estabelece relações diretas e forma redes sociais (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998), os dados apontam para a influência dos agentes que compõe ambientes de socialização, como a escola e universidade, como suscitadores da iniciação do consumo de *Cannabis*.

A adolescência e o início da idade adulta, fase da vida em que as pessoas frequentam regularmente a escola ou a universidade, é caracterizada enquanto período onde há a busca pela identidade, aspecto que faz aflorar a possibilidade da aquisição de comportamentos vislumbrados no sistema no intuito de ser aceito e pertencer a um grupo com características comuns. Assim sendo, se há no grupo ao qual a pessoa almeja ingressar o comportamento do uso de alguma SPA, esta poderá incorporar esta prática em seu cotidiano como predicado para pertencer ao mesmo. A literatura destaca que nos ambientes estudantis há, comumente, o uso de *Cannabis*, por ser esta uma SPA ilícita de fácil acesso e com baixo valor agregado, se comparada com as demais substâncias ilícitas (HORTA et al, 2014). Estes ambientes são marcados por alterações no meio social e pela necessidade constante de se expor à distintas pessoas e de conquistar novos amigos, aspectos estes que contribuem para adoção dos novos comportamentos para pertencer aos novos grupos onde se insere (DIAS; CONCEIÇÃO, 2014).

A literatura revela também que a violência experienciada pelos jovens no mesossistema escolar, pode ser um fator relevante para a iniciação do consumo de SPA como a *Cannabis*, visto que a escola tornou-se o ambiente mais propício para o desenvolvimento do *bullying* e outros tipos de violência (FARIAS; MARTINS, 2016).

O desenvolvimento de práticas educacionais no mesossistema que visam a prevenção do uso de SPA ilícitas, despontou como influenciador do despertar da curiosidade acerca das mesmas, como consequência da metodologia empregada nestas ações. O programa citado pelo participante, denominado Programa Educacional de Resistência às drogas, PROERD, é uma adaptação da política de prevenção ao uso de drogas norte-americana. O programa, realizado ao longo de ciclos de 10 semanas no mesossistema escolar, é desenvolvido na perspectiva de “guerra as drogas”, sob a lógica

da imposição do medo, associando o uso das SPA com o crime e marginalidade. Por não sanar a curiosidade dos agentes que participam do mesmo, cria-se o contexto propício para a concretização do desejo de experimentar, secundário à curiosidade já existente na fase da juventude. Não somente, a metodologia empregada corrobora na solidificação da exclusão social e o estigma para usuários de “drogas”, justificado pelo argumento de que pessoas que as usam são perigosas para o convívio social, deseducando para o exercício da cidadania e para o convívio saudável em uma sociedade consumidora de SPA Legais e Ilegais (DOMINGUES, 2016; CHAGAS et al, 2017).

A literatura aponta que práticas punitivas e estigmatizadoras são ineficazes para prevenir a primeira experiência com SPA ilegais no mesossistema, sendo necessário implementar propostas com abordagens pautadas na redução de danos, onde o processo de aprendizagem parte do diálogo e das demandas contextuais das crianças e adolescentes, enaltecendo a capacidade de reflexão do sujeito sobre a temática e sua autonomia, para que, assim, tenham o conhecimento necessário e realizem suas escolhas de modo autônomo e seguro (DOMINGUES, 2016; CHAGAS et al, 2017).

As demandas e rotinas estressoras, concretizadas por demasiadas atividades às quais o usuário está exposto em contextos do mesossistema, como os ambientes universitários e de trabalho, demonstraram-se influenciadoras da manutenção do consumo de *Cannabis*. Para a literatura, a busca por uma SPA nestes casos está relacionada com a necessidade de adaptação aos momentos atribulados que são vividos pelas pessoas, as intensas pressões sociais sofridas no trabalho e no meio acadêmico, concomitantes as escassas ocasiões de prazer e socialização com a família e amigos. Por essa razão, a pessoa pertencente a esse mesossistema pode, conseqüentemente, desenvolver certo sofrimento psíquico, que pode levá-lo a buscar artifícios para modificar o seu estado de consciência (MACHADO; MOURA; ALMEIDA, 2015).

As atividades laborais desenvolvidas no mesossistema igualmente relacionam-se à manutenção do consumo de *Cannabis*, visto que, como refere a literatura, o modo como acontecem os modos de produção e trabalho na contemporaneidade, afetou significativamente a saúde mental dos indivíduos pertencentes aos mesossistemas, aumentando os níveis de estresse dos trabalhadores (SOUZA; BUENO, 2016). Por esta razão, para manterem-se produtivos no mesossistema (GAVIRAGHI, 2016), ou para

fugir do estresse oriundo do mundo do trabalho (TAKAHASHI; SISTO; CECÍLIO-FERNANDES, 2014), passam a utilizar SPA como a *Cannabis* (GAVIRAGHI, 2016).

O mesossistema enquanto espaço bioecológico onde ocorre a aquisição da *Cannabis* revela-se como influenciador da forma como se processa essa prática. Ao buscar a *Cannabis* no comércio ilegal existente no mesossistema, a pessoa se insere em espaços que podem expor a mesma a violência de distintas origens e ao risco de sofrer sanções aplicadas pelos agentes de segurança pública, fazendo com que esta prática seja acompanhada de sentimentos de tensão, medo e insegurança.

A forma como são desenvolvidas as ações da polícia no mesossistema, enquanto aparelho do Estado que busca coibir a circulação de SPA classificadas como ilegais em conformidade com a lei proibicionista vigente, traz consigo a criação de ambientes de venda instáveis, caracterizados por práticas de violência e confrontos entre agentes de segurança pública e traficantes (LEITE, 2014; MALVASI, 2014). Esta conjectura revela-se como consequência da inespecificidade da Lei 11.343, de 2006, que assegura os direitos de pessoas usuárias de drogas, porém, não as diferencia com clareza dos traficantes enquanto na posse de alguma SPA no mesossistema.

Destaca-se que as zonas de periferia e vulnerabilidade social são os locais de preferência para a instalação do comércio ilegal de SPA, devido a dificuldade do Estado em controlar esses espaços. Em virtude das questões socioeconômicas frágeis destes ambientes, torna-se fácil à organização criminal do tráfico admitir trabalhadores para o comércio de SPA ilegais, bem como, para impor suas “regras sociais” nestes contextos do mesossistema. Vislumbra-se comumente a adoção de práticas violentas que visam impor respeito na comunidade e consumidores. Para ser capaz de travar tais enfrentamentos com a política e manter a ordem que consideram adequada nos ambientes de tráfico e sem a interferência do estado, esta organização mune-se por meio da indústria bélica, revelando-se como principal consumidor da mesma (AZEVEDO, 2014). Esta conjectura torna as ascensões dos usuários aos ambientes de tráfico potencialmente perigosas.

O medo de se expor a uma abordagem policial no mesossistema em virtude do uso de *Cannabis*, é apontado pela literatura como proveniente da existência de uma cultura de desprezo pela política de direitos humanos pelos agentes de segurança pública, entendida por policiais como prejudicial às suas ações. Diante desta compreensão, autores revelam que muitas ações realizadas pela política são pautadas



pelo cunho moralista, desconsiderando os direitos fundamentais das pessoas e, empregando práticas coercitivas desrespeitosas àqueles que os agentes julgam com comportamentos disruptivos, como os usuários de *Cannabis* (LOPES, RIBEIRO & TORDORO, 2016).

O receio de receber sanções pelos agentes de segurança pública também revela-se influenciador da escolha dos locais para realizar o consumo da *Cannabis* no mesossistema, fazendo com que os ambientes particulares do microssistema, como a casa, recebam destaque como os mais propícios, por evitarem a exposição ao contexto moralista e estigmatizador existente neste sistema.

Não obstante, o uso em ambientes domiciliares também pode ser percebido, principalmente em virtude aroma exalado pela combustão da *Cannabis*, fazendo com que outros membros do mesossistema sintam-se desrespeitados e acionem a segurança pública. Nesta conjuntura, áreas externas como as praças demonstram-se propícias ao consumo de *Cannabis*, mesmo sob os riscos da penalização das leis brasileiras (VERÍSSIMO, 2015). A escolha por consumir *Cannabis* nestes locais está atrelada às suas características, que se demonstram mais livre de preconceitos, pois, distintas populações estigmatizadas socialmente, como profissionais do sexo, travestis e outros usuários de drogas utilizam o espaço com frequência. É como se neste local, muitos comportamentos fossem toleráveis e/ou estivessem “legalizados”, logo, os frequentadores não sentem os julgamentos sociais (GOMES FILHO; MAGALHÃES, 2017).

As concepções simbólicas heterogenias existentes no mesossistema acerca do uso de *Cannabis* dão margem para a perpetuação de ações violentas realizadas pela polícia para tratar as questões referentes ao consumo de *Cannabis*. A literatura revela que essas ações punitivas são solidificadas pelo desejo de parte da população, devido os constructos simbólicos negativos acerca da temática, também influenciados pelos meios de comunicação (DIAS, PASSOS & SILVA, 2016). A polícia, por meio da repressão e violência, busca o cumprimento das leis, porém a forma como se dá a aplicabilidade destas, mostra-se condicionada com aspectos socioeconômicos dos consumidores (TOLEDO, GÓNGORA & BASTOS, 2017).

Em virtude da imprecisão da lei brasileira acerca dos critérios que diferenciem o tráfico do consumo, parece ser erroneamente influenciada pelo contexto social da apreensão, sendo que usuários de classe média-alta tendem a serem classificados como

consumidores e podem sair ilesos dessas ações, já os de classe baixa, possivelmente sofrerão as penalidades do enquadramento da lei como traficantes. Esta “seleção” dos que serão enquadrados como consumidores ou como traficantes é influenciada por construções simbólicas singulares do que é entendido enquanto “perfil” do criminoso pelos agentes de segurança pública, podendo ser pautados em critérios como classe social, cor de pele, comportamento considerado disruptivo e valores morais (TOLEDO, GÓNGORA & BASTOS, 2017).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo permitiu conhecer as influências do microsistema e mesossistema bioecológicos no consumo de *Cannabis* em uma cidade da fronteira entre o Brasil e Uruguai. O microsistema revelou-se facilitador do início do consumo de *Cannabis*, do aprendizado em relação ao uso, manutenção desta prática, aquisição da SPA e escolha dos locais onde esta se processa.

Estar inserido em um mesossistema onde ocorre o uso da *Cannabis* mostra-se influenciador do início desta prática, assim como ações educativas de combate ao uso de SPA ilegais acabam despertando a vontade de usar. Todavia, esta ação só se concretiza em virtude da curiosidade e desejo do indivíduo. O mesossistema influencia na aquisição, manutenção e escolha do local do consumo. Não somente, aspectos sociais e o receio de ações coercitivas desenvolvidas pela polícia no mesossistema, também revela-se influenciadores do consumo de *Cannabis*.

O emprego do método bola de neve pode ter levado a uniformidade amostral, reduzindo a heterogeneidade dos dados, o que revela-se como uma limitação do estudo. Todavia, o uso deste método justifica-se em virtude da dificuldade de acesso a participantes que realizam uma prática ilegal.

Considera-se que os constructos dos dados resultam da criminalização do uso de *Cannabis*, o que impede o diálogo maduro acerca do tema e leva ao contexto de obscuridade, exclusão social e violência, revelados pelos participantes. Assim sendo, vislumbra-se a necessidade de novos estudos que possam adentrar as implicações da ilegalidade do consumo de SPA nos ambientes de microsistema e mesossistema, de modo a permitir a superação do impacto negativo do modelo proibicionista nas sociedades, e a implementação de políticas públicas voltadas a saúde e cidadania dos sujeitos.

## REFERÊNCIAS

- FERRARI, M. The concepts of the border in geography. *Rev Perspect Geo* [Internet] 2014 July [cited 2016 Oct 28] 9(10):1-25. Available from: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/pgeografica/article/view/10161/7550>
- CANCLINI, GN. El Consumo Cultural: un a propuesta teórica. In: Sunkel, G. El consumo cultural en América Latina. Construcción teórica y líneas de investigación. 2ª Ed. ampliada y revisada. Bogotá: Convenio Andrés Bello, 2006.
- CARDANO, M. Manual de Pesquisa Qualitativa: a contribuição da teoria da argumentação. Petrópolis, RJ: Vozes; 2017.
- GOODMAN, LA. Snowball sampling. In: *Annals of Mathematical Statistics*. 32:148-70; 1961.
- BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: edição 70; 2013.
- MYNAIO, MCS. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. *Rev Pesq Quali*. São Paulo (SP); 2017 abril; 5(7):01-12.
- CARDOSO, LRD; MALBERGIER, A. A influência dos amigos no consumo de drogas entre adolescentes. **Estudos de Psicologia** 31(1) 65-73I janeiro – março, Campinas, 2014.
- ELICKER, E et al. Use of alcohol, tobacco and other drugs by adolescents students from Porto Velho-RO, Brazil. . **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, [s.l.], v. 24, n. 3, p.1-2, set. 2015.
- SILVA, Eroy Aparecida da. FAMÍLIA, ABUSO E DEPENDÊNCIA DE DROGAS DESAFIOS CLÍNICOS E DAS PESQUISAS. **Anais da V Jornada de Psicologia no Hospital Municipal do Campo Limpo**, [s.l.], p.1-9, jan. 2015. Editora Edgard Blücher.
- Policarpo, FMF. Velhos usuários e jovens traficantes? Um estudo de caso sobre a atualização da nova Lei de Drogas na cidade do Rio de Janeiro. **DILEMAS**. Vol. 6 - n1 - JAN/FEV/MAR 2013 - pp. 11-37
- SILVA, Meire Luci da; GUIMARÃES, Camila Ferreira; SALLES, Daiane Bernardoni. Risk and protective factors to prevent relapses of psychoactive substances users. **Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste**, [s.l.], v. 15, n. 6, p.1007-1015, 30 dez. 2014. *Rev Rene - Revista da Rede de Enfermagem de Nordeste*.
- ZEFERINO, Maria Terezinha et al. Consumo de drogas entre estudantes universitários: família, espiritualidade e entretenimento moderando a influência dos pares. **Texto & Contexto - Enfermagem**, [s.l.], v. 24, n. , p.125-135, 2015.
- JURUBEBA, YAP et al. Um debate sobre a descriminalização da maconha sob o enfoque da criminologia crítica e a audiência de custódia como ferramenta contra a prisão cautelar. **Rev Esmat**, v. 11., p. 57-90, 2016.
- FRAGA, Paulo César Pontes; SILVA, Joyce Keli do Nascimento. A participação feminina em mercados ilícitos de drogas no Vale do São Francisco, no Nordeste brasileiro. **Tempo Social**, [s.l.], v. 29, n. 2, p.135-157, 8 ago. 2017.

FERREIRA, Jaqueline Teresinha; ENGSTROM, Elyne Montenegro. Estigma, medo e perigo: representações sociais de usuários e/ou traficantes de drogas acometidos por tuberculose e profissionais de saúde na atenção básica. **Saúde e Sociedade**, [s.l.], p.1-11, 18 dez. 2017.

BENTES, Isabela. “Ponham as cartas na mesa e discutam essas leis”: a luta pela legalização da maconha no Brasil. **Argumentum**, [s.l.], v. 7, n. 1, p.93-107, 29 jun. 2015.

TOLEDO, L; GÓNGORA, A; BASTO, AIPM. À margem: uso de crack, desvio, criminalização e exclusão social – uma revisão narrativa. **Rev. Ciência & Saúde Coletiva**, 22 (1)-31-42, 2017.

HORTA, Rogério Lessa et al. Lifetime use of illicit drugs and associated factors among Brazilian schoolchildren, National Adolescent School-based Health Survey (PeNSE 2012). **Revista Brasileira de Epidemiologia**, [s.l.], v. 17, n. 1, p.31-45, 2014.

FARIAS, Cleberson de Souza; MARTINS, Christine Baccarat de Godoy. Violência entre adolescentes escolares: condições de vulnerabilidades. **Rev. Enfermeria Global**. N. 42, p. 171 – 184, 2016.

DIAS, A.A; CONCEIÇÃO. A.S. Levantamento domiciliar sobre o uso de substâncias psicotrópicas ilícitas entre estudantes de uma universidade do Alto Tietê. **Revista Saúde e Pesquisa**, v. 7, n. 3, p. 465-476, set./dez. 2014.

CHAGAS, Julia Chamusca et al. Concepções de professoras dos anos iniciais do ensino fundamental sobre prevenção do uso indevido de drogas. **Revista Brasileira de Educação**, [s.l.], v. 22, n. 71, p.1-20, 7 dez. 2017.

DOMINGUES, V.G. Educação e guerra às drogas: uma reflexão sobre o PROERD na escola. **Alabastro: revista eletrônica dos alunos da Escola de Sociologia e Política de São Paulo**, São Paulo, ano 4, v. 1, n. 7, 2016, p. 56-72.

MACHADO, Cleomara de Souza; MOURA, Talles Mendes de; ALMEIDA, Rogério José de. Estudantes de Medicina e as Drogas: Evidências de um Grave Problema. **Revista Brasileira de Educação Médica**, [s.l.], v. 39, n. 1, p.159-167, mar. 2015.

SOUZA, A. C. F. M; BUENO, H. P. V. Principais problemas psicológicos enfrentados no ambiente de trabalho na pós-modernidade. **R. Laborativa**. v. 5, n. 1, p. 85-93, abr, 2016.

GAVIRAGHI, Daniela et al. Medicalização, uso de substâncias e contexto de trabalho em bancários do Rio Grande do Sul, Brasil. **Revista Psicologia, Organizações e Trabalho**, [s.l.], v. 16, n. 1, p.61-72, 2016.

IBGE. Panorama, cidades. Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/jaguaraopanorama> Acesso em: jan. 2017.

TAKAHASHI, L.T; SISTO, F.F; CECÍLIO-FERNANDES, D. Avaliação da vulnerabilidade ao estresse no trabalho de operadores de Telemarketing. **Rev. Psicol., Organ. Trab.**, jul-set 2014, vol. 14 num.

LEITE, MP. Entre a ‘guerra’ e a ‘paz’: Unidades de Polícia Pacificadora e gestão dos territórios de favela no Rio de Janeiro **DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social** - Vol. 7 - no 4 - OUT/NOV/DEZ 2014 - pp. 625-642.

MALVASI, PA. Além do consenso moral: o problema das drogas na perspectiva de jovens de periferias paulistas. **Rev. Bras. Adolescência e Conflitualidade**, 2014 (10):87-109

AZEVEDO, G; CRUZ, JHT. ANÁLISE JURÍDICO-SOCIOLÓGICA DA POLÍTICA DE DROGAS: O NARCOTRÁFICO E A CRISE DO PROIBICIONISMO. *Revista Direito e Inovação| FW | v. 2 | n. 2 | p. 18-34 | Jul. 2014.*

GOMES FILHO, Antoniel dos Santos; MAGALHÃES, Eloi dos Santos. Performances de travestis nas terras consagradas a são francisco das chagas: uma experiência etnográfica no município de canindé-ceará, brasil. **Interfaces Científicas - Humanas e Sociais**, [s.l.], v. 6, n. 2, p.51-64, 16 out. 2017.

LOPES, CS; RIBEIRO, EA; TORDORO, MA. Direitos Humanos e Cultura Policial na Polícia Militar do Estado do Paraná. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 18, no 41, jan/abr 2016, p. 320-353.

VERÍSSIMO, Marcos. As Rodas Culturais e a “Legalização” da Maconha no Rio de Janeiro. **Ponto Urbe**, [s.l.], n. 16, p.1-15, 31 jul. 2015.

DIAS, PASSOS; SILVA. Uma política da narratividade: experimentação e cuidado nos relatos dos redutores de danos de Salvador, Brasil. **COMUNICAÇÃO SAÚDE EDUCAÇÃO** 2016; 20(58):549-58

GARCIA, EL; MORAES, ME; MORAES, JS; FERNANDES, VM; RENNER, JD. Sujeito e seus (des)caminhos de pedras: reflexões sobre o discurso hegemônico relacionado a droga e a drogadição. II congresso Brasileiro Interdisciplinar de promoção da saúde, v.6, 2016.

Uruguay. Presidencia de la República Oriental del Uruguay. Lei° 19.172, 20 de dezembro de 2013, que dispõe sobre o controle e regulação do mercado de *Cannabis*. **Instituto de Regulação e Regulação de Cannabis do Uruguai (IRCCA)**, Montevideu. [Internet] 2013 dec [cited 2016 dec 05]; Available from: [http://www.ircca.gub.uy/wp-content/uploads/2017/01/Ley\\_19172.pdf](http://www.ircca.gub.uy/wp-content/uploads/2017/01/Ley_19172.pdf)

BRONFENBRENNER, U., MORRIS, P.A. The ecology of developmental processes. In: DAMON, W., LERNER, R.M. Handbook of child psychology: theoretical models of human development. 5a ed., v.1, New York: Wiley, 1998.

BRASIL. Lei nº 11.343 Art. 28, 23 de agosto de 2006.

Jorge MSB, Quinderé PHD, Yasui S, Albuquerque RA. The ritual of crack consumption: socio-anthropological aspects and impacts on the health of users. Ciênc. saúde coletiva [Internet] 2013 Oct [cited 2017 feb 25]; 18(10):2909-18. Available from:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141381232013001000015&lng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141381232013001000015&lng=en)

JUNIOR, RTS. Maconha na guerra às drogas: (in)constitucionalidade e (in)convencionalidade. Revista Direito e Liberdade – RDL – ESMARN – v. 19, n. 1, p. 227-261, jan./abr. 2017.

IPEA. O consumo de drogas e a saúde pública na fna zona de fronteira entre o Brasil e o Uruguai: resultados qualitativos. Disponível em: [http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=30470&catid=220&Itemid=6](http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=30470&catid=220&Itemid=6) . Acesso em: 5 de novembro de 2017.

### Artigo 3

## Exossistema e Macrossistema bioecológicos da fronteira entre o Brasil e Uruguai e suas Inter-relações com o consumo de *Cannabis*

### Resumo

**Objetivo:** Conhecer as inter-relações do exossistema e macrossistema bioecológicos existentes na região fronteira entre o Brasil e Uruguai com o consumo de *Cannabis*. **Método:** Estudo de abordagem qualitativa, exploratório e descritivo. Foram entrevistados 14 usuários de *Cannabis* residentes em uma cidade da fronteira Brasil/Uruguai. Os dados foram coletados por entrevista semiestruturada, em outubro de 2016 e abril de 2017, analisados através da Análise de Conteúdo, e explorados com o auxílio da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano. **Resultados:** As inter-relações do exossistema com o consumo de *Cannabis* originam-se das implicações da política proibicionista brasileira, que gera o tráfico de drogas e consequentemente, criminaliza a pessoa consumidora de *Cannabis*, expondo as mesmas a espaços de violência, oferta de *Cannabis* adulterada, trabalho de crianças e adolescentes no comércio ilegal, venda para menores de idade, uso de modo escuso e perpetuação do estigma social, fomentado pela mídia. As inter-relações do macrossistema com o consumo de *Cannabis* referem-se a possibilidade do uso de *Cannabis* com características e qualidades diferenciadas. A existência do comércio ilegal de *Cannabis* do Uruguai, expõe os consumidores brasileiros ao risco de sofrer sanções legais. **Conclusão:** Considerando a ineficácia do modelo proibicionista e a implementação de novas políticas públicas sobre drogas em diversos países, torna-se relevante o acompanhamento dos territórios que interseccionam essas perspectivas distintas, de modo a vislumbrar as mudanças sociais e de saúde dos ambientes de exossistema e macrossistema.

### INTRODUÇÃO

A *Cannabis* é uma substância psicoativa (SPA) utilizada em todo o mundo em larga escala, sendo seu consumo atrelado a multiplicidade de fatores socioculturais e políticos onde estão inseridos seus usuários (SANTOS, 2017; JUNIOR, 2017). Em muitos países, como o Brasil, o consumo de *Cannabis* é uma prática ilegal (BRASIL, 2006), sendo que em outros, como o Uruguai, que faz fronteira com o Brasil, o uso desta SPA é regulamentado (URUGUAY, 2013). Estas características de legalidade ou ilegalidade tornam-se influenciadoras do modo como às pessoas usuárias processam esta ação e dos elementos que circundam o uso.

Utilizando-se da Abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano, entende-se o Brasil como um exossistema em que o usuário de *Cannabis* está inserido. O exossistema envolve os ambientes e contextos de modo ampliado, em que a pessoa não é um participante ativo ou não sugestiona a forma como ocorrem os processos, mas



que sofre influência destes em sua vida (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998). O exossistema brasileiro possui características socioculturais e políticas marcadas pelo proibicionismo do consumo da *Cannabis*. Já o Uruguai constitui-se de outro exossistema, caracterizado pela regulação da produção, venda e uso desta SPA ilegal no Brasil.

O ambiente da fronteira entre Brasil e Uruguai é marcado pela intersecção destas duas políticas antagônicas sobre o uso de *Cannabis*. Tendo por base o referencial bioecológico, vislumbra-se esta região de confluências enquanto macrossistema, composto pelo exossistemas brasileiro e uruguaio, caracterizado pelo conjunto de ideologias, valores, crenças, culturas e subculturas presentes no cotidiano dos usuários de *Cannabis*, e que se inter-relacionam com esta prática (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998).

Entendendo as perspectivas distintas existentes entre o exossistema brasileiro e o exossistema uruguaio em relação ao consumo de *Cannabis*, tem-se na interface destes exossistemas a criação de um macrossistema particular, com características singulares que se relacionam com o modo como os usuários desta SPA efetivam esta ação. Nesta, aspectos que abarcam o consumo, como a produção, aquisição e uso, podem apresentar características específicas deste ambiente fronteiriço, ainda não exploradas pela literatura. Neste sentido, estudar o consumo de *Cannabis* nas zonas em que exista o antagonismo entre políticas sobre drogas possibilita avaliar as propostas vigentes, levando a construção de caminhos alternativos aos problemas trazidos pela proibição. Diante do exposto, este estudo tem como objetivo conhecer as inter-relações do exossistema e macrossistema bioecológicos existentes na região fronteira entre o Brasil e Uruguai com o consumo de *Cannabis*.

## METODOLOGIA

Este estudo, de natureza qualitativa exploratório descritiva (CARDANO, 2017) é resultado da dissertação intitulada “Consumo de *Cannabis* na fronteira entre o Brasil e o Uruguai: olhar sistêmico e temporal a partir da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano”.

Participaram 14 pessoas usuárias de *Cannabis* de um município localizado no extremo-sul do Rio Grande do Sul, que faz fronteira úmida com o Uruguai, com população estimada de 27.931 habitantes (IBGE, 2017). Dos participantes, 12 eram do

sexo masculino e dois do sexo feminino. As idades variaram de 18 à 57 anos, com predomínio de pessoas jovens. Em relação a escolaridade, um participante possuía o ensino fundamental incompleto, um possuía o ensino médio incompleto, dois possuíam o ensino médio completo, cinco com o ensino superior incompleto e quatro com o ensino superior completo. Das ocupações, quatro exerciam a função de estudante exclusivamente, nove estavam no mercado de trabalho e um era aposentado. Sobre o estado civil, dois referiram serem casados, um viúvo, um divorciado e os demais solteiros.

Para escolha dos participantes, foram seguidos os critérios de inclusão: realizar consumo de *Cannabis*, possuir nacionalidade brasileira ou de dupla nacionalidade, residir na fronteira brasileira e ter 18 anos ou mais.

Os dados foram coletados pelo primeiro autor deste estudo, em espaços públicos como praças e ruas próximas a limitação territorial entre o Brasil e o Uruguai, como também, nas residências dos usuários. Esta ocorreu em dois momentos, sendo o primeiro em outubro de 2016 e o segundo em abril de 2017, utilizando-se de entrevista semiestruturada, composta pela caracterização dos participantes e questões que revelassem as inter-relações do exo e macrosistema com os aspectos que envolvem o consumo de *Cannabis* na fronteira entre o Brasil e o Uruguai, em conformidade com referencial adotado (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998). As entrevistas foram desenvolvidas após a apresentação dos objetivos da pesquisa aos participantes e do aceite dos mesmos em responder aos questionamentos e para realizar a gravação para posterior transcrição e, da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

O acesso aos participantes se deu por meio da abordagem não probabilística denominada “bola de neve” (GOODMAN, 1961). Na primeira etapa de coletas, o informante inicial foi indicado pelo serviço de saúde mental do município estudado e, após a sua entrevista, o mesmo indicou o segundo participante, e este o terceiro, dando sequência ao método “Bola de Neve”. Na segunda etapa de coleta, realizou-se contato com o último participante da primeira etapa de coleta, e este indicou um novo participante para dar sequência ao método. Fez-se necessário duas inserções no campo em virtude da dificuldade de acesso aos participantes que realizam uma prática considerada ilegal no Brasil. Como critério de encerramento da pesquisa utilizou-se a ocorrência de dados homogêneos de forma repetitiva nos dados coletados nas duas etapas, ou seja, quando houve a saturação de dados (MYNAIO, 2017).

A análise de dados foi desenvolvida por meio da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011), que é composta das fases: pré-análise; exploração do material; tratamento dos resultados e interpretação. Estes foram interpretados com o amparo da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, de Urie Bronfenbrenner, na especificidade das inter-relações do exossistema e macrosistema com o consumo de *Cannabis*.

A pesquisa respeitou os aspectos descritos na Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, sendo aprovada pela Comissão de Ética em Pesquisa do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), por meio do parecer número 013/2015 e Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas, por meio do protocolo 1.757.934/2016.

Todos os aspectos éticos descritos na Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde foram respeitados, sendo que, para preservar a identidade dos participantes, estes foram identificados pela letra “U”, referente a palavra usuário, seguida do número de realização da entrevista: U1, U2, e assim sucessivamente.

## RESULTADOS

O exossistema bioecológico e suas inter-relações no consumo de *Cannabis*

Os participantes do estudo revelam que as principais inter-relações do exossistema no consumo de *Cannabis* originam-se da política proibicionista que existe no exossistema brasileiro, a qual os mesmos apontam como geradora de danos sociais, como violência policial e do mercado do tráfico de drogas. Devido a proibição, a indústria e o comércio dessas substâncias se organizam de modo escuso. Os vendedores, chamados socialmente de traficantes, possuem ciência de que realizam uma prática ilegal e, como uma forma de evitar a ascensão de agentes de segurança públicas que aplicam as leis existentes no exossistema nos locais de tráfico, impõe suas regras nestes espaços não regularizados pelo Estado, de modo a “organizá-los”.

Essas regras estabelecidas aos consumidores, como não revelar a polícia os locais de tráfico, não gesticular de modo abrupto, que insinue o uso de uma prática violenta no local da venda e não fazer perguntas ao traficante, geram apreensão nos usuários quando os mesmos adentram os espaços de compra das SPA ilícitas, e, quando as regras não são respeitadas, geram desentendimentos entre vendedores e consumidores:

*[...] Ir na boca é inseguro. Como nada é regularizado, manda quem esta lá. Eu só sou o consumidor. Como não tem regularização, eles [vendedores] fazem as regras, ou seja, tu nunca sabes o que pode acontecer [...] U3*

*[...] A partir do momento que você sai de casa para ir atrás da maconha, você já está passando por situação de medo. U14*

As regras estabelecidas pelo tráfico nestes ambientes ilegais de venda de SPA que compõe o exossistema causam desconforto aos consumidores de *Cannabis*, fazendo com que os mesmos entendam-nas como inapropriadas, especialmente quando estes vislumbram situações envolvendo crianças e adolescentes. Os participantes revelam que já visualizaram menores de idade trabalhando na entrega de SPA ou adentrando estes espaços para adquirí-las.

*Já aconteceu de uma criança estar me atendendo. Eu fui em lugar em que tinha uma criança que aparentava ter uns 9 anos de idade e estava trabalhando para o pai que tinha saído, era uma casa. O 'bagulho' é meio 'trach' [...] U3*

*[...] Eu estou todo o dia em uma boca e eu vejo crianças lá dentro, entrando e saindo para comprar. Às vezes nem querem saber da maconha, ou nunca fumaram maconha. Só fumam essa pedra [crack]. É horrível, dá dó! [...] U4*

O exossistema brasileiro, que pauta sua política sobre drogas em ações de repressão da circulação e consumo das SPA, vislumbra, enquanto efeito desse modelo, uma indústria e comércio não controlados pelo Estado. Como consequência da inexistência do controle do que é vendido e de quais substâncias podem ser associadas sem trazer riscos aos usuários, os vendedores adulteram a *Cannabis* atribuindo outros itens desconhecidos e, comercializam-na em más condições de conservação, alterando os efeitos trazidos pelo uso e originando malefícios ignotos aos indivíduos. Não somente, aponta-se a preocupação de fomentar aspectos negativos do tráfico por terem que adquirir a SPA neste meio, porém veem-se impedidos pelas leis brasileiras de adquirir de modo não escuso.

*[...] Na 'biqueira' [local de tráfico] se compra a pior forma, pois é uma maconha muito processada, passou por muitos lugares, possivelmente vem mofada. Essa é a que eu menos gosto, pois a gente fortalece coisas que a gente não gostaria. Mas no país que eu estou é o acesso que eu tenho [...] U1*

*[...] dá um 'baratinho', não é 'grandes coisas', porque tem algum tipo de mistura nas Cannabis que os traficantes vendem por ai, não dá o mesmo efeito [...] U6*

*[...] a maconha do Brasil vêm do Paraguai. Em um tijolinho desses, quando tu parte ele, vem pedaços de tijolos, palitos e outras coisinhas, aí já estas vendo que vem mistura. Coisas que no Uruguai não tem [...] U7*

*[...] Quando a pessoa está querendo fumar maconha, ela sabe o que e porque está fumando. Se tu queres fumar maconha porque quer ficar eufórico, tu tens maconha pra te deixar assim. Se tu queres fumar uma pra ficar sonolento e dormir, tu vai fumar aquela pra ficar sonolento entendeu. Mas essa que é vendida aqui [no Brasil], mistura no meio um monte de coisas, um monte de coisa orgânica, tem uns cheiros muito estranhos, a qualidade é muito ruim [...] U10*

Como consequência da necessidade de ascender à ambientes de tráfico para aquisição da *Cannabis* no exossistema brasileiro, o consumidor se vê diante de um arsenal de outras SPA ilícitas, desde as mais leves, às mais pesadas, expondo-se ao risco de consumir SPA que inicialmente não planejava, em virtude da oferta das mesmas.

*[...] Adonde vas a comprar venden otras cosas. Yo hace años que no voy mas a boca, de guri iba, ahora me traen. Pero si cuando iba, había otras gentes con substancias mas agresivas. [...] Te incentiva si, pq pasa esto, vos vas y el dia que no hay marihuana, te ofrecen otras cosas y terminas agarrando otras cosas, cuando sos guri y no tenes mucha cabeza terminas probando otras cosas [...] U11*

As leis proibicionistas que existem no exossistema brasileiro, não possibilitam distinguir de modo assertivo o usuário do traficante, permitindo ao agente de segurança pública enquadrar como crime a posse de *Cannabis* em qualquer volume, sem a existência de critérios legais. Esta perspectiva deixa o usuário sob tensão constante, temendo que sejam empregadas contra ele quaisquer tipos de sanções.

*O problema é quando você volta da 'bocada' com a maconha, ou quando você está saindo de lá. Você pode estar saindo de lá com qualquer coisa, para eles [polícia], não tem diferença, tanto a maconha, como o crack, para eles é a mesma coisa, olha só que absurdo. U14*

*No Brasil, tu não podes comprar um cigarro e por na boca que tu vais preso com gente que foi presa por 1 quilo, 10 quilos ou 50 quilos. Tens que ter pelo menos um mínimo que diferencie o que é consumo do que é tráfico [...] U7*

*O problema maior é o risco de se envolver com a polícia, sem ser 'bandido', isso é o pior de tudo em relação a maconha. Pois de repente tu te expões a um evento policial, sem ter cometido um crime, sem ser bandido [...] U8*

*En Brasil te tratan como que sos ladron, como que sos traficante [...] U11*

Em virtude do consumo da *Cannabis* ser ilegal no exossistema brasileiro, os usuários optam por manter a prática escusa, no intuito de não sofrerem sanções por parte dos agentes de segurança pública e por entenderem que o consumo ainda não é tratado na perspectiva de saúde pública.

*[...] O governo trata dessas questões como problema de segurança pública e não como problema de saúde, e não trata da forma correta e a consequência disso é que tudo acontece de forma escondida. E o escondido não é melhor do que a gente saber da onde maconha veio. Aqui no Brasil, a gente não sabe da onde vem. A gente entra, compra, sai e vai embora, acabou [...]*U1

*[...] O jeito que eu tenho que usar ela por conta da lei é o que mais me influencia, mais me incomoda. Ter que me esconder por conta de uma planta, é uma vergonha. Ter que pagar por uma planta, e pagar caro, sendo que na verdade você poderia plantar ela em casa [...]* U4

*[...] Tem que ter cuidado, pois corre o risco de toda aquela exposição desnecessária com a polícia, de tu acabar te envolvendo com a lei por causa de um cigarro de maconha, então prefiro fumar escondido [...]* U5

Não obstante, o uso em locais públicos do exossistema é descrito como uma forma de enfrentamento às leis proibicionistas. Todavia, ao adotar esta prática, o usuário tem ciência dos riscos que corre em relação à repressão que pode sofrer por parte dos agentes de segurança pública do exossistema. Neste sentido, ele deve escolher entre expor-se ou esconder-se para realizar a prática.

*Tem duas frentes que as pessoas que usam costumam tomar. Ou é a idéia de ‘eu faço escondido, para não dar problema para mim’, ou é uma idéia de avanço e luta frente a proibição, e daí fuma na rua. E se a polícia te parar, vai falar um trecho da lei, e você vai estar a frente de uma batalha contra esse sistema. U1*

A fala de um usuário aponta que, a maneira como a mídia aborda o tema no exossistema, fomenta o estigma social em relação ao consumo de *Cannabis*, associando de modo inconsistente e desarticulado o uso desta SPA com o aumento da violência. Entretanto, este participante pondera que a violência que pode ser associada ao uso de SPA provém da existência do tráfico, secundário as leis proibicionistas.

*[...] as pessoas, em função de mídia principalmente, relacionam uso de maconha com violência. Como se a pessoa, ao fumar um ‘baseado’, se transformasse num bandido ensandecido, e as pessoas que não têm a informação de verdade. [...] Só existe uma maneira de relacionar a maconha com o aumento de criminalidade: através do tráfico. Não existe outra maneira de*

*relacionar a maconha com o aumento de criminalidade. E esse aumento vem da proibição e não do uso. U8*

O macrossistema bioecológico e suas inter-relações no consumo de *Cannabis*

O macrossistema é um ambiente bioecológico que compreende o Brasil e o Uruguai, dispondo de duas perspectivas distintas sobre as SPA, interseccionadas e tensionadas na fronteira entre os dois países, sendo de um lado a lei brasileira, que proíbe o comércio e o consumo e, do outro lado, a lei uruguaia, onde o comércio é regulamentado, desde a esfera produtiva até o uso propriamente dito.

Neste contexto de divergência nas políticas sobre drogas nos dois países que compõe o macrossistema em estudo, os consumidores veem-se diante da possibilidade de consumir *Cannabis* de duas principais procedências: a brasileira, de origem desconhecida e com qualidade duvidosa e que, por isso, possui maior potencial de oferecer riscos à saúde; e a uruguaia, mais natural, sem atributos desconhecidos e que oferece menos riscos à saúde. Todavia, estas SPA de procedências distintas, também possuem preços diferenciados, sendo o valor do produto Uruguai superior ao Brasileiro. Todavia, as falas revelam que o maior investimento é compensado pela qualidade do produto adquirido.

*[...]Na fronteira a gente tem duas opções: ou a maconha é muito ruim, aquela que sai do Paraguai e atravessa o Brasil inteiro até chegar aqui, e às vezes vem mofada, ou a maconha plantada no Uruguai, que às vezes a gente tem acesso, e daí é muito melhor. [...] a gente olha pra ela [maconha] e sabe que é real, que não passou por um processo enorme até chegar na minha mão. É uma coisa que foi plantada ali e veio. Já a que a gente compra aqui [Brasil], numa 'boca' [tráfico], muitas vezes tem outras coisas prensadas junto e eu sei que aquela maconha não faz bem. Só que é onde a gente tem acesso dentro do Brasil [...]*  
U1

*[...] Você fuma uma maconha melhor, mas tem isso de pra gente ser proibido e tem essa coisa da distância. Aqui na fronteira eu tenho acesso de algumas melhores, por causa da fronteira eu fumo o natural mesmo, sem ser aquele prensado. [...]* U4

*[...] Melhorou a qualidade do fumo, mas ao mesmo tempo, o acesso não é tão fácil pois é caro. Eu tenho acesso a uma planta melhor, mas o preço não possibilita que eu acesse sempre. É o dobro do valor daqui do Brasil [...]* U5

*Se esta plantando mas y se esta fumando mas natural, no el prensado el que te venden. Hoy en dia hay mucho mas cantidad, hace menos mal [...] en Uruguay se encuentra, por un precio mas caro, mas es un producto mas natural[...] U11*

*[...] eu consigo a maconha no Uruguai. Acho que essa é uma das vantagens de liberar a maconha em um país é a questão da qualidade. Aqui no Brasil, a gente está consumindo uma maconha de má qualidade, uma coisa que é prensada. Diferente do Uruguai que se tem a oportunidade de consumir uma coisa que praticamente sai direto da planta [...] U7*

Para que os consumidores brasileiros façam a aquisição de *Cannabis* no macrossistema que compreende Brasil e Uruguai, os usuários transitam entre duas esferas de ilegalidade: a compra dos traficantes brasileiros ou a compra dos traficantes uruguaios. Este aspecto se processa destarte a comercialização de *Cannabis* uruguaio ser ilegal para estrangeiros não residentes neste país. Tal fato revela que a regulamentação da *Cannabis* no Uruguai não facilitou o acesso aos usuários brasileiros e, que a SPA adquirida no lado uruguaio da fronteira também é oriunda do comércio ilegal.

*[...] Na fronteira, eu vou ao Uruguai, mas o Uruguai também não pode vender para pessoas de outros países. Então as pessoas que vendem para a gente são consideradas traficantes lá. Então a lei do Uruguai não é tão aberta quanto a gente pensa que é. Eu consigo no Uruguai em boca, biqueira [ambientes de tráfico] [...] U1*

*[...] A maconha eu consigo, geralmente, nas bocadas [ambientes de tráfico] no Uruguai, que a gente atravessa a fronteira[...] U2*

*[...] No planto, tengo que comprar. Te la traen. Compro en Uruguay. U11*

*[...] No Uruguai, com a regulação de maconha, não ficou mais fácil de conseguir maconha [...] U12*

Por ser consumo de *Cannabis* ilegal para brasileiros nos dois lados da fronteira que compõe o macrossistema, proceder a aquisição no mesossistema uruguaio também



traz ao consumidor riscos de sofrer sanções pelos agentes de segurança pública do país vizinho:

*[...]Jeu, como brasileiro, não posso ir fumar no Uruguai, turista não pode fumar maconha no Uruguai, o único que pode fumar maconha no Uruguai é o cidadão uruguaio. Para nós, na verdade, vai continuar sendo tráfico internacional. Passou lá para pegar um 'baseado' 'ferrou' [...] U6*

*[...] Se eu comprar lá, eu provavelmente vou fazer o uso lá, porque se trouxer para cá, é tráfico internacional de drogas e se te pegam tu já vais direto para um presídio [...] U12*

*[...] Uma questão crucial é o perigo, até porque a polícia do outro lado é outra. Eles são tranquilos, mas se eles sabem que tu és brasileiro, eles te pegam ou, se eles vão com a tua cara, eles deixam tu ir embora, depende do policial, mas fica aquele receio[...] U3*

## DISCUSSÃO

Características singulares do exossistema brasileiro e macrossistema que abarcam a fronteira do Brasil e sua interface com o Uruguai, inter-relacionam-se com o consumo de *Cannabis* de distintas formas.

Na especificidade do exossistema, enquanto contexto onde ocorrem eventos que influenciam as vivências do usuário, mas que o mesmo não é participante e não sugestiona diretamente no modo como ocorrem estes processos (BRONFENBRENNER; MORRIS,1998), entendido neste estudo como a particularidade do ambiente brasileiro de modo ampliado, visualizou-se inter-relações marcadas pelos aspectos que envolvem a ilegalidade da *Cannabis* no Brasil.

Os dados revelam que a experiência da aquisição da *Cannabis* no mesossistema brasileiro, enquanto ação ilegal é acompanhada pelo medo e insegurança da ascensão aos ambientes de tráfico, regidos pelas regras desta organização. A literatura aponta que o tráfico assemelha-se aos níveis organizacionais de uma empresa, porém afora das questões jurídicas do exossistema, envolvendo e fomentando diversos tipos de atividades criminosas que estão entrelaçadas a venda de drogas. Nestas organizações, o emprego da violência perpassa a manutenção da ordem, de impor-se e manter-se neste comércio. Por operar nesta lógica, o descumprimento ocasional de alguma norma pode trazer consequências indesejadas aos consumidores, o que gera o medo e a tensão nos momentos da compra (GONÇALVES, 2016).

As regras do tráfico existente no exossistema brasileiro incluem, ainda, a venda de SPA para menores de idade e a exploração do trabalho de crianças e adolescentes, aspectos estes que desagradam os consumidores de *Cannabis*, como mostram os resultados.

A literatura revela que a desigualdade social existente no exossistema brasileiro e a inabilidade do Estado de dispor de dispositivos que previnam os problemas sociais oriundos desta desigualdade e garantir melhores condições de saúde, renda, moradia e educação, têm, por consequência, o trabalho infantil ilegal (BAUER; SEVERINO, 2015).

Esta conjectura é acentuada em espaços de periferia, onde a extrema vulnerabilidade social, pobreza, marginalização e falta de suporte familiar tornam as crianças e adolescentes alvos fáceis ao tráfico, que fornece, mesmo que ilegalmente, subsídios que o Estado não é capaz de oferecer, tais como renda, moradia e uma deturpada segurança e qualidade de vida. Não obstante, o tráfico de drogas impõe uma situação de perigo para essa população, tanto em termos jurídicos, como também relacionado aos mais diversos tipos de violência às quais estão sujeitos, além da exposição do indivíduo ao consumo de diversas SPA ilícitas (SILVA; PARRÃO, 2017).

Cabe destacar que o trabalho infantil tem se mostrado vantajoso para esta organização criminosa do tráfico, pois as crianças podem passar despercebidas aos agentes de segurança pública ao executar a entrega de SPA. Não somente, ao serem apreendidas, sofrem sanções mais leves que os adultos acusados de tráfico, tais como medidas socioeducativas ou liberdade assistida, trazendo menor impacto para a organização do tráfico (SILVA; PARRÃO, 2017).

Como consequência da ilegalidade no exossistema, a comercialização da *Cannabis* pode ser antevista por adulterações variadas desta SPA, desenvolvidas por meio da atribuição de outros insumos desconhecidos ao consumidor. Em consonância com os resultados encontrados, a literatura descreve a adição alguns substratos de linhagem comercial diferentes, como botânica, farmácia e materiais de construção civil, que, ao serem acrescentados, expandem o volume da *Cannabis* ou alteram seus efeitos. Análises físico-químicas de *Cannabis* apreendida no exossistema brasileiro revelam que são comumente encontrados misturados a esta as SPA: lidocaína, um anestésico local utilizado por profissionais de saúde; folha de tabaco, para camuflar a qualidade do produto ilegal; cocaína, um excitador cerebral usado para potencializar os efeitos de

THC (NASCIMENTO, 2015; ALCÂNTARA, 2017), e, também, o *Crack* (MEDEIROS, 2015). São frequentes as adulterações feitas por meio do acréscimo de plantas, como diversos subtipos da palmeira *Datura*, e a planta ornamental *Areca Catechu*. O alumínio, cacos de vidro, sílica, fixadores de produtos da indústria e talco também são encontrados em conjunto com a *Cannabis* para melhor rendimento e lucratividade na venda da SPA (NASCIMENTO, 2015; ALCÂNTARA, 2017).

Considera-se que os efeitos da *Cannabis* dependem de um conjunto de aspectos como as condições psicológicas do consumidor e quantidade da substância utilizada (BRASIL, 2015), bem como, são influenciados pelos aditivos orgânicos e inorgânicos acrescidos à SPA original, que podem trazer muitos malefícios a saúde do consumidor. Autores descrevem que pessoas que consomem talco que foi misturado a *Cannabis* podem apresentar complicações pulmonares e desenvolver a pneumoconiose. Já o acréscimo de vidro e sílica causam toxicidade ao organismo do indivíduo, e medicamentos como a lidocaína podem trazer complicações renais e hepáticas (ALCÂNTARA, 2017).

O acréscimo da planta *Areca Catechu* pode acarretar em distintas complicações devido a sua toxicidade, tais como patologias cardíacas, em especial arritmias, câncer, úlceras estomacais, cirrose e desencadear a asma (MADALENO, 2015). O adição de *Datura* do tipo *Stramonium* tem efeito alucinógeno (FOOK et al, 2014), causando agitação psicomotora, delírios e alucinações (CAMPOS et al, 2016), e podendo levar o consumidor ao óbito (FOOK et al, 2014). Já a *Datura Inóxia* pode causar hipertermia e desencadear o desenvolvimento de transtornos mentais, epilepsia e óbito (CAMPOS et al, 2016).

A prática da adição de outras substâncias a *Cannabis* é consequência da ilegalidade, fazendo com que esta não passe por nenhum tipo de controle do Estado ou avaliações de padrão de qualidade, associado com a incapacidade do exossistema de controlar o comércio ilegal. O produtor/vendedor ilegal não possui preocupação com a saúde do consumidor de *Cannabis*, mas sim, busca aumentar a lucratividade obtida com a venda. Assim sendo, atributos e adulterações tornam-se parte habitual do processo do comércio ilegal (ALCÂNTARA, 2016).

Nos ambientes de comercialização de *Cannabis* existentes no exossistema brasileiro vislumbra-se a venda de outras SPA mais pesadas, como o *Crack*, sendo que esta característica pode influenciar na experimentação de outras substâncias. A literatura

demonstra que, na maioria dos casos, o comércio ilegal se organiza no modo de varejo, trabalhando com a venda de muitas SPA ilegais que causam efeitos distintos e que são atrativas para diferentes populações, pertencentes a variadas classes sociais e para pessoas que almejam diversificados efeitos, de acordo com suas questões pessoais e/ou ocasionais. Assim sendo, ao adentrar o local de compra da *Cannabis*, o usuário possivelmente receberá a oferta de outras substâncias, como, cocaína, *Crack*, *Ectasy*, sendo estas drogas ilegais que, em conjunto com a *Cannabis*, destacam-se como as mais consumidas na contemporaneidade (GRILLO, 2008; SAPORE; SENA; SILVA, 2012).

Após adquirir a *Cannabis*, o usuário passa a compor o grupo de pessoas que estão à margem da lei. Este aspecto leva-os a sentimentos de insegurança e medo, relacionados ao receio de serem pegos pela polícia enquanto não descumprindo as leis do exossistema.

A literatura descreve a polícia como ferramenta do Estado para controlar os comportamentos considerados desviantes, tais como o uso de SPA ilegais, sob a justificativa de que estas causam mal à saúde dos indivíduos e que são as motivadoras da existência de violência urbana, desconsiderando a autonomia e o poder de escolha do indivíduo que deseja usá-las (LEITE, 2014; MALVASI, 2014).

A atuação dos agentes de segurança pública pauta-se nas leis existentes no exossistema brasileiro acerca das “drogas”, tendo destaque a Lei 11.343, de 2006. Esta regulamenta a proibição do comércio de “drogas”, estabelece as penalidades relacionadas ao uso e assegura os direitos dos usuários de acessarem os serviços de saúde e assistência social, nos casos de dependência química. Todavia, se mostra frágil no estabelecimento de critérios que diferenciem o consumo do tráfico. Assim sendo, fica a encargo da polícia, ao abordar o sujeito sob posse de qualquer SPA ilegal e, posteriormente do juiz, avaliarem aspectos como quantidade apreendida, ambiente e contextos sociais e pessoais, bem como histórico de criminalidade, para classificar a ação como consumo ou tráfico (BRASIL, 2006). Não somente, permite que a prática do compartilhamento do cigarro durante o ato de fumar em grupo, hábito comum entre usuários, possa ser compreendida como tráfico (DIAS, 2013). Após esta classificação imprecisa, a ação é julgada podendo gerar penalidades que variam de trabalho em comunidades, medidas educativas, multa ou cárcere (BRASIL, 2006), sendo esta conjuntura causadora de medo e tensão constantes nos usuários.

No intuito de evitar a abordagem policial, muitas vezes pautada pelo cunho moralista e executadas de modo coercitivo e desrespeitoso (LOPES; RIBEIRO; TORDORO, 2016), os usuários optam por fazer tais práticas de modo escuso.

A necessidade de manter o consumo de *Cannabis* escondido relaciona-se com o fato das leis sobre a temática no exossistema brasileiro não serem construídas na perspectiva da saúde pública, mas sim, por estarem pautadas em argumentos proibicionistas frágeis que se contrastam com liberação de outras SPA com efeitos maléficos iguais ou piores à saúde, como álcool e os benzodiazepínicos (PASSOS; SOUZA, 2011). Este paradigma revela que, de certa forma, a perspectiva atual busca manter controle a determinados grupos sociais e defender e salvaguardar benefícios de determinadas camadas sociais (PASSOS; SOUZA, 2011; JUNIOR, 2017).

Nesta conjectura, as práticas de violência empregadas na implementação da lei existente no exossistema brasileiro, por meio do proibicionismo e da “guerra as drogas”, revelam-se como o real problema de saúde pública, provocando significativamente mais mortes do que o próprio uso das SPA consideradas pesadas, como o *Crack* (PASQUIM; SOARES, 2015).

A violência resultante das questões proibicionistas do exossistema, que tratam o usuário e vendedor como criminosos, ocasionou progressiva superlotação ao sistema prisional, levando o Brasil a possuir a terceira maior população de apenados no ranking mundial. De acordo com o Ministério da Justiça, o exossistema brasileiro é um dos mais violentos do mundo, registrando por dia a média de 130 homicídios, sendo que uma porcentagem significativa está atrelada a “guerra as drogas”, advinda da política proibicionista desse contexto sistêmico (CNJ, 2014).

Desta maneira, compreende-se que tratar com responsabilidade os aspectos que envolvem as “drogas” no exossistema, com o intuito de beneficiar a saúde das pessoas, perpassa encontrar formas maduras de atuar sobre o tema. De acordo com a literatura, a forma mais prudente do exossistema poder atuar está inter-relacionada com a regulação e/ou legalização da *Cannabis*, visto que, a exemplo do álcool, uma SPA legal no exossistema brasileiro, permitiria controlar a venda, o público consumidor, a qualidade e as informações sobre o tema. Esta perspectiva substituiria a violência gerada entre traficantes/traficantes e traficantes/policias, pelo controle do comércio e consumo pelo exossistema brasileiro (DIAS et al, 2014).

O valor simbólico negativo atribuído a *Cannabis* no exossistema trazem ao usuário duas opções para realizar o consumo: a primeira que se inter-relaciona com o consumo escuso, em ambiente privado, longe dos riscos de estar em conflito com a lei, que, indiretamente, torna “despercebida” esta prática, não fomentando discussões sociais sobre. Já a segunda caracteriza-se com o consumo em ambientes públicos, com uma prática exposta e, muitas vezes, arriscada. Esta última é entendida pelos usuários como um modo de enfrentamento aos estigmas sociais e de resistência frente a política de drogas vigente, fomentando as discussões no exossistema acerca do tema. Estudo aponta que as práticas de consumo de modo exposto visam a incorporação de novos valores simbólicos atribuídos à *Cannabis*, desconstruindo a imagem negativa atribuída a esta SPA, com vistas a reelaboração das leis sobre o tema, pautando-se em aspectos científicos (BENTES, 2015).

Nesta mesma perspectiva, os resultados descrevem o papel das mídias sociais existentes no exossistema, para a manutenção da construção simbólica negativa cerca do consumo de *Cannabis*, associando esta prática como única responsável pela violência urbana. O modo irresponsável como a mídia aborda a temática, desconsidera o arcabouço social e as singularidades do indivíduo envolvido com o consumo de SPA, criminalizando-o e fortalecendo o estigma, a desigualdade e a exclusão social. Esta abordagem é entendida como um desserviço à sociedade, dificultando o debate maduro sobre o tema e fomentando a ideia de que os usuários de quaisquer SPA ilegais são seres humanos incapacitados e trazem riscos sociais e que, por isso, não deveriam de gozar de seus direitos enquanto cidadãos (ZANOTTO; ASSIS, 2017).

No que tange a especificidade do macrossistema que abarca as particularidade do Brasil e do Uruguai que se interseccionam na fronteira entre os dois países, esta se revela inter-relacionada com o consumo de *Cannabis* em virtude da existência de duas perspectivas de políticas sobre drogas de modo antagônico, onde, de um lado realiza-se uma prática ilegal e, do outro, dispõe-se de regulamentação do Estado para execução de plantação, criação de clubes canábicos, venda, produção e consumo.

A regulamentação no Uruguai demonstrou-se propulsora do acesso a *Cannabis* com qualidade superior a que habitualmente é vendida no Brasil. No lado brasileiro do macrossistema, a legislação sobre drogas vigente favorece a obscuridade do comércio da *Cannabis* e proporciona ao usuário acesso a uma mercadoria adulterada, com agregação de substâncias não desejadas e diversas propriedades desconhecidas que, de

acordo com a literatura, são prejudiciais a saúde devido a alto risco de toxicidade (ELSOHLY et al, 2016). Este produto de origem brasileira é considerado com qualidade insatisfatória e é adquirido em ambientes de vulnerabilidade social, em um contexto propício à exposição a diversos tipos de violência.

Já os usuários de *Cannabis* que residem no Uruguai possuem a produção, venda e consumo permitidos. A produção de *Cannabis* é regulamentada pelo Instituto de Regulação e Controle de *Cannabis* do Uruguai – IRCAA, onde a pessoa residente no Uruguai, pode registrar-se e obter permissão para o plantio de até seis plantas para consumo próprio ou para membros da família em domicílio. Existem ainda os clubes para cultivo de *Cannabis*, com até 45 associados, que permite o cultivo de no máximo 99 plantas, ou, a compra de 40 gramas mensais em farmácias. Todavia, estas possibilidades são exclusivas para pessoas residentes no Uruguai (IRCCA, 2013). Este cenário permite aos residentes deste país o acesso a uma substância de procedência conhecida, sem aditivos impróprios e com a qualidade desejada, sem a necessidade de expor-se a ambientes socialmente vulneráveis e sem riscos de entrar em conflitos com a justiça do país.

Todavia na particularidade do macrossistema que compreende a fronteira, os brasileiros acabam tendo acesso a *Cannabis* oriunda do Uruguai. Infere-se que este é alimentado por pessoas residentes do Uruguai que usam a sua cota de cultivo ou compra para revender a terceiros ou, da existência da produção ilegal. Esta prática proporciona aos usuários brasileiros a possibilidade de consumir uma substância com melhor qualidade, *in natura* e sem produtos agregados.

Cabe destacar a venda de *Cannabis* uruguaia para brasileiros não residentes no Uruguai, seja neste país ou no Brasil, configura tráfico de drogas, uma vez que, de acordo com arcabouço jurídico de ambos os países do macrossistema, cada população responde juridicamente ao país em que reside. Assim sendo, a possibilidade da aquisição de *Cannabis* uruguaia por residentes no Brasil, neste macrossistema que abarca os dois países, aponta para a manutenção do comércio ilegal de *Cannabis* no Uruguai e para o não cumprimento dos aspectos jurídicos de ambos os países.

Mesmo com a permanência da existência do comércio ilegal de *Cannabis* no Uruguai, este país tem buscado, por meio da regulamentação, proteger seus residentes dos malefícios do tráfico de drogas, promovendo a saúde do usuário e a prevenção do consumo ou do uso abusivo, com práticas que se distanciam da lógica tradicional de

“guerra às drogas” e da repressão das pessoas que optaram por realizar o consumo de *Cannabis* (IRCCA, 2013).

Por estar a realização do plantio ou da compra e venda de *Cannabis* no Uruguai condicionados ao cadastramento no sistema do Estado, o cultivo ou comércio desta SPA sem o cadastro Estatal é ilegal, sendo esta uma ação que conflita com a lei do exossistema uruguaio. Todavia, esta ação ocorre, pois, ainda há resistência das pessoas que moram no Uruguai em se cadastrar para realizar a prática de modo legalizado, devido o medo e à repressão existentes antes da regulação (IPEA, 2017). Este contexto garante a manutenção do plantio e comércio de modo escuso.

A *Cannabis* uruguaia ofertada no macrossistema Brasil-Uruguai possui um valor superior se comparada a SPA disponível no mercado brasileiro. Infere-se que a razão da diferença de preço estaria relacionada com a pureza da planta, já que no tráfico do lado brasileiro do macrossistema a SPA é ofertada adulterada e prensada com outras substâncias que aumentam seu volume e mudam seus efeitos, reduzindo a valor agregado. Não somente, em virtude da regulação da substância no Uruguai o Estado passou a agregar imposto sobre o produto comercializado, tornando-o mais oneroso, se comparado ao produto brasileiro.

A compra da *Cannabis* no uruguai também pode ser onerosa no sentido jurídico. Os consumidores desta SPA que residem no macrossistema que abarca a fronteira com o Uruguai, revelam compreender os aspectos legais que são vigentes no outro lado da fronteira. Não somente, os relatos sobre a aquisição e uso em solo uruguaio demonstram-se heterogêneos, sendo que para alguns usuários a compra no Uruguai tornou-se mais fácil e, para outros, mais arriscada.

Atravessar a fronteira para adquirir a substância e usá-la no Uruguai, aspecto ilegal para não residentes deste país, pode proporcionar ao consumidor problemas com os agentes de segurança pública uruguaios, fora de seu país de origem. Já a aquisição no Uruguai para posterior consumo no Brasil, além de trazer riscos durante o ato da compra no país vizinho, também expõe o usuários aos riscos de cruzar a fronteira com a posse de *Cannabis*.

Em virtude do macrossistema em questão abarcar dois países com legislações distintas, os aspectos que envolvem o trânsito de SPA entre ambos acabam sendo norteados pelas questões jurídicas internacionais relacionadas ao tráfico de drogas, regulados por tratados realizados entre países que compõe a Organização das Nações



Unidas (ONU). Estes tratados buscam a parceria entre as polícias dos países envolvidos e a facilitação da atuação da Organização Policial de Crime Internacional – INTERPOL (BITENCOURT, 2017).

Por serem os dois países que compõe o macrosistema integrantes da ONU, estes, desde que respeitando os direitos humanos, possuem autonomia para dirigir as ações necessárias para minimizar e/ou reprimir o uso de SPA ilícitas. Neste sentido, as discussões internacionais mediadas pela ONU buscam a implementação de políticas públicas de segurança e saúde que almejem o cuidado a saúde dos indivíduos, protegendo-os dos problemas relacionados ao tráfico de drogas e ao uso destas substâncias, dirimindo os lucros e a organização do tráfico. Nesta direção, a ONU destaca a importância da distinção fidedigna das agentes usuárias dos traficantes, para que pessoas usuárias sejam assistidas no campo da saúde e não da segurança pública e jurídica (BASTOS, 2015).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo permitiu conhecer as inter-relações do exossistema e macrosistema bioecológicos existentes na região fronteira entre o Brasil e Uruguai com o consumo de *Cannabis*. As inter-relações do exossistema com o consumo de *Cannabis* originam-se pela imprecisão da política proibicionista quanto a diferenciação do usuário de traficante, e da existência do tráfico de “drogas” que expõe a pessoa consumidora a ambientes de vulnerabilidade e violência, marcados pelas regras impostas pelo tráfico, o que inclui o trabalho de crianças e adolescentes neste comércio, bem como, a venda de SPA para menores de idade.

O comércio estabelecido pelo tráfico de drogas no exossistema brasileiro expõe as pessoas à oferta de outras SPA e, a *Cannabis* disponibilizada, caracteriza-se por adulterações que alteram os efeitos experienciados pela pessoa consumidora e origina malefícios desconhecidos aos indivíduos. A forma como a temática é abordada pela mídia no exossistema brasileiro, fomenta o estigma e exclusão social das pessoas que consomem SPA. Diante disso, a escolha dos locais de consumo busca manter escusa essa prática, no intuito de proteger a pessoa de sanções violentas promovidas pelos agentes de segurança pública, ou, manter o uso exposto, visando fomentar o debate político sobre o tema.

As inter-relações do macrossistema com o consumo de *Cannabis* na fronteira entre o Brasil e o Uruguai referem-se a possibilidade do uso de SPA de origem brasileira e uruguaia, tendo estas características e qualidades diferenciadas. Todavia, o acesso a *Cannabis* uruguaia para não residentes neste país se dá por meio da existência de um comércio ilegal, o qual expõe os consumidores ao risco de sofrer sanções legais quando no exercício da compra e uso no Uruguai ou transporte da SPA para o Brasil.

Verifica-se o uso método bola de neve permitiu acesso a uma amostra homogênea, levando a uniformidade dos resultados. Porém, este método demonstra-se eficaz devido à adversidade de acesso a pessoas que consomem uma substância considerada ilegal no Brasil.

Considerando a ineficácia do modelo proibicionista, bem como, a implementação de novas políticas públicas sobre drogas em diversos países, torna-se relevante o acompanhamento dos territórios que interseccionam essas perspectivas distintas, de modo a vislumbrar as mudanças sociais e de saúde destes ambientes. Estas explorações poderão permitir a apreensão de distintas nuances sociais relevantes para o amadurecimento das discussões políticas sobre o uso de SPA, com vistas a implementação de políticas públicas que promovam a saúde, bem-estar social e redução da violência gerada pelo Estado no combate ao tráfico de “drogas”.

## Referencias

ALCÂNTARA, LTA. Adulterantes encontrados em drogas ilícitas: uma abordagem forense. *Acta de Ciências e Saúde* N.5, V. 2, 2016.

BASTOS, Francisco Inácio. Política de drogas na segunda década do novo milênio: Reforma ou revolução?. *Argumentum*, [s.l.], v. 7, n. 1, p.8-16, 29 jun. 2015.

BAUER, Carlos; SEVERINO, Antônio Joaquim. Plano Nacional de Educação (PNE) e a educação infantil. *Eccos – Revista Científica*, [s.l.], n. 37, p.11-16, 15 dez. 2015.

BITENCOURT, NF. Drogas nas forças armadas, perfil do usuário e persecução criminal: a questão da inconveniência do artigo 290 do código penal militar. *R. Defensoria Públ. União Brasília, DF* n.10 p. 1-504 jan/dez. 2017

BENTES, Isabela. “Ponham as cartas na mesa e discutam essas leis”: a luta pela legalização da maconha no Brasil. *Argumentum*, [s.l.], v. 7, n. 1, p.93-107, 29 jun. 2015.

BRASIL. Lei nº 11.343 Art. 28, 23 de agosto de 2006.

BRONFENBRENNER, U., MORRIS, P.A. The ecology of developmental processes. In: DAMON, W., LERNER, R.M. Handbook of child psychology: theoretical models of human development. 5a ed., v.1, New York: Wiley, 1998.

CAMPOS, S.c. et al. Toxicidade de espécies vegetais. Revista Brasileira de Plantas Mediciniais, [s.l.], v. 18, n. 11, p.373-382, 2016.

Cardano M. Manual de Pesquisa Qualitativa: a contribuição da teoria da argumentação. Petrópolis, RJ: Vozes; 2017.

DIAS, AI; RIBEIRO, JM; BASTOS, F.I; PAGE, K. Políticas de redução de danos no Brasil: contribuições de um programa norte-americano. Ciência & Saúde Coletiva, 19(1):147-157, 2014.

Goodman LA. Snowball sampling. In: Annals of Mathematical Statistics. 32:148-70; 1961.

Bardin L. Análise de conteúdo. São Paulo: edição 70; 2013.

Mynaio MCS. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. RevPesqQuali. São Paulo (SP); 2017 abril; 5(7):01-12.

GONÇALVES, HS. Sobre a morte, sobre a vida: a produção da bióps em adolescentes em conflito com a lei. Rev. Polis Psique. vol.6 no.spe Porto Alegre jan. 2016.

SILVA, JLA; PARRÃO, JAO. Adolescentes no tráfico: cruel realidade e uma das piores formas de se explorar a mão de obra infantil. ETIC - ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA. Vol. 13, N. 13, 2017

MEDEIROS, Katruccy Tenório et al. Vivências e Representações sobre o Crack: Um Estudo com Mulheres Usuárias. Psico-usf, [s.l.], v. 20, n. 3, p.517-528, dez. 2015.

NASCIMENTO, Iendel R. et al. Chemical identification of cannabinoids in street marijuana samples using electrospray ionization FT-ICR mass spectrometry. Royal Society of Chemistry: Analytical Methods, Issue 4, p. 1415-1424, 2015.

MADALENO, Isabel Maria. Plantas medicinais consumidas em Cochim, no século XVI e na atualidade. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, [s.l.], v. 10, n. 1, p.109-142, abr. 2015.

FOOK, SML; SOARES, YC; ALMEIDA, CF; ABRANTES, RB; MEIRA, CMBS; FEITOSA, ILF; MARIZ, SR. Análise da ocorrência de plantas tóxicas em escolas estaduais no município de campina grande (pb) como estratégia na prevenção de intoxicações. Revista saúde e ciência Online, 2014; 3(1) 44-55

SAPORI, LF; SENA, LL; SILVA, BFA. Mercado do crack e violência urbana na cidade de Belo Horizonte. DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social - Vol. 5 - no 1 - JAN/FEV/MAR 2012 - pp. 37-66,

GRILLO, CC. O “morro” e a “pista”: Um estudo comparado de dinâmicas do comércio ilegal de drogas. DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social – V.1, N.1 – 2008.

LEITE, MP. Entre a ‘guerra’ e a ‘paz’: Unidades de Polícia Pacificadora e gestão dos territórios de favela no Rio de Janeiro DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social - Vol. 7 - no 4 - OUT/NOV/DEZ 2014 - pp. 625-642.

MALVASI, PA. Além do consenso moral: o problema das drogas na perspectiva de jovens de periferias paulistas. Rev. Bras. Adolescência e Conflitualidade, 2014 (10):87-109

DIAS, GBM. Encarceramento em massa: produto da relação entre as políticas carcerária e proibicionista. Rev. Transgressões: ciências criminais em debate, v.1, n.1, jan, 2013.

LOPES, CS; RIBEIRO, EA; TORDORO, MA. Direitos Humanos e Cultura Policial na Polícia Militar do Estado do Paraná. Sociologias, Porto Alegre, ano 18, no 41, jan/abr 2016, p. 320-353

PASSOS, E. H. SOUZA, t. P. “Redução de danos e saúde pública: construções alternativas à política global de “guerra às drogas””. Psicologia & Sociedade; 23 (1): 154-162, 2011.

JUNIOR, RTS. Maconha na guerra às drogas: (in)constitucionalidade e (in)convencionalidade. Revista Direito e Liberdade – RDL – ESMARN – v. 19, n. 1, p. 227-261, jan./abr. 2017

PASQUIM, HM; SOARES, CB. lazer, saúde coletiva e consumo de drogas. Licere, Belo Horizonte, v.18, n.2, jun/2015.

ZANOTTO, DF; ASSIS, FB. Perfil dos usuários de crack na mídia brasileira: análise de um jornal e duas revistas de edição nacional. Physis Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 27 [ 3 ]: 771-792, 2017 .

ELSOHLY, M. A., et al. (2016), “Changes in Cannabis Potency Over the Last 2 Decades (1995-2014): Analysis of Current Data in the United States”, Society of Biological Psychiatry, 79 (7), pp. 613-619.

IBGE. Panorama, cidades. Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/jaguaraopanorama> Acesso em: jan. 2017.

FORTUNA, NS; TIYO, R; FREITAS, G. Cannabis sativa: uma alternativa terapêutica para saúde. V.29,n.3,pp.144-148, Jan-Mar, 2017. Disponível em:

<http://revista.uninga.br/index.php/uningareviews/article/view/1980/1575> Acesso em 05 de janeiro de 2018.

JUNIOR, RTS. Maconha na guerra às drogas: (in)constitucionalidade e (in)convencionalidade. Revista Direito e Liberdade – RDL – ESMARN – v. 19, n. 1, p. 227-261, jan./abr. 2017.

IPEA. O consumo de drogas e a saúde pública na fna zona de fronteira entre o Brasil e o Uruguai: resultados qualitativos. Disponível em: [http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=30470&catid=220&Itemid=6](http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=30470&catid=220&Itemid=6) . Acesso em: 5 de novembro de 2017.

CNJ. Conselho Nacional de Justiça. Cidadania nos presídios. Disponível em: <http://www.cnj.jus.br/sistema-carcerario-e-execucao-penal/cidadania-nos-presidios>  
Acesso em: 04 de novembro de 2017.

Uruguay. Presidencia de la República Oriental del Uruguay. Lei° 19.172, 20 de dezembro de 2013, que dispõe sobre o controle e regulação do mercado de *Cannabis*. **Instituto de Regulação e Regulação de Cannabis do Uruguai (IRCCA)**, Montevideú. [Internet] 2013 dec [cited 2016 dec 05]; Available from: [http://www.ircca.gub.uy/wp-content/uploads/2017/01/Ley\\_19172.pdf](http://www.ircca.gub.uy/wp-content/uploads/2017/01/Ley_19172.pdf)

CNJ. Conselho Nacional de Justiça. Cidadania nos presídios. Disponível em: <http://www.cnj.jus.br/sistema-carcerario-e-execucao-penal/cidadania-nos-presidios>  
Acesso em: 04 de novembro de 2017.

## Artigo 4

## Regulamentação da *Cannabis* no Uruguai: influências sobre a fronteira com o Brasil considerando o aspecto temporal

### Resumo

**Objetivo:** conhecer as influências da regulamentação do consumo de *Cannabis* no Uruguai sobre o consumo desta SPA na região de fronteira com o Brasil. **Método:** Estudo qualitativo, exploratório e descritivo. Participaram 14 usuários de *Cannabis* residentes em uma cidade da fronteira Brasil/Uruguai. Dados coletados por entrevista semiestruturada, em outubro de 2016 e abril de 2017, analisados através da Análise de Conteúdo, e explorados com o auxílio da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano. **Resultado:** As transformações sociais pelo tempo bioecológico estão relacionadas a maior discussão sobre a temática e conseqüentemente, aceitação social do consumo, visualização de pessoas idosas que consomem a *Cannabis* e maior interação entre as populações da fronteira. As transformações no consumo, estão relacionadas com a possibilidade de se adquirir *Cannabis* in natura, disponibilidade de variados tipos e subespécies da planta e o fluxo de brasileiros para realizar o consumo no lado uruguaio da fronteira. **Conclusão:** Estudo em espaços de fusão social, cultural e política, pode servir para maior reflexão acerca da atual política brasileira, e implementação de ações que busquem salvaguardar os direitos humanos, respeitando a autonomia das pessoas, e cuidando das mesmas sobre a perspectiva de saúde.

### INTRODUÇÃO

O consumo de substâncias psicoativas (SPA) permeia a história da humanidade. Todavia, ao longo dos últimos dois séculos, devido as influências ideológicas, econômicas e políticas, instaurou-se em muitos países, dentre eles o Brasil, o modelo proibicionista do consumo e comercialização de diversas SPA, como a *Cannabis*, criminalizando as práticas de consumo (ARAUJO, 2012).

Como consequência do modelo proibicionista, fomentado e fortalecido ao longo de décadas, vislumbra-se na atualidade um movimento de “guerra às drogas”, fazendo com que a comercialização e uso de SPA sejam marcados pela instabilidade, práticas de violência e confrontos entre agentes de segurança pública e traficantes (MALVASI, 2014). Esta conjectura é considerada o real problema de saúde pública atribuído às “drogas”, provocando significativamente mais mortes do que o próprio uso das SPA consideradas pesadas (PASQUIM; SOARES, 2015).

Diante deste contexto, alguns países como Estados Unidos, Holanda, Espanha, Bélgica, Nova Zelândia, Colômbia e Uruguai, dentre outros (CGPD, 2014), vêm propondo novas formas de abordar social e politicamente a temática, buscando substituir a violência existente entre os próprios traficantes e destes com os agentes de segurança pública, pelo controle do comércio e consumo de algumas SPA, em especial a *Cannabis* (DIAS et al, 2014).

O Uruguai, país que faz fronteira com o Brasil, regulamentou, através da Lei 19.172/13, o mercado de *Cannabis* para todo país, resguardando os direitos das pessoas de consumirem a planta, através da compra, criação de clubes para plantio e plantação individual (URUGUAY, 2013).

A regulamentação do uso de *Cannabis* pode transformar o contexto das pessoas usuárias e os aspectos sociais inter-relacionados com esta prática, o que ocorre ao longo do tempo. Na perspectiva da Abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano, o tempo é entendido enquanto desenvolvimento da pessoa em seu ambiente ecológico no sentido histórico, marcado por mudanças, continuidades e descontinuidades que caracterizam transformações no ciclo da vida, de modo processual. Neste estão contidos eventos mutáveis na sociedade, marcados por mudanças sociais e políticas significativas (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998).

A regulamentação de *Cannabis* no Uruguai caracteriza um marco, que, através tempo bioecológico (transformações após a regulamentação), pode influenciar a vida das pessoas que fazem o consumo desta SPA não somente no próprio Uruguai, como também dos países que se interseccionam com este em suas fronteiras, como o Brasil. As fronteiras caracterizam-se por serem contextos repletos de particularidades, oriundas dos limites territoriais, políticos e paradigmáticos, onde pessoas de ambos os países interagem no dia-a-dia, obtendo uma identidade sociocultural do povo da fronteira (FERRARI, 2014). Neste ambiente, ainda inexplorado, pode materializar-se um consumo de *Cannabis* singular, influenciado pelas perspectivas antagônicas sobre o uso desta SPA existentes nos dois lados da fronteira entre Brasil e Uruguai.

Diante deste contexto, este estudo tem por objetivo analisar as influências da regulamentação da *Cannabis* no Uruguai sobre o consumo na fronteira com o Brasil considerando o aspecto temporal.



## Metodologia

Estudo qualitativo exploratório descritivo (CARDANO, 2017), extraído da dissertação intitulada “Consumo de *Cannabis* na fronteira entre o Brasil e o Uruguai: olhar sistêmico e temporal a partir da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano”.

Os dados foram coletados em um município localizado no extremo-sul do Rio Grande do Sul, que faz fronteira úmida com o Uruguai. A escolha dos participantes seguiu os critérios de inclusão: realizar consumo de *Cannabis*, possuir nacionalidade brasileira ou de dupla nacionalidade, e ter 18 anos ou mais. O acesso aos participantes se deu por meio da abordagem não probabilística denominada “Bola de Neve” (GOODMAN, 1961).

As entrevistas ocorreram em dois momentos, sendo o primeiro em outubro de 2016 e o segundo em abril de 2017, e foram desenvolvidas após a apresentação dos objetivos da pesquisa aos participantes e do aceite dos mesmos em responder aos questionamentos e para realizar a gravação para posterior transcrição e, da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. No primeiro momento de coleta, o informante inicial foi indicado pelo serviço de saúde mental do município estudado e, após a sua entrevista, o mesmo indicou o segundo participante, e este o terceiro, dando sequência ao método “Bola de Neve”. No segundo momento de coleta, realizou-se contato com o último participante do primeiro momento de coleta, e este indicou um novo participante para dar sequência ao método. Fez-se necessário duas inserções no campo em virtude da dificuldade de acesso aos participantes que realizam uma prática considerada ilegal no Brasil. Como critério de encerramento da pesquisa utilizou-se a ocorrência de dados homogêneos de forma repetitiva em relação ao conjunto de dados coletados nos dois momentos, ou seja, quando houve a saturação de dados (MYNAIO, 2017).

A coleta de dados ocorreu por meio de entrevista semiestruturada, com perguntas que permitissem caracterizar os participantes e apreender os aspectos que envolvem as transformações no consumo de *Cannabis* na fronteira entre o Brasil e o Uruguai após a regulamentação desta no Uruguai.

Participaram do estudo 14 usuários de *Cannabis*, sendo 12 do sexo masculino e dois do sexo feminino, com idades que variaram de 18 à 57 anos. Quanto a escolaridade, um participante possuía o ensino fundamental incompleto, um possuía o

ensino médio incompleto, dois possuíam o ensino médio completo, cinco com o ensino superior incompleto e quatro com o ensino superior completo. Das ocupações, quatro exerciam a função de estudante exclusivamente, nove estavam no mercado de trabalho e um era aposentado. Sobre o estado civil, 10 eram solteiros, dois referiram serem casados, um viúvo e um divorciado.

A análise de dados foi desenvolvida por meio da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011), que é composta das fases: pré-análise; exploração do material; tratamento dos resultados e interpretação. Estes foram interpretados com o amparo da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, de Urie Bronfenbrenner, na especificidade das influências do tempo bioecológico.

A pesquisa a qual este estudo está vinculado foi submetida à Comissão de Ética em Pesquisa do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), obtendo parecer positivo sob o número 013/2015 e Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas, por meio do protocolo 1.757.934/2016. Todos os aspectos éticos descritos na Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde foram respeitados, sendo que, para preservar a identidade dos participantes, estes foram identificados pela letra “U”, referente a palavra usuário, seguida do número de realização da entrevista: U1, U2, e assim sucessivamente.

## RESULTADOS

A regulamentação do consumo de *Cannabis* no Uruguai demonstrou-se propulsora da transformação de distintos aspectos que envolvem as pessoas usuárias desta SPA na região de fronteira com o Brasil. Estas perpassam elementos socioculturais relacionados ao uso, bem como, aspectos referentes a disponibilidade e apresentação da *Cannabis* para consumo e os locais onde esta ação de processa, apresentados nas categorias abaixo:

### **Transformações nas interações e inter-relações socioculturais no consumo de *Cannabis***

A regulamentação do consumo de *Cannabis* no Uruguai influenciou transformações socioculturais relacionadas a esta prática no Brasil na região de fronteira dos dois países. Os participantes do estudo descrevem que este contexto onde há a intersecção da lei brasileira e da lei uruguaia sobre a *Cannabis*, permitiu a

transformação na forma como as pessoas discutem a temática na região, (re)significando o valor simbólico desta SPA, e fazendo com que o diálogo sobre o assunto seja melhor aceito socialmente:

*A gente consegue falar tranquilamente sobre maconha na rua. Aquela questão de aceitação social mesmo. E isso é muito legal! [...]* U1

*[...] A gente está numa cidade que faz com que a gente discuta essas questões da legalização, e a gente vê que, de certa forma, há esse debate sobre a legalização da maconha para o Brasil. O debate aqui é legalizado [...]* U2

O tempo bioecológico na região de fronteira entre Brasil e Uruguai revelou-se transformador do estigma social vivenciado pelos usuários de *Cannabis*, trazendo a estas pessoas a possibilidade de não sentirem-se marginalizados ao realizarem o consumo da SPA, demonstrando-se como consequência de um novo valor simbólico atribuído a mesma.

*[...] Aqui é mais tranquilo também a questão do fumo, de eu chegar, sentar numa praça para fumar um 'beck'. Claro que você não tem que jogar na cara das pessoas que você está fumando maconha. Mas também eu não sinto a necessidade de ficar escondida.* U4

O tempo bioecológico na região fronteira, que permitiu um maior diálogo acerca da temática e uma nova construção simbólica sobre a *Cannabis*, com consequente redução do estigma social imbuído ao uso desta SPA, tornou possível a visualização da diversidade de pessoas usuárias de outras faixas etárias:

*[...] Eu vejo muita gente mais velha usando, gente com 60, 70 anos usando maconha. Conheci muitas pessoas idosas que fumam. E parece que aqui idosos usando é mais normal, se comparado com outros lugares. Aqui as pessoas aceitam mais a Cannabis dentro de casa. Os idosos que usam também não precisam se esconder. [...]* U4

*[...] Pelo fato do Uruguai ter legalizado, aqui se tem diálogo sobre isso, e a gente pode ver pessoas de outras idades fumando também, gente bem mais velha, principalmente. [...]* U2

Após a regulação da *Cannabis* no Uruguai, as pessoas usuárias de ambos os países passaram a interagir de forma mais harmoniosa e compartilhar ambientes de uso de *Cannabis*. Estas transformações, estabelecidas ao longo do tempo, são marcadas pela redução da violência entre as populações e estabelecimento da partilha de insumos voltados ao uso:

*[...] O que eu percebi foi que, antes, quando a gente saía do lado brasileiro e para a cidade deles [uruguaios] curtir uma festa, não dava certo, porque eles falavam: ‘tem brasileiro, vamos bater neles’. Quando os uruguaios vinham para cá, acontecia a mesma coisa. Tinha uma rivalidade de um país com o outro. Depois que legalizaram a maconha no Uruguai, se tem uma rodinha de castelhano, por exemplo, e eu chego ali e falo: ‘alguém tem seda?’, todos vão te oferecer a seda. Eles já vão ver: ‘esse brasileiro fuma, é gente boa!’, ninguém vai querer confusão contigo, só porque saberem que tu és um usuário também. Diminui muito essas rixas, ficou um povo bem mais harmonioso aqui na fronteira, se respeitando mais [...] Vira uma troca! Trocando, tu já conhece as pessoas, uma mão vai lavando a outra [ajuda mútua para realizar o uso] U12*

### **Transformações para o consumo de *Cannabis***

Distintos elementos relacionados diretamente com a forma como as pessoas realizam o consumo de *Cannabis* na região de fronteira entre Brasil e Uruguai sofreram transformações. Dentre os aspectos destacados pelos usuários, está a inclusão de uma nova apresentação de *Cannabis* no mercado, que antes era somente de modo processado e prensado, em blocos sólidos, e atualmente também se encontra disponível na forma *in natura*. Um participante destaca que esta forma de apresentação sem processamento possui maior qualidade e traz menos malefícios ao consumidor.

*[...] Antes só tinha prensado. Depois que legalizou começou a aparecer maconha pura, boa, barão solto, sem estar prensado. Geralmente vem em safras, isso porque agora tem gente que planta em casa lá [no Uruguai]. U3*

*[...] Só os prensados eram comuns, atualmente com a plantaçoão caseira, a gente encontra coisas que não são prensadas. U8*

*Lo que se ve es que esta apareciendo mas cogoyo [forma in natura] no el prensado el que te venden, que és porquería. Hoy en dia hay mucho mas cantidad, hace menos mal [...] Se encuentra por un precio mas caro un producto mas natural, te hace menos daño. Tiene mas thc [...] U11*

Outra consequência das transformações trazidas pelo tempo bioecológico na fronteira refere-se a disponibilidade de distintas subespécies de *Cannabis*, que diferenciam-se nos efeitos trazidos a pessoa usuária quando utilizadas. Por serem consumidores que estão inseridos em um contexto onde há a disponibilidade de diferentes subespécies de *Cannabis*, estes escolhem qual delas será consumida almejando os distintos efeitos trazidos.

*[...] Depois que legalizaram no Uruguai, eu já fumei maconha que eu jamais pensei que eu ia fumar na minha vida. Maconha tem várias espécies, mas que aqui no Brasil a gente não encontra. Tem uma espécie, a Purple Haze, que é a roxa, e o efeito é maravilhoso. Já procurei outras também, encontrei numa loja no Uruguai, o efeito é completamente diferente [...] U4*

*[...] A gente consegue estabelecer melhor as diferenças através das variedades de maconha e como a maconha é legalizada no Uruguai, tu acabas sabendo melhor a procedência. Então tu sabes o que determinada maconha vai te causar, se tu queres, tu fumas ficar mais para cima, ou tu vai fumar uma que tu vais ficar mais relaxado. Com o tempo tu consegues entender o quê de diferente vai acontecer no teu corpo, que tu não vais sentir a mesma coisa se tu fumar maconha de espécies diferentes. Eu consigo identificar os diferentes efeitos e sentir prazer com eles. U5*

*[...] Com a legalizaçoão no Uruguai agora tu encontras muitos tipos por aqui [Fronteira no lado brasileiro]. Se tu queres fumar maconha porque quer te ficar eufórico, ou pensativo, ou*

*sonolento, tu escolhes o tipo que te faz sentir o que tu queres sentir. U10*

As falas dos participantes revelam, ainda, transformações relacionadas a escolha do local de consumo. Como esta prática é ilegal no Brasil, ela acaba sendo acompanhada de sentimentos de medo e insegurança, o que leva algumas pessoas usuárias a optarem em fazer a travessia para o país vizinho, no intuito de consumir despreocupadamente. Todavia, por ser a compra de *Cannabis* no Uruguai uma prática ilegal para não residentes neste país, esta ação pode levar a pessoa a sofrer sanções dos agentes de segurança pública uruguaios, que em alguns casos, apreendem os usuários brasileiros para obter informações sobre o mercado ilegal uruguaio.

*[...] Quando tu atravessa a fronteira para usar lá [Uruguai], parece que sai um peso da tua cabeça. Tu podes acender um baseado, andar tranquilo, que ninguém vai te abordar. Quanto mais tu avanças na fronteira, adentrando o Uruguai, mais tranquilidade tu vais sentindo. Tu tenta te sentir naquela esfera legalizada, mas é difícil tu te desprender do proibido, de onde tu vens. Tu não tens como tu te desenraizar tão facilmente, ainda mais porque tu não sabes como tu vais ser tratado pelos policiais de lá. [...] U5*

*Tem amigos meus que foram usar maconha no Uruguai e foram pegos pela polícia lá. Tiveram que implorar para eles [policiais] deixarem eles [usuários] irem embora. Depende do policial, mas fica aquele receio, porque a polícia do Uruguai é outra, é muito mais dura [...]. U3*

*[...] Quem for lá [lado uruguaio da fronteira], melhor que não fume, porque já tem o bafômetro pra detectar a maconha e é proibido pra gente usar lá [...] U6*

## DISCUSSÃO

O tempo bioecológico impulsionou transformações nos aspectos que perpassam o modo como as pessoas realizam o consumo de *Cannabis* de distintas formas. Os resultados direcionam para ressignificação acerca do valor simbólico atribuído a *Cannabis* na região brasileira da fronteira, como consequência da regulamentação uruguaia. Constatou-se que, a proximidade com o país vizinho e a realização da

travessia de brasileiros diariamente para o Uruguai, parece originar maior discussão a respeito desta prática e, conseqüentemente, a diminuição do preconceito e estigma em relação as pessoas que consomem. Este aspecto revela uma nova concepção acerca da *Cannabis* enquanto do símbolo e objeto, que permite visualizar o uso não mais como um comportamento patológico, mas sim como algo aceito socialmente.

A construção da patologização do uso de *Cannabis* na sociedade contemporânea está arraigado na historicidade do uso desta substância e da associação da imagem desta com comportamentos sociais entendidos como desviantes ou anormais (OLIVEIRA, SANTOS, 2016). Neste sentido, o critério de normalidade perpassa um julgamento de valor com base na historicidade, que leva a criação de um valor simbólico e a aplicação de um julgamento sobre o comportamento como normal ou patológico, ao longo do tempo, sendo que estas legendas só possuem significado no contexto onde os sujeitos estão inseridos (CANGUILHEM, 2007).

Nesta perspectiva, o marco temporal trazido pela regulamentação da *Cannabis* no Uruguai revela-se como propulsor no estabelecimento de uma nova normatividade (CANGUILHEM, 2007), estabelecida a partir de uma nova referência, a Lei 19.172, de 2013, que regulariza o consumo desta SPA (URUGUAY, 2013).

Neste sentido, as transformações perpassam a abandono da subjetividade produzida, modelada, recebida, consumida e singularizada pelas pessoas da fronteira antes da regulamentação da *Cannabis* no Uruguai, que era de ilegalidade e marginalização do consumo, para a elaboração de uma nova subjetividade que aceita o uso de *Cannabis* enquanto comportamento normal. Isso se dá, pois este momento social é marcado por mudanças que servem como matéria prima da produção de subjetividade. Esta influencia, orienta e delimita o modo de ser e de interagir com e no contexto (GUATTARI; ROLNIK, 2005), admitindo o uso de *Cannabis* e permitindo a visualização dos usuários não mais como causadores de problemas sociais.

Deste constructo, afloram novas subjetivações na fronteira Brasil-Uruguai, permeadas pelas discussões e reflexões oriundas das transformações socioculturais trazidas pela regulamentação uruguaia. Nesta lógica, a literatura revela que o estigma está fortemente relacionado com as representações sociais da coletividade, perpassadas pelas concepções de certo e errado. Desprender-se dessas amarras torna-se uma movimentação interna complexa, que implica na desconstrução, enfretamento, aceitação e incorporação de novos conhecimentos pelas pessoas (SOUZA, 2017).

Como consequência da desconstrução de estigmas, advinda do contato direto da população brasileira com a nova perspectiva uruguaia, a escolha dos locais de consumo também é transformada. O consumo em ambientes privados, habitualmente associado ao fator protetivo, que evita a exposição da pessoa usuária e reduz as chances de abordagens dos agentes de segurança pública, vai dando lugar a possibilidade do uso em ambientes públicos. Esta pode ser reflexo das mudanças trazidas pelo tempo bioecológico ao significado simbólico da *Cannabis* e seu consumo na sociedade local. Porém, revela uma deturpação na compreensão dos limites territoriais onde há a vigência das leis, apontando para incorporação de práticas que são legais somente em solo uruguaio, para o solo brasileiro.

Estas características podem estar relacionadas a particularidade do ambiente fronteiriço, marcado pela fusão sociocultural (FERRARI, 2014). Não somente, revelam uma concordância da sociedade brasileira da fronteira acerca das mudanças vividas no Uruguai, indicando que este novo paradigma pode ser aceito com maturidade no Brasil.

O uso em ambientes externos também pode ser entendido como um modo de resistência frente a política de drogas vigente no Brasil, antagônica à experienciada no Uruguai desde 2013. Tal perspectiva busca gerar discussões sociopolíticas com vistas a reelaboração das leis sobre o tema, pautando-se em aspectos científicos, corroborando com movimentos sociais brasileiros, como a “marcha da maconha” (BENTES, 2015).

Não obstante, mesmo fazendo uso em ambientes externos, este se processa com parcimônia, de modo parcialmente resguardado, como revelam os resultados. Tal prática demonstra que ainda há, entre as pessoas, receio de sofrer sanções legais, uma vez que esta prática permanece ilegal no contexto brasileiro (BRASIL, 2006). O emprego da discricção também pode visar não incomodar ou escandalizar a sociedade (VERÍSSIMO, 2015).

O tempo bioecológico também trouxe alterações na exposição do uso por pessoas consumidoras habitualmente escusas, como os idosos. Esta característica pode estar relacionada a ressignificação simbólica atribuída ao consumo de *Cannabis*, não mais como uma prática criminosa, mas como algo legalizado, que não necessita permanecer escondida independente da faixa etária do consumidor.

Enquanto para usuários na juventude o consumo está relacionado a curiosidade (CARDOSO; MALBERGIER, 2014) e a busca pelo pertencimento a um grupo (ELICKER et al, 2015), o uso por idosos está relacionado ao envelhecimento das



pessoas que fazem o consumo há muitos anos (DINIZ et al, 2017), ou pela busca pelo efeitos terapêuticos da *Cannabis* descritos pela literatura, por estas população, tais como a indução do apetite e do sono, maior relaxamento, redução de sintomas como dores, ansiedade e depressão (CABRAL, 2016; BHERING, 2017; MATOS et al, 2017).

Destaca-se que as fronteiras são marcadas, historicamente, pelas disputas territoriais, estabelecendo linhas mutáveis que sofrem pressões de polos opostos e dividem sociedades e culturas (FERRARI, 2014). Na especificidade da fronteira entre Brasil e Uruguai, esta se caracteriza por diversas fusões e separações ao longo de séculos, motivadas pelas distintas colonizações europeias nos dois países, sendo que esta historicidade direciona aspectos socioculturais desta região ainda nos dias atuais (PINTO; MAURER, 2014).

Todavia, a permanência de polaridades na região de fronteira entre Brasil e Uruguai contrasta com a existência de aspectos legais e comerciais da região, tais como Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), que estabelece a livre circulação de bens, serviços e fatores produtivos, dentre outros aspectos, em alguns países da América do Sul, o que inclui Brasil e Uruguai (GUERRA; VENTURA, 2017); o Decreto nº 5.105, de 2004, que promulga permissão de residência, estudo e trabalho a nacionais fronteiriços brasileiros e uruguaios (BRASIL, 2004); e o Decreto nº 7.508, de 2011, que estabelece em municípios limítrofes, a articulação interfederativa do sistema de saúde, garantindo o acesso aos serviços a nacionais fronteiriços brasileiros e uruguaios (BRASIL, 2011). Estes aspectos corroboram para a fusão do povo fronteiriço, sendo esta uma característica esperada para estas regiões (FERRARI, 2014).

A existência de características ou comportamentos comuns podem ser propulsores dessa fusão sociocultural, dirimindo polaridades entre os dois lados da fronteira ao longo do tempo. Esse aspecto ganha maior proporção quando a semelhança existente entre as pessoas que compõe os grupos sociais é o consumo de uma SPA, sendo esta uma prática não bem vista em muitas sociedades contemporâneas (VENTURI, 2017). Os dados revelam que a verossimilhança existente entre as pessoas brasileiras e uruguaias, que é o consumo de *Cannabis*, torna-os mais próximos, fazendo com que os mesmos se respeitem e se protejam mutuamente. Nos espaços de socialização, como praças e festas, onde ocorre o consumo de *Cannabis*, o ato de iniciar seu uso sinaliza para a possibilidade de uma interação amigável entre pessoas até então desconhecidas, dando início a uma relação de troca de informações, instrumentos para

consumo e experiências em relação aos tipos de *Cannabis* e seus efeitos (CRUZ; PINTO; CORONEL, 2017), facilitando a fusão do povo da fronteira.

O tempo bioecológico marcou transformações na apresentação da *Cannabis* disponível na região da fronteira. Na especificidade do Brasil, a SPA que é comercializada pelo tráfico é frequentemente adulterada e apresenta-se em blocos sólidos prensados, que, para serem consumidos, precisam ser esfareladas. Estudos que analisam amostras de *Cannabis* apreendidas no Brasil revelam adulterações por meio da adição de substâncias como lidocaína, folha de tabaco, cocaína (NASCIMENTO, 2015; ALCÂNTARA, 2017), *Crack* (MEDEIROS, 2015), plantas como *Datura Stramonium*, *Datura Inóxia* e *Areca Catechu*, além de alumínio, cacos de vidro, sílica, fixadores de produtos da indústria e talco. A adição destas substâncias visa aumentar o volume da *Cannabis* prensada, melhorado o rendimento e lucratividade na venda da SPA, bem como potencializar efeitos psicoativos (NASCIMENTO, 2015; ALCÂNTARA, 2017).

Em contrapartida, a *Cannabis* ofertada no Uruguai apresenta-se na sua forma natural, em folhas desidratadas, trituradas e sem aditivos, sendo esta condição reflexo da lei 19.172, de 2013, que permitiu ao cidadão uruguaio o cultivo em domicílio de até seis pés de *Cannabis*, a associação aos clubes de cultivo, ou a aquisição em farmácias, após o devido cadastramento do mesmo ao IRCCA (URUGUAY, 2013).

Todavia, a lei uruguaia não permite a comercialização de *Cannabis* proveniente deste país para pessoas não cadastradas ou para não residentes neste país, ou o transporte desta substância para fora de solo uruguaio e posterior venda. Tal situação pode ser alimentada por pessoas que usam sua cota de cultivo ou compra que são permitidos pelo Estado, para a venda a terceiros, ou, para presentear consumidores residentes no Brasil, os quais possuem laços afetivos.

A existência do cultivo de *Cannabis* ilegal no Uruguai pode estar relacionada a resistência dos cidadãos uruguaio em se cadastrar para realizar a prática de modo legalizado, devido ao medo e à repressão existentes antes da regulação (IPEA, 2017), aspecto que será gradativamente transformado pelo tempo bioecológico neste país.

Como revelam os resultados, a *Cannabis* uruguaia ofertada aos brasileiros possui um valor superior se comparada a SPA habitualmente disponível no Brasil. Constatou-se que a razão da diferença de preço estaria relacionada com a pureza da planta, já que o produto ofertado no Brasil é adulterado e prensado com outras substâncias que aumentam seu volume e mudam seus efeitos, reduzindo a valor agregado. Não somente,

a regulação da substância no Uruguai permitiu ao Estado agregar imposto sobre o produto comercializado, tornando-o mais oneroso, se comparado ao brasileiro.

O tempo bioecológico após as regulamentação do consumo de *Cannabis* no Uruguai permitiu, aos usuários brasileiros, o acesso a esta SPA provinda deste país, que possui sua apresentação *in natura*, o que torna possível aos consumidores a diferenciação das características e subespécies existentes da planta, uma vez que a mesma não está adulterada ou processada. A *Cannabis* é uma planta que pode ser cultivada em vários locais do mundo, mas naturalmente tem características de cultivo em lugares com clima tropical e temperado, sendo os locais que possuem este clima as regiões endêmicas de espécies de linhagens puras. Dentre as espécies mais visadas pela ciência estão a *Cannabis Sativa*, com grande efeito psicoativo devido aos altos teores de Tetrahydrocannabinol (THC); a *Cannabis Indica*, com baixo teor de THC; e a *Cannabis Ruderalis*, não utilizada para fins psicológicos (ROSENTHAL, 2011).

A literatura aponta para a existência de inúmeras variedades de *Cannabis*, oriundas das origens das plantadas de linhagens puras existentes nos continentes, bem como, da criação de subespécies híbridas por meio do cruzamento destas variedades. As múltiplas espécies possuem variações nos compostos químicos, especialmente nos níveis de Cannabinóides que possuem efeitos psicoativos, como o THC, Canabidiol (CBD), Canabinol (CBN), Canabigerol (CBG) e Tetrahydrocannabinol (THCV). As plantas que são utilizadas para se obter os efeitos psíquicos são predominantemente as fêmeas, que possuem maior concentração de THC, todavia também são encontradas diferenças na concentração de compostos químicos ao longo da planta, como caule, folhas, flores e brotos, influenciadas, ainda, por aspectos climáticos e de plantio (ROSENTHAL, 2011).

Estas múltiplas variações permitem a experimentação de muitos efeitos, preditos pela escolha da *Cannabis* a ser utilizada. Como relata um participante, houve a acesso a subespécie *Purple Haze*. Esta possui origem colombiana, com variações mistas, sativas e indicas. Possui cor, por vezes, arroxeadas, quando sujeita a temperaturas de plantio baixas ao extremo, e traz efeitos de euforia para o consumidor, maior disposição para realizar atividades, como também, melhor desempenho de criatividade e alegria (ROSENTHAL, 2011).

A regulamentação do consumo de *Cannabis* no Uruguai impulsionou, por meio do tempo, a existência de um fluxo de travessia da fronteira por brasileiros para realizar

o uso em solo uruguaio. A Lei 19.172, de 2013, corresponda que a compra esteja permitida somente aos consumidores de *Cannabis* residentes no Uruguai, o traslado de brasileiros ao país vizinho para comprar a *Cannabis* pode implicar em sanções legais do país.

Os consumidores brasileiros que atravessam a fronteira para usar a *Cannabis* sentem-se parcialmente protegidos pela lei uruguaia no que se refere aos aspectos socioculturais associados ao uso da *Cannabis*, entendo que esta se projeta na perspectiva dos direitos humanos e na prevenção e redução de danos (URUGUAI, 2016). Isto se dá, pois, no dia-a-dia da fronteira ambas as populações se fundem, compartilhando o comércio e serviços, interlaçando costumes e comportamentos. Nesta fusão social, as questões jurídicas extrapolam os limites territoriais, e as populações passam a compreender aquele espaço enquanto único, singular e disposto das mesmas regras, fazendo com que o cidadão residente da fronteira entenda-se como pertencente a ambos os países, adquirindo uma identidade própria (FERRARI, 2014), que não caracteriza-se pelo lado brasileiro ou uruguaio, mas sim pela própria fronteira, tensionada e transformada pelas realidades dinâmicas dos dois polos.

Todavia, cabe destacar que após a regulamentação da produção, comércio e consumo de *Cannabis*, as ações policiais uruguaias em relação ao uso de SPA tornaram-se mais ostensivas, visando coibir o mercado ilegal e o consumo por pessoas não cadastradas ao IRCCA (IPEA, 2017). Não somente, criou um arcabouço legal que visa proteger toda a sociedade de possíveis problemas relacionados ao uso de SPA, como a proibição de manipular veículos sob os efeitos de THC, devido os riscos do condutor em causar acidentes. Neste sentido, passou a utilizar tecnologias que visam identificar o consumo de SPA, como a espirometria (bafômetro).

Cabe ressaltar que a utilização de tecnologias para a identificação de presença de THC não é utilizado no Uruguai para reprimir turistas e usuários de SPA, mas sim, para inibir a condução de veículos motorizados por consumidores legais no país, quando os mesmos encontrarem-se sob efeito desta. Entretanto, quando não residentes no Uruguai são identificados dirigindo sob efeito de *Cannabis*, estes podem sofrer sanções penais oriundos de dois crimes: o primeiro, por estarem dirigindo sob efeito de uma substância que modifica o estado de consciência e, o segundo, pela possibilidade da polícia entender que o turista tenha fomentado o tráfico de drogas do país, ao comprar a *Cannabis* em território uruguaio, prática considerada ilegal. Estas sanções abarcam

multas e a perda o direito de conduzir automóvel em território uruguaio temporária ou definitivamente (IRCAA, 2013).

Por fim, cabe destacar que estas transformações, materializadas nesta nova subjetividade acerca da *Cannabis* não pode ser compreendida como matéria estática. Isto se dá, pois ela se modifica, atualiza-se ou extingue-se ao longo dos processos históricos que estão ocorrendo na fronteira, considerando as necessidades sociais contemporâneas (GUATTARI; ROLNIK, 2005). Assim sendo, as transformações trazidas pelo tempo bioecológico continuam dinâmicas e mutáveis.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo permitiu analisar as influências da regulamentação da *Cannabis* no Uruguai sobre o consumo na fronteira com o Brasil considerando o aspecto temporal. As transformações sociais trazidas pelo tempo bioecológico referem-se ao maior diálogo sobre a temática, o que leva a aceitação social do consumo, diminuição de estigma social sofrido pelas pessoas consumidoras, visualização da diversidade de usuários de outras faixas etárias e interação harmoniosa entre as populações dos dois lados da fronteira.

As transformações oriundas do tempo bioecológico no consumo de *Cannabis*, estão relacionadas com a possibilidade da aquisição da SPA *in natura* e sem processamento e adulterações; disponibilidade de distintas subespécies e tipos para a aquisição e, o traslado de brasileiro para realizar o consumo em solo uruguaio.

O método bola de neve demonstrou-se apropriado para o acesso a pessoas que realizam uma prática ilegal no Brasil. Todavia, este método leva a homogeneidade da amostra, o que leva a obtenção de resultados uniformes, por levar ao acesso de pessoas que compõe os mesmos grupos sociais.

Entendendo a dinamicidade dos aspectos sociais e políticos que estão relacionados ao consumo de *Cannabis*, compreende-se que o estudo das transformações trazidas aos ambientes de intersecção de políticas divergentes torna-se imprescindível. Este pode servir para maior reflexão acerca da atual política brasileira, com vistas ao amadurecimento das discussões políticas, redução das ações coercitivas e de repressão social descontextualizadas e não efetivas, e a implementação de ações que busquem salvaguardar os direitos humanos, respeitando a autonomia e o direito de escolha das pessoas, e cuidando das mesmas na perspectiva de saúde.

## Referências Bibliográficas

ARAÚJO, T. Almanaque das drogas. São Paulo: Leya, 2012

Ferrari M. The concepts of the border in geography. Rev Perspect Geo [Internet] 2014 july [cited 2016 oct 28] 9(10):1-25. Available from: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/pgeografica/article/view/10161/7550>

MALVASI, PA. Além do consenso moral: o problema das drogas na perspectiva de jovens de periferias paulistas. **Rev. Bras. Adolescência e Conflitualidade**, 2014 (10):87-109

PASQUIM, HM; SOARES, CB. lazer, saúde coletiva e consumo de drogas. Licere, Belo Horizonte, v.18, n.2, jun/2015.

DIAS, AI; RIBEIRO, JM; BASTOS, F.I; PAGE, K. Políticas de redução de danos no Brasil: contribuições de um programa norte-americano. *Ciência & Saúde Coletiva*, 19(1):147-157, 2014.

CANGUILHEM, G. O Normal e o Patológico. 6.ed. ver. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

Comissão Global de Políticas Sobre Drogas. Sob controle: caminhos para políticas de drogas que funcionam. [Internet]. 2014. [cited 2017 feb 12]; Available from: [https://www.globalcommissionondrugs.org/wp-content/uploads/2016/03/GCDP\\_2014\\_taking-control\\_PT.pdf](https://www.globalcommissionondrugs.org/wp-content/uploads/2016/03/GCDP_2014_taking-control_PT.pdf)

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. Micropolítica – cartografias do desejo. 7ª ed. Revisitada. Pretrópolis: Editora Vozes; 2005.

Brasil. O consumo de drogas e a saúde pública na zona de fronteira entre Brasil e Uruguai: resultados qualitativos. Brasília: IPEA; 2017.

BRASIL. DECRETO n° 5.105, de 14 DE JUNHO DE 2004. Promulga o Acordo entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo da República Oriental do Uruguai para Permissão de Residência, Estudo e Trabalho a Nacionais Fronteiriços Brasileiros e Uruguaios, de 21 de agosto de 2002. Brasília, DF, 14 jun. 2004. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2004/decreto/d5105.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5105.htm)

BRASIL. [DECRETO Nº 7.508, DE 28 DE JUNHO DE 2011](#). Regulamenta a Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990, para dispor sobre a organização do Sistema Único

de Saúde - SUS, o planejamento da saúde, a assistência à saúde e a articulação interfederativa, e dá outras providências. Brasília, DF, 28 jun. 2011. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2011/decreto/d7508.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/decreto/d7508.htm). Acesso em: 10 jan. 2018.

**BRASIL. LEI Nº 6.634, DE 2 DE MAIO DE 1979.** Dispõe sobre a Faixa de Fronteira, altera o Decreto-lei nº 1.135, de 3 de dezembro de 1970, e dá outras providências. Brasília, DF, 02 maio. 1979. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L6634.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L6634.htm). Acesso em: 10 jan. 2018.

**BRASIL. LEI Nº 11.343, DE 23 DE AGOSTO DE 2006.** Institui o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas - Sisnad; prescreve medidas para prevenção do uso indevido, atenção e reinserção social de usuários e dependentes de drogas; estabelece normas para repressão à produção não autorizada e ao tráfico ilícito de drogas; define crimes e dá outras providências. Brasília, DF, 23 ago. 2006. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/111343.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111343.htm). Acesso em: 10 jan. 2018.

SOUZA, Elaine de Jesus; SILVA, Joilson Pereira da; SANTOS, Claudiene. Representações de docentes acerca da diversidade sexual e homofobia. Revista Estudos Feministas, [s.l.], v. 25, n. 2, p.519-544, ago. 2017.

BENTES, Isabela. “Ponham as cartas na mesa e discutam essas leis”: a luta pela legalização da maconha no Brasil. Argumentum, [s.l.], v. 7, n. 1, p.93-107, 29 jun. 2015.

Veríssimo, M. As rodas culturais e a “legalização” da maconha no Rio de Janeiro. Ponto Urbe [Internet] 2015 [cited 2017 apr 02]; Available from: <http://pontourbe.revues.org/2682>

CARDOSO, LRD; MALBERGIER, A. A influência dos amigos no consumo de drogas entre adolescentes. Estudos de Psicologia 31(1) 65-73I janeiro – março, Campinas, 2014.

ELICKER, E et al. Use of alcohol, tobacco and other drugs by adolescents students from Porto Velho-RO, Brazil. Epidemiologia e Serviços de Saúde, [s.l.], v. 24, n. 3, p.1-2, set. 2015.

Diniz, Ana, Pillon, Sandra Cristina, Monteiro, Sara, Pereira, Anabela, Gonçalves, Joana, dos Santos, Manoel Antônio, Uso de substâncias psicoativas em idosos: uma revisão integrativa. Psicologia: Teoria e Prática [en linea] 2017, 19 (Mayo-Agosto) : [Fecha de consulta: 22 de enero de 2018] Disponible en:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=193852560002>> ISSN 1516-3687

BHERING, AC; JÚNIOR, JCA; PIO, JM; RODRIGUES, I; VALADÃO, AF; QUINTÃO, MAU. Distúrbios psíquicos menores e fatores associados em um grupo de idosos. Rev. Uningá. Vol. 53, n.1, pp.12-8, jul-set, 2017.

CABRAL, DVS; PENDLOSKI, J. .Mortalidade por suicídio em idosos: uma análise do perfil epidemiológico no sul do brasil. Rev. Uningá. Vol. 47(2), pp.19-24, jan-mar, 2016.

MATOS, R. L. A.; SPINOLA, L. A.; BARBOZA, L. L.; GARCIA, D. R.; FRANÇA, T. C. C.; AFFONSO, R. SO Uso do Canabidiol no Tratamento da Epilepsia. Rev. Virtual Química, 2017, 9 (2), 786-814. 6 de março de 2017.

PINTO, Muriel; MAURER, Rodrigo. Quando a geo-história avança sobre os significados de um espaço urbano: as paisagens culturais e as transformações identitárias da fronteira Brasil-Argentina. EURE (Santiago), Santiago , v. 40, n. 120, p. 135-158, mayo 2014 .

Guerra, Katia; Ventura, Miriam. Bioética, imigração e assistência à saúde: tensões e convergências sobre o direito humano à saúde no Brasil na integração regional dos países. Cadernos Saúde Coletiva . 2017, Vol. 25 Issue 1, p123-129. 7p.

CRUZ, FV; PINTO, NGM; CORONEL, DA. Análise de modelos de mercado para a cannabis: o corporativo, o social, o ilegal e o misto. Rev desenvolvimento, fronteiras e cidadania Vol.1 – N.1 – PP. 80-101 – JUL/2017.

VENTURI, G. Consumo de drogas, opinião pública e moralidade Motivações e argumentos baseados em uso. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 29, n. 2. 2017.

ALCÂNTARA, LTA. Adulterantes encontrados em drogas ilícitas: uma abordagem forense. Acta de Ciências e Saúde N.5, V. 2, 2016.

MEDEIROS, Katruccy Tenório et al. Vivências e Representações sobre o Crack: Um Estudo com Mulheres Usuárias. Psico-usf, [s.l.], v. 20, n. 3, p.517-528, dez. 2015.



NASCIMENTO, Iendel R. et al. Chemical identification of cannabinoids in street marijuana samples using electrospray ionization FT-ICR mass spectrometry. Royal Society of Chemistry: Analytical Methods, Issue 4, p. 1415-1424, 2015.

OLIVEIRA, KA; SANTOS, DLR. Aspectos gerais da saúde dos escravos no Brasil: revisão de literatura. **Revista Eletrônica Gestão & Saúde**. Vol.07, Nº. 01, Ano 2016 p. 471-89.

ROSENTHAL, Ed. (Editor). The Big Book of Buds Volume 4: More Marijuana Varieties from the World's Great Seed Breeders. 4 ed: Paperback, 2011

Uruguay. Presidencia de la República Oriental del Uruguay. Lei° 19.172, 20 de dezembro de 2013, que dispõe sobre o controle e regulação do mercado de *Cannabis*. **Instituto de Regulação e Regulação de Cannabis do Uruguai (IRCCA)**, Montevideú. [Internet] 2013 dec [cited 2017 dec 05]; Available from: [http://www.ircca.gub.uy/wp-content/uploads/2017/01/Ley\\_19172.pdf](http://www.ircca.gub.uy/wp-content/uploads/2017/01/Ley_19172.pdf)

\_\_\_\_\_. Presidencia de la República Oriental del Uruguay. Guia Mas Informacion Menos Riesgos. Junta Nacional de Drogas. Ed. 11. [Internet] 2016 marz [cited 2018 jan 08]; Available from: [http://infodrogas.gub.uy/images/stories/pdf/guia\\_masinfoV11\\_2016\\_web.pdf](http://infodrogas.gub.uy/images/stories/pdf/guia_masinfoV11_2016_web.pdf)

